



**FERNANDA LOUREIRO GOULART**

**ENTRE A CIÊNCIA E A NÃO-CIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A  
PARAPSICOLOGIA E A PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA NA ACADEMIA  
BRASILEIRA**

**CAMPINAS**

**2014**





NÚMERO: 316/2014  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

FERNANDA LOUREIRO GOULART

“ENTRE A CIÊNCIA E A NÃO-CIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A  
PARAPSICOLOGIA E A PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA NA ACADEMIA  
BRASILEIRA”

ORIENTADORA: PROFA. DRA. LÉA MARIA LEME STRINI VELHO

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNICAMP PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM POLÍTICA  
CIÊNCIA E TECNOLÓGICA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL  
DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA FERNANDA  
LOUREIRO GOULART E ORIENTADA PELA PROFA.  
DRA. LÉA MARIA LEME STRINI VELHO

---

CAMPINAS

2014

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Geociências  
Cássia Raquel da Silva - CRB 8/5752

G729e Goulart, Fernanda Loureiro, 1985-  
Entre a ciência e a não-ciência : um estudo de caso sobre a parapsicologia e a psicologia anomalística na academia brasileira / Fernanda Loureiro Goulart. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Léa Maria Leme Strini Velho.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Filosofia da ciência. 2. Parapsicologia. 3. Ciências - Aspectos sociais. I. Velho, Léa Maria Leme Strini, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Between science and non-science : a case study on parapsychology and anomalistic psychology in the Brazilian academia

**Palavras-chave em inglês:**

Philosophy of science

Parapsychology

Science - Social aspects

**Área de concentração:** Política Científica e Tecnológica

**Titulação:** Doutora em Política Científica e Tecnológica

**Banca examinadora:**

Léa Maria Leme Strini Velho [Orientador]

Marko Synésio Alves Monteiro

Maria Conceição da Costa

Camila Carneiro Dias Rigolin

Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro

**Data de defesa:** 27-08-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Política Científica e Tecnológica



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

**AUTORA:** Fernanda Loureiro Goulart

“Entre a ciência e a não ciência: um estudo de caso sobre a parapsicologia e a psicologia  
anomalística na academia brasileira”.

**ORIENTADOR:** Profa. Dra. Léa Maria Ieme Strini Velho

Aprovada em: 27/08/2014

**EXAMINADORES:**

Profa. Dra. Léa Maria Ieme Strini Velho

Presidente

Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro

Profa. Dra. Maria Conceição da Costa

Profa. Dra. Camila Carneiro Dias Rigolin

Prof. Dr. Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro

Campinas, 27 de agosto de 2014.



## AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos para escrever esta tese. Como há pouquíssimas coisas na vida que dá para fazer sozinha, muitas e muitas pessoas tiveram um papel – às vezes pequeno, às vezes muito grande – nesse processo todo. É impossível agradecer a todo mundo (eu teria que incluir, por exemplo, Paul Simon por ter feito o disco que embalou a fase final da escrita, e mesmo aos roteiristas de *Mad Men* por um insight sobre performatividade enquanto assistia à série), mas algumas menções são indispensáveis. Por exemplo, agradeço à Capes e ao CNPq pelo apoio financeiro à pesquisa. Agora, vamos aos indivíduos.

Para começar, a minha orientadora, Léa Velho, teve um papel vital. Foi ela quem me inspirou a conhecer melhor a área de estudos sociais da ciência e da tecnologia ainda no derradeiro semestre de graduação. Desde então, eu a vi menos do que gostaria, e aprendi com ela muito mais do que ela supõe. Se a nossa parceria não contou com muita sorte nos eventos contextuais mais amplos de vida, nunca me senti desamparada. Pelo contrário, ela sempre ofereceu apoio e direção nos momentos que precisei e a liberdade necessária para eu sentir que tinha nas mãos o rumo da minha pesquisa e da minha formação. Mais que exemplo acadêmico (e dos melhores), é para mim um exemplo de vida.

Os professores do DPCT foram fundamentais para a minha formação e agradeço a eles, principalmente à Maria Conceição da Costa (que além das aulas essenciais de teoria, sempre foi uma das professoras mais divertidas que já tive), ao Rafael Dias, ao Marko Monteiro e à Leda Gitahy. Tive a sorte de ter professores de graduação que marcaram minha formação e cujos ensinamentos preciosos, embora se tornem cada vez mais distantes no tempo, parecem mais e mais importantes conforme os estudos progridem. Agradeço especialmente a Paulo Miceli e Jorge Coli.

O trabalho burocrático dos funcionários do DPCT não só possibilita a existência das nossas linhas de pesquisa, como nos salva em inúmeras situações. Em especial, agradeço à Gorete, à Adriana, e, mais que a qualquer um, devo muito à Val (cujas eficiência, e paciência, sempre me causam admiração).

Fui muito bem recebida pelos professores, funcionários e colegas da *Science, Technology and Innovation Studies* da Universidade de Edimburgo. Agradeço especialmente ao

professor Steve Sturdy. Agradeço também aos pesquisadores entrevistados por doarem seu tempo à pesquisa e ao professor Peter Lamont por conversas que muito informaram a respeito da parapsicologia. Carlos Alvarado e Nancy Zingrone também mostraram interesse e colaboraram bastante com a tese.

Os colegas de mestrado e doutorado dividiram inúmeros momentos comigo (alguns dos melhores envolveram choconhaque). Não há como subestimar a importância das trocas de ideias, assim como dos momentos de descontração. Agradeço principalmente à Mônica, à Milene, ao Alexis, ao Alexandre, ao Lucas e à Sílvia. O Renan Leonel esteve tão presente que até ganhou uma música. Ele e a Giovanna se transformaram em grandes amigos e tiveram um papel importante em me ajudar a manter a sanidade no último ano de doutorado. Salvo alguns deslizes aqui e ali, acho que deu certo.

Outros amigos, mesmo que não conectados à área ou à universidade, foram também importantes. Seja encorajando o trabalho, segurando uma ponta aqui e outra ali, mostrando interesse, ou me pedindo para terminar logo a escrita para podermos sair mais. Sem eles, tudo ficaria sem graça. Agradeço ao Breno (que nunca deixou a distância parecer assim tão grande), ao Felipe Mercadante, ao Bob, à Pérola, ao Renato Salgado, ao Gustavo Muniz Ramos, ao Daniel Pires, ao Diogo (o Morango), à Mariana Cordeiro e à Sabrina Cruz.

Guennadi, Craig, Peter, Florence, Thoko, Jerry, Fran, Adrian: thanks for welcoming me to the loveliest city in the known world and helping me keep happy and excited. Without you, this thesis would still be here; the process of writing it, though, would have been just as hard, probably quicker, and surely much less fun.

Minha família contribuiu de incontáveis formas para esta tese ser finalizada. Meu irmão, Alexandre, sempre me apoiou e ajudou a resolver problemas vários. Meu pai, João, também, e não consigo contar quantas vezes eles me salvaram no caminho universidade-casa depois de mais uma surpresinha do meu velho carro (que, no mais das vezes, também foi de grande ajuda durante toda a pós-graduação). Minha irmã sempre esteve presente. Mas o que mais devo a ela (e ao Alex) são os quatro pedacinhos de felicidade que me ajudam constantemente e simplesmente por existirem: o Lucas, o Pedro, a Luiza e o Miguel. A Tina merece menção honrosa porque, apesar de não ter a menor noção do que é uma tese, ou uma universidade, ou um ocasional “não pula, Tina!”, passou incontáveis horas ao meu lado enquanto eu lia e escrevia. E também



participou ativamente do doutorado comendo um livro caríssimo que eu tive que repor à biblioteca do IG. Minha mãe não pôde acompanhar a tese, mas penso que ela teria gostado do tema.

Eu tenho a felicidade de ser agregada de uma extensa família que junta laços sanguíneos com laços de vida. Agradeço ao pessoal todo, mas especialmente à Rita (minha segunda mãe que, como mãe, sempre apoiou e deu força e perguntou sobre a tese e desejou o melhor e fez a comida mais gostosa do mundo, que ajudou a manter o nível necessário de energia e felicidade), à Carina e ao Lucas (irmãos do coração), à Sônia (terceira mãe) e à Renata (que sempre esteve disposta a e interessada em discutir minha pesquisa).

Chegando ao fim, não há como não falar do Inter Psi. Sem eles, esta tese realmente não existiria. Além de concordarem com a posição por vezes desconfortável de objeto de estudo, eles sempre me deixaram à vontade para ter minhas próprias conclusões e escrever o que eu achasse que deveria. Mais do que isso, mostraram-se sempre interessados em minha área de pesquisa. E ainda mais do que isso, me receberam como uma deles. O Wellington e a Fátima foram fundamentais durante todo o processo e não tenho palavras para agradecê-los. A todos os membros do Inter Psi com quem convivi, passados e presentes, meu muito obrigada (especialmente à Vanessa, ao Everton, ao Gabriel, ao Fábio, à Camila, à Lorena, à Livia, ao Alessandro, ao Guilherme e ao Leo, grande amigo e interlocutor sobre todas as coisas, incluindo tese).

Eu preciso agradecer o Giovani, irmão do coração, mas não sei como. Amigo de todas as horas, exemplo de pesquisador, sua ajuda está presente em diversos momentos deste texto (e em tantas situações em que eu precisei de apoio para que então pudesse escrever este texto). E devo um mundo ao Renan. Por ter sempre estado lá. E por estar ainda. Ele sempre fez de mim uma pessoa melhor.



“Bizarro é o que a gente estuda, não como a gente estuda.”  
Wellington Zangari, em reunião do Inter Psi de 31 de agosto de 2012.





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**ESTUDOS ANÔMALOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PARAPSIKOLOGIA E A  
PSIKOLOGIA ANOMALÍSTICA NA ACADEMIA BRASILEIRA**

**RESUMO**

**Tese de Doutorado**

**Fernanda Loureiro Goulart**

Esta tese se propõe a discutir a demarcação científica por meio do estudo de um grupo acadêmico específico, O Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, localizado no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O grupo, ativo na parapsicologia há mais de duas décadas, tem defendido uma nova subdisciplina da psicologia, a psicologia anomalística. Informado pelos estudos sociais da ciência e da tecnologia, particularmente por conceitos vindos da teoria ator-rede, e com base em um estudo de observação participativa junto ao Inter Psi, o texto identifica as estratégias do grupo para construir a legitimidade científica dessa nova área, que incluem a criação de uma epistemologia, a definição das características e limites do grupo, a diferenciação em relação à parapsicologia tradicional brasileira e uma série de ações que buscam o aumento da institucionalização da área. Como conclusões, tem-se que a psicologia anomalística se caracteriza como uma estratégia específica de normalização do estudo do paranormal, mas é muito simplista classificá-la como uma mera repaginação da parapsicologia. A mudança de nome permite um espaço para negociar as fronteiras de diversas áreas, como a parapsicologia, a psicologia social, a psicologia da religião e a nova psicologia anomalística. Ainda, conclui-se que a psicologia anomalística se fortalece ao evidenciar lacunas nos conhecimentos psicológico e parapsicológico atuais. Partindo de uma visão das fronteiras da ciência como constantemente negociadas, esta história do Inter Psi descreve a demarcação científica como questão prática e performativa, apontando que para tornar-se ciência é necessário assegurar um nicho acadêmico, não o contrário. Por fim, a tese argumenta que o caso é de interesse para a política de ciência, tecnologia e inovação ao destacar o fato de que cientistas, gestores e analistas têm responsabilidade a respeito da demarcação científica. Defende-se que uma concepção ainda existente da ciência como neutra dificulta uma política mais consciente da importância de seu papel.

**Palavras chaves:** demarcação científica; psicologia anomalística; parapsicologia.





**UNIVERSITY OF CAMPINAS  
INSTITUTE OF GEOSCIENCE**

**ANOMALOUS STUDIES: A CASE STUDY ON PARAPSYCHOLOGY AND ANOMALISTIC  
PSYCHOLOGY IN THE BRAZILIAN ACADEMIA**

**ABSTRACT**

**PhD Thesis**

**Fernanda Loureiro Goulart**

The purpose of this thesis is to discuss scientific demarcation through the study of a specific academic group, Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (Inter Psi – Laboratory of Anomalistic Psychology and Psychosocial Processes), situated in the Department of Social and Labour Psychology at the Institute of Psychology of the University of São Paulo. The group, which has been active in the area of parapsychology for over two decades, has defended a new psychological sub discipline: anomalistic psychology. Informed by the social studies of science and technology, particularly by concepts of actor-network theory, and based on a participant observation study with Inter Psi, this text identifies the strategies undertaken by the group in order to build the scientific legitimacy of this new area, which include the creation of an epistemology, the definition of characteristics and scope of the group, the differentiation in relation to traditional Brazilian parapsychology and a number of actions seeking a deeper institutionalisation of the area. As conclusions, it is to note that anomalistic psychology is characterised as a specific strategy for the normalisation of studies on the paranormal, but it is much too simplistic to define it as a mere renaming of parapsychology. The change of terms allows for the renewed negotiation of different knowledge fields, such as parapsychology, social psychology, psychology of religion and the new anomalistic psychology. Moreover, it is concluded that anomalistic psychology claims become stronger when proponents stress gaps in the current psychological and parapsychological knowledge. Stemming from a perspective that sees the borders of science as constantly negotiated and redrawn, this story of Inter Psi describes scientific demarcation as a practical and performative matter, indicating that, in order to be science, there's a need for a group or an area to secure an academic niche, not the other way around. Finally, the thesis advances the idea that this case study is of interest to science, technology and innovation policy as it stresses the fact that scientists, managers, advisers and analysts are responsible, to a degree, for scientific demarcation. It argues that there is a still prevalent concept of science as neutral that hampers the possibility of policy that is more conscious of its relevant role.

**Keywords:** science demarcation; anomalistic psychology; parapsychology.





## SUMÁRIO

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                                                  | 1   |
| 1.1 A difícil tarefa de definir – objetivos e objetos do estudo .....                | 1   |
| 1.2 A pesquisa de campo.....                                                         | 8   |
| 1.3 A tese .....                                                                     | 10  |
| 2. CIÊNCIA OU NÃO-CIÊNCIA? .....                                                     | 13  |
| 2.1 Epistemologia e Sociologia do conhecimento científico .....                      | 13  |
| 2.2 A demarcação como questão empírica: estudos de caso .....                        | 16  |
| 2.3 A importância da questão após a nova sociologia do conhecimento científico ..... | 20  |
| 2.4 Sobre Bruno Latour, performatividade e a especificidade da ciência .....         | 26  |
| 2.5 Ciência em tribunais, institucionalização e demarcação .....                     | 34  |
| 3. PESQUISA PSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA E PSIKOLOGIA ANOMALÍSTICA .....                 | 39  |
| 3.1 Psychical research (pesquisa psíquica).....                                      | 40  |
| 3.1.1 Society for the Psychical Research .....                                       | 46  |
| 3.2 Parapsikologia.....                                                              | 53  |
| 3.3 Parapsikologia no Brasil.....                                                    | 62  |
| 3.4 Psikologia anomalística.....                                                     | 65  |
| 4. INTER PSI – A PSIKOLOGIA ANOMALÍSTICA NO BRASIL .....                             | 75  |
| 4.1. Um Laboratório de Fronteiras .....                                              | 75  |
| 4.1.1 Participantes.....                                                             | 78  |
| 4.1.2 Produção de conhecimento.....                                                  | 82  |
| 4.2 Estratégias de legitimação .....                                                 | 87  |
| 4.2.1 Definição de psikologia anomalística .....                                     | 92  |
| 4.2.2 Defesa da importância da área.....                                             | 113 |
| 4.2.3 Afastamento da parapsikologia tradicional brasileira.....                      | 114 |
| 4.2.4 Contra os charlatões: divulgação de ciência anomalística.....                  | 117 |
| 4.2.5 Política institucional, vida de academia .....                                 | 120 |
| 4.2.6 Estendendo redes: “Bob Morris brasileiro” .....                                | 130 |
| 4.2.7 Discursos diversos .....                                                       | 133 |

|                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------|-----|
| 5. CONCLUSÕES.....                                                 | 139 |
| 5.1 Entre fronteiras múltiplas: Inter Psi como objeto fluido ..... | 143 |
| 5.2 Objeto fluido, estudo fluido.....                              | 148 |
| 5.3 Implicações políticas e para políticas públicas.....           | 149 |
| BIBLIOGRAFIA .....                                                 | 155 |
| ANEXO .....                                                        | 163 |

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 A difícil tarefa de definir – objetivos e objetos do estudo

Esta tese se propõe a participar do debate a respeito da questão da demarcação científica. Tal questão é compreendida como uma indagação em relação à definição do que é ciência e do que não é e sobre os critérios desta demarcação.<sup>1</sup> O objetivo principal é discutir a demarcação científica por meio de um objeto específico: o Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (laboratório de pesquisa localizado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo) e sua defesa da parapsicologia e da psicologia anomalística no Brasil enquanto um campo de atividade científica. Para entender o que esta tese se propõe a fazer, cumpre ir por partes. É preciso ter em mente o que significa demarcar ciência, e também do que se tratam os objetos de estudo propostos (parapsicologia, psicologia anomalística, Inter Psi).

Identificar e definir algo são atividades diferentes que trazem consigo graus também distintos de dificuldade. Inúmeros exemplos são possíveis, mas eu gosto de citar o caso do gênero ficção científica. Definir a ficção científica implica reconhecer características necessárias e essenciais que podem ser aplicadas a quaisquer obras e que permitem sem falhas reconhecer essas obras como ficção científica. Esse é um trabalho difícil, e há tantas definições (não raro contrastantes entre si) quanto há livros a respeito. Identificar a ficção científica, por sua vez, é relativamente fácil para um consumidor padrão de produtos culturais. Como um gênero praticamente onipresente na indústria de entretenimento dos séculos XX e XXI, é difícil quem não reconheça obras de ficção científica e cite algumas sem muita dificuldade ou demora. De um lado, existe a questão de saber se a ficção científica deve sempre conter histórias que lidem com mundos alternativos ou não, se é preciso que tenha considerações sobre ciência ou não, se deve sempre ser especulativa ou não. Por outro lado, sabemos quase instintivamente que uma história sobre um alienígena que desceu à Terra acompanhado de seu robô para convencer os humanos de que eles são violentos demais e que há uma aliança de planetas pacíficos que têm que lidar com o

---

<sup>1</sup> Entende-se aqui, segundo Isabelle Stengers (2002, p. 35), que “a busca de um critério de demarcação procura qualificar positivamente os pretendentes legítimos ao título de ciência”. A autora ainda identifica outra forma de demarcação do que é ciência, a ruptura: “a ruptura procede estabelecendo um contraste entre ‘antes’ e ‘depois’ que desqualifica o ‘antes’”. Pela ruptura, busca-se identificar a ciência pela diferenciação em relação a uma não-ciência que lhe precede (e é desqualificada).

problema é um exemplo de ficção científica. Só que a identificação também se torna mais fácil ou mais difícil quando comparada a categorizações distintas. É mais simples diferenciar a ficção científica da comédia, por exemplo, embora histórias possam conter ambos os elementos. Mas é muito mais complicado identificar se *Star Wars* é ficção científica ou fantasia (ou mesmo se fantasia é um subgênero de ficção científica ou o inverso).

A mesma coisa acontece em relação à ciência, que é o objeto desta tese. Desde que o projeto para este estudo começou, tenho ocasionalmente feito a experiência de perguntar a pessoas que conheço, de diferentes *backgrounds*, o que entendem por ciência. Essa experiência interessante me levou a incontáveis definições, muitas vezes absolutamente diferentes umas das outras. Entretanto, a identificação de determinadas áreas é usualmente simples. Por mais difícil que seja encontrar características essenciais e necessárias para circunscrever o que é ciência, é em geral fácil saber que astronomia é ciência e astrologia não é, que química é ciência e que alquimia não é, que cientologia, a despeito do nome, definitivamente não é. Isso porque essas áreas estão estabilizadas há mais tempo e há pouca ou nenhuma controvérsia a respeito da cientificidade, tanto em textos acadêmicos como em veículos populares. Mas as coisas se complicam um pouco mais em casos limítrofes, como o da parapsicologia.

Esta tese se ocupa em grande medida da dificuldade que é definir uma área – e como essa dificuldade é vivida no cotidiano de grupos que se propõe a defini-la. Por mais complicado que seja definir a parapsicologia, é necessário, contudo, que tenhamos pelo menos uma “definição de trabalho” para a área. Uma definição comum para a parapsicologia é a de John Beloff, que a delimita como “o estudo dos ‘fenômenos psi’”, por sua vez retratados como “aquelas faculdades do homem, reais ou supostas, que parecem ser inexplicáveis segundo quaisquer hipóteses geralmente reconhecidas” (BELOFF, 1993, p. xiii).<sup>2</sup> O estudo da parapsicologia tem tradicionalmente incluído temas que se dividem em duas áreas principais: a percepção extrassensorial, que define fenômenos em que há aparente aquisição de informação sem o uso dos órgãos usuais do sentido (inclui telepatia, clarividência e precognição); e a psicocinese, que define fenômenos em que há uma alteração física a partir da ação mental de um agente. Essa divisão não é onipresente entre os parapsicólogos, mas tornou-se bastante utilizada após ser cunhada por J.B. Rhine na década de 1930.

---

<sup>2</sup> “*Parapsychology is the study of ‘psy phenomena.’*”

“*These faculties of man, real or supposed, that appear to be inexplicable on any generally recognized hypothesis.*”

A parapsicologia se apresenta como um ótimo objeto de estudo inicial para discutir o tema principal desta tese, a demarcação científica (ou seja, como se define a ciência em contraposição à não-ciência<sup>3</sup>), por alguns motivos. Em primeiro lugar, trata-se de uma disciplina que nunca atingiu credibilidade suficiente para ser tida, sem reservas, como científica, mas vem conseguindo conquistar certo espaço dentro da academia desde a década de 1930. A história da área envolve a passagem por etapas semelhantes a outras disciplinas científicas em seu processo de emergência – tais como acolhimento em instituições acadêmicas, manutenção de periódicos com revisão de pares e criação de associações profissionais<sup>4</sup> – mas isso não foi suficiente para garantir-lhe reconhecimento por parte do *establishment* científico. Além disso, alguns pontos a tornam particularmente interessante para o presente estudo: i.) desde as décadas de 1970 e 1980, a parapsicologia continua na mesma situação com relação à sua aceitação pela academia: há pesquisadores envolvidos com o tema em universidades ao redor do mundo, mas ela ainda não se tornou reconhecidamente parte do *mainstream* científico (situação essa que tenho chamado de limbo da parapsicologia); ii.) há estudos sobre o tema nas décadas de 1970 e 1980, o que permite análises comparativas, mas há carência de trabalhos nos ESCT sobre a cientificidade da parapsicologia nas últimas duas décadas; iii.) há um estudo detalhado de David Hess sobre o espiritismo no Brasil que se ocupa bastante da parapsicologia brasileira durante a década de 1980<sup>5</sup>, o que também permite comparações (e relacionadas ao Brasil). Contudo, fora esse trabalho de Hess, a parapsicologia brasileira não tem aparecido em estudos que se ocupem de ciência e tecnologia, salvo alguns trabalhos originários do próprio ambiente da parapsicologia brasileira.<sup>6</sup>

Hoje em dia, o Brasil conta com dois núcleos principais que atuam na comunidade

---

<sup>3</sup> A escolha pelo termo não-ciência se deve ao fato de ser palavra que não implica um julgamento maior a respeito da área (como pseudociência), mas apenas uma constatação de seu status externo aos limites da ciência como compreendida por alguém, um grupo, uma instituição, ou a sociedade em geral. Decidiu-se também utilizar hífen de forma a constituir termo único, equiparado (em forma, mas de significado contrário) à palavra ciência.

<sup>4</sup> A *Parapsychological Association* é a maior associação profissional de parapsicólogos do mundo. Internacional, ela conseguiu, de forma ilustrativa para o ponto aqui exposto, tornar-se parte da *American Association for the Advancement of Science* na década de 1960.

<sup>5</sup> Ver Hess (1991). O autor ocupou-se especificamente do que chamou de ala intelectual do espiritualismo brasileiro. Identificou a parapsicologia como um elemento importante para tal grupo, principalmente como meio de embate entre os espíritas e grupos católicos. Para Hess, a parapsicologia foi utilizada por ambos os grupos como forma de legitimar a crença própria de cada grupo e atacar a crença do grupo contrário.

<sup>6</sup> Como MACHADO (2005), MACHADO & ZANGARI (2000), ZANGARI (2001) e ZANGARI & MACHADO (1997; 2001). Há uma dissertação de mestrado focada na parapsicologia feita no Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (VIANA, 2002), que abertamente defende a parapsicologia e o que a autora chama de um “novo paradigma de luz”.

parapsicológica internacional e que vêm de um ambiente acadêmico. Na Universidade Federal de Juiz de Fora, há o NUPES – Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde, fundado e dirigido por Alexander Moreira de Almeida (professor adjunto de psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFJF). Na Universidade de São Paulo, há o Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, fundado e coordenado por Wellington Zangari (professor do Instituto de Psicologia da USP). Os dois grupos se caracterizam por terem membros que fazem parte da *Parapsychological Association* (ver nota 2) e que publicam textos para um público composto por parapsicólogos (em periódicos como o *Journal of Parapsychology* e o *Journal of Scientific Exploration*). Os temas de interesse se assemelham, com ambos os grupos produzindo e publicando extensivamente a respeito de religiosidade (incluindo, com destaque, a mediunidade), embora o Inter Psi se caracterize por uma maior abrangência de temas (passando por percepção sensorial, *poltergeists* e contatos com seres extraterrestres). Ainda, ambos os grupos se caracterizam por publicarem suas pesquisas também em periódicos *mainstream* de psicologia e psiquiatria. São dois grupos que existem na interface entre um ambiente composto por pesquisadores *mainstream* e outro por parapsicólogos. De forma interessante, nenhum dos grupos traz parapsicologia em seu nome.

Essa interface entre ciência *mainstream* e suas margens torna o ambiente corrente da parapsicologia brasileira propício para um estudo que busca analisar a demarcação científica. O estudo aqui proposto, que será em breve detalhado, buscou analisar um desses grupos anteriormente citados com profundidade, o Inter Psi. A escolha por analisar em detalhes o Inter Psi e sua busca por “normalizar” o estudo do paranormal na academia brasileira se deu também por alguns motivos. Em primeiro lugar, a escolha feita por um estudo de observação participativa de longa duração (ao invés de apenas um estudo bibliográfico comparativo ou de entrevistas com pesquisadores da área como o alicerce da coleta de dados) reflete escolhas de ordem teórica que serão mais bem explicitadas ao fim do segundo capítulo. Em resumo, esta tese parte do pressuposto que uma análise mais aprofundada do cotidiano de um grupo de pesquisas pode nos oferecer pistas relevantes a respeito de como a ciência é constantemente redefinida por quem a produz, por meio de um processo claramente performativo.

Em segundo lugar, o Inter Psi tem uma longa e interessante história de atuação dentro da parapsicologia. Uma história que permite comparações não apenas entre o grupo e outros núcleos de pesquisa, mas também entre as diversas encarnações do Inter Psi ao longo de mais de duas

décadas de existência. Uma síntese dessa história faz-se necessária para situar o Inter Psi em seu contexto de atuação.

No estudo detalhado que fez sobre a ala intelectual do Espiritismo brasileiro na década de 1980, David Hess (1991) identificou que a parapsicologia era utilizada por tal grupo como forma de sustentar uma base científica para o movimento. No mesmo período, a parapsicologia era também utilizada por grupos católicos – Padre Quevedo foi e é o mais famoso parapsicólogo brasileiro – como meio de combater as religiões mediúnicas, com destaque ao espiritismo. Enquanto a parapsicologia americana e a europeia seriam, segundo o autor, mais científicas, ele aponta que a brasileira se definiria exatamente pelo embate entre católicos e espíritas.

Na década de 1990, entretanto, logo após o estudo de Hess, passaram a surgir grupos brasileiros mais envolvidos com a parapsicologia internacional – por meio de laços com membros da *Parapsychological Association* (PA), no mais das vezes. Um de tais grupos foi o ECLIPSY – Instituto de Investigações Científicas em Parapsicologia. O ECLIPSY era um instituto particular e independente que, com o apoio de membros da PA, fez seu caminho para dentro de uma universidade. Até 1999, o grupo manteve casa na Universidade Anhembi Morumbi, instituição paulistana privada, sob o novo nome de InterPsi – Instituto de Pesquisas Interdisciplinares das Áreas Fronteiriças da Psicologia. Depois disso, o grupo se mudou para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma universidade também privada e de renome na capital paulista. Lá, fez parte do Centro de Estudos Peirceanos do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, sob o nome Inter Psi – Grupo de Estudos de Semiótica, Interconectividade e Consciência. Finalmente, a partir de 2009, o grupo chegou à casa e denominação atuais. Com a aprovação de Wellington Zangari – fundador e coordenador do grupo desde os tempos de ECLIPSY – como professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o Inter Psi passou a fazer parte do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, no campus da capital paulista. Passou a chamar-se Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais.

Ligado à maior instituição internacional de parapsicologia, a PA – tanto porque os membros do Inter Psi são filiados a ela quanto pelo contato contínuo com membros antigos da instituição – e com membros desenvolvendo pesquisas acadêmicas em relação ao tema desde a entrada na universidade, o Inter Psi tem um papel central no ambiente parapsicológico brasileiro. Entretanto, em sua casa atual, o Inter Psi não se define como um grupo de parapsicologia, mas

como um laboratório de psicologia anomalística (movimento que, como será visto no quarto capítulo, começou durante os tempos de PUC-SP).

Esse é o terceiro ponto que torna o Inter Psi um objeto privilegiado de estudo. Mais do que definir-se como um laboratório de psicologia anomalística, o Inter Psi identifica como um dos seus objetivos específicos “disseminar a Psicologia Anomalística como área científico-acadêmica por meio da publicação de trabalhos em periódicos científicos, bem como pela organização de eventos (seminários, conferências, congressos e reuniões de pesquisa) para essa finalidade”.<sup>7</sup>

Psicologia anomalística é um termo que passou a ser adotado no Reino Unido após os psicólogos americanos Zusne e Jones terem publicado o livro *Anomalistic psychology: a study of magical thinking* em 1980. O objetivo do livro é oferecer explicações baseadas no que se conhece da ciência *mainstream* para experiências paranormais. Em 2000, foi criado o *Anomalistic Psychology Research Unit* na Universidade de Londres – Goldsmiths, tendo Christopher French como iniciador e coordenador até o momento. Na esteira de Zusne e Jones, o objetivo do grupo é pesquisar experiências paranormais com vistas a oferecer explicações normais a elas. A psicologia anomalística tem ganhado cada vez maior espaço acadêmico no Reino Unido, onde foi elevada a disciplina eletiva de qualificação *A-level*.<sup>8</sup> Recentemente, dois livros introdutórios à área foram publicados, um mais voltado ao público que vai prestar os *A Levels* (HOLT et al., 2012) e outro mais voltado ao público acadêmico (FRENCH & STONE, 2014).

Pode-se argumentar que a psicologia anomalística desenvolvida no Reino Unido apresenta uma característica crítica em relação à parapsicologia, ao buscar explicar as experiências paranormais por conhecimento científico corrente e não buscar comprovar a existência ontológica de fenômenos paranormais. A psicologia anomalística parte do pressuposto que as experiências paranormais são assim identificadas porque falta uma explicação coerente para quem vive o fato; explicação esta que existe e cabe ao psicólogo anomalístico encontrar. O que interessa ao psicólogo anomalístico não é encontrar provas de que fantasmas, por exemplo,

---

<sup>7</sup> Os objetivos gerais e específicos do grupo estão expostos em seu website: [http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2544%253Ainter-psi-laboratorio-de-psicologia-anomalistica-e-processos-psicossociais&catid=384%253Ainter-psi&Itemid=211&lang=pt](http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2544%253Ainter-psi-laboratorio-de-psicologia-anomalistica-e-processos-psicossociais&catid=384%253Ainter-psi&Itemid=211&lang=pt).  
Último acesso: 04 de maio de 2014.

<sup>8</sup> *A-Level* (ou *General Certificate of Education Advanced Level*) é uma qualificação após o *O-level* (*Ordinary Level*), no Reino Unido. Destina-se a alunos após o fim do ensino obrigatório e antes do ensino superior. A qualificação é concedida após o estudo de uma disciplina específica por dois anos e tem peso na entrada em universidades, funcionando como um curso pré-universitário.



existem, mas sim compreender porque as pessoas acreditam que eles existam. Entretanto, foi essa a terminologia adotada pelo Inter Psi a partir da sua entrada na USP. Isso não significa que o grupo empreendeu uma quebra com sua história dentro da parapsicologia; os membros do Inter Psi defendem a disciplina de psicologia anomalística como uma espécie de retorno à *psychical research*, antecessora direta da parapsicologia. Para o grupo, a psicologia anomalística não é diferente da parapsicologia, mas engloba tanto a pesquisa parapsicológica tradicional quanto uma preocupação com questões psicológicas, aliando ontologia e fenomenologia<sup>9</sup>, como eles dizem. Seria uma espécie de união entre psicologia da religião e parapsicologia, como se verá nos capítulos que se seguem. Além disso, as mudanças de nome e orientação do grupo são um ponto a mais de interesse para um estudo que busca compreender as fronteiras entre ciência e não ciência: não apenas situam o Inter Psi em um local de demarcações múltiplas (em que parapsicologia, psicologia anomalística, psicologia social, psicologia da religião e semiótica estiveram ou estão presentes), mas também insinuam um movimento mais geral da própria parapsicologia.<sup>10</sup>

A relação do grupo com a parapsicologia e a psicologia anomalística enriquece o debate a respeito da demarcação científica. A tese presente não se trata, assim, somente de uma análise de uma área em busca de reconhecimento – a parapsicologia – mas uma análise de fronteiras distintas, entre áreas distintas, com as quais um grupo específico – o Inter Psi – tem que conviver em sua busca por normalizar, ajudar a tornar científico, seu estudo do paranormal.

No decorrer dos capítulos, buscar-se-á demonstrar que essa passagem de parapsicologia para psicologia anomalística se trata de uma busca por negociar o significado de diferentes áreas e assegurar um espaço dentro do mundo acadêmico para o grupo em questão. Isso não quer dizer que parapsicologia e psicologia anomalística sejam a mesma coisa, ou que o grupo defenda uma

---

<sup>9</sup> Ontologia é compreendida como a inquirição a respeito do que existe. Segundo Galison (1996, p. 118), a maior parte das descrições sobre o desenvolvimento da ciência a vê como sendo especificamente sobre ontologia, colocando questões sobre que objetos existem, como eles interagem e como podemos descobrir a respeito da existência e funcionamento. Fenomenologia, por sua vez, diz respeito à inquirições sobre a natureza da experiência humana e da consciência. No tocante ao estudo do paranormal, uma investigação ontológica procura avaliar se fenômenos paranormais existem de fato ou não e como funcionam. Uma investigação fenomenológica procura, por seu turno, avaliar como as experiências paranormais são vivenciadas pelos sujeitos, quais seus significados e impactos, independente da existência comprovada dos fenômenos anômalos que estariam na base de tais experiências.

<sup>10</sup> Em uma conversa informal, um dos membros do Inter Psi mais comprometidos com pesquisa experimental em parapsicologia me informou sua crença de que o termo parapsicologia deixará logo de existir. Uma das alternativas pensadas pelos parapsicólogos da PA é justamente psicologia anomalística. A questão do nome será tratada de forma mais aprofundada no terceiro capítulo.

simples mudança de nome sem mudança de práticas. As diferenças e similitudes entre a psicologia anomalística que o grupo defende hoje, e na qual se insere, e a parapsicologia com a qual travou e trava constantes relações, contudo, são objetos que nos informam sobre as múltiplas formas em que a legitimidade científica de distintas áreas é negociada. Mais que isso, nos informa a respeito do funcionamento da academia brasileira em que se insere o Inter Psi e das diferentes formas em que é possível chamar tal grupo de um grupo de fronteiras.

## **1.2 A pesquisa de campo**

O estudo aqui apresentado focou-se na identificação e análise das estratégias empregadas por membros do Inter Psi de forma a legitimar sua área de pesquisa. Seu alicerce foi uma pesquisa de campo de natureza etnográfica que envolveu uma observação participativa do grupo de março de 2011 a novembro de 2013. Hoje em dia, o Inter Psi se caracteriza como um laboratório de pesquisa dentro do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IP-USP. Desde que passou a existir oficialmente nesse formato, em 2010, doze pós-graduandos ingressaram no grupo.

Durante esse período, houve pequenas mudanças na participação do grupo, a maior delas tendo sido a descontinuação da participação de alguns membros que não tinham projetos de pesquisa corrente, mas que tomavam parte nas reuniões fechadas do Inter Psi. Depois do dia 25 de maio de 2012, somente membros com projetos de pesquisa submetidos aos coordenadores (Wellington Zangari e Fátima Regina Machado) puderam tomar parte nas reuniões fechadas. Em maio de 2014, o Inter Psi compreendia dois doutores (Wellington Zangari e Fatima Machado), e outros dez membros regulares, pesquisadores desenvolvendo seus mestrados ou doutorados.

A observação envolveu: a) de março de 2011 a novembro de 2013, participação nas reuniões fechadas mensais do Inter Psi, que ocorrem na última sexta-feira do mês no Instituto de Psicologia do campus Butantã da USP; b) no primeiro semestre de 2011, participação como ouvinte da disciplina *PST 5842 – Experiências Anômalas: Introdução Crítica à Psicologia Anomalística e suas Relações com a Psicologia Social*, ministrada por Wellington Zangari como disciplina de pós-graduação do IP-USP; c) participação no VII Encontro Psi (intitulado *Pesquisa Psi e Psicologia Anomalística*), que ocorreu entre 17 e 18 de agosto de 2011, em Curitiba-PR.

Trata-se de um encontro acadêmico de parapsicologia organizado pelas Faculdades Integradas Espíritas - FIES (que oferecem curso de parapsicologia); contou com a apresentação de diversos trabalhos de membros do Inter Psi e teve Zangari como palestrante convidado. Um dos orientandos de doutorado de Zangari, Fábio Eduardo da Silva, trabalha como professor na FIES e foi o principal organizador do evento; d) participação na 54<sup>a</sup>. Convenção Anual da *Parapsychological Association*, entre os dias 18 e 21 de agosto, também na cidade de Curitiba. Foi a primeira vez que a convenção da PA aconteceu fora do eixo América do Norte-Europa. Os membros do Inter Psi participaram da convenção e Fábio Eduardo da Silva (que participou da organização), Everton Maraldi (orientando de doutorado de Zangari) e o próprio Wellington Zangari apresentaram trabalhos científicos. Zangari, ainda, foi um dos convidados para proferir uma comunicação e Fátima Regina Machado foi coordenadora de uma das mesas redondas.

Além disso, a aquisição de dados diretos envolveu: a) participação na lista de e-mails do Inter Psi desde julho de 2011, acompanhando as trocas de mensagens entre os membros do grupo desde esse mês até maio de 2014. A entrada no grupo de e-mails permitiu acesso às mensagens eletrônicas trocadas entre o grupo datadas desde abril de 2005 (quando ainda faziam parte da PUC-SP); b) leitura de artigos, dissertações e teses publicados por membros do grupo; c) entrevistas presenciais com seis pesquisadores do Reino Unido ligados à área de psicologia anomalística e/ou parapsicologia, com vistas a permitir uma comparação mais direta entre a psicologia anomalística britânica e a brasileira.<sup>11</sup>

Durante todo o processo de observação e leitura da bibliografia primária houve a preocupação principal de identificar as estratégias do grupo para defender a legitimidade da sua área de pesquisa. Houve especial atenção para com as formas com que os membros do grupo definem parapsicologia, psicologia anomalística e ciência em geral, com relatos a respeito de conflitos em que sua legitimidade é colocada em xeque por outrem, e com descrições a respeito do cotidiano dos membros como produtores de conhecimento dentro das áreas de parapsicologia/psicologia anomalística. A observação das aulas de Zangari, das reuniões do

---

<sup>11</sup> Foram gravadas em áudio cinco entrevistas presenciais. A entrevista com Christopher Roe e Elizabeth Roxburgh, professores do departamento de psicologia da universidade de Northampton, ocorreu em Northampton, no dia 29 de abril de 2014. No mesmo dia e cidade houve uma entrevista com David Luke, professor na Universidade de Greenwich. Em 08 de maio de 2014, foi feita entrevista com Christopher French, professor na Universidade de Londres, Goldsmiths (onde a entrevista aconteceu). Em 19 de maio de 2014 ocorreu entrevista com Caroline Watt, professora de parapsicologia na Universidade de Edimburgo (onde fui recebida para a entrevista). Embora não tenha gravado os encontros com o professor Peter Lamont, também da *Koestler Parapsychology Unit* da Universidade de Edimburgo, duas conversas informais com ele foram muito úteis para a pesquisa.

grupo e do VII Encontro Psi e da 54ª Convenção da PA envolveu a manutenção de um diário de campo em que informações a respeito dessas questões foram escritas. O registro compreende tanto citações literais das falas dos membros quanto resumos meus de suas falas.

A leitura de textos dos membros do grupo, assim como de outros pesquisadores das áreas de parapsicologia/psicologia anomalística, envolveu destaque para três elementos: a) como as áreas de parapsicologia e psicologia anomalística são definidas; b) se há e quais são os comentários a respeito da cientificidade dessas áreas; c) que tipo de conhecimento é produzido/relatado e como se dão as pesquisas (se o conhecimento reportado é experimental, teórico, se diz respeito a casos clínicos, espontâneos, que instrumentos metodológicos – como escalas e questionários – são utilizados, etc.).

As entrevistas foram gravadas em formato digital e trechos literais estão referenciados ao longo do texto. As entrevistas não foram o foco da tese, tratando-se mais de oportunidades para checar fatos e compreender melhor a opinião de alguns pesquisadores. Não houve uma preocupação específica com análise de discurso no que diz respeito a elas.

### 1.3 A tese

Os resultados da pesquisa estão expostos nesta tese ao longo de cinco capítulos, contando este introdutório e o último, que conclui a tese e traz as considerações finais.

A questão da demarcação científica não é nova dentro dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, área teórica a que esta tese se filia<sup>12</sup>. Há estudos que se focaram na emergência de disciplinas científicas – *mainstream* ou não – e na relação entre a ciência ortodoxa e a “desviante”.<sup>13</sup> Alguns se ocuparam especificamente da parapsicologia.<sup>14</sup> O segundo capítulo busca descrever como esta questão tem sido tratada dentro dos ESCT, além de oferecer o alinhamento teórico seguido durante a tese. Como principais conclusões, o capítulo propõe que a demarcação científica se dá em espécies de julgamentos em contextos variados e que a inserção acadêmica é um dos requisitos centrais para que se ateste a cientificidade de uma área (não o

---

<sup>12</sup> Como uma breve introdução aos ESCT, ver KNORR-CETINA & MULKAY (1983).

<sup>13</sup> Os textos presentes em Wallis (1979) em geral usam os termos “ortodoxa” e “desviante” ou “heterodoxa” para se referir à ciência legítima e àquela que não tem e/ou busca legitimidade, respectivamente.

<sup>14</sup> Por exemplo, ALIISON (1979), COLLINS & PINCH (1979), GORDON (1982), HESS (1991) e McCLENON (1984).

contrário, que seria a cientificidade de uma área como requisito para sua inserção acadêmica). A relação íntima entre inserção acadêmica e cientificidade cria uma situação de amalgamação terminológica: institucionalização e demarcação científica acabam muitas vezes sendo usadas como sinônimos. Para estudar situações cotidianas de julgamentos a respeito da demarcação científica, o capítulo defende a validade de utilizar-se uma abordagem que preste atenção para as formas com que os indivíduos buscam associar-se para garantir maior força a suas proposições.

O terceiro capítulo é um exercício de história da ciência, buscando retratar brevemente a história da parapsicologia e da psicologia anomalística. Para que se compreenda o contexto atual do Inter Psi, o capítulo segue a parapsicologia desde a *psychical research* até sua entrada no Brasil e o momento atual. O capítulo também analisa mais atentamente o desenvolvimento da psicologia anomalística no Reino Unido nas últimas décadas.

O quarto capítulo se foca no Inter Psi e na forma como os membros buscam defender o conhecimento que é produzido pelo grupo. Para tanto, o capítulo busca analisar como o conhecimento é produzido e quais as estratégias específicas para a normalização do estudo do paranormal. A maior parte dos resultados das observações está presente neste capítulo.

O quinto e derradeiro capítulo busca fechar as análises da relação entre o estudo do Inter Psi e a questão da demarcação científica, procurando também oferecer uma análise de como este estudo pode contribuir para a política científica. O capítulo procura fechar os resultados da tese, apresentando a ideia de que o Inter Psi é um caso modelo de performatividade da demarcação científica, mas não se trata de uma exceção na academia. Ao contrário, suas práticas são as mesmas de qualquer grupo de pesquisas: preocupam-se constantemente em como assegurar seu espaço institucional, recursos para pesquisa, veículos de publicação, acesso a futuros ingressantes na área, etc. Ainda, o capítulo sugere que a demarcação científica é questão importante para a política científica, mas sofre de um mal específico: a visão de neutralidade da ciência que leva indivíduos em papéis de gestão da ciência (e envolvidos diretamente em julgamentos de demarcação científica) a guiarem-se por critérios epistemológicos apriorísticos. Argumenta-se que é necessário que novas formas de avaliação da ciência sejam propostas e seguidas, formas estas que entendam a demarcação científica como uma tarefa que está nas mãos dos cientistas e gestores.



## 2. CIÊNCIA OU NÃO-CIÊNCIA?

### 2.1 Epistemologia e Sociologia do conhecimento científico

A definição do que é ciência, ou seja, das características que desta atividade que permitem que ela seja vista como uma atividade humana particular e passível de diferenciação em relação àquelas que não são científicas, é tradicionalmente uma questão epistemológica. A filosofia deve a Popper a importância que a questão assumiu durante o século XX (PENNOCK, 2011, p. 200). Popper ofereceu uma análise epistemológica, particularmente em seu livro *A lógica das descobertas científicas*, que define a ciência pela formulação de proposições que estão sempre abertas à prova – esse é o famoso conceito de falseabilidade.

Para Popper, o que caracteriza a ciência não é a indução, ao entender que, como é impossível testar todas as variáveis de um problema, não há como comprovar nada indubitavelmente. O que é plausível é refutar hipóteses. O famoso exemplo dos cisnes ilustra a questão: se uma pessoa vê cinco, dez, cem ou mil cisnes brancos, sem nunca ver um cisne negro, isso não a credencia a seguramente poder afirmar que só existem cisnes brancos. Entretanto, basta que se aviste um cisne negro para refutar a afirmação de que só há os brancos. Para Popper, a ciência se caracteriza pela formulação de hipóteses que podem ser refutadas por princípio. Quando hipóteses não são refutáveis, não se trata de ciência.

A visão de Popper a respeito da demarcação científica é influente até hoje, mas recebeu também uma boa dose de críticas internas à própria filosofia<sup>15</sup>. Seria possível escrever uma tese inteira apenas contrastando diferentes visões a respeito da lógica do funcionamento da ciência. Entretanto, esta tese parte do ponto de vista que tal questão pode ser mais bem explorada se for adotada uma abordagem empírica. A observação de situações práticas em que o status de ciência é buscado, alocado, ou negado, pode e deve oferecer respaldo para a discussão teórica de como se define o que é ciência. Cumpre, para tanto, localizar a análise nos estudos sociais da ciência e da tecnologia (ESCT). Os ESCT foram instrumentais em uma mudança da concepção da demarcação científica não apenas como um problema epistemológico mas, e principalmente, como um problema social e, portanto, que deve ser estudado no âmbito de uma análise sociológica.

---

<sup>15</sup> *Contra o método*, primeiramente publicado por Feyerabend em 1975, é um exemplo famoso. Para mais casos, ver Pennock (2011).

Entretanto, pode-se argumentar que a inclusão da ciência dentro dos limites da análise sociológica é uma quebra com a visão de precursores da área, como Mannheim e Merton.

Robert Merton, sociólogo americano, desenvolveu o maior programa de estudo sociológico da ciência até então (década de 1930), estabelecendo-se como o fundador da sociologia da ciência, mas esse estudo nunca se ocupou do conteúdo em si da ciência. Herdeira da sociologia do conhecimento de Mannheim e Schiller – para os quais as ciências naturais estavam além do estudo sociológico, o que significa que apenas critérios epistemológicos (e não sociais) podem demarcar o que é ciência<sup>16</sup> –, a sociologia de Merton trata-se de uma sociologia detalhada dos cientistas, com uma preocupação com os pré-requisitos para que se desenvolva a ciência em uma dada sociedade, mas que sempre respeita o direito da epistemologia de definir o que é ou não ciência.

Para Isabelle Stengers (2002, p. 47), o que marca o fim da tradição demarcacionista é a sua “impossibilidade de formular critérios que, informados pelo passado, valessem para o presente”. Assim, essa tradição, “longe de explicar o progresso que é a recompensa da 'verdadeira' ciência, acaba por comentar a maneira pela qual as 'verdadeiras ciências' progrediram”. A partir da década de 1970, o questionamento da demarcação da ciência por critérios epistemológicos foi possível em grande medida a partir de um livro que, não obstante, mantinha um comprometimento com essa tradição demarcacionista: *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn (1978), originalmente publicado em 1962.

A ênfase de Kuhn na incomensurabilidade entre diferentes paradigmas, ocasionando que a escolha dos cientistas por um paradigma ou outro não se daria devido a elementos técnicos, lógicos, foi tomada por estudiosos – principalmente europeus – como uma abertura para que se considerasse o papel de elementos não cognitivos no desenvolvimento científico. De fato, o objetivo último dos proponentes da nova sociologia do conhecimento científico (conhecida pela sigla inglesa NSS – *New Sociology of Science*), que surgiu na década de 1970, era identificar em que sentido e em que medida se pode falar do conhecimento em geral, e especificamente do conhecimento científico, como ancorados em aspectos sociais (KNORR-CETINA; MULKAY, 1983, p. 6).

---

<sup>16</sup> A sociologia do conhecimento se ocupava das condições sociais do pensamento, mas mantinha distância da ciência natural, cuja objetividade a colocava além da análise sociológica. (KNORR-CETINA; MULKAY, 1983).



Para os proponentes da NSS, Merton mostrava uma deferência ingênua ao conhecimento científico ao acreditar que ele estava além da análise sociológica. Para eles, podia-se e devia-se estudar o próprio conteúdo da ciência. Knorr-Cetina e Mulkay (1983, p. 2) referem-se a essa sociologia do conhecimento científico que se desenvolveu na década de 1970 como o evento mais significativo para os ESCT desde a emergência da sociologia da ciência da qual Merton foi pioneiro nos anos 1930.

Segundo os proponentes da NSS, ela se tornou possível principalmente a partir da defesa de duas teses: a da não-determinação das teorias científicas pela evidência e a da observação como sendo “carregada” de teoria (*theory-ladenness of observation*). A primeira delas, conhecida como a tese Duhem-Quine, afirma que qualquer teoria pode ser mantida à face de qualquer evidência, pois não há como separar uma teoria de um grupo sempre presente de suposições colaterais. Um hipótese teórica sempre pode ser mantida, contanto que sejam feitos ajustes necessários em tais suposições colaterais. A segunda tese, que Kuhn e Feyerabend discutem, afirma que as evidências são sempre impregnadas por teoria, já que o que conta como uma boa observação é parcialmente determinado pelo paradigma vigente, que é o paradigma que tal observação busca testar. Segundo Kuhn, um paradigma é um pré-requisito para a própria percepção (KUHN, 1978, p. 148). Embora essas teses não apontem como necessário invocar fatores sociais para explicar as preferências dos cientistas, abrem caminho para a consideração de fatores não lógicos em geral. (KNORR-CETIN; MULKAY, 1983).

Através de estudos históricos (foco da chamada escola de Edimburgo, representada por David Bloor, Barry Barnes, Donald Mackenzie, entre outros) e estudos de caso contemporâneos (em geral da escola de Bath, representada por Harry Collins e Trevor Pinch, entre outros), esses pesquisadores chegaram a uma posição compartilhada quanto à especificidade da ciência: não importa quanto se busque encontrar elementos que definam epistemologicamente a ciência, quando se estuda o conhecimento e as práticas científicas, percebe-se que não é possível identificar nenhum aspecto cognitivo que defina a ciência em contraposição à não-ciência – nenhum método ou elemento universalizante que possa diferenciá-la, a priori, de qualquer outra atividade cultural.

Com isso, não se pretende dizer que não existe ciência como algo separado de outras atividades, mas sim que o que poderia explicar o desenvolvimento científico seria um misto, não

dissociável, de elementos cognitivos e sociais<sup>17</sup>, e marcados por um processo de negociação entre atores diversos. A ideia de ciência como construção social tornou-se dominante nos estudos da época, tingindo com novas cores a dualidade entre ciência e não-ciência. Ora, se a ciência e o conhecimento científico são construções sociais, a própria legitimação científica o é também; não adianta buscar saída para o problema de demarcação na epistemologia, pois o estudo da prática científica evidencia que a epistemologia é usada como elemento *ad hoc* na demarcação do que é ciência. Quando alguma controvérsia é ganha e uma disciplina se estabelece como científica, aí sim entra a epistemologia para explicar o que faz de tal disciplina uma disciplina científica.

Segundo Stengers (2002, p. 18), essa nova sociologia das ciências demonstra que somos em geral incapazes de julgar a história de que somos herdeiros:

Na medida em que somos herdeiros dos vencedores é que recriamos, no que diz respeito ao passado, um discurso em que os argumentos internos de uma comunidade científica seriam suficientes para apontar esses vencedores; visto que esses argumentos nos convencem como herdeiros é que nós lhes atribuímos respectivamente o poder de ter feito a diferença.

## 2.2 A demarcação como questão empírica: estudos de caso

A partir da década de 1970, vários estudos de caso foram feitos buscando observar a emergência de disciplinas científicas e alguns focaram na contraposição entre ciência ortodoxa e ciência “desviante”.<sup>18</sup> Como consequência da noção de que não há elementos universais que definam o que é científico, a ideia de que se deve buscar tanto explicações técnicas quanto sociais (tanto no que diz respeito às instituições quanto no que diz respeito aos conteúdos) para o fato de que uma determinada disciplina se torne científica (enquanto a outras é negado esse status) principiou a tentativa de não mais sequer separar aspectos técnicos de aspectos sociais. Levando em consideração a tese de que as observações são restringidas e guiadas pela teoria, a técnica aparece interligada ao social de forma a qualquer separação parecer arbitrária.<sup>19</sup> Segundo Barnes:

---

<sup>17</sup> Sobre a não-separação entre aspectos técnicos e sociais, ver Barnes (1983).

<sup>18</sup> Ver Lemaine *et al.* (1978) Sobre as ciências desviantes, rejeitadas, ver Wallis (1979).

<sup>19</sup> Além disso, Knorr-Cetina e Mulkay (1983, p. 13) assinalam uma concepção presente nos ESCT de que a distinção entre aspecto técnico e social é produzida pelas práticas dos cientistas. Por meio de estudos de caso, autores mostraram que os cientistas se referem a fatores sociais quando resultados científicos ainda não estão estabelecidos, mas excluem o social quando eles se tornam resultados amplamente aceitos. Podemos ver isso na base do problema colocado por Bloor para a sociologia da ciência no que tange à simetria: para ele, era necessário que se começasse a estudar tanto os vencedores quanto os vencidos da mesma forma, quando era comum nos estudos que se ocupavam

Até mesmo objetivos e interesses técnicos, preditivos, variam de um contexto para o outro e são socialmente sustentados. Na medida em que um objetivo preditivo particular estrutura a avaliação do conhecimento, sua própria particularidade deve ser entendida ao relacioná-la ao seu contexto social, ao conhecimento existente contido nele, e a todo o sistema associado de objetivos e interesses. (Barnes, 1983, p. 47)<sup>20 21</sup>

Um capítulo de Barnes e MacKenzie (1979) que figura em livro editado por Roy Wallis e direcionado ao caso das disciplinas “rejeitadas”, à margem da ciência *mainstream*, é especialmente ilustrador dessa abordagem da sociologia do conhecimento científico. Os autores, discutindo o embate de paradigmas como exposto por Kuhn, afirmam que diferentes paradigmas são avaliados de acordo com interesses instrumentais, contextuais (interesses de predição e controle, utilizando as palavras de Habermas). Esses interesses instrumentais não são necessariamente apenas internos à ciência, mas podem estar ligados a interesses sociais mais gerais: “o que desejamos mostrar é que paradigmas opostos e, portanto, avaliações opostas podem ser sustentados por diferentes grupos de interesses instrumentais geralmente relacionados, por sua vez, a interesses sociais divergentes.” (BARNES e MacKENZIE, 1979, p. 54)<sup>22</sup>

Alguns exemplos de estudos de caso são ilustrativos tanto da abordagem quanto de como a questão da demarcação científica foi sendo configurada dentro dos ESCT da década de 1970. Peter Wright (1979), por exemplo, concluiu que a medicina se tornou científica, e a astrologia não, – a partir de um cenário de embate, na Inglaterra do século XVII – não devido ao fato de a primeira ser eficiente a despeito da segunda, mas porque a medicina estava mais bem conectada ao capitalismo (força ideológica e material crescente do período). A diferenciação entre elas seria, primeiramente, uma consequência de práticas conscientes de criação de fronteiras (como a instituição de monopólios de aprendizado com as licenças médicas), e não uma diferenciação *a priori* devido ao conteúdo (a medicina se tornaria mais eficiente *por causa* de sua

---

de ciência explicar pelo social somente aquilo que não era visto mais como conhecimento aceito, legítimo (como a alquimia, por exemplo). Às disciplinas legítimas, sobrava deferência e abstenção de análise social (BLOOR, 1991).

<sup>20</sup> “*Even technical, predictive goals and interests vary from one context to another and are socially sustained. Insofar as a particular predictive goal structures the evaluation of knowledge, its very particularity must be understood by relating it to its social context, the existing knowledge therein, and the whole associated system of goals and interests*”.

<sup>21</sup> Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas livremente para o português no corpo do texto. Os trechos originais estão expostos em notas de rodapé.

<sup>22</sup> “*What we wish to show is that opposed paradigms and hence opposed evaluations may be sustained, by divergent sets of instrumental interests usually related in turn to divergent social interests.*”

institucionalização, não o contrário);<sup>23</sup> Terry M. Parssinen (1979) apontou que o mesmerismo foi considerado ilegítimo na Inglaterra vitoriana porque ameaçava os interesses sociais e profissionais dos médicos; ainda, Steven Shapin (1979) mostrou como a frenologia ameaçava os interesses dos anatomistas na Edimburgo do século XIX.

Há outros exemplos relevantes, mas convém focar aqui no caso mesmo da parapsicologia: Paul D. Allison (1979) afirma que, conquanto a não replicabilidade dos fenômenos – elemento usualmente citado por críticos como prova da não cientificidade da área – não pode dar conta de explicar a falta de sucesso dos parapsicólogos em conseguir sua legitimidade (ao passo que esse elemento esteve ou está presente em outras disciplinas consideradas científicas), dois fatores são importantes para compreender a rejeição: a ameaça imposta pelos fenômenos paranormais às suposições científicas básicas (a existência comprovada dos fenômenos estudados pela parapsicologia colocaria em xeque muitas das concepções vigentes a respeito de nosso mundo físico) e suas origens e contínua associação com o oculto. Collins e Pinch (1979) também estudaram o caso da parapsicologia, discutindo as táticas dos parapsicólogos para ganhar reconhecimento científico e as dos cientistas ortodoxos para negar-lhes a legitimidade. No mesmo sentido de Allison, Collins e Pinch buscaram mostrar como interesses específicos estavam presentes na avaliação da área feita pelos cientistas ortodoxos. Eles enfatizaram a recusa pura e simples em acreditar nas afirmativas dos parapsicólogos, a afirmação da associação da parapsicologia com crenças não científicas, a negação de espaço aos parapsicólogos em publicações ortodoxas, entre outros, como explicações para o preconceito da ciência *mainstream* em relação à parapsicologia e as táticas dos cientistas ortodoxos para assegurar que os parapsicólogos não ganhassem legitimidade científica.

Em outro texto, Pinch (1979) argumentou que a rejeição da parapsicologia por parte dos cientistas ortodoxos ocorre por diferenças culturais que são legitimadas por critérios demarcacionistas. O principal ponto de discórdia seria simplesmente que a parapsicologia vai contra a cultura científica presente, oferecendo risco às disciplinas e pesquisadores já estabelecidos. Nesse contexto, utilizar o argumento de Hume de que crenças extraordinárias requerem evidências extraordinárias significa julgar a parapsicologia não segundo um padrão

---

<sup>23</sup> Stengers (2002, p. 33) argumenta que o conflito entre médicos e charlatões não foi criado em nome da ciência, mas adquiriu novas feições quando a ciência entrou no jogo como referência. Ela arrisca “(...) a hipótese de que não é tal ou qual inovação médica que conferiu à medicina os meios de reivindicar o título de ciência, mas a maneira pela qual diagnosticou o poder do charlatão e explicitou as razões para desqualificar esse poder”.

objetivo e independente, mas como resistência contra mudanças na cultura científica (PINCH, 1979, p. 332). O autor ainda aplica os argumentos utilizados por críticos da parapsicologia para avaliar a hipótese de fraude que comumente é utilizada por críticos para negar à parapsicologia o status de cientificidade, concluindo que a hipótese de fraude pode ser taxada de não-científica da mesma forma que se rejeita a parapsicologia, se os mesmos padrões de julgamento forem utilizados (PINCH, 1979, pp. 332-3). Pinch aponta, entre os problemas da hipótese de fraude, que argumentos apriorísticos – e não evidência dura – sustentam a tese, que há reinterpretação de dados *ad hoc*, não existe limite de hipóteses a serem propostas, e não há uma teoria que explique a ocorrência de fraude.

Para Pinch, o maior argumento utilizado contra a parapsicologia, o de que ela não produz experimentos replicáveis, depende de um consenso (não existente) a respeito do que se entende por uma replicação competente. Ele afirma:

A rejeição de uma alegação porque ela é não repetível jaz em julgamentos de plausibilidade, os quais são inevitavelmente ligados à cultura, e eles não podem prover a necessária base independente requerida de um padrão universal de racionalidade. Isso não significa, contudo, que os critérios de demarcação servem a apenas uma função legitimadora. Eles são, como Collins em particular enfatizou, abertos à negociação – como são as condições requeridas para que se produza uma replicação competente. O fracasso de uma crença em ser aceita como conhecimento científico válido encontra-se na inabilidade do requerente em negociação um resultado satisfatório. Esse insucesso pode ser visto entendido como resultante de diferenças de significados, definições e convenções tácitas (que podem, em última instância, apoiar-se em interesses sociais distintos). O ponto é que os critérios de demarcação, embora não forneçam uma garantia independente de racionalidade científica, parecem, sim, oferecer um meio pelo qual os cientistas podem (pelo menos em algumas circunstâncias) explorar a diferença entre alegações rivais. Tais alegações não são rejeitadas sem reflexão alguma – frequentemente há espaço para negociação. (PINCH, 1979, p. 341)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> “The rejection of a claim because it is unrepeatable therefore rests on judgements of plausibility, which are inevitably culture-bound, and these cannot provide the necessary independent basis required of a universal standard of rationality. This does not mean, however, that demarcation criteria serve a solely legitimating function. They are, as Collins in particular has emphasized, open to negotiation – as are the conditions required to produce a competent replication. (...) The failure of a belief to be accepted as valid scientific knowledge lies in the claimant’s inability to negotiate a satisfactory outcome. This lack of success can be understood as resulting from differences in meanings, definitions and tacit conventions (which may ultimately rest on different social interests). The point is that demarcation criteria, although not providing an independent guarantee of scientific rationality, do seem to offer a means whereby scientists can (at least on some circumstances) explore the difference between rival claims. Such claims are not rejected out of hand – there is often room for negotiation.”

No mesmo sentido, Collins e Pinch (1982) argumentaram que experimentos não podem, por si próprios, legislar a respeito da existência de fenômenos naturais; experimentos dependem de uma abertura a tomá-los como generalizáveis e de um consenso a respeito de quais características a respeito dos experimentos e seu ambiente serão ignoradas no processo de generalização (COLLINS; PINCH, 1982, pp. 125-6). Em um texto que detalha um experimento feito pelo autores para testar a dobragem de metais,<sup>25</sup> e partindo de uma interpretação que eles afirmam ser radical de Kuhn, os autores apresentam a parapsicologia e a ciência *mainstream* (particularmente a física) como incomensuráveis. Sua conclusão é que

(...) A evidência é tão conectada à sociedade ou grupo social que dão origem a ela que teorias sustentadas por membros de grupos científico-sociais radicalmente diferentes não podem ser adequadamente testadas umas contra as outras por experimento. Não importa se se espera que a evidência corrobore, “comprove” ou refute as teorias em questão. De forma similar, essas diferenças não podem ser estabelecidas por argumento lógico. (COLLINS; PINCH, 1982, p. 184)<sup>26</sup>

### 2.3 A importância da questão após a nova sociologia do conhecimento científico

Para além de diferenças menores entre autores, tem-se ao fim da década de 1970 um consenso instaurado a respeito da demarcação científica nos ESCT. Para resumir, esse consenso envolve a ideia de que a epistemologia não dá conta de definir a priori o que é ciência, já que a demarcação não ocorre somente por critérios lógicos, cognitivos. A demarcação do que é ciência, e, por conseguinte, do que não é, ocorre em situações práticas, por meio de negociações várias e influenciadas pelos interesses e valores sociais encampados pelos cientistas e demais indivíduos envolvidos nos casos. A definição de ciência é, assim, circunstancial e historicizada.

Pode-se argumentar que tal consenso levou ao declínio no número de obras a respeito da questão. Se na década de 1970 houve um número grande de estudos de caso, na década de 1980 pouco foi escrito sobre o tema. O filósofo Larry Laudan (1983) chegou mesmo a notoriamente

---

<sup>25</sup> No fim dos anos 1970 surgiram várias crianças no Reino Unido que diziam poder dobrar metais (mais comumente talheres) com o poder da mente. Esses casos apareceram na esteira do sucesso de Uri Geller, que se dizia médium capaz de dobrar metais por psicocinesia. Collins e Pinch desenharam uma série de experimentos com algumas crianças, em conjunto com um professor de física da Universidade de Bath. Para os dois, o objetivo era estudar sociologicamente a experimentação parapsicológica.

<sup>26</sup> “(...) *evidence is so bound up with the society or social group which give rise to it that theories held by members of radically different científico-social groups cannot be adequately tested against each other by experimente. It matters not whether the evidence is intended to corroborate, ‘prove’ or refute theories in question. Similarly, these differences cannot be settled by logical argument.*”

defender a ideia de que a questão estava morta para a filosofia, já que é impossível separar ciência de pseudociência por critérios epistemológicos.<sup>27</sup> O autor que mais escreveu a respeito durante as décadas de 1980 e 1990 foi Thomas Gieryn, e o tanto em que seu nome é citado desacompanhado quando se fala da questão dentro dos ESCT mostra o quanto o tema se tornou um marco da área durante a década de 1970.

Cumprido defender a relevância da questão hoje em dia. Contra a alegação de Laudan, por exemplo, Thomas Gieryn (1983; 1999) sustentou a importância da demarcação científica ao enfatizar que não se trata somente de uma questão teórica, mas prática: há uma série de oportunidades materiais e vantagens profissionais disponíveis aos cientistas (e, portanto, negadas aos não cientistas) em jogo. Pierre Bourdieu (1983) chamou atenção para o fato de que a autoridade científica é capital social de espécie particular (que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e pode ser reconvertido em outras espécies de capital). Ainda, segundo Isabelle Stengers (2002, p. 35): “A definição de ‘ciência’ nunca é neutra, já que, desde que a dita ciência moderna existe, o título de ciência confere àquele que se diz ‘cientista’ direitos e deveres. Toda definição, aqui, exclui e inclui, justifica ou questiona, cria ou proíbe um modelo.”

Nesse sentido mais geral, a demarcação científica é uma questão concreta que se apresenta aos cientistas e aos não cientistas, tanto àqueles a quem são oferecidas ou negadas condições reais de produção de conhecimento quanto à sociedade em geral, que olha para a ciência – em seu posto de autoridade epistêmica<sup>28</sup> – em busca de respostas sobre o mundo. Além disso, é relevante continuar a estudar a questão porque as fronteiras entre ciência e não-ciência são constantemente negociadas. Novas disciplinas científicas surgem ou crescem em importância enquanto outras desaparecem ou perdem prestígio o tempo todo. Esse dinamismo pede por um exame contínuo.

E é como um exame contínuo das fronteiras da ciência que pode ser descrita a obra de Thomas Gieryn. Gieryn foi orientado por Robert Merton, muito embora tenha seguido uma abordagem construtivista social<sup>29</sup> da ciência, e é bastante citado pelo seu uso do conceito de

---

<sup>27</sup> Sua visão foi bastante criticada por filósofos da ciência. Ver Pennock (2011).

<sup>28</sup> Gieryn (1983; 1999) chama de autoridade epistêmica o posto privilegiado da ciência como provedora de respostas legítimas sobre o mundo natural. Mais especificamente, é o poder legítimo de definir, descrever e explicar domínios da realidade. Essa autoridade, ele afirma, não existe como algo em si, mas é posta em prática quando as pessoas debatem e decidem onde localizar a jurisdição legítima sobre os fatos naturais (GIERYN, 1999, pp. 1;15).

<sup>29</sup> O adjetivo construtivista tem sido utilizado para descrever uma miríade de posicionamentos teóricos dentro das humanidades. Ian Hacking debate a questão a fundo em Hacking (1999). Nesta tese, o termo construtivista é utilizado para referir-se de forma geral à abordagem dita construtivista social em relação à ciência e à tecnologia. Tal

*boundary-work*. Não foi ele quem adotou primeiramente o termo, creditando-o a um artigo de Steve Woolgar de 1981 (“Playing With Relativism”), mas o tem usado com destaque desde 1983. Gieryn define *boundary-work* como uma atividade rotineira dos cientistas de demarcação do que é ciência e, por tabela, do que não é ciência. Mais especificamente, é “a atribuição discursiva de qualidades selecionadas a cientistas, métodos científicos e alegações científicas para o propósito de estabelecer uma fronteira retórica entre ciência e alguma não-ciência residual de menos autoridade” (GIERYN, 1999, pp.4-5).<sup>30</sup> Pode-se identificar o termo como um “trabalho de fronteira”, entendendo esse trabalho como o estabelecimento constante de margens.

Influenciado pelo “*linguistic turn*”<sup>31</sup>, Gieryn se ocupa dos discursos dos cientistas e busca observar como tais discursos veiculam características diferentes a respeito da ciência. Seu ponto principal é que essa pluralidade de características revela que a ciência é, ela própria, plural. Ela permite essa variação de qualidades porque é negociada, construída ativamente pelos atores. O trabalho de fronteira é sua denominação para a negociação contínua, rotineira, de demarcação entre ciência e não-ciência. Não é um conceito que caracteriza um processo especial, restrito a apenas algumas pessoas dentro do ambiente científico. É um trabalho cotidiano, realizado por todo e qualquer cientista, e também pelos não-cientistas (sejam proponentes ao posto de ciência ou simplesmente pessoas conectadas de alguma forma à ciência, como administradores ligados à política científica).

Gieryn se ocupa de controvérsias científicas, em que ocorre o que ele denomina “concursos de credibilidade”; trata-se de situações em que há dois ou mais lados brigando por

---

posição se desenvolveu principalmente durante a década de 1970, a partir da escola de Edimburgo. É como podemos designar (além da alcunha de relativismo metodológico) os dois grupos dos quais este capítulo tem se ocupado com maior destaque. A partir dessa perspectiva, a ciência é vista como o resultado de negociações em que os aspectos sociais, como já foi citado, são centrais. O trabalho de Collins, da escola de Bath, particularmente se ocupou bastante da apresentação de controvérsias científicas. Sua visão é de que as controvérsias demonstram como negociações quase intermináveis ocorrem a respeito do que conta como boa observação, evidência e, em última instância, ciência. Quase intermináveis porque as controvérsias são fechadas, devido, sobretudo, a elementos sociais.

Os proponentes dessa abordagem construtivista a desenvolveram em contraposição ao trabalho de Robert Merton, como também já foi aqui mencionado. Gieryn, por sua vez, defende que essa abordagem não é radicalmente diferente da visão do próprio Merton sobre ciência. Ela não implicaria uma ruptura com a sociologia mertoniana, que apenas se focava mais em aspectos institucionais (GIERYN, 1982).

<sup>30</sup> “*the discursive attribution of selected qualities to scientists, scientific methods, and scientific claims for the purpose of drawing a rhetorical boundary between science and some less authoritative residual non-science*” (GIERYN, 1999, pp.4-5).

<sup>31</sup> *Linguistic turn* é um movimento de alguns estudos de ciência da década de 1980 que colocaram como objeto de estudo a comunicação científica. Diferentemente de estudos anteriores (que tendiam a ter uma abordagem quantitativa de comunicação científica), os estudiosos ligados ao *linguistic turn* não viam a comunicação científica como uma forma neutra de transporte de informações. Eles avançaram o método empírico de analisar os discursos dos cientistas, escritos ou orais, formais ou informais. Ver Mulkey, Potter e Yearley (1983).



autoridade epistêmica e em que: i.) os lados não buscam desafiar a autoridade epistêmica da ciência, mas apenas negar espaço ao lado adversário; ii.) autoridades epistêmicas rivais lutam por controle sob um domínio ontológico contestado; ou iii.) poderes externos à ciência buscam explorar a autoridade científica sob formas que comprometem os recursos materiais e simbólicos dos cientistas (GIERYN, 1999, p. 16). Em tais concursos, não há determinantes a respeito do vencedor: o que a ciência é, quais suas fronteiras, depende de exigências momentâneas e locais: os contornos da ciência são contingenciais.

Aliado ao conceito de *boundary-work*, Gieryn faz uso de uma metáfora eficaz, que ele chama de *cultural cartography* (literalmente, cartografia cultural). Por meio do trabalho de fronteira, as pessoas definem características da ciência que podem ser organizadas, por quem analisa, em forma de mapa. A ideia é simples, mas um recurso bastante interessante para descrever as visões diferentes de ciência que podem ser defendidas e justapostas. Quando há um concurso de credibilidade, o vencedor ganha o direito de definir um mapa cultural em que a ciência apresenta fronteiras específicas, separada de outros espaços culturais. O que temos são muitas representações diferentes de ciência, vários “mapas” distintos, que representam sempre o resultado temporário de um fechamento de controvérsia. Não há qualidades essenciais, universais, ligadas à ciência: ela é sempre o resultado contingencial, episódico, de um concurso de credibilidade. O autor resume:

A ciência se torna um “espaço cultural”: ela se torna localizável (e possível de ser interpretada) por meio de segregações espaciais que ressaltam contrastes com outros tipos de conhecimento, métodos de fabricação de fatos, e *expertise*; fronteiras definem quem é de dentro e quem é de fora, enquanto pontos de referência rotulados dão ilustrações distintas de cada lado; a escala é aumentada para mostrar diferenças internas dentro da ciência ou reduzida para fazer da ciência um ponto único (...). (GIERYN, 1999, p.10)<sup>32</sup>

Como os contornos são contingenciais, negociados, construídos, não há como avaliar mapas culturais distintos tendo como critério a precisão. Um mapa não é mais acurado do que outro, todos são representações possíveis. O que se deve perguntar a respeito de diferentes mapas é se são úteis e, se sim, para quem e para o quê (GIERYN, 1999, p. xii).

---

<sup>32</sup> “Science becomes a ‘cultural space’: it is made locatable (and interpretable) by spatial segregations that highlight contrasts to other kinds of knowledge, fact-making methods, and expertise; boundaries define insiders and outsiders, while labeled landmarks give distinctive illustrations of each side; scale is enlarged to show internal differentiations within science or reduced to make science a single spot (...).”

É interessante lembrar que Gieryn define *boundary-work* em relação à ciência, que é seu objeto de estudo, mas o conceito não se resume necessariamente a esse âmbito. Pode-se pensar no trabalho de fronteiras em qualquer situação em que os contornos de algum domínio estejam em jogo. Da mesma forma, pode-se pensar em concursos de credibilidade em que não apenas a ciência esteja sendo redesenhada, mas outros espaços culturais também. De fato, a própria noção de *cultural cartography* implica na definição e demarcação de outras áreas que não só a ciência: o trabalho de fronteiras sempre supõe outros territórios que margeiam aquele que se está buscando demarcar. O que faz da ciência, para Gieryn, um caso particularmente interessante é o fato de que ela desfruta de ampla confiança por parte do público em geral. Essa ampla confiança é o que ele busca compreender.

O trabalho de Gieryn é comprometido com uma metodologia empírica, como é o consenso entre os proponentes do construtivismo social. Ele utiliza o conceito de *boundary-work* e a metáfora de *cultural cartography* em estudos de caso que apresentam diferentes concursos de credibilidade, em que o autor identifica lados em disputa e analisa os contornos diferentes de ciência presentes nos discursos. Como ilustração, descrevo brevemente o caso de John Tyndall, que figura em dois trabalhos (GIERYN, 1983; 1999). Tyndall foi presidente da *Royal Institution* de Londres no século XIX e buscou ativamente aumentar a área de ação e a independência da ciência vitoriana. Ele procurou diferenciar, em momentos distintos, a ciência da religião e da engenharia. O interessante é que seu repertório muda conforme o “espaço cultural” que é escolhido como contraparte à ciência em cada um de seus discursos: a ciência é vista como empírica e como fonte de utilidade prática quando comparada à religião – do seu lado vista como metafísica e de utilidade poética – mas tem caráter teórico e estatuto nobre de cultura “pura” quando oposta à engenharia – ela própria definida como técnica e preocupada com problemas práticos. Quando ele diferencia a ciência da religião, dota-a de traços que formam um mapa específico (a ciência é aplicada e objetiva). Seguindo o que Tyndall defende, podemos imaginar um mapa de ciência, uma representação de onde ela se encontra no espaço das formas diferentes de conhecimento, e que nos ajuda a situar aquilo que é científico. Quando ele diferencia, por outro lado, a ciência da engenharia, acaba criando um mapa diferente, que nos dá instruções distintas das que antes havíamos recebido do mesmo Tyndall sobre onde localizar a ciência no campo do conhecimento (pois agora ela é puramente teórica). Temos dois mapas diferentes, aos quais a questão “qual é mais preciso?” não cabe. São ambos mapas possíveis.

A preocupação principal de Gieryn é estudar a ciência enquanto autoridade epistêmica. Sheila Jasanoff (1987) argumenta que muitos estudiosos se ocuparam dessa autoridade da ciência como provedora de verdades, principalmente os que buscam estudar a ciência como uma instituição. A ideia é mesmo mostrar como a ciência passa de *uma* possibilidade de explicação do mundo para *a* explicação do mundo. Ela argumenta, ainda, que esses estudos não se ocupam, em geral, exatamente de como a ciência é feita. Em princípio, isso se deve ao fato da ciência, em seu momento de confecção, nunca apresentar as características que lhe são atribuídas como chave depois. Ela nunca é “objetiva” ou “neutra”, por exemplo, quando está sendo feita; essas características lhe são adicionadas depois, como tentativas de legitimá-la como provedora de verdades.

Essa é exatamente a linha seguida por Gieryn. Ele acredita que a resposta para a autoridade epistêmica da ciência está no momento *downstream*, ou seja, no momento em que ela é consumida, e não no momento *upstream*, em que é produzida: “a autoridade epistêmica é decidida à jusante de tudo isso, conforme alegações fluem por camadas de interpretações cartográficas onde a credibilidade é adicionada ou de onde é retirada” (GIERYN, 1999, p.27).<sup>33</sup> A autoridade de provedora de verdades não está na ciência “*in the making*”, mas existe somente quando as pessoas debatem sobre e decidem onde localizar a legitimidade sobre os fatos naturais. Por isso, a contribuição de Gieryn complementa os estudos da década de 1970 que haviam chegado à conclusão de que não há elementos epistêmicos que definam a ciência como atividade específica; ele deixa de lado o momento de fabricação da ciência e se volta para o seu consumo.

Esta tese poderia ser, assim, uma aplicação dos conceitos vindos da tradição construtivista dos ESCT para o caso da parapsicologia/psicologia anomalística no Brasil de hoje. Da década de 1970 poderia tirar a descrição dos interesses sociais presentes enquanto a ciência está no seu momento de fabricação, *in the making*, e de Gieryn poderia tirar a descrição do momento de consumo da ciência, nas situações de concursos de credibilidade. E, de fato, este estudo parte da noção de que as fronteiras entre ciência e não-ciência são resolvidas em situações práticas, por meio de negociações, e que não há critérios epistemológicos que definam a ciência a princípio. Os estudos da abordagem construtivista influenciaram esta tese e os conceitos continuarão aqui. Entretanto, esta tese também parte da ideia de que falta algo a essas obras. Embora muito se

---

<sup>33</sup> “*Epistemic authority is decided downstream from all that, as claims float through layers of cartographic interpretations where credibility is attached or removed.*”

tenha aprendido com essas abordagens, a busca por elementos sociais envolvidos na demarcação científica e a separação entre momento *upstream* e *downstream* na descrição dos estudos de caso evita uma análise mais completa a respeito das situações práticas em que o status de ciência é alocado. Partindo de uma concepção de ciência como contingencial e negociada, herdeira das abordagens construtivistas, é possível partir para uma análise da vivência de um grupo em busca de reconhecimento científico que não identifique a priori o momento de produção e de consumo da ciência e que ofereça uma maior compreensão de como o status científico é o resultado estabilizado de inúmeras situações locais de ganho de legitimidade em graus variados. É necessário destrinchar melhor essas críticas.

#### **2.4 Sobre Bruno Latour, performatividade e a especificidade da ciência**

Os programas relativistas da década de 1970 criticaram Merton por deixar o conteúdo científico de fora de seus estudos, e chamaram para si a responsabilidade de discutir esse conteúdo, de estudá-lo assim como os mertonianos podiam estudar os aspectos institucionais da ciência. No que tange à demarcação científica, muito foi aprendido com o corpo de trabalho que se desenvolveu com esses grupos e na esteira deles (como o trabalho de Gieryn), como já foi dito.

Em primeiro lugar, o princípio de simetria de David Bloor, presente no programa forte, estabeleceu que vencedores e vencidos, ciência e não-ciência, fossem tratados da mesma forma (BLOOR, 1991). Essa postura metodológica evita que se assumam que aspectos sociais só possam explicar os fracassos científicos (enquanto os sucessos estariam além da análise das ciências sociais). A partir do princípio de simetria, a descrição cuidadosa de controvérsias científicas (ponto forte de Harry Collins) criou um corpo seguro de estudos de caso empíricos que informaram muito sobre o funcionamento da ciência na prática. Aprendemos que a ciência é contingencial e negociada: não há um meio epistemológico de decidir o que é científico, mas há sempre muitas negociações – e algo que chamamos de ciência emerge delas. Com Gieryn, aprendemos ainda que podemos falar em um trabalho de fronteiras rotineiro, pelo qual os contornos da ciência são estabelecidos.

Entretanto, há questionamentos possíveis sobre a forma de retratar a ciência em prática segundo a tradição construtivista. Um primeiro questionamento vem do próprio Gieryn. Para ele, as visões relativistas da ciência só dão conta de descrever como a ciência acontece, furtando-se

de responder à pergunta essencial de como ela pôde, e pode, manter sua autoridade epistêmica (GIERYN, 1999, pp. 27-8). Para Gieryn, muitos estudos foram feitos observando o momento da produção dos fatos, da ciência *in the making (upstream)*, enquanto o momento de consumo da ciência pelo público (*downstream*) ficou deixado de lado. Ele não afirma, com isso, que não é interessante ou válido estudar a produção dos fatos, mas argumenta que é no momento de consumo da ciência que a autoridade epistêmica é decidida.

A descrição de Gieryn, separando o momento de produção do de consumo, é uma forma válida e útil de enxergar a dinâmica científica. Ele discute a especificidade da ciência separando as representações de ciência (que são “desenhadas” em concursos de credibilidade) da ciência como referente. Ele não acredita que exista uma ciência real – acontecendo nos laboratórios, nos periódicos, nas reuniões profissionais – que justifique os diferentes mapas de autoridade epistêmica. Isso acontece porque não existe *uma* ciência real, mas *várias* ciências reais. As várias realidades da ciência incluem essas práticas de laboratório, de produção de fatos (que ele denomina como ciência *first-time-through*), mas a ciência também existe como um espaço tácito nos mapas mentais de todos; nos procedimentos burocráticos codificados (como os que categorizam áreas distintas em um catálogo universitário); e como um “legado cartográfico” que expõe os resultados de trabalhos de fronteira anteriores. Mas mesmo juntando essas ciências reais, não há como determinar como serão os mapas culturais futuros (GIERYN, 1999, pp. 19-20).

A “ciência real”, portanto, engloba um reservatório de significados seletivamente usados para descrever a ciência e localizar a autoridade epistêmica: o repertório de qualidades que podem ser atribuídas à ciência durante qualquer concurso de credibilidade não é infinito ou pequeno, determinado por essas diversas encarnações nem completamente desconectado delas. A cartografia cultural se encontra na junção entre realidades dadas e representações estratégicas: a ciência está sempre presente, mas é constantemente construída. (GIERYN, 1999, p.21)<sup>34</sup>

Essa visão é muito semelhante à adotada por Bruno Latour, que separa Ciência (no singular e em maiúsculo) de ciências (no plural e em minúsculo). Para ele, o discurso da Ciência nada tem a ver com a prática das ciências, e a Ciência pode ser definida como “a politização das

---

<sup>34</sup> “‘Real science’ this comprises a reservoir of meanings selectively used to draw culture and locate epistemic authority: the repertoire of qualities attributable to science during any credibility contest is neither infinite nor small, neither fixed by these various embodiments nor completely disconnected from them. Cultural cartography sits at the juncture of given realities and strategic representations: science is already present but constantly made up.”

ciências pela epistemologia de forma a tornar a vida política comum impotente pela ameaça de uma natureza incontestável.” (LATOUR, 2004, p. 10)<sup>35</sup>.

Dessa forma, temos a prática científica e temos a ideia de Ciência. Ao analisar a retórica dos cientistas, Gieryn mostra que há possibilidades distintas de definição do que é ciência. Mais do que isso, mostra que a distinção entre ciência e não-ciência é dinâmica, situada historicamente, e sempre remanejada. Seu conceito de *boundary-work* é útil e a imagem de cartografia cultural é potente. Mas cabe discutir se sua atenção concentrada ao momento *downstream* é suficiente para dar conta da autoridade epistêmica da ciência. Embora as descrições de caso de Gieryn sejam profundas no que diz respeito ao trabalho retórico dos cientistas, a falta de atenção em relação à produção de conhecimento acaba criando uma descrição que parece vazia por vezes: temos uma representação sem referente, pois não temos acesso ao que está sendo produzido pelas diversas ciências (em minúsculo e plural). Ao focar apenas no trabalho retórico, não conseguimos ter noção de como a produção de conhecimento influi na autoridade epistêmica.

No caso da parapsicologia, por exemplo, uma análise da retórica de parapsicólogos e críticos da parapsicologia poderia levantar diversos elementos interessantes que explicariam porque a parapsicologia conseguiu tal e qual inserção acadêmica, ou não conseguiu esta ou aquela. Pode-se levantar mapas de cultura diferentes e discutir os diversos tipos de preconceito enfrentados pelos parapsicólogos, por exemplo. Entretanto, pode-se tentar entender também como os parapsicólogos em questão produzem conhecimento, usando quais métodos, defendendo qual ontologia, para que se compreenda porque algumas alegações são fortalecidas e outras falham em ganhar apoio ou mesmo interessar outros cientistas.

O ponto desta tese é buscar não separar a priori o momento *downstream* do *upstream* para a análise da demarcação científica. Ao fim da descrição, deve então ser possível analisar quais são os momentos-chave na alocação do status de ciência e quais os elementos que pesam para essa alocação. Assim, ao invés de partir de uma definição a priori de onde se localiza a briga por credibilidade epistêmica, um grupo será observado durante todo seu processo de produção de conhecimento: estabelecimento e desenvolvimento das pesquisas, busca por um nicho acadêmico, comunicação de resultados de pesquisa, divulgação científica.

---

<sup>35</sup> “I am going to define Science as the politicization of the sciences through epistemology in order to render ordinary political life impotent through the threat of an incontestable nature.”

Mas a descrição da produção de conhecimento do grupo revela escolhas metodológicas específicas. Toda observação é feita a partir da atenção concentrada em alguns aspectos e não em outros, que revelam a visão do pesquisador a respeito do que se busca analisar. Como já salientado, a abordagem construtivista se caracterizou pela busca em analisar os aspectos sociais que influenciam a produção de conhecimento científico.

A abordagem construtivista social foi criticada por Bruno Latour principalmente em razão de um aspecto: uma inversão entre causas e efeitos. Para Latour, não é profícuo procurar por aspectos sociais que influenciem a ciência e o conhecimento produzido. Diz ele:

A alegação não é que a morada dos fatos é realmente feita do material menos rígido dos laços sociais, mas que as ligações mais fracas e superficiais fornecidas pelas leis, cultura, mídia, crenças, religiões, política, economia são “na realidade” feitas de uma matéria mais forte fornecida pelo quadro social das relações de poder. Tal é a maneira padrão para as ciências sociais e os estudos culturais explicarem como qualquer coisa se mantém: coisas que não ficam de pé devido à solidez daquilo de que dizem ser feitas, mas devido às suas fachadas superficiais estarem ancoradas pelas peças de aço sólidas da sociedade. (LATOUR, 2003, p. 29)<sup>36</sup>

O problema para Latour é que o grosso dos estudos de ciência se ocupou de explicar como a solidez dos fatos naturais pode ser explicada por relações sociais. Para ele, cabe a questão: “os fatos descobertos pelos sociólogos e economistas são tão mais fortes que os construídos pelos químicos, físicos ou geólogos?”<sup>37</sup> (LATOUR, 2003, p. 30). A inversão ocorre porque a função das ciências é exatamente contribuir para a produção da ontologia que nos cerca – tanto o que chamamos de sociedade e o que chamamos de natureza. O objetivo da escola de Edimburgo de estudar os aspectos sociais e cognitivos como inseparáveis, embora louvável, falha ao não reconhecer que aquilo que é visto como social, e aquilo que é visto como natural, são estabilizações que se dão devido ao trabalho dos próprios cientistas – performativamente, no sentido de Michel Callon, estabelecendo o que conhecemos por sociedade e por natureza.

A questão de performance – como a sociedade e a natureza são resultados de um processo de estabilização e não pontos de partida para explicar o mundo – traz consigo um ponto teórico

---

<sup>36</sup> *The claim now is not that the house of facts is really made of the softer material of social ties, but that the soft and superficial links provided by laws, culture, media, beliefs, religions, politics, economics are ‘in reality’ made of the harder stuff provided by the social frame of power relations. Such is the standard way for the social sciences and cultural studies to explain why any thing holds : things do not stand upright because of the inner solidity of what they claim to be built with, but because their superficial facades are propped up by the solid steelwork of society.*

<sup>37</sup> *Are the facts discovered by sociologists and economists so much stronger than the ones constructed by chemists, physicists and geologists?*

interessante que diz respeito à realidade ontológica a que a ciência se propõe representar. Para Bloor, não se pode falar que as teorias científicas são reais, ou representações da realidade, ao passo em que não temos acesso direto a esta realidade para compará-la às nossas teorias (BLOOR, 1976, p. 32). Tudo o que temos são as próprias teorias, além de nossa experiência. As teorias científicas seriam convenções, dependendo de aceitação social e utilidade prática. A concepção de Bloor nos permite ver as teorias científicas, a própria ciência, como tautologias: em última análise, a ciência é ciência porque revela objetivamente a natureza. Mas se perguntarmos por que ela revela a natureza, não teremos muita saída a não ser responder que ela revela a natureza por ser científica (ou seja, por seguir um determinado método objetivo). O que temos, assim, é uma ciência que se caracteriza como tal exatamente por ser científica.

A concepção de realidade que advém da Teoria Ator-Rede (ver nota 38) não é muito diferente da de Bloor, mas traz consigo o foco nos alistamentos variados, nas redes sociotécnicas, que permitem com que algo funcione, com que seja visto como tendo de fato uma utilidade prática. A ciência, por exemplo, revela algo sobre a realidade ontológica do mundo ao passo que, e somente ao passo que, as condições a partir das quais tal realidade se tornou visível forem mantidas. Se forem utilizados os mesmos instrumentos, se forem seguidos os mesmos procedimentos. A realidade, assim, seguindo Law e Urry (2004), é vista como relacional, um efeito de relações. Os autores afirmam que a realidade é tanto real quanto construída, mas não entendem com isso que existe referente e representação. A ideia é que a realidade é sempre construída por relações que levam em conta a materialidade, que levam em conta a resistência das coisas. No mesmo sentido, Stengers indaga: “Que outra definição pode-se dar da realidade a não ser esta, de ter o poder de manter junto uma multiplicidade heterogênea de práticas que, todas e cada uma, testemunham de um modo diferente a existência daquilo que as mantém unidas?” (2002, p. 119).

Essa concepção de realidade como efeito de relações está na base do conceito de performatividade de Callon, em que se pode dizer que um discurso (como as ciências) é performativo quando contribui para a confecção da realidade que ele descreve (CALLON, 2006). Assim, não cabe perguntar como a sociedade influencia a ciência, mas sim que tipo de sociedade (e que tipo de ciência) são criadas através do trabalho de performance dos cientistas (e dos pesquisadores em geral, dos juristas, dos jornalistas, de quem quer que esteja envolvido na



produção e circulação de conhecimento a respeito do mundo que nos cerca nas situações específicas que se estiver observando):

Longe de tentar explicar os fatos duros da ciência com os fatos frouxos da ciência social, o objetivo tornou-se entender como a ciência e a tecnologia estavam fornecendo alguns dos ingredientes necessários para explicar a própria produção e estabilização da sociedade. Tal foi a única forma de dar à palavra construção algo de seu significado original, de enfatizar o processo coletivo que leva a construções sólidas através da mobilização de habilidades, ingredientes e coordenações heterogêneas. (LATOUR, 2003, p. 30)<sup>38</sup>

O status de cientificidade de algumas áreas a despeito das outras é um dos elementos performados pelo trabalho constante dos cientistas. Se as ciências são compreendidas como locais, plurais, negociadas, a alocação de cientificidade que faz referência a tais ciências também deve assim ser vista. A concepção de Peter Galison de desunidade das ciências é útil para enxergar melhor o contexto localizado de demarcação científica. Para Galison, “culturas dentro da ciência diferem em formas inumeráveis” (GALISON, 1996a, p. 15).<sup>39</sup> Ramos diferente das ciências apresentam diferentes concepções de realidade, diferentes métodos de investigação, práticas distintas. Mas “a possibilidade de desenvolver ligações tão parciais, locais e específicas é o que (...) está na base da experiência de continuidade que esses vários grupos sentem conforme desenvolvem *trading zones* (zonas de troca) entre eles.” (GALISON, 1996a, p. 15)<sup>40</sup>

É possível enxergar o conceito de ciência como gerado a partir do cotidiano das ciências, por meio de inúmeras negociações, que geram um conceito mais ou menos estabilizado e que circula pelas *trading zones*. Esse conceito é mais estabilizado no caso da física, por exemplo, e menos no caso da parapsicologia. Mas há sempre a possibilidade de ser revisto caso uma controvérsia abra a caixa-preta do conceito de ciência e não-ciência. Uma forma de estudar a demarcação científica é se focar nas próprias controvérsias. No caso da parapsicologia, analisando conflitos públicos entre parapsicólogos e céticos, por exemplo. Mas uma outra forma é enquadrar as situações ainda mais locais em que o conceito de ciência que já existe (por mais que seja uma estabilização por vezes precária) é buscado e alocado. Isso passa por olhar para

---

<sup>38</sup> *Far from trying to explain the hard facts of science with the soft facts of social science, the goal became to understand how science and technology were providing some of the ingredients necessary to account for the very making and the very stability of society. This was the only way to give the word construction some of its original meaning, to highlight the collective process that ends up as solid constructs through the mobilization of heterogeneous crafts, ingredients and coordination.*

<sup>39</sup> “Cultures within science differ in myriad ways”.

<sup>40</sup> “But the possibility of working out such partial, local, and specific linkages is what, I suspect, underlies the experience of continuity that these various groups feel as they work out trading zones between them.”

situações mais cotidianas em que indivíduos, grupos, disciplinas, se colocam em posição de pretendentes ao título de ciência e se envolvem em negociações a respeito de demarcação científica. Essas negociações são importantes não apenas porque definem o status científico de uma dada área, mas porque, por meio de um processo performativo, fazem parte dos esforços cotidianos que os cientistas e demais interessados e partícipes da ciência empreendem de forma a estabilizar o próprio conceito de ciência.

Estudos de caso surgidos a partir da teoria ator-rede (ou ANT, do termo original em inglês: *actor-network theory*)<sup>41</sup> oferecem um ponto de vista privilegiado para observar as negociações que resultam em assimetrias (o status científico dotado a algumas áreas em detrimento de outra, por exemplo). Mas dentro desse tipo de descrição da ciência, a construção não é social. É preciso observar-se como se dá o trabalho de construção da sociedade. E é essa construção que pode ser vista como a especificidade das ciências. Para Bruno Latour, tal especificidade não tem nada a ver com questões epistemológicas ou peculiaridades sociais. O que caracteriza as ciências são as inscrições (LATOUR, 1983). Quando os cientistas, em seu laboratório, traduzem o que veem como realidade e a inscrevem, mudam as escalas, invertem a hierarquia de forças. A autoridade epistêmica da ciência não reside somente na designação retórica de características que mantém essa autoridade, mas também nas práticas dos cientistas. A prerrogativa da teoria ator-rede de “seguir os atores” busca levar à observação e identificação dos vários elementos – humanos e não-humanos – que são alistados pelos cientistas de forma a tornar suas proposições mais fortes. Utilizando a terminologia de Callon, podemos falar no amálgama de elementos alistados, as tão famosas redes de humanos e não-humanos, como agenciamentos sociotécnicos (CALLON, 2006). O status de ciência, a demarcação científica, torna-se então o resultado de embates entre agenciamentos diferentes.

Talvez o aspecto mais singular de utilizar contribuições da ANT (e do que tem sido chamado de pós-ANT) é que, embora estejamos falando sobre assimetrias, sobre questões de poder, é justamente o poder que deve ser explicado, não utilizado como meio explicativo. A ciência é construída, sim, negociada, sim, mas não há porque falar em elementos sociais que constroem a ciência, ao passo que a estabilização de determinadas assimetrias, a estabilização de

---

<sup>41</sup> A obra mais abrangente sobre a teoria ator-rede é LATOUR (2005). Tal teoria se caracteriza menos como uma teoria fechada quanto como um corpo de escritos e estudos iniciados na década de 1980 que avançam o conceito de redes sociotécnicas formadas por atores humanos e não-humanos. Os principais autores são Bruno Latour, Michel Callon e John Law. A partir da década de 1990, preocupações clássicas da teoria ator-rede foram incorporadas a novos estudos, e contando com um maior número de autores, dando origem ao termo pós-ANT.

um certo estado, organização, da sociedade é que tem que ser explicado.

No caso do Inter Psi, cumpre observar, então, de que forma o grupo constrói um agenciamento específico, de que forma se caracteriza *como* um agenciamento específico, que pretende transformar uma área nova, a psicologia anomalística, em uma área legitimada. A legitimação ou não, e o que ela significa, são resultados desse processo de agenciamento. O que a pesquisa pretende, assim, é descrever o desenvolvimento da psicologia anomalística de forma semelhante ao estudo de Bruno Latour sobre a bacteriologia na França (1983; 1988). Quando Pasteur buscou identificar a causa do antraz, que estava matando vacas e ovelhas na França, ele teve de fazer diversos deslocamentos e alistamentos. Ele levou a fazenda para o laboratório, criou culturas dos micróbios, inoculou animais com quantidades diferentes, levou o laboratório para a fazenda, vacinou os animais e montou uma impressionante apresentação pública em Pouilly-le-Fort quando os animais vacinados não adoeceram como os não-vacinados. Não é devido a uma simples “descoberta” de um “gênio”, entretanto, que as vacinas ganharam o mundo e Pasteur teve seu nome gravado em ruas de todas as cidades francesas. Na realidade, Latour faz uma diferenciação entre dois mecanismos: o primário, em que se pode ver o trabalho de associações, e o secundário, em que esse primeiro trabalho é esquecido ao ser identificado com um único homem. O primeiro mecanismo nos mostra como a bacteriologia pôde expressar todo um período por meio de alistamentos variados, o segundo nos mostra como Pasteur pôde ser considerado um gênio que “descobriu” algo importante e modificou a ciência e a medicina sozinho (LATOUR, 1988, p. 42).

Pasteur teve que deslocar a fazenda e o laboratório e efetuar grandes mudanças de escala: criando culturas dos micróbios, transformou-os de invisíveis a visíveis e pôde controlá-los; inoculando os animais com quantidades diferenciadas de micróbios, pode controlar a doença em si; levando a vacina para fora do laboratório, estendeu os equipamentos de laboratório ao mundo lá fora, à fazenda. É inútil dizer que os micróbios são construções sociais puras. Eles são construídos por Pasteur e seus ajudantes, mas essa construção leva em conta a *resistência* desses micróbios. Se eles resistissem ao controle que era tentado, se eles se comportassem de uma forma diferente da que Pasteur acreditava que eles se comportariam nas condições que ele buscava controlar, não seriam alistados, se recusariam a fazer parte da rede. Mas não apenas o micróbio é essencial. Latour mostra como Pasteur conseguiu interessar outros grupos (higienistas, médicos, políticos) com sua pesquisa. De fato, ele mostra como Pasteur buscava inicialmente se envolver

com pesquisas para as quais havia uma demanda social forte. Os higienistas foram especialmente importantes, pois se tratava de um grupo grande que buscava combater as doenças utilizando um largo leque de ações, mas sem nunca conseguir compreender plenamente quais elementos eram realmente necessários para o surgimento de casos de contaminação. O interesse desse grupo foi vital para que a Pasteur pudesse estender seu laboratório às fazendas da França e, logo mais, ao mundo inteiro.

A partir do momento em que elementos tão diversos são alistados, efetuam uma mudança nas estabilizações de natureza e de sociedade. Não apenas a natureza, a partir desse momento, seria composta de micróbios (que não existiam nas definições de mundo natural até então), mas a sociedade também. Um novo elemento passou a povoar o mundo, e, com ele, elementos outros foram também postos em vida: para manter a sociedade livre de micróbios, para que eles não se tornassem um problema constante (manchando as relações puramente sociais da sociedade com um elemento não social, como diz Latour), os bacteriologistas deveriam ser aceitos como elementos da sociedade também, pois eles é que agiam como os porta-vozes dos micróbios e que tinham a solução para seu controle.

Em vez de micróbios e higienistas, de Pasteur e antraz, temos psicólogos, parapsicólogos, experiências paranormais e religiosas, psicopatologias e um professor da USP nesta história que será contada.

## **2.5 Ciência em tribunais, institucionalização e demarcação**

Se utilizarmos o conceito de Gieryn de concursos de credibilidade, contanto que não nos preocupemos a priori em definir os momentos *downstream* e *upstream*, temos em mente as situações em que o status de ciência é definido como espécies de julgamentos, tribunais. A primeira coisa que é preciso ressaltar é que não existe um critério, uma organização, uma instituição de qualquer tipo que tenha sob sua responsabilidade a definição do que seja a ciência. O que entendemos por ciência é o resultado estabilizado de negociações que tem ocorrido desde que a ciência moderna começou a se institucionalizar mais acentuadamente, no século XIX. Quanto maior o *zoom* no mapa da ciência, mais apercebidas tornam-se as fronteiras vacilantes, cinzentas, que separam a ciência da não-ciência. Os julgamentos sobre a cientificidade de uma determinada área ocorrem em situações distintas e exibem graus diferentes de importância (ou

maior ou menor jurisprudência, para manter a metáfora). Embora não exista uma instituição que guarde a definição da “ciência real”, existem ambientes cujas definições de ciência possuem mais autoridade do que outras. E as definições prévias de ciência que ocorrem em um ambiente tido como possuidor de mais credibilidade tendem a influenciar concursos subsequentes. Entretanto, como há várias instâncias em que a definição de ciência é decidida, em concursos específicos instâncias diferentes e contraditórias podem ser retomadas por lados opostos do julgamento.

A parapsicologia é, novamente, ótimo exemplo. Como já citado, a *Parapsychological Association* filiou-se à *American Association for the Advancement of Science* (AAAS) no fim da década de 1960. Isso se deu por meio de um julgamento de fato, com parapsicólogos apresentando seu caso e tendo que se haver com críticas de quem defendia a parapsicologia como sendo pseudociência. O processo não foi fácil, e em 1961, 1963, 1967 e 1968 houve tentativas malsucedidas, em que a posição da AAAS foi contrária à filiação. Em 1969, a filiação foi aceita – com a sentença de que independente da existência dos fenômenos estudados, a parapsicologia se caracteriza como ciência devido ao uso do método científico –, mas a PA teve de sair da sua seção original no mesmo ano (J-Psicologia) sob protestos dos representantes e parapsicólogos nunca conseguiram publicar seus artigos na *Science*, o prestigiado periódico da instituição. (McCLENON, 1984).

A filiação à AAAS é utilizada por parapsicólogos para justificar a cientificidade da área, mas isso não significa uma vitória em qualquer concurso de credibilidade. Por exemplo, em 1985 foi criada a cátedra em parapsicologia na Universidade de Edimburgo, uma vitória para a parapsicologia, certamente, mas que ocorreu depois de várias universidades terem se negado a abrir espaço para a cátedra dentro de seus muros.<sup>42</sup>

Em uma instância menor do que a abertura da cátedra, há concurso de credibilidade quando uma universidade como a USP aceita a criação de um laboratório de psicologia anomalística.<sup>43</sup> Cada laboratório criado a partir de uma subdisciplina psicológica precisa defender sua existência futura e passar pelo crivo da congregação. E apesar da criação do Inter Psi na USP, a abertura de um grupo de estudos em psicologia anomalística no Conselho Regional de Psicologia do Paraná (sob iniciativa de Fabio Eduardo da Silva, membro do conselho, professor

---

<sup>42</sup> A abertura de uma cátedra de parapsicologia foi desejo expresso no testamento do autor Arthur Koestler, falecido em 1983. Ele deixou um montante de dinheiro contanto que houvesse abertura da cátedra em uma universidade britânica.

<sup>43</sup> Como se verá adiante, o laboratório foi criado na USP a partir de iniciativa de Wellington Zangari, após sua nomeação como professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP.

no curso de parapsicologia das Faculdades Integradas Espíritas de Curitiba e orientando de Wellington Zangari) foi vetada pela direção do conselho em 2012 sob alegações de que a área não tinha a ver com psicologia e não era científica (mais sobre isso no capítulo 3).

Em ambiente menos institucional, mas que também se configura como um espaço de julgamento do status da ciência, a parapsicologia é definida às vezes como científica e em outras vezes, não, em textos e livros acadêmicos, assim como em enciclopédias e livros de divulgação científica que informam o público em geral. Em 22 de maio de 2014, o verbete em inglês sobre parapsicologia na *wikipedia*, por exemplo, a define como um campo de estudo do paranormal e fenômenos psíquicos, salientando que a maior parte dos cientistas a têm como pseudociência.<sup>44</sup>

A ciência pode ser, inclusive, definida em um tribunal de fato, com processo em corte e sentença própria. Em 2005, houve nos Estados Unidos o processo em corte federal *Kitzmiller, et al. contra Dover Area School District, et al.*, detalhado por Pennock (2011). Iniciado por pais de alunos de escolas públicas de Dover, na Pensilvânia, o processo foi apresentado contra a iniciativa do conselho das escolas de apresentar o *intelligent design* (design inteligente) como alternativa à teoria evolucionista nas aulas de ciência. Durante 21 dias de testemunhos, totalizando 40 dias de julgamento, o caso envolveu a defesa da cientificidade do design inteligente por parte de partidários da área. Boa parte de sua estratégia consistiu em enfatizar autores como o já citado Laudan para afirmar que a demarcação científica é uma questão não definida pela epistemologia: como o design inteligente não pode a princípio ser definido como pseudociência, deve ser ensinado como alternativa à evolução. O veredito do juiz John E. Jones III demarcou a ciência nesse caso em específico: o design inteligente foi julgado como não-ciência, especificamente como um culto religioso disfarçado.

Como vários dos julgamentos de credibilidade envolvem ambiente institucional (criação ou não de grupos de pesquisa, de cursos acadêmicos, etc.) a institucionalização de uma área acabou significando sua cientificidade e os termos institucionalização e legitimação científica tornaram-se praticamente intercambiáveis. Ao passo em que não são sinônimos (pode-se dizer sem hesitação que a parapsicologia conseguiu institucionalizar-se em determinados espaços, como a Universidade de Edimburgo, mas não é possível dizer sem hesitação que a parapsicologia

---

<sup>44</sup> <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Parapsychology&oldid=607568520>. Por deixar visível a história de uma página, é interessante acompanhar as muitas mudanças no verbete sobre parapsicologia na *wikipedia*.

conquistou legitimação científica), a fusão dos dois termos é interessante pois representa a relação íntima entre institucionalização e o status científico.

Se o status de ciência é referenciado como requisito em julgamentos (como no caso da abertura do grupo de estudo de psicologia anomalística no Conselho Regional de Psicologia do Paraná), o que se observa ao longo da bibliografia de ESCT sobre demarcação científica é que o contrário tem mais peso: uma área não se institucionaliza ao conseguir provar-se científica, mas é vista gradativamente como científica ao passo em que consegue adentrar espaços institucionais. É por meio de resultados experimentais, de publicação em periódicos, de aberturas de cursos de graduação e pós-graduação, da organização de eventos como palestras e congressos, da abertura de cargos profissionais em universidades, do acesso a futuros pesquisadores que deem prosseguimento aos estudos, que uma área se torna científica. O problema é como conseguir esses requisitos quando se faz parte de uma história inconstante como a da parapsicologia.

O próximo capítulo se ocupará de entender essa história, ao passo que o capítulo quarto se ocupará de como um grupo filho dessa história tem de se haver hoje para conquistar os requisitos institucionais que asseguram o status de ciência.





### 3. PESQUISA PSÍQUICA, PARAPSICOLOGIA E PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA

Para entender tanto a história do Inter Psi dentro da parapsicologia quanto sua escolha do termo psicologia anomalística, é importante que se volte para a história da parapsicologia como área de estudos. Entender o passado da parapsicologia é especialmente importante para este estudo, pois, exatamente por tratar-se de uma área em busca de legitimação, os parapsicólogos se esforçam mais do que os cientistas *mainstream* para travar uma relação ativa com a história de seu ramo de pesquisas. O passado é sempre recapitulado pelos críticos e os parapsicólogos têm de se haver com ele – tanto para defenderem-se das acusações, afastando-se de abordagens indesejadas, quanto para identificar as tradições que creem ser válidas para contribuir para as pesquisas correntes.

Ademais, como se verá no próximo capítulo, a retomada crítica da história da parapsicologia é uma das estratégias do Inter Psi para localizar seu estudo do paranormal em um nicho específico do ambiente acadêmico. Os membros mais participativos no decorrer dos anos do grupo, Wellington Zangari e Fátima Regina Machado, escreveram diversos textos analisando as origens, história e contemporaneidade da parapsicologia no mundo e no Brasil. Usando o conceito de *boundary-work*, pode-se dizer que a busca por identificar a história da área faz parte do trabalho ininterrupto de demarcar o que é ciência, de inserir a área no espaço científico, e de localizar o grupo nesse espaço legítimo. A relação ativa desses pesquisadores é ainda caracterizada pelo conhecimento que apresentam da literatura passada e corrente referente à parapsicologia, e, de forma ainda mais marcada, por sua tentativa de contribuir para a configuração de uma área nascente – a psicologia anomalística – por meio de seu conhecimento e análise da história da pesquisa do paranormal. A psicologia anomalística que o grupo defende caracteriza-se por resgatar a *psychical research*, promovendo uma junção entre a tradição parapsicológica por excelência (a tradição que vem de Joseph Banks Rhine) e a psicologia (mais especificamente, a psicologia social e a psicologia da religião).

### 3.1 **Psychical research (pesquisa psíquica)**

O que é hoje conhecido como parapsicologia desenvolveu-se diretamente de um ramo de pesquisas do século XIX chamado de *psychical research*.<sup>45</sup> Em grande medida, a pesquisa psíquica surgiu na Inglaterra como uma reação particular a um movimento que tomou de assalto os Estados Unidos na segunda metade do século XIX e logo se espalhou pelo Reino Unido e pelo resto da Europa – o espiritualismo.

Embora se possa utilizar o adjetivo espiritualista para se referir à crença na sobrevivência após a morte em qualquer época da história humana, considera-se que o movimento espiritualista tem data e local de nascimento específicos. Em 1848, em Hydesville, no estado americano de Nova Iorque, tornaram-se famosas as irmãs Fox (Margaret e Kate particularmente, mas havia também uma terceira irmã, Leah, mais velha e que também se tornou médium posteriormente). As irmãs diziam se comunicar – por meio de sons de batidas nos móveis da casa – com um espírito que afirmava ter sido assassinado na casa que elas ocupavam. A história ganhou ampla cobertura da mídia e as irmãs passaram a viajar pelos EUA, apresentando sessões em que se comunicavam com os mortos. Para Oppenheim (1985, p. 10), “em uma atmosfera preparada pelo interesse largamente difundido no mesmerismo e na frenologia, na não ortodoxia religiosa, no misticismo, e no utopismo social, o espiritualismo encontrou uma audiência pronta em numerosas comunidades americanas.”<sup>46</sup>

Muitos outros médiuns surgiram na esteira das irmãs Fox e o espiritualismo aportou na Inglaterra com a chegada da primeira médium profissional (ou seja, que promovia sessões mediúnicas por dinheiro), Sra. Hayden, em 1852 (PALFREMAN, 1979, p. 203). Na década de 1860 houve a chegada em massa de outros médiuns americanos, causando um aumento no interesse pelos fenômenos espiritualistas entre o público britânico. Não apenas a comunicação com os mortos, mas outros fenômenos como a transmissão de pensamentos, a clarividência (obtenção de informação do passado, futuro ou de algum lugar distante, por meios

---

<sup>45</sup> Poder-se-ia traduzir a priori o termo por “pesquisa psíquica”. Entretanto, com perda de exatidão; o termo “pesquisa psíquica” é muito aberto, podendo fazer referência à área maior da psicologia. Em inglês, o termo nasceu para designar o ramo específico de pesquisa dos fenômenos ditos “paranormais” (como a transmissão de pensamentos de mente para mente, por exemplo). Segundo Noonan (1977, p. 11), o termo apareceu pela primeira vez no primeiro volume dos *proceedings* da *Society for Psychical Research* (veículo de comunicação da sociedade). Ressalvas feitas, daqui em diante, para integrar melhor o termo ao português, será usada a tradução pesquisa psíquica.

<sup>46</sup> “*In an atmosphere prepared by widespread interest in mesmerism and phrenology, religious unorthodoxy, mysticism, and social utopianism, spiritualism found a ready audience in numerous American communities*”.

desconhecidos), a escrita automática (o médium escrevia rapidamente coisas da qual não tinha conhecimento anterior), a fala automática (semelhante à escrita automática, mas referente ao discurso falado), a levitação, a materialização completa ou parcial de espíritos, entre outros, tornaram-se frequentes nas sessões mediúnicas. Várias associações espiritualistas foram criadas na segunda metade do XIX, marcadas pelo apelo à cientificidade dos fenômenos. O espiritismo também contou com uma imprensa própria, com periódicos populares contribuindo para a extensão do movimento. Na década de 1860, o movimento já era forte o bastante para se tornar independente do sucesso de médiuns particulares (OPPENHEIM, 1985, p. 10).<sup>47</sup>

Quanto aos cientistas, não houve uma resposta uniforme, com as reações variando em um espectro marcado por duas possíveis posições extremas: Alfred Russel Wallace<sup>48</sup>, naturalista, como convertido e defensor ativo do espiritismo no extremo da credulidade, e o fisiologista W. B. Carpenter como um crítico feroz dos médiuns e espiritualistas em geral no extremo do ceticismo (PALFREMAN, 1979, p. 229). Um dos primeiros cientistas a tentar estudar o fenômeno, mesmo que não a fundo, foi o cético Michael Faraday que, na década de 1850, fez um experimento a respeito das mesas que giravam (o chamado *table-turning*, movimentação de mesas em que as pessoas se davam as mãos, supostamente por ação de espíritos). Ele colocou um topo de mesa que podia ser movimentado em cima de uma mesa comum, observando que o topo sempre se movia antes da mesa sob a influência das mãos das pessoas que estavam sentadas (PALFREMAN, 1979, p. 204). Ele deu o assunto por definido, mas outros cientistas se interessaram por observações e experimentos mais aprofundados. O divisor de águas parece ter sido o respeitado físico William Crookes: suas investigações, na década de 1870, tornaram o

---

<sup>47</sup> O espiritismo, que vingou especialmente nos EUA e Inglaterra, é diferente do espiritismo. O último originou-se na França (com Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec), teve sucesso moderado na Europa Continental e foi mais bem-sucedido em partes da América do Sul. Enquanto ambos incluem a crença na sobrevivência da mente após a morte, o espiritismo se caracteriza pela fé na reencarnação, que não é a norma para os espiritualistas (HESS, 1991, p. 16). Oppenheim (1985, p. 170) identifica o espiritismo como uma espécie de junção entre espiritismo, crenças cristãs e teosofismo. A reencarnação é um princípio espírita incorporado exatamente do teosofismo que, desenvolvido em torno de Helena Petrovna Blavatsky, utilizava vários conceitos vindos do Oriente, particularmente da Índia (o teosofismo ajudou ativamente a criar a imagem do oriente do período).

<sup>48</sup> Wallace converteu-se na década de 1860 e passou a buscar ativamente converter outros cientistas, frequentemente convidando-os a participar de sessões espiritualistas (o fez em relação a John Tyndall, Thomas H. Huxley, G. H. Lewes e W. B. Carpenter). Como outra indicação da relação íntima entre espiritismo, mesmerismo e frenologia, Wallace havia sido, anteriormente à sua conversão ao espiritismo, exposto e se interessado por mesmerismo e frenologia, por meio de palestras de Spencer Hall (PALFREMAN, 1979, pp. 206-8).

espiritualismo uma preocupação de porte para a comunidade científica (PALFREMAN, 1979, p. 201).

O interesse mais aprofundado em pesquisar os fenômenos espiritualistas encarnou-se na *Society for Psychical Research*, criada em Londres em 1882 para o fim específico de estudar tais fenômenos. É a pesquisa psíquica defendida por esta sociedade que está na base do que se chamaria mais tarde de parapsicologia. Antes de que se fale em mais detalhes sobre tal sociedade, contudo, é importante discutir um pouco o importante papel dos céticos e críticos do espiritualismo para a pesquisa dos fenômenos.

De forma geral, a imprensa não comprometida com o movimento espiritualista se referia a tal movimento frequentemente com incomplacência, questionando muitas vezes a capacidade de julgamento, as faculdades críticas e mesmo a honestidade de médiuns e espiritualistas (OPPENHEIM, 1985, p. 48). Os mágicos foram especialmente importantes em contestar os fenômenos mediúnicos. Para estreitar a relação entre shows de mágica e espiritualismo, Oppenheim (1985, p. 24) sustenta a grande probabilidade de que os shows na Inglaterra antes da metade do XIX tenham ajudado a preparar o chão para o espiritualismo (particularmente em sua faceta de entretenimento público por meio dos médiuns profissionais). Os mágicos se caracterizaram, desde a aparição dos primeiros médiuns de sucesso, como grandes expositores de potenciais truques. Maskelyne e Houdini foram dois dos ilusionistas mais célebres a se apresentarem com o intuito de reproduzir por truques de mágica os fenômenos mediúnicos.<sup>49</sup>

Segundo Palfreman (1979, p. 205):

O sucesso financeiro dos médiuns profissionais tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra havia indubitavelmente diminuído em parte o comércio dos mágicos. Era, portanto, muito de seu interesse mostrar que as atividades realizadas por médiuns mentais e físicos tratavam-se somente de truques de mágica. E, de fato, não demorou muito para que os mágicos imitassem livremente muitos, se não a maioria, dos fenômenos produzidos nas sessões espiritualistas.<sup>50</sup>

Entre os cientistas céticos, a reação padrão foi sobretudo o escárnio. As muitas acusações de fraude em relação aos médiuns eram o principal motivo de ceticismo quanto aos fenômenos

---

<sup>49</sup> A importância dos mágicos, embora muitas vezes ignorada, é retomada ativamente por Wellington Zangari, fundador e coordenador do Inter Psi. No terceiro capítulo, observar-se-á como ele utiliza a mágica – sendo ele próprio mágico – como forma de pregar a necessidade de cuidado nas observações de fenômeno e controle em situações experimentais.

<sup>50</sup> “*The financial success of professional mediums both in America and England had undoubtedly taken away some of the trade which magicians enjoyed, it was therefore very much in their interests to show that the activities performed by mental and physical mediums were just conjuring tricks. And indeed it was not long before conjurors were freely imitating many, if not most, of the phenomena produced in the séances.*”

mediúnicos. John Tyndall, Michael Faraday e Lord Kelvin, por exemplo, se caracterizaram como críticos ferrenhos, anunciando que o espiritualismo violava princípios de replicabilidade de experimentos e economia de explicação.<sup>51</sup> Em um momento em que a ciência se profissionalizava, Oppenheim (1985, p. 202) cita o temor do restabelecimento da relação entre ciência e magia e ocultismo (uma separação continuamente feita no XIX) e o temor da vulgarização popular (os espiritualistas acreditavam que a ciência deveria ser aberta à demonstração pública, como já mencionado) como bases da reação desfavorável. Ainda,

(...) comentários denegridores evidenciam a determinação de um grupo cada vez mais profissional de cientistas em proteger seu domínio de impostores e charlatões. As alegações científicas de espiritualistas, como de mesmeristas e frenologistas, ameaçavam zombar do método científico, elas tinham que ser vistas como absurdas, e, portanto, inofensivas, quanto antes possível (OPPENHEIM, 1985, p. 328).<sup>52</sup>

McClenon (1984, p. 6) considera que “esse período foi caracterizado por uma tendência geral dos cientistas céticos de criticar vigorosamente a pesquisa psíquica enquanto se abstinham de se envolver intensamente com a atividade, um padrão que subsiste.”<sup>53</sup>

Entre os cientistas, o interesse dos psicólogos é especialmente importante para a área. Em primeiro lugar, é importante identificar o contexto da psicologia no fim do XIX: tentando se desvincular da filosofia, a psicologia aparecia como uma disciplina nova, prometendo concentrar-se no entendimento da mente humana. Os últimos decênios do XIX, particularmente a partir da década de 1870, viram uma crescente preocupação de estudiosos com a identificação de funções mentais com base em experimentação. Não obstante, a maior parte dos primeiros estudos psicológicos mantinha-se dentro de departamentos de filosofia. Exatamente entre o fim do XIX e início do XX é que foram criados cada vez mais departamentos de psicologia isolados da filosofia.

---

<sup>51</sup> A crítica em relação à não-replicabilidade dos fenômenos e, no período mais experimental da parapsicologia, à não-replicabilidade dos resultados têm acompanhado toda a história da área. Wallace já dizia que os fenômenos espiritualistas não são replicáveis, mas nem todas as ciências apresentam fenômenos que sempre o são. Segundo ele, a replicabilidade não seria um critério importante para definir a validade científica (OPPENHEIM, 1985, p.296). Especificamente sobre a questão da replicabilidade (e de como ela tem sido importante para a parapsicologia), ver Collins (1985).

<sup>52</sup> “(...) *denigrating comments reveal the determination of an increasingly Professional group of scientists to protect their domain from quacks and false practitioners. The scientific claims of spiritualists, as of mesmerists and phrenologists, threatened to make a mockery of scientific method, they had to be rendered absurd, and therefore harmless, as effectively as possible.*”

<sup>53</sup> “*This era was characterized by the general tendency of the skeptical scientists to criticize vigorously psychical research while refraining from becoming deeply involved with the activity themselves, a pattern that persists.*”

A relação entre psicologia e pesquisa psíquica foi complexa porque envolvia uma mistura de interesse e aversão. Muitos dos estudiosos renomados que foram pioneiros no campo da psicologia se interessaram bastante pela pesquisa psíquica. Liébault, Bernheim, Pierre Janet, Charles Richet, Lombroso, Schrenck-Notzing, Flournoy, G. Stanley Hall, William James e Freud foram todos membros correspondentes da *Society for Psychical Research* (SPR) (OPPENHEIM, 1985, p. 245). Entre eles, Charles Richet e William James foram especialmente ativos na área de pesquisa psíquica. Richet deu um nome francês para a área – *Métapsychique* (ou metapsíquica, em português) – e foi, além de investigador de fenômenos espiritualistas, importante como classificador de tais fenômenos. Ele escreveu um tratado, *Traité de Métapsychique*, em 1922, que buscava sumarizar a pesquisa psíquica desde William Crookes até então, detalhando e categorizando os fenômenos para uma audiência que ele queria convencer quanto à realidade ontológica dos fenômenos. William James, por sua vez, teve papel muito importante como pioneiro da psicologia americana. Sua visão de psicologia era abrangente, estabelecendo a necessidade de que toda experiência humana fosse objeto para a área. Assim, tanto funções mentais quanto religião em geral e experiências espiritualistas, por exemplo, estariam inclusas no campo da psicologia. James foi membro fundador da SPR americana (a *American Society for Psychical Research*) e tanto ele quanto Charles Richet foram presidentes da SPR britânica.

Ainda, estudos feitos pelos pesquisadores psíquicos contribuíram diretamente para o desenvolvimento de conceitos da psicologia. De acordo com Sommer (2012, p. 24), os pesquisadores psíquicos iniciaram e organizaram congressos internacionais de psicologia experimental e fisiologia, idealizaram metodologias experimentais inovadoras e contribuíram com uma série de resultados experimentais que testaram com pioneirismo fenômenos como alucinações e dissociações. Mais especificamente, a maior compreensão e utilização prática do estado de hipnose vieram diretamente do estudo do estado de transe mesmérico, que eram objetos da pesquisa psíquica. Edmund Gurney, pesquisador psíquico, foi um dos pioneiros em tais estudos. Também, cada vez mais o conceito de subconsciente é relacionável à pesquisa psíquica, com a identificação da importância da ideia de *subliminal self* (o “eu subliminar”) de Fredrich Myers, também pesquisador psíquico, e dos estudos de dissociação de Pierre Janet por historiadores da psicologia.<sup>54</sup> Para Sommer (2012, p. 24), “embora enraizadas em tentativas de

---

<sup>54</sup> Esse é um ponto feito muitas vezes por Wellington Zangari durante as aulas de PST 5842 - *Experiências Anômalas: Introdução Crítica à Psicologia Anomalística e suas Relações com a Psicologia Social* (sobre as aulas,

testar alegações controversas de telepatia, clarividência e sobrevivência após a morte, essas contribuições enriqueceram o conhecimento psicológico dos anos iniciais de forma bastante independente das evidências ainda altamente questionadas para os fenômenos ‘paranormais’<sup>55</sup>.

Contudo, Oppenheim (1985, pp. 238-9) afirma que “o uso frequente dos termos ‘psicologia’ e ‘psicológico’ por grupos espiritualistas na segunda metade do século XIX deixou cicatrizes na profissão psicológica por muitos anos.”<sup>56</sup> A própria busca da psicologia por se constituir como disciplina isolada ocorreu por meio de muito trabalho de fronteiras, utilizando a expressão de Gieryn. Concepções mais amplas como a de William James perderam espaço para visões mais restritas do que era então visto como próprio à psicologia. Wilhelm Wundt, pai da psicologia experimental alemã, foi ativo na defesa da pesquisa psíquica como não científica como parte de seus esforços para demarcar a psicologia como uma área específica de pesquisa. Discutindo especificamente o desenvolvimento da psicologia americana, Sommer salientou a importância de alunos de Wundt – Hugo Münsterberg, Stanley G. Hall, Edward Titchener e James McKeen Cattell – na oposição à visão de William James de uma psicologia que integrasse a pesquisa psíquica. Para o autor, “a rejeição agressiva da pesquisa psíquica como o ‘outro não-científico’ da psicologia acadêmica, que os oponentes de James entendiam como uma ameaça à racionalidade e à ordem social e científica, foi um princípio unificador vital auxiliando os primeiros psicólogos a conquistarem algo como uma identidade científica.”<sup>57</sup> (SOMMER, 2012, pp. 24-5) A abertura maior dos anos iniciais da psicologia não se estendeu por muito tempo, e, conforme os departamentos isolados de psicologia se constituíram, a pesquisa psíquica foi deixada de lado.<sup>58</sup>

---

ver capítulo 3) e também por Carlos Alvarado em apresentações na 54ª Convenção da PA (em agosto de 2011) e no 10º Seminário do Inter Psi (em setembro de 2011). Estes são os livros mais citados a respeito da relação entre pesquisa psíquica e o desenvolvimento da psicologia mainstream: ELLENBERGER, Henri F. *The Discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. Nova Iorque: Basic Books, 1970; CRABTREE, Adam. *From Mesmer to Freud: magnetic sleep and the roots of psychological healing*. New Haven: Yale University Press, 1993.

<sup>55</sup> “While rooted in attempts to test controversial claims of telepathy, clairvoyance and survival of death, these contributions enriched early psychological knowledge quite independently of the still hotly debated evidence for ‘supernormal’ phenomena.”

<sup>56</sup> “The widespread use of the terms ‘psychology’ and ‘psychological’ by spiritualist groups in the second half of the nineteenth century left scars on the psychological profession for many years to come”.

<sup>57</sup> “(...) the aggressive rejection of psychical research as the ‘unscientific Other’ of academic psychology, which James’ opponents perceived as a threat to rationality and the scientific and social order, was a vital unifying principle aiding early psychologists to achieve something like a scientific identity.”

<sup>58</sup> Noonan chama a atenção para a necessidade de observar-se o papel de diversos grupos, como os espiritualistas, os mágicos, os psicólogos e os médicos, na história da pesquisa psíquica. Em um discurso construtivista, a autora nos impele a considerar que os interesses específicos desses grupos tiveram uma importância que nos obriga a descartar a

### 3.1.1 Society for the Psychical Research

Como já mencionado, William Crookes teve um papel muito importante no desenvolvimento da pesquisa psíquica, chamando atenção dos cientistas para a possibilidade de estudar mais seriamente os fenômenos espiritualistas. Ele era um físico-químico de renome, que havia sido eleito *Fellow* da *Royal Society* em reconhecimento de suas habilidades como experimentador. Ele estudava os fenômenos com experimentos controlados, utilizando o que via como cânones científicos. Na década em que se voltou para os fenômenos, houve um aumento nos efeitos físicos reportados (como a levitação e a materialização de espíritos)<sup>59</sup> e Crookes estudou médiuns famosos que diziam vivenciar tais fenômenos, como D. D. Home (famoso sobretudo por levitações), Charles Williams (que materializava espíritos), Florence Cook (também famosa por materializações, particularmente de um espírito específico que se chamava Katie King) e Eva Fay (em cujas sessões reportavam-se objetos movidos à distância e instrumentos musicais que se materializavam e tocavam sozinhos). Ele também estudou Kate Fox, uma das irmãs Fox (PALFREMAN, 1979, pp. 210-12). Crookes tornou-se o centro de controvérsias porque não apenas estudou os fenômenos como endossou o espiritualismo<sup>60</sup> e a honestidade dos médiuns que observara (que eventualmente, com a exceção de D. D. Home, foram pegos tentando fraudar fenômenos).

Crookes tentou apresentar comunicações sobre suas pesquisas ante a *Royal Society* e a *British Association for the Advancement of Science* (Associação Britânica para o Avanço da Ciência, BAAS), sem sucesso. Ele investigou seriamente durante aproximadamente cinco anos (entre 1870 e 1875), concentrando-se especificamente em suas pesquisas mainstream depois disso (OPPENHEIM, 1985, p. 340).<sup>61</sup> De qualquer forma, o estudo de um cientista de renome chamou a atenção de outros cientistas (Francis Galton, por exemplo, ficou especialmente interessado) e influenciou as perspectivas de alguns que buscaram seguir o tipo de pesquisa que

---

lógica científica como única questão a decidir o futuro da área (NOONAN, 1977, p. 17). Em uma retomada histórica mais voltada para as associações, seria interessante buscar identificar como a pesquisa psíquica interessou ou deixou de interessar grupos distintos, a que elementos os pesquisadores psíquicos buscaram associar-se e como.

<sup>59</sup> Data já do início da *psychical research* uma separação entre fenômenos físicos e fenômenos mentais (como a telepatia, a clarividência, a pré- e a retrocognição).

<sup>60</sup> Oppenheim (1985, p. 343) afirma que, nesse período, assumia-se que os cientistas tinham maior talento para identificar fraudes, devido ao seu treinamento e trabalho corrente em laboratório. Ter um cientista como converso era especialmente importante para os espiritualistas, portanto, como elemento de legitimação dos fenômenos.

<sup>61</sup> Embora não se concentrasse mais em pesquisa psíquica, Crookes manteve interesse no campo e foi, em anos posteriores, eleito membro do conselho, membro honorário e presidente da SPR (OPPENHEIM, 1985, p. 347).



ele estava pondo em prática. Lord Rayleigh, Henry Sidgwick, Fredrich Myers, Edmund Gurney e William Barrett, todos posteriores membros da *Society for Psychical Reserch* (SPR), foram tocados pelo trabalho de Crookes (PALFREMAN, 1979, pp. 213-5). Ele também influenciou o nome da área ao propor que seus experimentos apontavam na direção de uma nova força, a ser chamada de força psíquica (*psychic force*) (PALFREMAN, 1979, p. 213).<sup>62</sup> A área de pesquisa psíquica nascia, assim, no fim do XIX.

Em geral, os cientistas que se interessavam pela pesquisa psíquica o faziam em paralelo a suas áreas originais de pesquisa científica, tal como Crookes. É importante lembrar que nesse período a ciência se profissionalizava cada vez mais, mas subsistiam os cientistas amadores. Nesse meio, a pesquisa psíquica era atividade amadora, mesmo para os cientistas profissionais interessados, que dedicavam seu tempo livre a uma área que não era institucionalizada e não oferecia, assim, meios de sobrevivência ao cientista de tempo integral.

A participação na pesquisa psíquica incluía uma gama variada de posições quanto à religião e à ciência. Entre tais cientistas, encontravam-se tanto defensores abertos e ativos do espiritualismo (como Alfred Russel Wallace, por exemplo) quanto investigadores mais céticos, nunca abrindo mão de uma visão crítica dos supostos fenômenos observados (como o filósofo moral Henry Sidgwick). Entretanto, pode-se oferecer um padrão para os pesquisadores “psíquicos”: eles foram atraídos para o assunto em geral devido a uma crise de religiosidade. A maioria deles era cristã, e eles eram comumente bastante envolvidos com a religião, passando a duvidar dessa mesma religião (ou de dogmas ou tradições institucionais específicos) devido ao treinamento científico. Não satisfeitos, entretanto, com a abordagem materialista cada vez mais difundida para explicar o mundo e o ser humano, encontraram nos fenômenos espiritualistas uma possibilidade de não apenas comprovar que o materialismo não era suficiente para dar conta da complexidade natural e humana, mas também de, mais amplamente, reformar a ciência e conduzir a uma aliança entre ela e a religião. Em questão estava não apenas uma busca por comprovar a imortalidade da alma, mas também uma esperança de compreender melhor os mistérios da mente humana e oferecer um caminho moral seguro para os homens (OPPENHEIM, 1985, pp. 152-4).

---

<sup>62</sup> A conclusão de Crookes de que os fenômenos deviam ser relacionados a uma nova força se assemelha à analogia do mesmerismo com eletricidade que já havia sido feita anteriormente (OPPENHEIM, 1985, pp. 219; 338). Essas explicações representam a tentativa de relacionar os fenômenos não explicados a elementos presentes no discurso científico corrente.

Em 1882 foi formada a *Society for Psychical Research*, na Inglaterra, por um grupo de cientistas dispostos a se dedicar à pesquisa psíquica.<sup>63</sup> A SPR foi criada em um formato comum no XIX, mantendo semelhança com ancestrais diversos: associações espiritualistas; associações anteriores para discutir fenômenos espiritualistas em círculos de Cambridge e Oxford (como a *Ghost Society* de Cambridge e a *Oxford Phasmatological Society*); e clubes de discussão e debate tradicionais nos círculos intelectuais britânicos (como a *Metaphysical Society* e a *London Dialectical Society*) (OPPENHEIM, 1985, p. 121).<sup>64</sup> A sociedade contou com um número grande de espiritualistas entre os fundadores, mas também com uma parcela de céticos. A aliança entre os espiritualistas e os membros mais céticos não era fácil e Oppenheim (1985, p. 141) afirma que um elemento facilitador de tal aliança foi o fato da sociedade nunca ter chegado a conclusões definitivas a respeito dos assuntos investigados. De qualquer forma, para a maior parte dos espiritualistas a SPR era estrita demais em sua abordagem agnóstica, o que ocasionou uma saída em massa dos espiritualistas mais radicais em 1887 (McClenon, 1984, p. 7).

A SPR contou com membros e presidentes de peso na elite acadêmica, política e social (não se tratava de uma sociedade restrita para cientistas, mas de uma sociedade de pesquisa científica aberta para interessados).<sup>65</sup> Isso fez com que as alegações de metodologia científica fossem tratadas com maior respeito pela academia do que as alegações das associações espiritualistas (OPPENHEIM, 1985, p. 135). Mesmo os espiritualistas participantes eram em geral de classe média e superior, com alto grau de instrução formal (OPPENHEIM, 1985, p. 138).

Em 1882, a sociedade contou com aproximadamente 100 membros associados e uma marca de sua aceitação foi o crescimento para aproximadamente 1000 membros em 1900 (NOONAN, 1977, p. 52). A partir daí, os números não mudaram muito, revelando o fim do XIX como o período de nascimento e pico da pesquisa psíquica. A sociedade passou a editar, logo em seu início, o *Journal of the Society for Psychical Research* (JSPR) e o *Proceedings of the Society*

---

<sup>63</sup> Inicialmente, a propulsão veio de William Barrett, que estava estudando transmissão de pensamento (ele havia se interessado pelo assunto por meio do mesmerismo). Ele havia feito uma comunicação à BAAS sobre o assunto em 1876, o que gerara uma certa controvérsia (ele só conseguiu se apresentar devido à intercessão de A. R. Wallace) (PALFREMAN, 1979, p. 214). Sua ideia era que uma sociedade fosse criada para alavancar as pesquisas na área, e ele convocou uma conferência sobre isso na *British National Association of Spiritualists* (Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, BNAS) em janeiro de 1882 (NOONAN, 1977, p. 26). Em 20 de fevereiro era criada a sociedade, em local providenciado pela BNAS (OPPENHEIM, 1985, p. 57).

<sup>64</sup> A *London Dialectical Society* havia até mesmo criado, na década de 1860, um comitê para estudar o espiritualismo (PALFREMAN, 1979, p. 206).

<sup>65</sup> Entre os presidentes, houve cientistas que eram *fellows* da *Royal Society* (como Wallace, Lord Rayleigh, Oliver Lodge e Balfour Stewart), um ex-primeiro ministro da Grã-Bretanha (Gladstone) e um futuro primeiro ministro (Arthur Balfour) (MCCLENON, 1984, p. 7).

*for Psychical Research*. Enquanto o primeiro se caracterizou por ser um periódico especializado na publicação de pesquisas da área, o *Proceedings* assumiu o papel de meio de comunicação entre a direção da sociedade e os membros em geral. Até hoje a sociedade existe e mantém o JSPR como periódico aberto para a publicação de estudos de parapsicologia.

A maioria dos membros não se caracterizava pela pesquisa científica de fato, apenas ocupando o papel de interlocutores interessados em discussões sobre os fenômenos investigados. A pesquisa recaía sobre poucos indivíduos, destacando-se o grupo de Cambridge, organizado em torno de Henry Sidgwick, não só pelas investigações que os membros realizaram, mas também pelo papel de liderança e intermédio entre os grupos mais espiritualistas e os mais céticos da SPR. O grupo manteve-se à frente da sociedade até a morte de Eleanor Sidgwick, em 1936, esposa de Henry Sidgwick (falecido em 1900).<sup>66</sup> Membros afluentes como Sidgwick e Myers tinham condição financeira de subsidiar pesquisas (como o posto de Edmund Gurney, único a manter laço profissional de pesquisa com a SPR), e a sociedade deveu muito à contribuição pessoal deles (OPPENHEIM, 1985, p. 142). Um dos empreendimentos básicos de pesquisa era a realização de sessões espiritualistas com médiuns, muitas delas pagas, de forma a observar os fenômenos em ambiente o mais controlado possível.

A SPR se caracterizou pelo estudo mais concentrado nos fenômenos mentais ligados à mediunidade, em comparação com os fenômenos físicos (já que os últimos eram mais ligados a casos de fraude). Questões como discurso automático (falado ou escrito) e principalmente comunicação telepática (transmissão de informação de mente para mente), englobando a relação entre hipnose e telepatia, foram objetos centrais de estudo. Havia questões essenciais para a área, tais como: qual a distinção entre mente e cérebro?; como funcionam mente e cérebro?; como se define inteligência? (OPPENHEIM, 1985, p. 120).<sup>67</sup> Como já citado, alguns desenvolvimentos notáveis saídos da SPR chegaram à ciência *mainstream*, como os estudos de Myers

---

<sup>66</sup> Eleanor Sidgwick foi presidente da SPR em duas ocasiões (entre 1808 e 09 e em 1932) e era também irmã de Arthur Balfour, presidente da SPR em 1893 e futuro primeiro-ministro da Grã-Bretanha, entre 1902 e 1905. Ver <http://www.spr.ac.uk/main/page/past-presidents-parapsychology> (último acesso: 02 de setembro de 2011).

<sup>67</sup> A SPR foi criada com seis comitês, organizados por temas de pesquisa: leitura de pensamento, mesmerismo, experimentos de Reichenbach, aparições e casas assombradas, fenômenos físicos, e acumulação de informações sobre a história e incidência de ocorrências psíquicas (comitê literário composto por Myers, Gurney e Podmore. Esses três organizaram sob o comitê literário o livro mais famoso publicado pela SPR: *Phantasms of the living*, de 1886, que se ocupou das aparições de pessoas vivas). Sobre os comitês: OPPENHEIM, 1985, p. 141.

(desenvolvendo o conceito de *subliminal self*<sup>68</sup>) e Gurney (que investigou com afincos o mesmerismo, hipnotismo, alucinações e telepatia).

A SPR foi a mais famosa instituição devotada à pesquisa psíquica. Outras existiram, entretanto.<sup>69</sup> O já mencionado Charles Richet foi importante na história do *Institut Métapsychique International* (IMI) da França, sociedade semelhante à SPR e que também era dependente de doações dos membros, organizava colóquios para discussão de tópicos de pesquisa e editava um periódico especializado, o *Revue métapsychique*. O IMI foi criado por um homem de negócios abastado, Jean Meyer (que era espírita kardecista) em 1919. Como a SPR, entretanto, congregava desde espiritualistas convictos a membros mais agnósticos (como Charles Richet). Richet foi importante como porta-voz da pesquisa psíquica na França e manteve ligação com o IMI, mas nunca foi ativo no instituto (Mauskopf & McVaugh, 1980, p. 15). Na própria Inglaterra, foi criado em 1925 o *National Laboratory of Psychical Research* por Harry Price, que acreditava na hipótese espiritualista como explicação para os fenômenos mediúnicos. Na Alemanha, não houve uma instituição específica devotada à pesquisa psíquica, mas é importante notar a presença de Schrenck-Notzing, que realizou diversos experimentos com médiuns e foi um grande nome da área por todo o fim do século XIX e primeiras décadas do XX.

A *American Society for Psychical Research* é especialmente importante para o presente estudo, pois é a partir dela que J. B. Rhine – tido como o pai da parapsicologia – entra de fato para o mundo da pesquisa psíquica. A ASPR foi criada em 1884, como filial da SPR britânica.

---

<sup>68</sup> Myers foi também quem cunhou o termo telepatia, em 1882 (OPPENHEIM, 1985, p. 142).

<sup>69</sup> Em sua apresentação intitulada *Distorting the Past* – publicada como Alvarado (2012) –, na 54ª Convenção da *Parapsychological Association*, o parapsicólogo Carlos Alvarado discutiu algumas revisões da história da parapsicologia feitas por historiadores e por parapsicólogos. Ele apontou alguns problemas com a visão que normalmente se tem do campo, chamando atenção para a necessidade de identificar-se mais o papel dos críticos, dos médiuns e das mulheres para o avanço da parapsicologia. Ele também destacou a importância de assumir concepções datadas como parte ativa da história da disciplina, pedindo para que se reconheça não só sua importância para que melhor se compreenda o pensamento de épocas anteriores, mas também seu papel como predecessoras de concepções subsequentes. De modo especialmente interessante ao tópico aqui em questão, Alvarado apontou a possibilidade do foco usualmente legado à parapsicologia anglo-americana ser reducionista demais. Normalmente os parapsicólogos veem seu campo como originário principalmente da *psychical research* representada pela SPR e pela parapsicologia americana de Rhine (ver sessão seguinte). Alvarado discute que essa genealogia talvez seja menos definidora da parapsicologia em geral quanto costumeiramente se assume, indicando que seria interessante devotar mais atenção às pesquisas de outras localidades. A apresentação de Alvarado foi bastante interessante e muito influenciou o presente capítulo. Contudo, e de forma a aliviar este texto dos possíveis questionamentos, vale notar que este trabalho não se empenha em fazer uma história compreensiva da parapsicologia. O objetivo primordial é compreender a história da parapsicologia melhor para que se possa identificar a genealogia da área como um recurso utilizado por um grupo específico, o Inter Psi, em seu cotidiano como grupo que vivencia a fronteira de demarcação científica. Assim, a história da parapsicologia como ela é tida pelos parapsicólogos em geral é valiosa para o presente estudo. Pouco espaço é dado a outras tradições de estudo psíquico, concentrando as atenções na SPR, sua contraparte americana (ASPR) e a tradição parapsicológica de Rhine.

Segundo Noonan (1977, p. 10), ela contou inicialmente com uma presença forte de cientistas de renome e recebeu mais atenção da elite acadêmica do que a SPR, mas somente durante sua primeira década de existência. Na década de 1890 houve uma queda de participação de cientistas de renome e de *status* da sociedade. Seu objetivo primeiro era repetir os experimentos da SPR (Noonan, 1977, p. 80). De forma semelhante à SPR, seus membros se caracterizavam por uma variedade de posições quanto à realidade e explicação dos fenômenos e tinham a pesquisa psíquica como atividade secundária. De fato, assim como na matriz, poucos membros se ocupavam de pesquisa em si (Noonan, 1977, p. 54).<sup>70</sup> Problemas financeiros fizeram com que a ASPR se juntasse à matriz em 1890, tornando-se uma extensão da SPR. Em 1906, ela foi reestabelecida nos EUA por James H. Hynslop (NOONAN, 1977, pp. 175-6). Na década de 1920, entretanto, houve uma divisão da sociedade e a debandada de uma parte dos membros para uma nova instituição, a *Boston Society for Psychical Research* (BSPR). Nessa década, os membros da ASPR William McDougall e Walter Franklin Prince, oriundos da SPR, começaram um esforço no sentido de estabelecer conexões internacionais para instituir congressos com vistas a fortalecer a pesquisa psíquica. McDougall via como problemas da área a falta de um programa de pesquisa mais ativo e consistente e o isolamento em relação à ciência *mainstream* e acadêmica. A visão de McDougall não era partilhada por muitos dos membros mais ligados ao espiritualismo na ASPR. Além disso, a sociedade já vinha se caracterizando pela corrente espiritualista forte e foi mais e mais se distanciando do mundo acadêmico e, particularmente, da psicologia. McDougall e outros membros saídos da ASPR fundaram, em 1925, a BSPR. McDougall não chegou a ter uma participação ativa na nova sociedade, ocupando-se mais de buscar uma maior integração da pesquisa psíquica ao meio acadêmico (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, pp. 17-21), o que foi de vital importância para o desenvolvimento da parapsicologia (ver próxima sessão).

---

<sup>70</sup> Noonan (1977, p. 54) oferece a cifra de 300 membros nos primeiros dois anos da instituição. A autora argumenta ainda que a participação dos cientistas não significava um compromisso com a pesquisa, já que poucos contribuíam para o trabalho investigativo da sociedade. Antes, significava um empréstimo de status em defesa da ideia de que os fenômenos psíquicos deveriam ser investigados (Noonan, 1977, pp. 57-8). A noção de empréstimo de status cai bem ao analisar-se uma opinião proferida por William James: ele defendia que a escolha do astrônomo Newcomb como primeiro presidente da ASPR tornava mais difícil descreditar a instituição (um cientista que hoje chamaríamos de “duro” daria mais legitimação do que um filósofo, um clérigo, ou um homem de letras, por exemplo) (Noonan, 1977, p. 79).

Por fim, vale considerar a forma com que a pesquisa psíquica foi abordada pela literatura lida. As obras de historiadores, como Oppenheim (1985) e Turner (1978), em geral não perguntam exatamente sobre as fronteiras da ciência, mas sim sobre o papel desempenhado pela pesquisa psíquica (ou o espiritualismo) dentro da cultura em geral. Em obras ligadas a uma abordagem sociológica ou histórica do conhecimento científico, como nos trabalhos de Mauskopf e McVaugh (1980) e Palfreman (1979) (assim como McClenon, 1984 e Collins e Pinch, 1979, no caso da parapsicologia), a área se caracterizou como um exemplo das fronteiras da atividade científica e um estudo de caso sobre como fatores sociais são determinantes na definição do que se estabelece como ciência. Oppenheim, por exemplo, que desenvolveu um estudo muito detalhado do espiritualismo e da pesquisa psíquica britânica, nunca questiona o status de pseudociência da área. Assim como Darnton (1988) em seu estudo do mesmerismo na França pré-revolução, o objetivo é ilustrar como alguns movimentos que se mostram não-científicos em momento posterior são uma alternativa viável às pessoas de um dado contexto histórico. No caso do espiritualismo e da pesquisa psíquica, podemos vê-los como uma fé substituta em um momento de crise espiritual (no mesmo sentido, Darnton acompanha o mesmerismo desde seu aparecimento no século XVIII, como uma alternativa travestida de cientificismo, até o século XIX, em que foi fundido a ocultismos vários em um momento de crise do racionalismo).

Oppenheim situa o florescimento do movimento em um contexto de conflito entre ciência e religião: “na segunda metade do século XIX, nutrido de depósitos ricos de conhecimentos populares tradicionais de épocas passadas, o espiritualismo na Grã-Bretanha floresceu em condições específicas criadas pelas relações tumultuadas entre ciência e religião.” (OPPENHEIM, 1985, p. 27)<sup>71</sup>

A respeito da ciência vitoriana, Frank Turner considera que, a partir da década de 1840, houve mudanças significativas de tamanho, caráter, estrutura, ideologia e liderança no mundo científico que levaram à constituição da comunidade científica como ela é entendida hoje em dia (TURNER, 1978, pp. 361-362). O crescimento da ciência foi significativo o suficiente para que se possa falar de uma veneração vitoriana da ciência (OPPENHEIM, 1985, p. 199). Esse crescimento significou também, entretanto, uma tensão em relação aos conhecimentos tradicionais, particularmente os ensinamentos religiosos: ao passo em que a ciência se

---

<sup>71</sup> “*In the second half of the nineteenth century, nourished on rich deposits of spiritual lore from previous ages, spiritualism in Britain flourished in the specific conditions created by the troubled relations of science and religion.*”

desenvolvia, colocava em dúvida suposições teológicas e partes dos textos bíblicos (TURNER, 1978, p. 357). A ambiguidade da ciência no século XIX passa, assim, pelo misto de confiança pelos seus achados e horror pela possível destruição de crenças tradicionais, principiando uma crise de fé da qual o espiritualismo é representativo (OPPENHEIM, 1985, pp. 1, 200).<sup>72</sup> As relações íntimas entre a ciência e a religião se expõem particularmente na tentativa dos espiritualistas de utilizarem a linguagem da ciência – defendendo que os fenômenos espiritualistas poderiam ser provados – ao mesmo tempo em que combatiam uma abordagem materialista do universo e do homem.<sup>73</sup> O espiritualismo buscava, nesse contexto, um consenso entre a ciência e o cristianismo:

Era um motivo de grande orgulho e satisfação para seus entusiastas que o espiritualismo parecesse resolver o mais agonizante dos problemas vitorianos: como sintetizar o conhecimento científico moderno e antigas tradições religiosas que dizem respeito ao homem, a Deus e ao universo. (OPPENHEIM, 1985, p. 59)<sup>74</sup>

### 3.2 Parapsicologia

Joseph Banks Rhine é usualmente conhecido como o pai da parapsicologia moderna. Não apenas porque foi ele quem começou a usar o termo para descrever sua pesquisa (que ele via como um desenvolvimento da pesquisa psíquica), mas também porque, com ele, a área entrou pela primeira vez em um ambiente acadêmico<sup>75</sup> e contou com um programa mais específico e

---

<sup>72</sup> Para Turner (1978), o conflito entre religião e ciência passava bem além de uma mera discordância quanto a teorias. Embora os achados científicos colocassem ensinamentos religiosos em dúvida, o autor afirma que o conflito não era necessariamente dado, havendo que se observar ainda que muitos cientistas viam os imperativos morais e metafísicos da teologia natural como parte integral de sua vocação e não como influências externas à prática científica (TURNER, 1978, p. 360). Para ele, o conflito entre religião e ciência deve ser visto como parte da história da profissionalização no Ocidente. Ao passo que uma boa parte da comunidade científica continuava influenciada pela teologia natural, um grupo crescente de cientistas passou a criticá-la por considerar que suas limitações epistemológicas constituíam uma barreira ao avanço do empirismo crítico (a começar pelas oportunidades de emprego e acesso a patrocínio, muitas vezes controladas por clérigos).

Essa discussão interessante a respeito do conflito entre a ciência e a religião no XIX tangencia este trabalho, não constituindo seu enfoque. Basta aqui notar que o espiritualismo nasce e se desenvolve em um momento específico da história da ciência, representando as relações íntimas entre ela e outras tradições (especificamente o cristianismo).

<sup>73</sup> Segundo a qual a matéria é a fundação de todo o universo e todos os fenômenos são resultado da interação de matéria com matéria.

<sup>74</sup> *"It was a matter of great pride and satisfaction to its enthusiasts that spiritualism appeared to solve that most agonizing of Victorian problems: how to synthesize modern scientific knowledge and time-honored religious traditions concerning man, God, and the universe."*

<sup>75</sup> Durante toda a existência da pesquisa psíquica, houve acadêmicos interessados na área e, inclusive, os que realizavam pesquisas na área. Entretanto, eles o faziam como pesquisa secundária em relação às cadeiras que ocupavam em suas universidades. Também havia fundos, como o fundo Hodgson em Harvard, que eram doações de indivíduos interessados em pesquisa psíquica para financiar a pesquisa na área. Entretanto, isso não significa a

direcionado de pesquisa. Seu livro de 1934, *Extra-sensory perception*, é tido como uma obra paradigmática da área nascente da parapsicologia.

Mas ele não fez isso sozinho, e certamente não fez isso do nada. É possível tentar compreender a quais elementos Rhine se ligou conforme progrediu em seus estudos do paranormal e uma leitura da bibliografia nos revela muitos indícios de como essas ligações se estabilizaram de forma a ele ser visto como o fundador de toda uma área e, pode-se argumentar, o parapsicólogo mais famoso que já existiu.

Em primeiro lugar, é importante não subestimar o papel de William McDougall, defensor da ideia de que a universidade era o local para se fazer pesquisa psíquica. Ele havia sido professor em Harvard (ocupando a cadeira anteriormente de William James) e, mudando-se para a Universidade de Duke, deu abertura à Rhine para trabalhar com pesquisa psíquica dentro do departamento recém-formado de psicologia (que estava chefiando). McDougall tinha uma concepção mais ampla de psicologia, influenciada por James. Ele buscava compreender a natureza humana em todos os seus aspectos, entendendo a experiência humana como complexa. Crítico da concepção materialista da natureza, acreditava que a pesquisa psíquica poderia oferecer provas da existência de fatos impossíveis de serem compreendidos pelo materialismo. Ainda em Harvard, McDougall esforçou-se para que o fundo Hodgson fosse usado para experimentação em pesquisa psíquica. Embora ele mesmo nunca tivesse se concentrado em pesquisa experimental, via este caminho como uma possibilidade de maior integração ao meio acadêmico (MAUSKOPF; MCVAUGH, 1980, pp. 57-9).

Rhine começou a trabalhar no departamento de psicologia da Universidade de Duke, sob o comando de William McDougall, em 1927. Ele introduziu o termo parapsicologia como uma tradução do alemão, a partir da obra de Max Dessoir<sup>76</sup> e apresentou, em *Extra-sensory perception*, o resultado dos anos iniciais de experimentação com fenômenos parapsicológicos. Devotado ao método experimental, Rhine conduziu diversos testes de adivinhação de cartas com alunos de Duke e apresentou os resultados baseados em estatísticas de probabilidade. Rhine

---

existência de um departamento, um laboratório, ou uma cadeira em pesquisa psíquica. As universidades escolhiam como gastar os fundos (desde uma bolsa por período determinado a um pesquisador até a realização de eventos, como palestras, sobre a área). Rhine trabalhou como pesquisador no departamento de psicologia da Universidade de Duke, onde foi criado o primeiro laboratório de parapsicologia em meio acadêmico.

<sup>76</sup> Dessoir havia proposto o termo em 1889, com vistas a unificar os já existentes “pesquisa psíquica”, utilizado nos países de língua inglesa, e “metapsíquica”, nos de origem latina (VIANA, 2002).



apresentou o termo “percepção extrassensorial” (PES, ou sua contraparte inglesa ESP)<sup>77</sup>, diferenciou os fenômenos deste tipo em clarividência e telepatia, avaliou estatisticamente a probabilidade dos resultados obtidos deverem-se ao acaso e introduziu procedimentos-padrão para as operações presentes nos experimentos (como a apresentação das cartas), além de definir uma terminologia para os procedimentos e os fenômenos estudados.

Para Paul D. Allison (1979, p. 275)

O que Rhine havia apresentado era um projeto para um programa de investigação de longa duração e altamente diversificado, o tipo de programa que poderia ocupar toda uma carreira, ou mesmo muitas carreiras. Ele havia, assim, preparado o solo para uma comunidade de pesquisadores dedicados somente à investigação prolongada e cumulativa de fenômenos paranormais.<sup>78</sup>

Apesar de toda a mudança que é atribuída a Rhine, seu interesse em pesquisa psíquica se desenvolveu de forma bastante similar ao dos pesquisadores da SPR: quando jovem, ele apresentou um forte envolvimento com a religião (era cristão e pensava em dedicar-se à vida religiosa), mas passou por uma crise de fé devido às aulas de ciência na faculdade (MAUSKOPF; MacVAUGH, 1980, p. 71). Inconformado com uma visão puramente materialista da natureza, buscava compreender as questões tradicionais da filosofia e da religião, representadas na questão maior da natureza da vida (MAUSKOPF; MacVAUGH, 1980, p. 72). Formado botânico (ele tinha experiência experimental em botânica, tendo se tornado Ph.D. na área), decidiu, na década de 1920, dedicar-se integralmente à pesquisa psíquica. Tornou-se membro da ASPR e revisor de literatura estrangeira para a sociedade, o que fez com que se familiarizasse bastante com a literatura passada e corrente referente à pesquisa psíquica. Inicialmente, seus interesses de pesquisa se assemelhavam bastante aos clássicos da SPR, com enfoque em sessões mediúnicas. Entretanto, ao participar de sessões com Margery, Rhine saiu convencido de que ela era uma farsante e, assim, afastou-se da ASPR.

McDougall incentivou o trabalho de Rhine em pesquisa psíquica dentro do departamento de psicologia de Duke e ele desenvolveu um programa de pesquisa orientado para a demonstração da existência de fenômenos psíquicos por meio de experimentos de laboratório

---

<sup>77</sup> Mais tarde, Rhine também se devotou ao estudo da influência da mente sobre a matéria, que chamou de psicocinese (PK).

<sup>78</sup> “*What Rhine had presented, in essence, was a blueprint for a long-term and highly diversified programme of investigation, the sort of programme that could occupy an entire career, or indeed many careers. He had thus laid the groundwork for a community of researchers dedicated solely to sustained, cumulative investigation of paranormal phenomena.*”

controlados. Ele entrou em Duke em 1927, começou seu programa de pesquisa em parapsicologia em 1930 e, em 1934, publicou o livro *Extra-sensory perception*, apresentando os resultados dos primeiros anos de pesquisa.

A escolha por fazer um programa de pesquisa devotado à experimentação também tem uma história. Mauskopf e McVaugh (1980, especialmente capítulo 4) dão vários detalhes a respeito da carreira de Rhine que permitem estabelecer as relações que ele travou com conhecimentos de sua época e que tornaram possível a concentração de esforços de pesquisa em experimentalismo. Em primeiro lugar, há que se notar que Rhine tinha experiência experimental em botânica. Ainda, nos três primeiros anos em que ele esteve em Duke – antes de começar sua investigação experimental especificamente em pesquisa psíquica – ele serviu como pesquisador em um projeto de McDougall com experimentos lamarckianos que visavam identificar a transferência para gerações posteriores de características adquiridas. Os experimentos eram feitos com animais de laboratório e apresentavam algumas semelhanças em relação à pesquisa psíquica experimental de Rhine: nem a telepatia nem a transferência de características eram aspectos facilmente identificáveis. Para tanto, era possível usar tratamentos estatísticos para avaliar a diferença entre os resultados observados e os esperados. Também, nos dois casos o sucesso do experimento se daria sem a necessidade de explicar a natureza dos fenômenos (telepatia ou transmissão de características), mas apenas estabelecendo a sua realidade ontológica pelos experimentos. Como outro elemento, é importante notar que o caso Margery deu a Rhine a convicção de que o foco em fenômenos mentais, deixando os casos espontâneos de lado, seria uma atitude mais confiável e de maior credibilidade com relação à pesquisa, evitando, assim, as possibilidades de fraude.

Finalmente, além do interesse de Rhine pela pesquisa psíquica, seu posto como revisor de literatura para a ASPR deu-lhe oportunidade de se familiarizar bastante com as pesquisas anteriormente feitas na área. A pesquisa experimental nunca havia sido padrão para as investigações psíquicas. Para a SPR, a ideia era usar o máximo de meios possíveis para tentar cercar os fenômenos, mas a dificuldade de replicá-los e a hesitação baseada na ideia de que o controle exacerbado poderia impedir com que eles sequer acontecessem tornaram a abordagem “natural-histórica” – baseada mais em coleta de testemunhos e observações dos fenômenos em campo – dominante. Os casos de investigações experimentais, entretanto, existiram. Entre as décadas de 1880 e 1890, houve encorajamento pela SPR de alguns experimentos, mas eles não

deram resultados positivos. Na primeira década do século XX, um engenheiro químico francês chamado René Warcollier (que Mauskopf e McVaugh [1980, p. 29] chamam de ponte entre os estudos experimentais do fim do XIX e início do XX) conduziu experimentos para tentar identificar as condições em que a telepatia ocorreria com mais frequência. Na década de 1920, Ina Jephson, uma das poucas mulheres participantes na SPR, fez uma série de experimentos a respeito de telepatia. S. G. Soal foi outro pesquisador que buscou a experimentação, tentando replicar, sem sucesso, os resultados significativos de Jephson. Mauskopf e McVaugh (1980, p. 38) consideram que seu insucesso teria desencorajado outros pesquisadores ingleses a colocar em prática projetos experimentais. No fim dessa mesma década, V. J. Woolley, também da SPR, buscou fazer um experimento de telepatia/clarividência utilizando o rádio (com transmissão da BBC) e, nos EUA, George Eastabrooks conduziu experimentos de adivinhação de cartas com apoio do fundo Hodgson no fim da década de 1920. O mesmo se deu com Gardner Murphy, um psicólogo que se tornaria bastante renomado, ainda antes de 1920.<sup>79</sup>

O programa de pesquisa de Rhine envolvia, inicialmente, o estudo de telepatia e clarividência e, posteriormente, também o de telecinese. Seu programa era exclusivamente experimental, compondo-se de séries de testes, usualmente de adivinhação de cartas (para telepatia e clarividência) ou de tentativas de influenciar dados (lançados por um mecanismo de aleatorização). Como forma de padronizar os testes, ele utilizava um baralho específico – chamado normalmente de baralho Zener ou baralho ESP<sup>80</sup> – que era composto de cinco naipes de cinco cartas cada, totalizando vinte e cinco cartas por baralho. Os naipes eram compostos por uma imagem simples e única, no centro de cada carta: um círculo, um quadrado, uma estrela, uma cruz e três ondas verticais. De forma distinta das pesquisas com médiuns, ele fez inúmeros testes com pessoas comuns, em geral com alunos da Universidade de Duke. Os números altamente significativos que ele apresentou em relação aos experimentos feitos lhe valeram um sucesso surpreendente, jamais atingido por qualquer investigador anterior de fenômenos

---

<sup>79</sup> No período em que Rhine buscou defender uma parapsicologia experimental científica, Murphy foi um aliado de peso. Embora acreditasse que os métodos de Rhine fossem muito restritos (ele pretendia, por exemplo, que imagens mais complexas, passíveis de análise qualitativa, fossem utilizadas como imagens-alvo de testes de telepatia ou clarividência, enquanto Rhine só utilizava imagens padrão com base em acerto-erro), ele serviu como editor do *Journal of Parapsychology* publicado em Duke e defendia a busca por experimentos replicáveis como forma de convencer os cientistas da realidade dos fenômenos parapsicológicos.

<sup>80</sup> As cartas Zener foram criadas por um colega de departamento de Rhine em Duke, o psicólogo Karl Zener. Não particularmente interessado em parapsicologia, Zener parece não ter feito questão de que a criação das cartas lhe fosse atribuída. O contrário parece ser até mais provável (MAUSKOPF & McVAUGH, 1980, p. 88).

psíquicos. Havia um interesse popular pelas pesquisas de Rhine, com reportagens de jornais e revistas sobre ele. Em 1937, ele chegou a participar de um programa em série de rádio sobre a parapsicologia e as cartas Zener foram até mesmo patenteadas (em nome de Rhine) e vendidas para o público leigo americano. Aproveitando o apelo popular, o segundo livro de Rhine, *New frontiers of the mind*, de 1937, foi claramente mais direcionado ao público leigo, como um esforço de divulgação da parapsicologia (o *Extra-sensory perception* era direcionado ao público da área de pesquisa psíquica) (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 159).

O sucesso de Rhine entre o público leigo está na base de uma controvérsia, envolvendo principalmente psicólogos, entre 1937 e 1938 (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 159). A notoriedade de Rhine gerou, nesse período, uma hostilidade aberta de alguns psicólogos, em um momento em que a parapsicologia de Rhine buscava, mais do que a pesquisa psíquica jamais o fez, aliar-se à psicologia. Mauskopf e McVaugh (1980, p. 94) consideram que Rhine, por volta de 1932, buscou se aproximar mais da psicologia e se afastar da filosofia. Ele passou a usar termos como “cognição extrassensorial” e “percepção extrassensorial” devido a essa tentativa de aproximação (os psicólogos estavam acostumados a lidar com os conceitos de percepção e cognição). A própria denominação usada por Rhine para o campo evidencia uma busca por relacionar a área à psicologia; sua parapsicologia pode ser vista como um exemplo bastante interessante de trabalho de fronteiras: ela é pesquisa psíquica, vem da pesquisa psíquica, dirige seus resultados aos pesquisadores psíquicos, mas busca ao mesmo tempo diferenciar-se da tradição de pesquisa psíquica. O que difere a parapsicologia da pesquisa psíquica é que a primeira é experimental, mais voltada para a comprovação ontológica de fenômenos mentais em ambiente e condições controlados. Como parapsicologia, ela se relaciona intimamente com a psicologia. As próprias pesquisas de Duke incorporavam elementos da psicologia nos procedimentos experimentais, na tentativa de identificar padrões (psico e fisiológicos) que indicassem maior ou menor probabilidade de ESP ou PK em pessoas distintas. Por exemplo, foram feitos testes em que os sujeitos utilizavam cafeína ou outras substâncias (de forma a analisar seu efeito sobre os resultados observados) e nos quais os sujeitos respondiam questionários que pretendiam identificar padrões comportamentais e de personalidade (como a timidez ou a extroversão) que pudessem ser relacionados a escores maiores ou menores nos testes de ESP/PK.

Antes de Rhine alcançar tanta notoriedade, certamente havia psicólogos céticos quanto à parapsicologia, mas foi somente depois de 1937 que as críticas passaram a ser públicas. A crítica

que deu início à controvérsia veio do psicólogo Chester E. Kellogg, que escreveu um artigo para a *Scientific Monthly* em outubro de 1937, especificamente se opondo à grande exposição da parapsicologia na mídia, que fazia com que os tópicos que ela estudava não fossem discutidos internamente, como deveria acontecer. Kellogg escreveu outros artigos e, em resumo, ele e outros psicólogos criticavam a falta de importância dos fenômenos estudados, as técnicas experimentais utilizadas e o tratamento estatístico. As críticas quanto às técnicas experimentais foram apropriadas pelos parapsicólogos. Rhine se esforçou para incorporar novos métodos de controle sugeridos e exigiu dos parapsicólogos atenção para os detalhes dos procedimentos experimentais (quanto ao não vazamento de informações sensoriais, quanto ao registro de resultados, etc.).

As críticas quanto ao tratamento estatístico compõem um tópico especialmente interessante. Kellogg, por exemplo, afirmava que os resultados significativos de Rhine não se manteriam significativos se avaliados corretamente (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 257). Rhine tinha sido bastante econômico nas explicações sobre o tratamento estatístico em *Extra-sensory perception*, mas tomou o cuidado de se aliar a estatísticos profissionais tanto na revisão de seu trabalho quanto para sua defesa nas controvérsias com Kellogg. O imbróglio foi importante para os estatísticos também, que viram as críticas como uma afronta direcionada à sua disciplina (que não se tratava de um campo completamente independente nas primeiras décadas do XX). Dois estatísticos eminentes colaboraram com Rhine nas discussões – Thornton Fry e Edward Huntington; e Huntington, ao consultar Burton Camp, então presidente do Instituto de Estatísticas Matemáticas (criado havia pouco, em 1935), conseguiu de Camp um anúncio à imprensa, que se tornou famoso entre os parapsicólogos. Ele dizia:

As investigações do Dr. Rhine têm dois aspectos: experimental e estatístico. Sobre o lado experimental, matemáticos, é claro, não têm nada a dizer. Sobre o lado estatístico, entretanto, estudos matemáticos recentes estabeleceram o fato que, assumindo que os experimentos tenham sido apropriadamente realizados, a análise estatística é essencialmente válida. Se for para a investigação de Rhine ser atacada com justiça, deve sê-la em outro terreno, que não o matemático. (apud MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 258).<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> “Dr. Rhine's investigations have two aspects: experimental and statistical. On the experimental side mathematicians, of course, have nothing to say. On the statistical side, however, recent mathematical work has established the fact that, assuming the experiments have been properly performed, the statistical analysis is essentially valid. If the Rhine investigation is to be fairly attacked, it must be on other than mathematical grounds.”

Mas não havia uma só visão entre os psicólogos a respeito da parapsicologia. Havia, sim, uma variedade enorme de pontos de vista em relação à própria psicologia, ao que estaria dentro do campo ou fora, ao conceito de ser humano, à ciência e à forma correta de se fazer ciência. As reações não foram homogêneas. Rhine, entretanto, no fim da década de 1940, já havia desistido de tentar integrar a parapsicologia à psicologia. Embora acreditasse que, um dia, psicologia e parapsicologia seriam a mesma coisa, entendia que os psicólogos não estavam prontos para aceitar a parapsicologia como parte de sua área – a psicologia não era aberta e flexível o suficiente para isso (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 241). Aliado a isso, o próprio departamento de psicologia de Duke se ressentia da notoriedade de Rhine, o que contribuiu para que se estabelecesse um laboratório de parapsicologia, ligado a Duke, mas independente do departamento de psicologia, em 1947.

Rhine conseguiu estabelecer o laboratório por meio de doações financeiras. Por um lado, ele se esforçava para incluir a parapsicologia dentro da ciência mainstream, com um programa de pesquisa experimental, com posição acadêmica e publicação especializada (o *Journal of Parapsychology* começou a ser publicado em 1937). Por outro, evidenciava em cartas aos possíveis doadores seu comprometimento com as questões básicas que alimentavam a pesquisa psíquica desde seu início: a natureza da mente e a sobrevivência da consciência após a morte como princípios de investigação. Deixava claro, entretanto, que era preciso focar no que poderia ser conseguido no momento (que era a prova da realidade ontológica dos fenômenos), esperando que algum dia isso pudesse levar a uma pesquisa mais abrangente.

A preocupação de Rhine com as implicações antimaterialistas de seu trabalho se evidenciou mais a partir da década de 1940, quando ele já não se esforçava mais para integrar parapsicologia e psicologia (MAUSKOPF; McVAUGH, 1980, p. 304). A própria independência do seu laboratório em relação ao departamento de psicologia contribuía para um maior isolamento. Na década de 1980, mesmo a relação entre o laboratório e a universidade de Duke foi terminada.<sup>82</sup> Depois de tanto tempo, Rhine havia alcançado fama, mas não viu seu exemplo seguido: a presença da parapsicologia na academia não era maior do que antes, e até mesmo Duke deixava de ter um laboratório específico da área. Durante toda a sua vida, contudo, Rhine não mudou o foco, mantendo um programa de pesquisa bem específico: um programa

---

<sup>82</sup> A parapsicóloga americana Nancy Zingrone, em conversa pessoal, afirmou que o laboratório não era bem quisto pelos psicólogos de Duke. A fama de Rhine fazia com que os psicólogos de lá fossem sempre relacionados a Rhine aonde quer que fossem, o que os envergonhava.

experimental voltado para a comprovação da existência de fenômenos posteriormente chamados psi (não explicados pelas teorias científicas vigentes).

Na década de 1950, ele foi importante como iniciador da ideia de uma associação profissional de parapsicologia – em 1957, foi criada a *Parapsychological Association* (PA, ainda existente hoje como a maior associação de parapsicólogos no mundo)<sup>83</sup> com os objetivos claros de avançar a parapsicologia como ciência, de disseminar conhecimentos sobre o campo e de integrar os achados científicos da área àqueles dos outros ramos da ciência (McCLENON, 1984, p.108). Em 1969, ela se afiliou à *American Association for the Advancement of Science*.

A unidirecionalidade de Rhine em seu programa de pesquisa, no entanto, contribuiu para o que alguns parapsicólogos chamam de “*great leaving*”. Em 1967, houve uma espécie de debandada em massa do laboratório de Duke, com parapsicólogos como Charles Honorton e Robert Morris saindo para buscar outras possibilidades de pesquisar os fenômenos psi. Havia uma insatisfação com o programa estrito de Rhine e uma tentativa de abrir as possibilidades de investigação – como utilizar processos mais qualitativos em testes e reabrir a área para o estudo de fenômenos em campo. O papel de Robert Morris é particularmente importante no contexto posterior da parapsicologia. Na década de 1980, ele assumiu a primeira cátedra de parapsicologia no Reino Unido, a cátedra Koestler na Universidade de Edimburgo. A cátedra Koestler foi criada seguindo o desejo e testamento do escritor Arthur Koestler e sua esposa Cynthia, que morreram em 1983. Várias universidades, como Cambridge e Oxford, se negaram a hospedar o estudo de parapsicologia dentro de seus muros. Em Edimburgo, foi vital o apoio de John Beloff, então professor de psicologia da Universidade de Edimburgo e membro atuante da *Parapsychological Association*. Na universidade, Morris teve a oportunidade de orientar alunos que, posteriormente, se espalharam por universidades. Embora a Universidade de Edimburgo continue sendo única por contar com uma unidade de parapsicologia *per se*, que não apenas faz pesquisa parapsicológica, mas carrega no nome o termo, há alunos de Morris dentro de departamentos de psicologia mas

---

<sup>83</sup> O pequeno número de membros dá indício da dificuldade de se legitimar a área. Hoje em dia, a PA conta com pouco mais de 300 membros plenos ao redor do mundo (a maior parte deles se trata de americanos e britânicos, mas os brasileiros são os mais presentes fora do eixo EUA-Europa).

É importante ressaltar, contudo, que o pequeno número de membros também decorre de uma posição específica da própria PA: ela sempre buscou restringir a associação aos acadêmicos somente, defendendo uma parapsicologia específica: científica e ligada à academia.

Sobre o processo de filiação da PA à AAAS, ver McClenon (1984, pp. 108-21). O autor considera que ela conseguiu se filiar porque havia conquistado um poder político para avançar seus argumentos. Ele destaca, ainda, o papel de influência pessoal exercido por alguns membros da AAAS que apoiaram a filiação (como Margaret Mead e o então presidente do órgão, H. Bentley Glass).

conduzindo pesquisas relacionadas com parapsicologia em diversas universidades – como Chris Roe (professor de psicologia na Universidade de Northampton, no Reino Unido), Etzel Cardenã (professor de psicologia na Universidade de Lund, na Suécia) Deborah Delanoy (professora de psicologia e hoje reitora associada das ciências sociais da Universidade de Northampton) e Peter Lamont (da Koestler Parapsychology Unit da Universidade de Edimburgo). A Europa, com destaque ao Reino Unido, é o maior polo de parapsicologia hoje, ultrapassando os Estados Unidos, devido sobretudo ao chamado “efeito Morris”.<sup>84</sup>

### 3.3 Parapsicologia no Brasil

A parapsicologia foi introduzida no Brasil principalmente por grupos católicos e espíritas e caracterizada pelo embate entre esses dois polos. Zangari e Machado (1997, p. 111) consideram que a disputa entre espíritas e católicos – que teve seu pico entre 1960 e 1980 – deixou sérias consequências na visão que as pessoas têm da parapsicologia: a parapsicologia acabou sendo equiparada à religião pela população em geral, tal relação tornou os parapsicólogos vistos como defensores de um ponto de vista religioso específico; as visões mais científicas tenderam sempre a ser rejeitadas pelo público em geral (acostumado a tratamentos mais místicos dos temas relacionados à parapsicologia), e os cientistas aprofundaram o preconceito contra a área. Os principais representantes dos grupos espírita e católico foram Pe. Quevedo (do lado dos últimos) e Hernani Guimarães Andrade (do lado dos primeiros). Fora desses grupos, a parapsicologia incitou pouco interesse e raras investigações científicas.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> O “efeito Morris” (com ou sem tal denominação) é citado por vários parapsicólogos, como Bauer (2012, p. 9), Cardenã (2012, p. 17) e Watt (2012, p. 64). Parker (2012, pp. 41-2), entretanto, chama atenção para o fato de que os esforços de Morris podem terminar por repetir o que aconteceu na época de Rhine (em que muitos pesquisadores se envolveram com parapsicologia a partir do trabalho dele, e em conexão a esse trabalho, mas isso não significou garantias de emprego em parapsicologia). Ele aponta a psicologia anomalística no Reino Unido como estratégia de manter estudo de parapsicologia e, ao mesmo tempo, produção *mainstream*, mas indica que é difícil seguir esse caminho duplo nas universidades de hoje.

<sup>85</sup> Hess (1990-1991) cita exceções, como a dissertação na psicologia da USP de Adelaide Peters Lessa sobre pré-cognição e pesquisa empírica de Levy Junior sobre telepatia, ambas da década de 1970. Para uma lista mais completa, ver Zangari e Machado (1997). Zangari e Machado salientam que as poucas incursões científicas à parapsicologia, além do pouco número em si, não chegavam ao público. As visões religiosas contavam com uma infraestrutura organizacional e econômica muito maior, o que facilitava mais a divulgação de suas abordagens (ZANGARI; MACHADO, 1997, p. 113).



Durante a década de 1980, o antropólogo David Hess, envolvido com os estudos sociais da ciência e da tecnologia, fez um estudo detalhado sobre o sistema de ciência e medicina desenvolvido pelos intelectuais do movimento espírita brasileiro. No livro que publicou sobre tal estudo (HESS, 1991), fez uma análise da parapsicologia e de como ela era usada tanto por católicos quanto por espíritas para legitimar sua religião e atacar a alheia. Para os parapsicólogos espíritas, muitos fenômenos dizem respeito à atuação de espíritos (como no caso de *poltergeists*, fenômenos chamados usualmente de psicocinese espontânea e recorrente na linguagem da parapsicologia) e o estudo parapsicológico poderia não só ser importante para comprovar cientificamente a sobrevivência da mente após a morte, mas também contribuir para aumentar o status de ciência do espiritismo.<sup>86</sup> Os parapsicólogos católicos, por seu lado, defendiam que os fenômenos são causados simples e somente pela mente humana, dotada de potencialidades ainda não inteiramente descobertas. Para eles, a parapsicologia cuidava do paranormal, que não é mais do que fatos ainda obscuros, a serem compreendidos. Fora disso, havia o sobrenatural, que está além da parapsicologia e de qualquer ciência, que engloba os milagres pelos quais a providência divina influencia o mundo cotidiano.

Para Hess, características tradicionais brasileiras (como o personalismo e uma baixa motivação para pesquisa original), contribuiriam também para que a parapsicologia do país se diferenciasse ainda mais daquela dos Estados Unidos e da Europa. Em tais países, a PA se esforçava para defender estudos em que o pesquisador tivesse o maior controle possível (utilizando, por exemplo, grupos de controle e duplos cegos), para publicar resultados em periódicos especializados, promover congressos profissionais e a prática de revisão por pares. A parapsicologia brasileira, por sua vez, vivia basicamente de livros populares de divulgação (sem qualquer revisão por pares) e traduções de textos da pesquisa psíquica.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> Entretanto, como a parapsicologia ocupa um espaço marginal e heterodoxo no mundo científico, o objetivo de ganhar sanção estatal para a educação parapsicológica tornou-se vital. Até o momento em que Hess escreveu o livro, três propostas de emendas haviam surgido ante a Câmara Federal em favor do ensino de parapsicologia nas escolas médicas brasileiras, todas com um fundo espírita e combatidas pelos católicos (HESS, 1991, pp. 147-8)

<sup>87</sup> A maior exceção parece ter sido o espírita Hernani Guimarães Andrade, reconhecido como um pesquisador detalhista. Apesar de favorecer uma visão espírita dos fenômenos, Andrade se esforçou para levar a cabo investigações cuidadosas, inclusive utilizando técnicas de experimentação e tratamento estatístico de Duke. Ele não concordava, no entanto, com a concentração dos estudos em testes de laboratório, e tornou-se conhecido por fazer pesquisas mais qualitativas, especialmente sobre casos de *poltergeists*. Seu livro *Parapsicologia Experimental* (1984) procura ser uma espécie de manual para pesquisa experimental, e é bastante útil para que se compreenda como eram feitos os testes de telepatia e psicocinese em Duke e como eles chegavam aos valores de significância.

A diferença era aguda o bastante para o próprio Hess, em um artigo para um periódico de parapsicologia, aconselhar os parapsicólogos dos Estados Unidos e da Europa a terem cuidado em relação a colaborações com “parapsicólogos” brasileiros (o autor coloca as aspas). Para ele, talvez não fosse o melhor uso de recursos escassos para pesquisa (Hess, 1990-1991, pp. 53-4). Entretanto, conforme o confronto entre os dois grupos foi esfriando<sup>88</sup>, uma nova abordagem à parapsicologia passou a se desenvolver. Ainda nos anos 1980, a comunidade parapsicológica internacional de fato contribuiu com apresentações no Brasil e estímulo a uma pesquisa mais direcionada para o estilo da PA. Parapsicólogos estrangeiros como Stanley Krippner, Carlos Alvarado e Nancy Zingrone foram atores importantes nesse momento.

Nos anos 1990, espaços para o estudo e pesquisa em parapsicologia, independentes das abordagens católica ou espírita, estavam surgindo. Por exemplo, foi criado o primeiro curso de pós-graduação em parapsicologia no país, na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro e o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas buscou se aproximar mais da PA. Há ainda que se lembrar das Faculdades Biopsíquicas do Paraná (hoje Faculdades Integradas Espíritas), que, apesar de relacionadas ao movimento espírita, ofereciam (e hoje ainda oferecem) curso de parapsicologia em ambiente acadêmico. Em relação à PA: se até 1992 não havia membro algum proveniente do Brasil, em 1996 já se contavam 28 brasileiros nos ranques da organização (ZANGARI; MACHADO, 1997, p. 115).

Nesse contexto, um grupo especialmente interessante surgiu. Especialmente interessante porque é ilustrativo tanto da luta para legitimar a parapsicologia quanto da abertura e dificuldade de definição que o termo permite. Na década de 1990 foi criado o ECLIPSY – Instituto de Investigações Científicas em Parapsicologia. O ECLIPSY era um instituto particular e independente que, com a ajuda e influência pessoal de membros da PA (Zangari e Machado, 1997, p. 117), fez seu caminho para dentro de uma universidade. Posteriormente renomeado Inter Psi, é esse grupo que será seguido no próximo capítulo. Antes, contudo, de descrever e analisar os esforços particulares do Inter Psi para encontrar espaço em ambiente acadêmico e defender a pesquisa científica dos fenômenos paranormais, é preciso discorrer brevemente sobre o

---

<sup>88</sup> Zangari e Machado (1997, p. 112) salientam que a partir da década de 1980 os debates diminuíram e as críticas foram internalizadas nos grupos (como instrução para os já convertidos ao invés de tentativa de conversão de novos adeptos), muito devido à dificuldade de conseguir novos recrutas e ao envelhecimento dos membros mais ativos no embate.

desenvolvimento da psicologia anomalística no Reino Unido, antes desta ser adotada pelo Inter Psi no Brasil.

### 3.4 Psicologia anomalística

Em 1977, o antropólogo e linguista Roger W. Wescott escreveu um capítulo no livro *Extrasensory ecology: parapsychology and anthropology* em que defendeu a importância de estudos na área que ele denominou *paranthropology* (que se pode traduzir como parantropologia), como forma de simplificar o termo *parapsychological anthropology* (ou antropologia parapsicológica). Para o autor, tal área seria uma das possibilidades de estudos psi na academia. Em seu texto, Wescott defendeu que os estudos psi não poderiam se conter dentro de uma só subdisciplina acadêmica, mas que comporiam o que ele chamou de *anomalistics* (substantivo, que podemos traduzir como "anomalística"). Segundo ele, a origem do termo viria do jornalista Charles Fort, embora ele não tenha especificado a fonte. Ainda, ele definiu "anomalística" como "o estudo sério e sistemático de anomalias de qualquer tipo." (WESCOTT, 1977, p. 345)<sup>89</sup>. Anomalia, por sua vez, foi definida como "um fenômeno sem lei; e pode bem ser que não existam fenômenos estritamente sem leis mas apenas fenômenos cujas leis nós ainda não descobrimos." (WESCOTT, 1977, p. 345)<sup>90</sup> Juntando ambas as definições, temos que "a anomalística pode ser redefinida de forma otimista como o estudo dos fenômenos cujas leis ainda estão em processo de serem formuladas." (WESCOTT, 1977, p. 346)<sup>91</sup>

Na década seguinte, os psicólogos americanos Leonard Zusne e Warren H. Jones enxergaram no texto de Wescott uma proposta para usar o termo anomalístico (como adjetivo) como prefixo de qualquer disciplina que lidasse com os chamados fenômenos paranormais (1989 [1980], p. 2). Para Zusne e Jones, fenômenos anomalísticos ou paranormais são aqueles que foram explicados em termos paranormais, supernaturais ou ocultos (que eles integram ao adjetivo genérico "mágico"). Explicitando sua aderência à ciência *mainstream*, os autores sublinham que os fenômenos anômalos não se tratam de fenômenos ontologicamente mágicos, mas apenas tidos como tais. O papel da psicologia anomalística seria oferecer explicações baseadas no

---

<sup>89</sup> "the serious and systematic study of anomalies of whatever sort".

<sup>90</sup> "Literally, of course, an anomaly is a lawless phenomenon; and it may be that there are no strictly lawless phenomena but only phenomena whose laws we have not yet discovered."

<sup>91</sup> "So anomalistics may be optimistically redefined as the study of phenomena whose laws are still in process of being formulated."

conhecimento científico corrente (principalmente psicológico) que dariam conta de esclarecer as causas dos fenômenos sem recorrência a variáveis mágicas (paranormais, supernaturais, ocultas). Assim, a psicologia anomalística nasceu como um exercício de desmascaramento ou desmistificação de hipóteses paranormais.

Embora seu livro tenha sido o primeiro a trazer o termo psicologia anomalística, os autores identificaram perspectivas passadas como exercícios da abordagem que eles propunham. Como exemplos, citaram os experimentos de Benjamin Franklin na Paris do século XVIII que concluíram que o magnetismo animal (mesmerismo) funcionava com base no poder de sugestão; a obra do psicólogo dinamarquês Alfred Lehmann no século XIX que explicou muitos fenômenos anômalos como erros de observação; a obra do psicólogo Joseph Jastrow em fins do XIX e início do XX que combateu o espiritualismo, a teosofia, a pesquisa psíquica e a parapsicologia alegando que os fenômenos espiritualistas podiam ser explicados por efeitos psicológicos (como irracionalidade, delírio e *wishful thinking*); e o livro *The psychology of anomalous experience*, lançado em 1972 pelo psicólogo Graham Reed e que buscava exatamente explicar fenômenos usualmente tidos como anômalos (como o efeito chamado *déjà vu*) por meio do conhecimento psicológico em curso.

Além disso, os autores deixaram claro a posição da psicologia anomalística dentro do mapa cultural, para utilizar a expressão de Gieryn, em relação à psicologia e à parapsicologia. Ao passo em que psicologia anomalística e parapsicologia compartilham do mesmo objeto de estudo, são áreas completamente distintas. Na pesquisa paranormal, o pesquisador normalmente é propenso a acreditar em explicações baseadas em algum tipo de energia ou força não reconhecidas pela ciência e normalmente apresenta uma visão dualística de mundo que deseja validar por meio de achados de pesquisa. Já o pesquisador anomalístico tem como base “uma das ciências estabelecidas, e o fenômeno anomalístico é investigado e classificado dentro de uma ou outra rubrica de tal ciência” (ZUSNE e JONES, 1989: 1980, p. 9).<sup>92</sup> A parapsicologia é ainda delimitada como excluída da área psicológica:

Embora a parapsicologia tenha a palavra psicologia em seu nome, ela nunca foi parte da psicologia, e a parapsicologia nunca exerceu influência crucial na psicologia. Por outro lado, se à telepatia e outros fenômenos tais é atribuído até mesmo o mais tênue *status* de hipóteses improváveis, essas hipóteses claramente

---

<sup>92</sup> “The home base of an anomalistic researcher is one of the established sciences, and the anomalistic phenomenon is investigated and subsumed under one or another rubric of that science.”

dizem respeito a temas que são de natureza psicológica e, portanto, devem ser testados por psicólogos. (ZUSNE e JONES, 1989:1980, pp. 5-6)<sup>93</sup>

Foi exatamente o termo psicologia anomalística que o psicólogo Chris French escolheu para nomear um departamento novo e dedicado ao estudo de fenômenos anômalos na Universidade de Londres, Goldsmiths, no ano 2000. Em entrevista para esta tese,<sup>94</sup> French explicou o uso do termo sem demonstrar um alinhamento específico a Zusne e Jones, mas reconhecendo a eles o pioneirismo do termo. Ao ser perguntado sobre de onde veio a ideia para o nome da área, assim respondeu:

Eu estava ficando um pouco farto de vir com um monte de "bem, eu estou interessado na psicologia das experiências alegadamente paranormais e crenças relacionadas" e eu queria um jeito mais rápido de dizer isso. Olhando em volta, quero dizer, eu não inventei o termo psicologia anomalística. Acho que os primeiros a usarem foram Zusne e Jones. Mas realmente era o melhor [termo]. Eu não penso de forma alguma que é ideal. Porque o que acontece agora é, bem, tem mudado um pouco, mas o que aconteceu por um bom tempo é que as pessoas diziam "qual sua área de pesquisa?" e eu dizia "psicologia anomalística" e eles diziam "que diabos é isso?" e eu dizia "é a psicologia das experiências alegadamente paranormais e blá, blá, blá". Mas novamente, porque o termo está se tornando mais familiar, está se tornando mais amplamente utilizado, acho que estamos chegando ao ponto em que certamente muitos alunos de psicologia e pessoas trabalhando com psicologia não precisariam que se explicasse o termo para eles, eles entenderiam do que se trata.<sup>95</sup>

Na mesma entrevista, French descreveu o início da psicologia anomalística no Reino Unido como um projeto *"one-man band"*, ou um projeto de um homem só, com a unidade de pesquisa que ele abriu – Anomalistic Psychology Research Unit (Unidade de Pesquisa em Psicologia Anomalística) – sendo composta permanentemente só por ele até pouco tempo atrás, quando Gustav Kuhn foi nomeado professor ligado à unidade como psicólogo especialista em

---

<sup>93</sup> *"Even though parapsychology has the word psychology in its name, it has never been part of psychology, and parapsychology has not exercised any major influence on psychology. On the other hand, if telepathy and other such phenomena are granted even the most tenuous status of unlikely hypotheses, these hypotheses clearly concern subject matters that are psychological in nature and therefore ought to be tested by psychologists."*

<sup>94</sup> Entrevista realizada na Universidade de Londres, Goldsmiths, em 08 de maio de 2014.

<sup>95</sup> *"I was getting a little bit fed up of coming out with a mouthful of 'well, I'm interested in the psychology of ostensibly paranormal experiences and related beliefs' and I wanted a shorthand way of saying that. Looking around, I mean, I wasn't, I didn't invent the term anomalistic psychology, I think the first people to use it were Zusne and Jones, but that really was the best. I don't think it's ideal by any means. Because what happens now is, well it's changed a little bit, but what happened for a very long time is people would say 'what's your research area' and I would say 'anomalistic psychology' and they'd say 'what the hell is that?' and I'd say 'it's the psychology of ostensibly paranormal experiences and blah blah blah' but again (...) because the term is becoming more familiar, is becoming more widely used, I think that we are getting to a point now where certainly a lot of psychology students and people working in psychology would not need the term explained to them, they'd know what it was about".*

mágica/ilusionismo. Mesmo com esse aparente isolamento, a psicologia anomalística tem dado sinais de uma institucionalização crescente (como demonstra o fato de ser, desde 2009, disciplina eletiva dos *A Levels*). um livro introdutório sobre a área foi lançado em 2010 (HOLT et al, 2010) e outro em 2014 (FRENCH e STONE, 2014). Co-escritos por French, o primeiro é mais voltado para o público prestes a prestar os A-Levels e o segundo mais voltado para o público já acadêmico. French teve a oportunidade de apresentar a área em periódico de psicologia (*The Psychologist*, ver FRENCH, 2001) e num dos jornais britânicos de maior circulação no mundo (*The Guardian*, ver FRENCH, 2009). E a escolha por outros grupos de adotarem o nome (como o Inter Psi no Brasil) demonstra a propagação, ainda que discutivelmente lenta, da área.

O website da unidade assim define a psicologia anomalística:

Essa área de estudos busca explicar crenças paranormais e relacionadas e experiências alegadamente paranormais a partir de fatores psicológicos e físicos conhecidos (ou conhecíveis). É direcionada a entender experiências bizarras que muitas pessoas têm, sem assumir que há qualquer coisa de paranormal envolvida. Embora a psicologia, a neurologia e outras disciplinas científicas sejam ricas em modelos explanatórios de experiências humanas de muitos tipos, tais modelos são raramente extrapolados de forma a buscar explicar experiências estranhas e incomuns. A psicologia anomalística procura fazer exatamente isso.<sup>96</sup>

Embora o objetivo da psicologia anomalística se adeque à visão de Zusne e Jones – explicar experiências anômalas a partir de conhecimento científico corrente e sem assumir a existência ontológica de fenômenos paranormais – a demarcação da área em relação à parapsicologia é diferente na visão de French. Ele explica que “embora a psicologia anomalística adote a hipótese de trabalho de que as forças paranormais não existem, ela abre a possibilidade de essa suposição poder estar errada.” (FRENCH, 2011, p. 356)<sup>97</sup> E ainda:

Simplemente não é verdade que parapsicólogos são todos amadores quanto a planejamento experimental. Muitos dos projetos experimentais mais sofisticados dentro da parapsicologia facilmente não devem nada aos melhores estudos psicológicos. Além do que, alguns parapsicólogos parecem produzir evidências que endossam a existência de forças paranormais mesmo a partir de tais

---

<sup>96</sup> *This area of study attempts to explain paranormal and related beliefs and ostensibly paranormal experiences in terms of known (or knowable) psychological and physical factors. It is directed at understanding bizarre experiences that many people have, without assuming that there is anything paranormal involved. While psychology, neurology and other scientific disciplines are rich with explanatory models for human experiences of many kinds, these models are rarely extrapolated to attempt to explain strange and unusual experiences. Anomalistic psychology attempts to do just that.*

<http://www.gold.ac.uk/apru/what/>. Último acesso: 08 de junho de 2014.

<sup>97</sup> *Although anomalistic psychology adopts the working hypothesis that paranormal forces do not exist, it allows for the possibility that this assumption might just be wrong.*

experimentos aparentemente bem controlados. Ou esses achados deveriam ser aceitos como reais ou os críticos deveriam buscar especificar as falhas metodológicas sutis que estão produzindo esses resultados enganosos. Essa não é uma tarefa fácil, e quaisquer lições aprendidas dessa forma certamente beneficiarão a parapsicologia e a psicologia. (FRENCH, 2011, p 357)<sup>98</sup>

Diferente de Zusne e Jones, a psicologia anomalística que French defende não é totalmente diferente da parapsicologia. Além do reconhecimento de French de que a parapsicologia pode ser uma área séria de estudos, há uma relação íntima entre as duas áreas. Ao passo em que achados de psicologia anomalística podem testemunhar contra hipóteses paranormais, French mantém a possibilidade de que explicações não paranormais para fenômenos anômalos não sejam encontradas. Nesse caso, haveria um endosso implícito da realidade ontológica de tais fenômenos. Entretanto, ele sublinha que explicações não paranormais só podem ser encontradas caso se procure por elas. (FRENCH, 2011, p. 357).

Assim, French defende a existência de sua área ao observar a inadequação de críticas à parapsicologia. Para ser um bom cético, ele considera necessário buscar explicações para as experiências, não apenas apontar possibilidades de fraudes em experimentos. Além disso, a alta incidência de crenças e experiências anômalas na população em geral indica que o tema é de importância para a ciência.<sup>99</sup> Se houver de fato fenômenos paranormais, a ciência precisa reconhecê-los. Mas se as experiências anômalas puderem ser em sua totalidade explicadas por fatores psicológicos e físicos conhecidos, isso significaria um considerável aprofundamento de nosso conhecimento a respeito da mente humana.

A propagação do termo psicologia anomalística se deve, em parte, à sua adoção por uma parcela dos pesquisadores ligados à parapsicologia, assim como sucedeu no caso do Inter Psi. Por exemplo, dos quatro autores do livro introdutório à psicologia anomalística, *Anomalistic psychology* (Holt et al., 2012), apenas Christopher French não é filiado à *Parapsychological*

---

<sup>98</sup> *It is simply not the case that parapsychologists are all amateurs when it comes to experimental design. Many of the most sophisticated experimental designs within parapsychology are easily on a par with the best psychological studies. Furthermore, some parapsychologists appear to produce evidence in support of the existence of paranormal forces even from such apparently well-controlled experiments. Either such findings should be accepted at face value, or critics should attempt to specify the subtle methodological flaws that are producing the misleading results. This is not an easy task, and any lessons learned in this way will certainly benefit both parapsychology and psychology.*

<sup>99</sup> Holt et al. (2010, p. ix) por exemplo, apontam que 73% dos norte-americanos acreditam em pelo menos um tipo de fenômeno paranormal e 66% dos cidadãos americanos e 44% dos residentes britânicos reportam terem tido ao menos uma experiência paranormal. Machado (2010) encontrou o valor de 82,7% de pessoas que disseram terem tido ao menos uma experiência anômala em estudo baseado em questionários com 306 respondentes na área da Grande São Paulo.

*Association* (e David Luke foi presidente da associação entre 2011 e 2012). O termo tem sido utilizado por alguns parapsicólogos como congruente ao nome parapsicologia. Ou as áreas são vistas como intercambiáveis ou justapostas o suficiente para permitir que pesquisadores utilizem ambas as nomeações para caracterizar seu trabalho.

Em entrevista para esta tese, Chris Roe – professor do departamento de psicologia da Universidade de Northampton e membro da PA – disse a respeito de parapsicologia e psicologia anomalística: “Eu usaria esses termos de forma intercambiável. E também tenderia a usar parapsicologia e psicologia transpessoal como amplamente similares, mas com uma ênfase diferente.” Ele completou: “Eu acho que, politicamente, você tem que trabalhar com qualquer termo que funcione melhor em um dado contexto,” deixando claro que mudar de nome não muda o que se faz, mas pode ajudar em determinadas situações.

David Luke, membro e presidente anterior da PA e professor do departamento de psicologia da Universidade de Greenwich, por sua vez, sustenta que parapsicologia e psicologia anomalística não são a mesma coisa, mas que existe uma grande sobreposição entre as áreas. A diferença seria a suposição apriorística, no caso da psicologia anomalística, de que é possível explicar os fenômenos paranormais por meio do conhecimento psicológico corrente. Ao ser perguntado sobre seu próprio trabalho, ele afirmou que faz as duas coisas, psicologia anomalística e parapsicologia.<sup>100</sup>

Concatenando as duas posições anteriores, Caroline Watt, da Koestler Unit of Parapsychology da Universidade de Edimburgo, afirmou que os termos não são completamente intercambiáveis: “Eu acho que os psicólogos anomalísticos geralmente não testam a hipótese psi<sup>101</sup>, enquanto os parapsicólogos testam a hipótese psi e olham para as experiências e crenças paranormais.”<sup>102</sup> Entretanto, assinalou que Chris French, por exemplo, que é um psicólogo anomalístico, orientou trabalhos de alunos que testaram a hipótese psi. Para ela, contudo, os termos acabam sendo usados intercambiavelmente devido à situação cultural da parapsicologia:

---

<sup>100</sup> Entrevista conduzida na Universidade de Northampton, em Northampton, Reino Unido, onde Luke foi convidado a dar uma palestra, no dia 30 de abril de 2014.

<sup>101</sup> Hipótese psi é um termo comum entre parapsicólogos que indica a hipótese de que fenômenos paranormais sejam causados por algum tipo de força não reconhecida pelo conhecimento científico corrente.

<sup>102</sup> Entrevista realizada na Universidade de Edimburgo no dia 19 de maio de 2014.

*“I think that anomalistic psychologists generally don't test the psi hypothesis whereas I think that parapsychologists test the psi hypothesis and look at paranormal beliefs and experiences.”*



Eu acredito que na prática as pessoas têm usado o termo psicologia anomalística porque ele evita as conotações negativas que vão com a palavra parapsicologia e eu sei que vários parapsicólogos têm adotado termos diferentes, como cognição anômala, de forma a evitar a palavra psi ou para evitar a palavra parapsicologia porque tem uma bagagem relacionada a ela. (...) Eu não acho que existe qualquer necessidade intelectual de se fazer uma distinção entre parapsicologia ou psicologia anomalística, mas pode existir uma necessidade cultural ou uma necessidade da sociologia da ciência. Alguns pesquisadores sentem que são prejudgados se eles usarem o termo parapsicologia.<sup>103</sup>

Essa variação nas definições de psicologia anomalística quanto à relação com a parapsicologia – seriam a mesma coisa ou não? – torna-se mais visível se compararmos este trecho do livro *Anomalistic psychology* (HOLT et al., 2012) com os excertos de entrevista acima:

Essas abordagens, de psicologia anomalística, parapsicologia e psicologia transpessoal, têm antecedentes históricos diferentes e refletem formas diferentes de pensar sobre as experiências anômalas. A psicologia anomalística tem sua raiz na psiquiatria e no modelo médico, tais como o trabalho sobre alucinações e delírio de Pierre Janet (1859-1947) (...), assim como a psicologia da superstição (...). A parapsicologia tem sua raiz na formação da *Society for Psychical Research* (SPR) em 1882 por um grupo de estudiosos de Cambridge. A psicologia transpessoal saiu da psicologia humanista, como o trabalho de Abraham Maslow (1971) sobre crescimento pessoal e experiências culminantes (...). Entretanto, tomadas de forma mais abrangente, essas três abordagens formam parte de um mesmo campo, e tanto a parapsicologia quanto a psicologia transpessoal podem ser vistas como subdisciplinas da psicologia anomalística. (HOLT et al., 2012, p. 8)

Essa definição marca a diferença entre parapsicologia e psicologia anomalística ao passo em que identifica a primeira como contida na segunda. De certa forma, é o contrário da visão de Caroline Watt e Chris Roe, ambos demarcando a parapsicologia como mais ampla do que a psicologia anomalística. No caso de Watt, a parapsicologia é vista de forma abrangente, seguindo a visão de Robert Morris: “Bob tinha uma visão mais ampla da parapsicologia e (...) envolveria bem mais do que a psicologia anomalística nesse respeito, porque ela também olharia para as crenças e experiências paranormais.”<sup>104</sup> No mesmo sentido, Roe afirma que “a parapsicologia diz

---

<sup>103</sup> “I believe in practice people have used the term *anomalistic psychology* because it avoids the negative connotations that go with the word *parapsychology* and I know several *parapsychologists* have adopted different terms like *anomalous cognition* in order to avoid the *psi* word or to avoid the *parapsychology* word because it has baggage attached to it. I don't think there's any intellectual need to make a distinction between *parapsychology* and *anomalistic psychology* but there may be a cultural need or a sociology of science need. Some researchers feel that they get prejudged if they use the term *parapsychology*.”

<sup>104</sup> “Bob took a broader view of *parapsychology* and (...) it would involve a lot more than *anomalistic psychology* in that respect because it would also look at *paranormal beliefs and experiences*.”

respeito a entender explicações normais que podem ser aplicadas. O que acontece é que não diz respeito só a isso.”<sup>105</sup>

Assim, há uma miríade de posições quanto à definição de psicologia anomalística, e as variações dizem respeito em grande parte à definição de parapsicologia que é adotada. Se a parapsicologia é vista como essencialmente um campo que testa a hipótese psi, ou seja, que busca comprovar a existência ontológica de alguma força ainda não explicada pela ciência corrente, então psicologia anomalística é algo diferente. Se a parapsicologia for vista de forma mais abrangente, como uma área que também se ocupa de experiências e crenças paranormais e como as pessoas lidam com elas, então a psicologia anomalística pode ser vista como contida na parapsicologia. Há também variações quanto à parcial ou total sobreposição entre os termos.

Essa variação não é algo incomum na ciência e não deve ser encarada como um sinal de que há falta de consenso ou retidão epistemológica dentro das áreas de parapsicologia e psicologia anomalística. Seguindo o trabalho de Gieryn, podemos ver a definição de qualquer área como um trabalho de fronteiras que é feito às custas de muitas negociações diferentes. O que é interessante no caso da psicologia anomalística é que sua história está no início: é possível acompanhar de que forma os limites da área são negociados conforme ela vai se espalhando a partir de seus primeiros passos.

Um dos custos da maior propagação da área é um controle menor a respeito de seus limites. Quando a psicologia anomalística só existia como nome de grupo de estudos dentro da Universidade de Goldsmiths, Chris French podia se dar ao luxo de defini-la da sua forma. Conforme ela foi adotada por grupos diferentes, sua definição também passou a ser trabalho desses novos grupos. Negociações devem sempre ocorrer para que se mantenha uma unidade, mas é preciso que se abra espaço para as contribuições de forma ao termo ganhar força. O que temos é um exemplo de tradução, em que o termo muda de sentido com cada nova conexão feita.<sup>106</sup>

Nesse caso, há que se pensar nos custos a serem pagos. Para French, ver o termo ser utilizado por parapsicólogos como sinônimo de parapsicologia é algo com o qual “ele pode conviver”: “Eu posso conviver com isso. Eu sinto que a maior parte das universidades, a maior parte das organizações de financiamento, de forma certa ou errada, são provavelmente mais

---

<sup>105</sup> “*Parapsychology is about understanding normal explanations that might apply. It's just that it's not only about that.*”

<sup>106</sup> Sobre o conceito de tradução, ver LATOUR (2005, pp. 106-9).

simpáticos à psicologia anomalística do que à parapsicologia.” Mesmo mantendo uma visão mais crítica em relação aos achados da parapsicologia e se caracterizando por um trabalho que busca explicar as experiências paranormais como de fundo psicológicos (erros de memória, auto-ilusão, etc.), o reconhecimento de que a parapsicologia pode ser um estudo sério mas que passa por dificuldades mais sérias para se institucionalizar abre as portas para *joint-ventures* (como o livro escrito com parapsicólogos) e abre o caminho para uma adoção mais ampla do termo psicologia anomalística.

O capítulo seguinte focará no Inter Psi e seu uso da psicologia anomalística; então, será possível ter uma ideia de como os limites da área têm sido negociados no Brasil.



#### **4. INTER PSI – A PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA NO BRASIL**

Para compreender de que forma o Inter Psi procura legitimar seu estudo do paranormal, é preciso entender do que se trata o grupo. Para isso, cabe situar o Inter Psi em seu contexto histórico – o que foi iniciado no capítulo anterior – e identificar de que forma o grupo produz conhecimento. Em outras palavras, é preciso perguntar que tipo de laboratório é o Inter Psi e que conhecimento é produzido por ele. Depois disso, é necessário identificar as estratégias específicas pensadas e seguidas pelo grupo de forma a institucionalizar sua área de pesquisa. Essas estratégias envolvem uma análise por parte do grupo do seu contexto e uma busca por encontrar para o Inter Psi um nicho acadêmico específico que permita a continuidade de um programa de pesquisa a respeito de fenômenos, experiências e crenças paranormais.

Este capítulo faz uma narrativa da trajetória, atividades e estratégias do Inter Psi com base em dados de pesquisa obtidos pela observação participativa do grupo e pela leitura de suas obras acadêmicas.

##### **4.1. Um Laboratório de Fronteiras**

Conforme exposto no capítulo anterior, O Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais – é a encarnação atual de um grupo de pesquisas que nasceu como ECLIPSY – Instituto de Investigações Científicas em Parapsicologia, instituto particular e independente criado por Wellington Zangari e um seu amigo em 1984, em São Paulo, capital.

Após entrar na Faculdade Anhembí-Morumbi (hoje Universidade Anhembí Morumbi, Unam) como professor, em 1991, Wellington Zangari e Fátima Machado realocaram o ECLIPSY para dentro da universidade. Em 1994, modificaram o nome do grupo para InterPsi – Instituto de Pesquisas Interdisciplinares das Áreas Fronteiriças da Psicologia. O objetivo principal do grupo, como ECLIPSY e InterPsi, era estudar de forma interdisciplinar anomalias psicológicas, divididas em quatro grupos de pesquisa: experiências e fenômenos parapsicológicos; os chamados tratamentos alternativos; estados alterados de consciência; e simbolismo religioso e

psicologia. Para a realização de estudos, o grupo contava com um laboratório Ganzfeld<sup>107</sup> e, como parte de suas atividades naquele momento, editou a Revista Brasileira de Parapsicologia (ZANGARI e MACHADO, 1997), que teve início em 1992 e contou com quatro números publicados.

Segundo Zangari e Machado (1997), a Faculdade Anhembí Morumbi foi a primeira instituição de ensino superior não religiosa a parcialmente apoiar o estudo de psi no Brasil (tornando disponíveis alguns recursos, que eles não especificam). Ainda segundo os autores, a integração à universidade só foi possível devido à ajuda e influência pessoal de membros da *Parapsychological Association*. Eles permaneceram na Anhembí Morumbi até 1995, quando o InterPsi voltou a ser um grupo independente. Em 1998, Wellington Zangari e Fátima Machado receberam o prêmio *Gertrude Schmeidler Student Award* (pensado como incentivo a jovens pesquisadores). Em 1996, Machado havia concluído seu mestrado em ciências da religião na PUC-SP, intitulado *A causa dos espíritos - um estudo sobre a utilização da parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil* e Zangari havia defendido seu mestrado na mesma área e instituição, com o título de *Parapsicologia e religião: um estudo da importância das experiências parapsicológicas para uma análise mais abrangente dos fenômenos religiosos*.

A partir de 1999, o Inter Psi esteve situado na PUC-SP, com outro nome: Inter Psi: Grupo de Estudos de Semiótica, Interconectividade e Consciência. O grupo se realocou na PUC devido à entrada, em 1999, de Fátima Regina Machado como pesquisadora e posteriormente professora da área de comunicação e semiótica. Na PUC, o Inter Psi esteve integrado ao Centro de Estudos Peirceanos, por sua vez parte do programa de pós-graduação em comunicação e semiótica.

A abertura da PUC ao grupo se deveu à influência pessoal de Lúcia Santaella, professora da área de semiótica e orientadora de Fátima Machado no seu primeiro doutorado, concluído em 2003 na PUC. O apoio de Santaella ao estudo acadêmico de assuntos ligados à paranormalidade se revela em sua orientação da tese de Machado (intitulada *A ação dos signos nos poltergeists: estudo do processo de comunicação dos fenômenos poltergeist a partir de seus relatos*) e no apoio à criação do grupo de estudos Inter Psi dentro do Centro de Estudos Peirceanos. Na PUC, o grupo se organizou com o objetivo de desenvolver a parapsicologia no Brasil, editou a Revista

---

<sup>107</sup> Proveniente da gestalt, a técnica ganzfeld consiste em uma série de procedimentos que buscam um estado alterado de consciência (como ruído branco e relaxamento). Os experimentos em relação à parapsicologia visam observar se tal técnica aumenta os casos de acerto em testes de telepatia e clarividência.

Virtual de Pesquisa Psi e manteve o website Portal Psi, que contava com textos sobre psicologia e um fórum aberto com pouco menos de cinquenta participantes.

A partir de seu ingresso na USP como professor doutor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Zangari propôs a abertura de um grupo de estudos de psicologia anomalística, que foi aceito pelo departamento em 2009 e, após aceite pela congregação do Instituto de Psicologia, abriu suas atividades em 2010. Assim, o Inter Psi se relocou – pela, até aqui, última vez – para uma nova casa, sob o nome atual de Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais.

Antes de o Inter Psi se colocar como um grupo especificamente de psicologia anomalística, o que aconteceu somente depois de sua entrada na USP, Zangari e Machado foram muito participativos no campo de parapsicologia/pesquisa psi.<sup>108</sup> Essa participação incluía pensar sobre os rumos da parapsicologia brasileira, colocar-se no campo como pesquisadores ativos e buscar defender uma visão específica de como a parapsicologia deveria ser. Em 1997, por exemplo, escreveram um artigo para o *Journal of the American Society for Psychical Research* (“*The Adolescent Science: Parapsychology in Brazil*”) em que descreviam a parapsicologia brasileira como uma ciência ainda sem identidade, buscando desesperadamente a aceitação acadêmica. Neste mesmo artigo, mostraram não apenas comprometimento com a maturação científica da parapsicologia brasileira, como também adicionaram o Inter Psi à área como um dos sinais das mudanças ocorridas a partir dos anos 1980 (que teriam dado um tom mais científico ao campo no país).<sup>109</sup>

No decorrer deste capítulo, buscar-se-á demonstrar que a passagem do Inter Psi de um grupo de parapsicologia para um de psicologia anomalística não se trata de um movimento de quebra com a tradição anterior, mas sim de uma busca por negociar o significado de diferentes áreas e assegurar um espaço dentro do mundo acadêmico para o grupo em questão. Ademais,

---

<sup>108</sup> Dentro do Inter Psi, o uso dos termos parapsicologia e pesquisa psi se dá intercambiavelmente. Têm sido termos correlatos para o grupo. A opção pelo último se deve ao ambiente cultural brasileiro, e mostra desconforto já antigo em relação à parapsicologia tradicional do país, caracterizada pela presença ativa de grupos católicos e espíritas. Como se verá no decorrer deste capítulo, a escolha pelo termo psicologia anomalística é motivada também (mas não só) por essas questões terminológicas (questões menos pungentes na Inglaterra, onde surgiu o termo psicologia anomalística).

<sup>109</sup> Além do Inter Psi, citam trocas e apoio da comunidade parapsicológica internacional, pesquisas de estudiosos estrangeiros no Brasil (entre eles, David Hess), apresentações e estímulos de membros da PA, como Carlos Alvarado e Nancy Zingrone, a criação de grupos mais voltados para uma abordagem científica da parapsicologia – como o IPPP, a Faculdade de Ciências Bio-psíquicas do Paraná, o trabalho de Lurdes Oberg na Universidade Veiga de Almeida, e o surgimento de meios para a defesa de uma parapsicologia mais científica, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Parapsicologia e a Revista Brasileira de Parapsicologia.

trata-se de um movimento contínuo desde a entrada do grupo em meio acadêmico, na Faculdade Anhembí-Morumbi. Isso não quer dizer que parapsicologia e psicologia anomalística sejam a mesma coisa, e que o grupo defenda uma simples mudança de nome sem mudança de práticas. As diferenças e similitudes entre a psicologia anomalística que o grupo defende hoje, e na qual se insere, e a parapsicologia com a qual travou e trava constantes relações, contudo, são objetos que nos informam sobre as múltiplas formas em que a legitimidade científica de distintas áreas é negociada. Mais que isso, nos informa a respeito do funcionamento da academia brasileira em que se insere o Inter Psi e das diferentes formas em que é possível chamar tal grupo de um grupo de fronteiras.

Antes que esses pontos sejam discutidos, é importante identificar aquilo que se manteve (pelo menos em parte) no grupo desde seu início: seus membros.

#### **4.1.1 Participantes**

Wellington Zangari é fundador do ECLIPSY e ele e Fátima Regina Machado são os únicos membros constantes do Inter Psi desde os tempos de ECLIPSY. O interesse dos dois pela parapsicologia predata a sua carreira acadêmica, como acontece com a maior parte dos parapsicólogos (McCLENON, 1986). De forma semelhante, os dois desenvolveram suas pesquisas acadêmicas em áreas *mainstream*, mas com tema relacionado à parapsicologia. Suas pesquisas de mestrado e doutorado têm este ponto importante em comum: se caracterizam por focar em aspectos não anômalos (como teoria dos signos, análise de discurso e aspectos psicossociais), porém em relação a fenômenos, experiências ou crenças paranormais.

Zangari fez graduação em psicologia na Universidade Paulista (UNIP) – curso de graduação mais comum entre os parapsicólogos da PA – e concluiu mestrado na PUC-SP, em 1996, intitulado *Parapsicologia e religião: um estudo da importância das experiências parapsicológicas para uma análise mais abrangente dos fenômenos religiosos*. Seu doutorado foi concluído em psicologia social na USP, em 2003. Intitulou-se *Leitura psicossocial da incorporação na umbanda*. Machado fez graduação em Letras e Tradução na Faculdade Anhembí-Morumbi e concluiu mestrado em Ciência da Religião na PUC-SP, em 1996 (*A Causa dos Espíritos - Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*). Terminou dois doutorados: um em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, em



2003 (*A Ação dos Signos nos Poltergeists: Estudo do Processo de Comunicação dos Fenômenos Poltergeist a partir de seus Relatos*) e o segundo em Psicologia Social na USP em 2009 (*Experiências anômalas no cotidiano e bem-estar subjetivo*).

A participação de Fátima Machado na história do grupo é particularmente interessante, porque revela em boa medida o preconceito ainda sofrido por mulheres na ciência. A academia brasileira (e ela não é exceção) sofre da inequidade de gênero no que diz respeito a cargos e posições de destaque, assim como em relação às áreas de concentração, com mulheres sendo mais participativas em áreas de menor status (LETA, 2003; VELHO; LÉON, 1998). De forma mais branda, e que passa a maior parte das vezes despercebida, esse preconceito pode ser visto como uma tendência em ignorar o esforço feminino presente em atividades científicas. Há casos famosos como o de Rosalind Franklin, cujo trabalho foi fundamental para a descoberta do DNA, que foi creditada exclusivamente a Francis Crick e James Watson. A parapsicologia tem também seu caso notável: Louisa Rhine. Esposa de J.B. Rhine, ela foi participativa nas pesquisas do marido e desenvolveu experimentos por conta própria. Também é famosa dentro do círculo da parapsicologia (para quem teve contato com os Rhine) como uma pessoa bem quista por todos e o grande nó da tarefa de criação de redes de contato (tarefa tão central à atividade científica), já que Rhine tinha não poucos problemas de relacionamento. Mas foi ele quem ficou conhecido, pode-se argumentar, como o maior parapsicólogo da história. O legado de Louisa Rhine é contado hoje, e é assim que chegou a mim, por meio de conversas informais com parapsicólogos que tiveram contato com os Rhine, como Nancy Zingrone e Carlos Alvarado.

No caso de Machado, sua participação no Inter Psi foi marcante desde os tempos de ECLIPSY. E embora Zangari sempre deixe claro, em aulas, reuniões, apresentações, o papel vital que ela representa, ouvimos alguns exemplos de pares que se referem a ela como “esposa de Zangari”. O que parece particularmente interessante é que a atual morada do Inter Psi na USP depende de conquista institucional individual de Zangari, já que o grupo foi criado no IP-USP seguindo-se à contratação dele como professor. Entretanto, o foco único em aspectos institucionais ao contar a história de áreas e grupos de pesquisa tende a ignorar o difícil trabalho de ordenação (na terminologia de Law, 1998) que faz com que conquistas institucionais sejam possíveis. Para o grupo poder existir na USP, necessitou de uma conquista de Zangari. Essa conquista, por sua vez, deve muito a toda história do grupo, além de trocas intelectuais específicas com os membros, em especial Machado. A própria história institucional do grupo

deve muito a Machado, já que ela foi o ponto de encontro entre o grupo e a PUC-SP. O parágrafo sobre o grupo no capítulo introdutório desta tese é exemplo de como a história institucional de uma área deixa de lado aspectos relevantes que explicam a existência corrente de grupos. Por sua vez, o papel diminuído das mulheres em muitas histórias serve como boa ilustração do mecanismo secundário como explicitado por Latour (1988), já que faz parte da “purificação” de uma história, levando à exaltação de uma pessoa ou variável como causa única de uma ação, a despeito da participação ativa de outras variáveis.

Quando comecei a observar o grupo, no primeiro semestre de 2011, constavam como membros os orientandos de mestrado e doutorado de Zangari e alguns participantes mais antigos, que haviam passado a frequentar o grupo ainda na PUC-SP por terem interesse na área. Todos os participantes tinham no mínimo curso superior completo. Os números de participação flutuaram levemente, com o grupo mantendo-se como composto de doze a dezenove membros. Em maio de 2014, o Inter Psi é composto de dezesseis membros plenos e três ditos participantes. Os membros incluem pessoas com projetos de pesquisa relacionados à área de psicologia anomalística. Os três participantes são indivíduos que, embora não tenham projetos de pesquisa corrente e não participem das reuniões mensais do grupo, são importantes na história do Inter Psi. Bruno Fantoni e Vera Barrionuevo são parapsicólogos brasileiros e Leonardo Stein era participante ativo do Inter Psi antes do grupo se realocar na USP.

Os membros são compostos por Wellington Zangari e Fátima Machado, o primeiro como coordenador e a segunda como diretora científica, Fabio Eduardo da Silva, professor nas Faculdades Integradas Espíritas e recém-doutor pelo IP-USP, sob orientação de Zangari, seis doutorandos orientados por Zangari, duas recém-mestres sob orientação de Zangari, dois mestrandos orientandos de Zangari, uma recém graduanda pelo IP-USP que tem projeto de mestrado para Psicologia Social, um mestre pelo Curso Interdisciplinar em Ciências da Saúde na UNIFESP<sup>110</sup> e eu.

A minha instituição como membro do grupo tem relação direta com mudanças no formato de participação que ocorreram em 2012, mas que são uma continuação da revisão da política de participação do grupo desde os tempos de PUC-SP. Em fins de 2005 e início de 2006, o grupo

---

<sup>110</sup> Gabriel Medeiros conheceu o Inter Psi durante o VII Encontro Psi e 54ª Convenção da PA. Sua pesquisa de mestrado (cujo projeto se intitulava Fenomenologia da Percepção Extra-sensorial - Uma Análise de Comportamentos e Crenças das Experiências Fora do Corpo) o levou a se interessar pelos estudos do grupo e ele passou a participar das reuniões mensais em meados de 2012.

tornou mais difícil a participação dos membros, que deveriam ser quem pudesse contribuir para a pesquisa científica. De certa forma, o grupo se encontrava em uma situação contraditória: para conseguir o intento de alavancar a pesquisa parapsicológica no país, era preciso encontrar gente suficiente para ter um movimento forte, mas encontrar gente suficientemente comprometida com a causa, e com a causa certa (uma pesquisa científica em ambiente acadêmico). Entre janeiro e fevereiro de 2006, a direção do grupo (Zangari e Machado) estabeleceu que todos os membros deveriam mandar propostas de pesquisa que, sendo aceitas, constituiriam pré-requisito para a continuação da participação no grupo. Em e-mail de 09 de fevereiro de 2006, Zangari escreveu:

“(...) Reafirmamos que esse será, definitivamente, um ano fundamental para a consolidação da linha de pesquisa psi em nosso país. Para tanto, vamos nos centrar na qualificação intensiva dos membros do Inter Psi. A participação nas reuniões quinzenais e neste fórum virtual, facultada exclusivamente a quem tiver suas propostas aceitas, serão instrumentos fundamentais para alcançarmos esse objetivo. O comprometimento de cada um(uma) está sendo requisitado como nunca!”

A necessidade de propostas de pesquisa não significava que essas pesquisas deveriam ser feitas em conjunção a programas de graduação ou pós-graduação, mas o papel institucional da política de só ter membros pesquisadores acabava sendo duplo: a) como a pesquisa científica no Brasil está quase que totalmente concentrada na academia (há pouca cultura de pesquisa científica amadora, ou independente), a restrição a membros que façam pesquisas acaba funcionando como uma triagem e mantendo o grupo como uma reunião de acadêmicos; b) as regras de participação dotavam o grupo de um caráter mais institucional, coerente com um plano de criação de um laboratório de pesquisas no futuro.

A maior mudança na participação do grupo se deu com a mudança para a USP. Como Zangari assumiu papel de professor doutor, pôde assumir também orientandos de pós-graduação. O novo Inter Psi se caracterizou como o grupo composto por Zangari, Machado e os orientandos de Zangari. Três membros do grupo na época da PUC continuaram a participar das reuniões, uma como aluna de mestrado e os outros dois como interessados na área que ainda não haviam definido que pesquisa específica fariam. A reunião do dia 25 de maio de 2012 foi a última em que membros sem projeto participaram. Zangari explicitou seu ponto na reunião, defendendo que o grupo tinha que ser um grupo de pesquisadores. Quem tivesse interesse em psicologia anomalística, mas não quisesse produzir, poderia continuar participando dos eventos abertos. Ele deixou claro, também, que os eventos abertos teriam que continuar. Dentro dos eventos abertos

ele contava disciplinas, por exemplo. A PST-5842 teve um bom número de ouvintes. Depois dela, a disciplina de introdução à psicologia anomalística na graduação contou, em seu primeiro semestre, com metade dos alunos formalmente matriculados e metade de ouvintes. Zangari também pensou em cursos de extensão como possibilidade para o semestre seguinte, que seriam abertos para a comunidade em geral. Embora ainda não tenham acontecido, continuam nos planos futuros do Inter Psi.

A partir de então, a lista de membros do grupo se restringiu aos orientandos de Zangari e a alguns poucos participantes de fora, mas com pesquisas na área. Ou seja, todos os membros passaram a ser pesquisadores ativos.<sup>111</sup>

No meu caso, eu iniciei a participação nas reuniões do grupo como observadora especificamente por causa da pesquisa de doutorado. Após entrar em contato com Zangari, os demais membros do grupo foram por ele consultados e ninguém se opôs a minha observação participativa. A partir de maio de 2012, entretanto, o meu projeto de pesquisa de doutorado foi aceito como projeto de pesquisa de interesse da própria psicologia anomalística.<sup>112</sup>

#### **4.1.2 Produção de conhecimento**

Antes de focar especificamente nas estratégias do Inter Psi para normalizar o estudo do paranormal e avançar a psicologia anomalística, cumpre ter em mente de que forma o grupo funciona como produtor de conhecimento. Na próxima seção, será discutida a definição da área de estudo pelo grupo, mas pode-se, antes disso, discutir sobre o status do grupo como um laboratório de psicologia anomalística, sobre o tipo de pesquisa que tem sido feita, sobre como os resultados de pesquisa têm sido compartilhados. Essa seção atual é introdutória dessas questões, pois vários insights sobre a produção do grupo serão melhor explicitados ao decorrer do texto, em relação a estratégias específicas que estão aqui agrupadas em temas.

---

<sup>111</sup> Durante o tempo em que observei o grupo, e após a afunilada que ocorreu em maio de 2011, FRM foi a única participante do grupo sem vínculo empregatício com uma universidade (caso do WZ) ou status de estudante de pós-graduação (caso de todos os outros membros). Contudo, sua participação na área como pesquisadora é inquestionável. Fora WZ, é ela quem mais produziu artigos sobre parapsicologia/pesquisa psi/psicologia anomalística, teve um mestrado e dois doutorados ligados ao tema, e, no segundo semestre de 2012, pensava em possibilidades de um pós-doc em alguma universidade estrangeira, também na área. Vale notar que ela esteve, durante toda a minha observação, fazendo uma graduação em psicologia, principalmente para ter maior possibilidade de atuar dentro da psicologia anomalística. Apesar de seu doutorado em psicologia social, ela comentou várias vezes que, no Brasil, se você não se graduou em uma área, as pessoas tendem a não te dar autoridade de falar em nome dessa área.

<sup>112</sup> No capítulo quarto, mais é dito e refletido a respeito da natureza participativa das minhas observações do Inter Psi.

Em primeiro lugar, é importante discutir o que significa ser um laboratório de psicologia anomalística. Há formas diferentes de se enxergar o que caracteriza um laboratório em geral. Tradicionalmente, e mesmo com base nos ESCT, laboratório é visto como um espaço em que acontecem experimentos ou onde metodologias são postas em prática (KNORR-CETINA, 1999, posição 600). Essa definição se fundamenta nas ditas *hard sciences* e, se tomada como base, é difícil enxergar o Inter Psi como um laboratório. Isso porque o grupo não conta com um espaço específico composto de instrumentos científicos para fazer experimentos.

No caso do Inter Psi, a denominação ocorreu principalmente devido à tradição do Instituto de Psicologia da USP de nomear suas linhas de pesquisa de laboratórios, sejam elas experimentais ou não. Pode-se argumentar que isso se trata de uma estratégia específica de legitimação da própria psicologia. Conforme assinalado no capítulo anterior, a psicologia se desenvolveu como disciplina separada da filosofia entre fins do XIX e início do XX. O processo de estabilização da área envolveu um distanciamento de abordagens metafísicas e uma aproximação das ciências naturais, buscando estabelecer a psicologia como uma ciência experimental do comportamento e mente humanos. Ainda, a nomeação reflete escolhas anteriores do Instituto de Psicologia da USP. Criado em 1969 (como Instituto separado da Filosofia; o curso de Psicologia foi instituído em 1953), o IP foi marcado durante a década de 1970 pelo predomínio da abordagem experimental.

Entretanto, há como se trabalhar com um conceito mais amplo de laboratório. Para Knorr-Cetina, mais que um local onde acontecem experimentos ou em que metodologias são postas em prática, o laboratório é associado “à ideia de reconfiguração, ao estabelecimento de uma ordem em laboratórios que é construída com base no aprimoramento de componentes comuns e mundanos da vida social”<sup>113</sup> (KNORR-CETINA, 1999, p. 143). Laboratórios são

unidades relacionais que ganham poder ao instituir diferenças em relação ao seu ambiente: diferenças entre as ordens reconfiguradas criadas em laboratório e as convenções e arranjos encontrados na vida cotidiana, mas claro que também diferenças entre os arranjos contemporâneos de laboratórios e aqueles encontrados em outros períodos e locais. (KNORR-CETINA, 1999, p. 44)<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> “I have associated laboratories with the notion of reconfiguration, with the setting-up of an order in laboratories that is built upon upgrading the ordinary and mundane components of social life.”

<sup>114</sup> “relational units that gain power by instituting differences with their environment: differences between the reconfigured orders created in the laboratory and the conventions and arrangements found in everyday life, but of course also differences between contemporary laboratory setups and those found at other times and places.”

Essa visão mais ampla de laboratório vai ao encontro da visão de Latour das ciências como atividades de mudança de escala. E partindo dessa visão, é possível enxergar o Inter Psi como um laboratório de fato, buscando modificar as escalas, trazendo o comportamento e a mente humanos para dentro da universidade, criando modelos a respeito deles, e povoando o mundo com entes estabilizados e distribuídos como resultado de pesquisas.

As pesquisas que têm sido feitas no Inter Psi não têm se caracterizado pelo experimentalismo, mas sim por abordagens sociais e clínicas da psicologia. O foco do grupo tem sido a utilização de questionários e escalas psicológicos (chamados instrumentos), como questionários de personalidade (como o Big Five), escala de experiências dissociativas e escala de bem-estar subjetivo. Boa parte das discussões nas reuniões tem a ver com processos de escolha de quais instrumentos utilizar em cada caso e como melhorar e validar instrumentos específicos. A especificidade do Inter Psi tem sido aplicar instrumentos para avaliar crenças e experiências anômalas, com o objetivo principal de identificar a forma com que o sujeito lida com essas experiências e crenças e se há maior incidência delas com base em características psicológicas e sociais. Como exemplo, Fátima Machado elaborou o Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP) para sua pesquisa de doutorado no IP-USP (na qual foi aplicado juntamente à Escala de Bem-Estar Subjetivo de Albuquerque e Tróccoli). No caso da pesquisa, o objetivo foi “verificar a prevalência de experiências anômalas extra-sensório-motoras (ou experiências psi) comparando características demográficas, práticas, crenças, religiosidade e níveis de bem-estar subjetivo (BES) de experienciadores (EXPs) e não experienciadores (NEXPs) de psi.” (MACHADO, 2009, p. v).

Foram identificados dois motivos para as pesquisas não terem envolvido experimentos tradicionais de parapsicologia, a despeito do interesse do grupo em pesquisas do tipo. Em primeiro lugar, com o deslocamento do grupo para a USP há a necessidade de se adequar ao contexto em que está inserido. Os orientandos do grupo desenvolvem suas pesquisas como parte do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e é importante que suas pesquisas tenham relação com os interesses gerais de pesquisa da psicologia social, que tradicionalmente não se coligam com pesquisas parapsicológicas. É mais fácil aproximar estudos sobre crenças e experiências paranormais de aspectos sociais do que pesquisas que busquem avaliar a existência de fenômenos anômalos. O outro motivo é a inexistência de equipamentos para isso. Embora a parapsicologia experimental se caracterize por estudos de baixo custo, como os feitos com as

cartas Zener que Rhine tornou famosas, ou testes de precognição ou telepatia que envolvem softwares mais simples, estudos mais recentes têm buscado checar outras variáveis, como condutividade de pele ou imagens de ressonância magnética.

Isso não significa que o grupo se ocupa de aspectos psicológicos porque não pode fazer pesquisa parapsicológica. Como se verá na seção sobre a comunicação científica do grupo, eles defendem a importância de estudos sobre variáveis psicológicas e atenção para o contexto psicossocial mesmo quando estão conversando com uma audiência de parapsicólogos. E havendo abertura, buscam também fazer estudos mais tradicionais de parapsicologia. Por exemplo, uma tese e uma dissertação defendidas em 2014, por exemplo, envolveram testes de percepção extrassensorial.<sup>115</sup> Essas iniciativas fazem jus a pesquisas anteriores de caráter experimental que Zangari e Machado desenvolveram.

Um exemplo é o pós-doutorado de Zangari (com resultados publicados em Zangari, 2007), que avaliou fenomenologicamente – discutindo as significações culturais e funções psicossociais – e ontologicamente – por meio de estudo experimental – a precognição alegada por médiuns de Umbanda. O experimento caracterizou-se como tentativa de replicação dos resultados significativos reportados por Bem (2011), e consistiu em séries de duas imagens projetadas em um monitor e o sujeito escolhendo qual seria, posteriormente, elegida aleatoriamente pelo computador. Os dados do estudo experimental foram avaliados em conjunto com um questionário que procurou coletar dados cognitivos dos participantes. Achados de Bem (que reportou forte correlação entre o desempenho nos testes experimentais e a reatividade emocional e o gênero dos sujeitos) não foram replicados. Outro exemplo é o estudo reportado em Radin; Machado; Zangari (2002), que buscou avaliar a hipótese de existência ontológica de cura à distância. O design experimental contou com dois testes duplo-cegos, um feito nos Estados Unidos (controlando frequências respiratória e cardíaca, pressão arterial e atividade eletrodérmica em sujeitos-alvo de tentativas de cura à distância em tempo real) e um com médiuns de Umbanda no Brasil em tentativas de cura à distância em relação a pacientes em Las Vegas, Estados Unidos (que foram

---

<sup>115</sup> A tese foi defendida por Fabio da Silva e intitulada *Um hipotético efeito antecipatório anômalo para estímulos aparentemente imprevisíveis poderia afetar a tomada de decisão humana?* Tratou-se de um estudo que buscou testar o papel hipotético do pressentimento para a tomada de decisões, com base na medição de resposta galvânica da pele. A dissertação, de Vanessa Corredato, intitulou-se *Experiências anômalas na infância e adolescência: relações entre vínculo, expectativa e percepção extrassensorial* e envolveu um experimento para detectar ESP em crianças. O experimento consistiu em séries de tentativas nas quais a criança via cinco imagens em uma tela e tentava adivinhar qual seria escolhida aleatoriamente pelo computador em cada tentativa.

monitorados dois meses antes). Foram reportados resultados acima do esperado pelo acaso nos dois testes.

Na reunião do dia 30 de agosto de 2013, o grupo discutiu se não estaria na hora de ter um laboratório físico, ao que Zangari comentou que é preciso ter projetos de pesquisa que justifiquem o pedido para comprar equipamentos. Conforme o grupo vai se estabelecendo e novas pesquisas tomando corpo, há a possibilidade de buscarem aumentar os equipamentos do grupo e transformar o laboratório de hoje em um mais próximo à visão tradicional de laboratório. Enquanto isso, o grupo conta com poucos recursos materiais. As reuniões do grupo na USP começaram ocorrendo na sala da chefia do departamento de Psicologia Social e do Trabalho, uma sala pequena que comporta uma mesa e umas oito pessoas com conforto. Assim que a sala de reuniões do departamento ficou pronta, as reuniões passaram a ser lá. Trata-se de uma sala maior, onde acontecem as qualificações e defesas do departamento. Há uma mesa de reuniões grande, que comporta facilmente doze pessoas, várias cadeiras à parte, para o caso de apresentações, computador e retroprojektor. Entretanto, há ocasiões em que a sala está indisponível devido a defesas ou algum outro evento. Nesse caso, é necessário voltar à pequena sala da chefia. Na reunião do dia 25 de maio de 2012, por exemplo, tal sala abrigou quatorze pessoas (contando comigo). Na ocasião, Fátima Machado sugeriu, em tom de brincadeira, que alguém deveria tirar uma foto e enviar para a coordenação do Instituto, como prova de que o Inter Psi precisava de uma sala própria.

Enquanto não existe uma sala própria ou um laboratório físico, o Inter Psi sobrevive como um grupo que corre por seus membros. Pode-se pensar nessa característica como uma fraqueza do grupo, se pensarmos em Law e seus comentários a respeito da importância de objetos que assegurem uma dada organização (LAW, 1991, p. 179). Os objetos tornam relações mais duráveis. Na falta de mais objetos materiais, o grupo busca assegurar a durabilidade de si próprio como grupo e da psicologia anomalística por meio de objetos menos palpáveis, mas nem por isso menos importantes, como produção acadêmica, organização da página da internet, grupo no Facebook e participações em programas televisivos como esforço de divulgação científica. Sem, contudo, deixar de evidenciar a importância das conquistas já feitas no que tange à materialidade do grupo. Na reunião do dia 30 de agosto de 2013, por exemplo, Zangari e Machado falaram ao resto do grupo sobre como ter um espaço para se encontrarem como o da sala de reuniões do



departamento era algo impensável para o Inter Psi em seu início, quando precisavam alugar um local, comprar água, equipamentos e cuidar da limpeza.

De certa forma, mesmo a questão de financiamento para pesquisa marca uma diferença material gritante do Inter Psi de agora para o de antes, e até mesmo entre o Inter Psi e outros grupos de parapsicologia/psicologia anomalística no exterior. Como um grupo de estudos dentro da academia brasileira, o Inter Psi segue as regras de financiamento de tal contexto. Isso significa que os alunos podem enviar projetos de pesquisa para agências públicas de fomento e terem acesso a bolsas de estudo. No momento, é o caso de três orientandos de Zangari (dois de doutorado e um de mestrado). No exterior, a situação é diferente. No Reino Unido, berço da psicologia anomalística, é mais difícil o processo de acesso a bolsas de estudo e há uma competitividade muito grande entre diferentes áreas de estudo. Como Everton Maraldi, orientando de doutorado de Zangari, deixou claro no seu relatório oral a respeito de sua participação na 58ª. Reunião da PA, em Viterbo, na Itália (durante a reunião do dia 30 de agosto de 2013), o Inter Psi está em posição privilegiada no que diz respeito a financiamento em relação aos grupos de parapsicologia que formam a PA.

O Inter Psi se encontra em um processo de olhar para trás e gratificar-se com o conquistado, ao mesmo tempo em que busca fortalecer-se como grupo de pesquisadores e como laboratório científico. Cumpre olhar com mais cuidado para as estratégias específicas de legitimação que foram identificadas durante a observação do grupo.

## **4.2 Estratégias de legitimação**

Quando uma das alunas da disciplina de pós graduação PST-5842 – Experiências Anômalas: Introdução Crítica à Psicologia Anomalística e suas Relações com a Psicologia Social, psicóloga e ouvinte, perguntou aos membros do Inter Psi como se chega ao tema, ao problema de pesquisa (em 27 de maio de 2011), vários dos participantes trouxeram comentários que fazem refletir sobre a dificuldade de estudar “anomalias”. Entre os dizeres, enfatizaram que é preciso pensar em como você pode pessoalmente ajudar o campo, que o mais importante é bancar a si mesmo e ao desafio, que é preciso aceitar ser um *outsider*. Entretanto, marcaram a dificuldade de ser alvo de críticas quando você está fazendo algo relevante, importante. Leonardo Martins, orientando de doutorado de Zangari, resumiu bem: “Parece que você está fazendo algo

indecoroso, parece que você está arrotando na mesa acadêmica. Estou fazendo uma pergunta pertinente, então mesmo que as pessoas me olhem com cara estranha, vou continuar a fazer a pergunta.” Ao mesmo tempo, ressaltou: “há o risco de achar que está fazendo algo importante e nem olhar para o lado – é importante aceitar a crítica. O que dói, porque ela normalmente vem de forma bruta.” O que fazer contra toda a crítica? Martins mesmo respondeu que é importante ter conhecimento amplo de ciência, de lógica e retórica. Para quem está em áreas fronteiriças, é preciso estar bem-munido para enfrentar as diversas situações de conflito.

Nessa mesma aula, Zangari buscou fechar os comentários dos orientandos colocando em perspectiva o preconceito sofrido pela área. Para ele, áreas emergentes da psicologia passam pelo mesmo problema, como a psicologia do esporte, a psicologia da religião, a psicologia da ciência, a psicologia jurídica. No caso específico dos estudos anômalos, disse que é até mais compreensível o preconceito, porque pessoas ligadas à área já fizeram bastante besteira no passado. A consequência? “Provavelmente esses estudos aqui não poderão sair com nomes como parapsicologia ou paranormal. Se for usar, tem que usar com muito cuidado. Vão achar que tem algo a ver com Padre Quevedo ou espiritismo, e vão achar que não tem preocupações científicas. Por isso que eu acho que o nome psicologia anomalística é bom. Ele impede um pouco essa associação. Até porque nós não fazemos apenas parapsicologia *strictu sensu*. Fazemos mais, porque há a preocupação com os processos psicológicos.”

Durante toda a observação para esta tese, Zangari se mostrou, no mais das vezes, otimista: em diversos momentos assinalou que não está vendo na USP o preconceito esperado. Na aula do dia 27 de maio de 2011, por exemplo, citou o interesse dos colegas do instituto em saber mais sobre o tema e contar casos particulares. A reunião do dia 31 de agosto de 2012, porém, mostrou que a situação do Inter Psi no instituto talvez não seja ponto tão pacífico. Segundo ele, uma professora membro da congregação o chamou de lado e disse que havia ocorrido uma discussão na última reunião da congregação a respeito do Inter Psi. A discussão teria ocorrido na sequência da avaliação do relatório de Zangari sobre o laboratório, parte das obrigações dele como coordenador. Ela não foi clara, mas parecia que havia dúvidas ou suspeitas de que o grupo faria coisas não científicas dentro da USP. Para Zangari, tratava-se de um erro que tenham lhe falado sobre o caso em *off*, e não abertamente, por meios institucionais. “Não é assim que as coisas deveriam funcionar em uma instituição. E não podemos nos apeguar frente a críticas. Todos os campos podem ser criticados, mas todo campo tem o direito de saber quais os argumentos que

são usados contra ele. E o direito de se defender.” Mais à frente, mais dados da história apareceram por outras fontes. O representante discente na congregação apresentou sua versão dos fatos para Zangari, dizendo que um professor perguntou sim sobre a prática do grupo, que foi defendido por colegas e que uma discussão se seguiu a respeito da cientificidade de diversas subdisciplinas da psicologia, e não uma discussão sobre a psicologia anomalística em específico.

A história ficou por isso, mas ilustra tanto o difícil caminho de institucionalização de uma nova subdisciplina quanto os avanços feitos pela psicologia anomalística. Boa parte dos achados de pesquisa chama atenção para a dificuldade de diferenciar psicologia anomalística e parapsicologia. De fato, as próprias estratégias de legitimação que o Inter Psi tem assumido em relação à parapsicologia passam por essa diferenciação difícil, ora valendo-se de uma conexão maior com a parapsicologia, ora apoiando-se na psicologia e deixando a parapsicologia de fora da rede.

Como já falado, o Inter Psi tem um histórico de participação ativa na parapsicologia. Além da PA (em que Machado tornou-se a primeira mulher brasileira a ser participante), Zangari e Machado tiveram participação na Sociedade Brasileira para o Progresso da Parapsicologia e na Associação Iberoamericana de Parapsicologia (Zangari e Machado, 1997). Os esforços do grupo para tornar a área legítima sempre passaram pela busca da aceitação da parapsicologia pela ciência *mainstream*. O Inter Psi se diferenciava de grupos tradicionais da parapsicologia brasileira tanto ao procurar aliar-se ao meio acadêmico, como por meio de textos que podem ser classificados como *boundary-work*. Um exemplo é o artigo (Zangari e Machado, 1997) que faz um resumo da história da parapsicologia brasileira apresentando o Inter Psi como sinal de mudanças para uma abordagem mais científica da área no país. O texto ainda impele os parapsicólogos brasileiros a superar interesses pessoais e desenvolver um contexto cooperativo que contribua para o amadurecimento do campo como ciência. Em outro artigo (Machado e Zangari, 2000), os autores discutiram o passado da parapsicologia brasileira, argumentando que a alegação de que o campo era científico mascarava a real intenção de grupos católicos e espíritas, que era a doutrinação religiosa. Os autores, alistando-se a uma alternativa científica – a parapsicologia da PA – tinham como objetivo não apenas servir como exemplo para novas pesquisas científicas, mas deixar claro sua diferença em relação à parapsicologia brasileira tradicional. Em 2001, já na PUC-SP, Zangari e Machado escreveram um texto para o *Journal of Parapsychology* (“Parapsychology in Brazil: a Science Entering Young Adulthood”), mais uma

vez revisando o estado (e a história recente) da parapsicologia brasileira. No seu desabafo mais claro, salientaram a dificuldade de fazer pesquisa psi no Brasil, exatamente por que ela não é vista como ciência (o que explicaram pela complexidade cultural – pelo passado de embates religiosos). Não havia no país, eles afirmaram, garantias de financiamento ou de um futuro certo na pesquisa. Ainda, o pesquisador se via isolado do mundo acadêmico e dependendo de bibliotecas particulares para conhecer bem seu campo. É interessante que este texto tenha sido apresentado em uma Convenção da PA a convite de Carlos Alvarado, então presidente da organização, por terem sido os ganhadores do *Gertrude Schmeidler Student Award* de 1998. Neste mesmo texto, dizem que só puderam receber o prêmio porque continuaram a ser pesquisadores apesar das dificuldades apresentadas.

Se a psicologia anomalística do Inter Psi está muito mais próxima da psicologia do que a parapsicologia estava – apresentando mais claramente objetivos fenomenológicos que prescindem da existência ontológica de fenômenos paranormais – não há como dissociar isso da carreira de Zangari. Interessado em parapsicologia desde jovem, cursou psicologia pelo interesse no tema. Na impossibilidade de concentrar-se em estudos de parapsicologia na academia, desenvolveu uma carreira bem sucedida focada em temas correlatos, mas dentro do aceito pelo *mainstream* psicológico. Essa carreira o levou à USP e à possibilidade de buscar integrar seus temas de interesse em uma disciplina específica. Isso não quer dizer que a psicologia anomalística é uma empresa egoísta, criada para espelhar a carreira de um pesquisador. Significa, antes, uma alternativa plausível de estudo do paranormal dentro da academia brasileira. Foi esse o caminho que Zangari percorreu, aliando psicologia social, psicologia da religião e parapsicologia. Faz sentido que ele busque integrar essas diversas abordagens em busca de um nicho acadêmico de pesquisas.

Embora a área de psicologia anomalística não seja parapsicologia, sofre de problemas parecidos para a legitimação científica. Em primeiro lugar, podemos citar o fato de novas áreas psicológicas terem problemas para ser reconhecidas dentro do campo maior da psicologia, segundo fala já mencionada do próprio Zangari; em segundo lugar, há a relação íntima com a parapsicologia que, por tabela, lega à psicologia anomalística um desinteresse e dúvida por parte da maior parte da academia.

Cabe ressaltar as várias estratégias do grupo para alcançar o reconhecimento que desejam, não sem antes problematizar o uso da palavra estratégia. Latour questiona o uso do termo

estratégia em *The Pasteurization of France* (LATOUR, 1988, p. 60) porque tal palavra indicaria um processo racional demais para as ações que ele estava estudando. Aqui, a palavra cabe especialmente por causa disso. O grupo cita por diversas vezes as estratégias que devem ou deveriam ser usadas, fazendo referência a aspectos políticos que pedem tais ou quais estratégias. Também, não é raro ver membros do grupo se reportando às situações enfrentadas por meio de analogias com jogos ou guerras. Esse é o palavreado mais comum, em que o grupo se coloca num cenário de embate em que estratégias específicas podem fazer ganhar ou perder batalhas.

A mudança de foco do grupo, de parapsicologia para psicologia anomalística, se apresenta como problema a ser explicado. De início, cabe salientar que a parapsicologia, assim como qualquer área de pesquisa, apresenta diversos grupos com diversas abordagens. Algumas são mais fortes, outras são mais fracas. Tendo isso em vista, temos que:

1. O Inter Psi poderia continuar como um grupo de parapsicologia, provavelmente defendendo uma maior relação entre parapsicologia e psicologia. O grupo não faz nada de muito diferente na USP do que fez nos outros lugares em que esteve.
2. A mudança para psicologia anomalística veio depois de outras tentativas de maior legitimação do grupo (como aliar-se à academia como um grupo de psicologia mais geral, interessado em casos de fronteira – na Anhembi Morumbi; como um grupo ligado à semiótica, na PUC; defendendo que se utilizasse o termo pesquisa psi e não parapsicologia – para fugir da parapsicologia tradicional brasileira).
3. O caminho não tem sido chegar à legitimação científica e, por causa da legitimação, conseguir maior institucionalização. Zangari chegou à USP por vias *mainstream*, mesmo que aliando essas vias *mainstream* a estudos de anomalias. Afinal, ele fez doutorado e pós-doutorado em psicologia social. Por causa de sua carreira *mainstream*, chegou à USP. Dentro do *mainstream*, tenta apoiar a existência de uma disciplina específica, a psicologia anomalística, que tem relações com áreas não legitimadas. Mas o caminho vem da área legitimada (psicologia) para fora: a tentativa é fazer a psicologia abarcar a parapsicologia, e não fazer a parapsicologia ser vista como uma área científica e, então, propor uma unidade. A ideia é mostrar uma unidade anterior, que deve ser recomposta.

#### 4.2.1 Definição de psicologia anomalística

A menção mais antiga ao termo “psicologia anomalística” durante a pesquisa foi encontrada em um e-mail de 27 de abril de 2005 em que Zangari comenta sobre a próxima reunião do grupo (que ainda se encontrava vinculado à PUC-SP):

Prezados(as) Colegas,

Lembro a todos(as) que nossa próxima reunião será neste sábado, dia 30, no mesmo psi-local (Auditório do COGEAE/PUC-SP, esquina da João Ramalho com a Cardoso de Almeida), no mesmo psi-horário (14h00 às 17h00).

Farei uma apresentação da síntese do "Fundamentos da Psicologia Anomalística", seguida de debate com vocês (...).

Na ocasião, Zangari enviou uma apresentação de slides para a lista de e-mails, chamada “Fundamentos da Psicologia Anomalística”, em que apresentou a psicologia anomalística como uma reunião de parapsicologia e psicologia da religião, e por meio da qual se focaria nas experiências e não nos fenômenos anômalos.

No dia 13 de maio de 2005, mandou outro e-mail na véspera da reunião seguinte, na qual deveriam ser discutidos os pontos levantados pela apresentação da reunião passada:

“(...) O tema, como já vimos pelas discussões daqui, é bastante vasto e polêmico, mas fundamental para a consolidação das bases, digamos filosóficas, de nosso grupo e do trabalho que empreendemos. Eu realmente preciso do retorno do máximo possível de membros para que eu possa redigir algo mais amplo e publicar no site do Inter Psi. Tenho certeza que as propostas feitas poderão nos levar a um outro nível de abertura acadêmica e científica no país e poderá no levar à consolidação de nossa "linha de pesquisa" para dentro da universidade como um campo da pós-graduação em breve. (...) Creio que a síntese apresentada possa ser a base de uma nova disciplina (a Psicologia Anomalística) que integrará as perspectivas tanto dos proponentes quanto dos céticos de psi entorno do ideal de investigar desapaixonadamente as experiências alegadamente (*sic*) paranormais de maneira rigorosa.

Depois das duas reuniões citadas, Zangari enviou, no dia 15 de maio de 2005, um e-mail para o grupo que serve como resumo dos pontos essenciais da nova disciplina de psicologia anomalística:

(...) O primeiro aspecto que levantou interesse foi o nome proposto: Psicologia Anomalística. Discutimos os prós e contras desse nome, e enfatizamos que anomalia não tem o sentido popular ou médico, relacionado a mau-formações (*sic*) ou distúrbios, mas o sentido original da Sociologia da Ciência, em que "anomalia" não é uma interpretação, mas o reconhecimento de falta dela.

O segundo tema mais debatido foi o deslocamento do objeto de estudo dos "fenômenos paranormais" para "experiências alegadamente anômalas".

Com isso:

1. não precisamos assumir a existência de processos extra-sensório-motores;
2. nosso objeto de estudo se torna "positivo": são experiências humanas e não "negativamente definido" (algo que não é sensorial, nem motor, mas que não sabemos o que é!)
3. preservamos a continuidade deste campo independentemente da existência ou não de processos "paranormais". Assim, se um dia se demonstrar que tais processos não existem, nosso campo poderia ser mantido porque não dependeria da existência deles ao contrário de experiências alegadamente anômalas que existem e poderão existir independentemente disso.
4. definimo-nos como um ramo da Psicologia geral e interdisciplinar (dada a complexidade potencialmente envolvida no estudo dessas alegações e das próprias experiências)

O terceiro aspecto de maior interesse foi a necessidade do uso de múltiplos métodos de pesquisa em nosso campo, permitindo, inclusive, que pesquisadores com ênfases teóricas e especialidades distintas (*sic*). Tal abordagem possibilita que as experiências sejam estudadas tanto em sua importância para o sujeito (sua significação e impacto pessoal / abordagem fenomenológica) quanto em sua faceta "ontológica", ou seja, a busca de evidências de processos psi e, principalmente, dos processos ou variáveis envolvidas nas experiências (*process oriented research*).

Por fim, discutimos algumas estratégias relacionadas ao estabelecimento do campo no meio universitário, a necessidade de adaptar os projetos de pesquisa de modo a não fazer suscitar preconceito e, ainda, as possibilidades futuras de efetivamente termos mais espaço acadêmico.

O e-mail enfatiza que a psicologia anomalística deveria se focar nas experiências que as pessoas vivem e interpretam como paranormais, e não em provar a existência ontológica de fenômenos alegados como paranormais. Esse ponto traz consigo algumas importantes reverberações: coloca a psicologia anomalística dentro da psicologia, já que lidaria principalmente com as experiências humanas; tornaria o objeto de estudo da disciplina positivo, no sentido em que se trataria de algo real (as experiências), e que pode ser determinado – ao contrário, a parapsicologia tem como objeto algo que, por definição, não pode ser correntemente explicado, não se sabe exatamente o que é ou como funciona; também assegura a existência da

área à revelia da comprovação da existência ontológica dos fenômenos paranormais, já que as experiências são reais, independente da natureza ontológica dos fenômenos que as causariam ou que são identificados como causas pelos sujeitos.

Como esperado, a disciplina PST-5842 – Experiências Anômalas: Introdução Crítica à Psicologia Anomalística e suas Relações com a Psicologia Social configurou-se como um espaço para Zangari definir do que se trata a psicologia anomalística que o Inter Psi apoia frente a uma plateia de psicólogos. Comprovou-se que a definição de psicologia anomalística basicamente não mudou desde os e-mails anteriormente expressos. Durante o curso, o professor procurou apresentar a psicologia anomalística partindo de suas relações com a psicologia e a parapsicologia. No mais das vezes, Zangari travou uma relação tripartite – entre psicologia anomalística, psicologia da religião e parapsicologia. A primeira aula (18 de março de 2011) foi especificamente designada a esclarecer a ligação entre essas três disciplinas. Zangari identificou os objetivos e objetos da parapsicologia e da psicologia da religião (a parapsicologia busca investigar empiricamente a “hipótese psi”, enquanto a psicologia da religião busca estudar empiricamente o comportamento religioso, manifesto e interiorizado). Também diferenciou as duas por suas perspectivas epistemológicas (a parapsicologia teria um objeto empiricamente atingível, enquanto o objeto último da religião seria inatingível e impossível de ser estudado pelo psicólogo da religião), metodológicas (a psicologia da religião se caracteriza por uma multiplicidade nas técnicas de pesquisa, enquanto a parapsicologia é marcada pelo predomínio do empirismo experimentalista de tradição americana) e teóricas (enquanto a parapsicologia se caracteriza por um “vazio” teórico, com fatos desacompanhados de teoria, a psicologia da religião é marcada por grandes paradigmas teóricos da psicologia, colocando normalmente a teoria antes dos fatos).

Identificando quatro perspectivas em relação às experiências anômalas (uma que as submete à religião, outra que reduz as alegações psi – e religiosas em geral – à processos psicológicos conhecidos, outra que é ultra empírica, e a última que busca estudar as alegações apenas identificando qual o sentido que elas apresentam para os sujeitos), Zangari finalizou a primeira aula defendendo uma saída possível para os impasses da área (em relação a como estudar as experiências anômalas): um retorno à unidade do campo (segundo ele, encontrada no passado na pesquisa psíquica de tradição europeia), representada pela psicologia anomalística.



Uma nova *psychical research*, portanto. Em outra aula (25 de março de 2012), ele voltaria a esse ponto, afirmando que é possível e desejável voltar à *psychical research*.

Essa “pesquisa psíquica moderna” se caracterizaria como uma área aberta ao estudo ontológico de psi (ou seja, interessada na comprovação da existência ou não dos fenômenos paranormais), mas mantendo a perspectiva de necessidade de esgotar as hipóteses convencionais. Resumindo, temos uma nova disciplina que significa, segundo seus defensores, uma volta a uma unidade que existia anteriormente e que foi historicamente desfeita, com o desenvolvimento em separado da parapsicologia e da psicologia da religião. Ela seria diferente de ambas, porque iria além dos limites de cada uma dessas áreas – mas abarcaria as duas em si. Antes de concentrar o estudo nas relações entre psicologia anomalística e parapsicologia e psicologia da religião, cabe discutir mais densamente o processo de criação de uma epistemologia para a psicologia anomalística por parte do Inter Psi.

#### **4.2.1.1 Criação de epistemologia e uso da epistemologia como recurso**

Como um grupo que pensa ativamente sobre como ser legitimado como ciência, o Inter Psi demonstra uma visão específica do que a ciência é. Além disso, utiliza essa visão específica para justificar a presença da psicologia anomalística dentro do mapa de ciência, seguindo a terminologia cartográfica de Gieryn.

Há dois sentidos principais, portanto, em que a epistemologia se liga ao grupo: i. membros do grupo, Zangari em particular, utilizam conceitos de epistemologia para defender o status de ciência da área. Eles também se utilizam por vezes de áreas correlatas que estudam ciência, como sociologia da ciência e, de forma mais geral, os ESCT; ii. a defesa do grupo do status de cientificidade da psicologia anomalística revela uma visão particular de ciência, que podemos definir como uma epistemologia do Inter Psi.

O que o Inter Psi busca fazer é defender a psicologia anomalística com base em uma epistemologia específica. Nessa epistemologia, define-se o que se entende por ciência, por método, por boa ou má pesquisa, por objeto e objetivos de estudo. O interessante é que quando o Inter Psi busca definir a epistemologia da psicologia anomalística (criar ou recriar essa epistemologia, podemos dizer), é prova viva de como pensar em epistemologia é complicado, e de como a epistemologia aparece como ferramenta *ad hoc*. As contradições vividas pelos

membros do Inter Psi não são exceções, e tampouco são atestado de pseudociência. Suas contradições são marcas de como a ciência é complicada, dinâmica, negociada, e de como cotidianamente alguns cientistas e filósofos tentam transformá-la em atividade lógica, objetiva e epistemologicamente bem definida, através de um difícil processo de ordenação (seguindo a nomenclatura de LAW, 1994). O Inter Psi mostra a dificuldade de formar a epistemologia de uma disciplina.

Em um e-mail de 20 de abril de 2005, pouco após o grupo de e-mails ser criado, Zangari enviou uma mensagem para o grupo apresentando as bases epistemológicas do Inter Psi, assinalando que seriam todas passíveis de discussão:

O Inter Psi considera que:

1. Seu objetivo básico é estudar cientificamente experiências humanas nas quais, alegadamente, estariam envolvidos processos paranormais de interação entre o ser humano e o meio (que inclui outros seres humanos e seres vivos), ou seja, processos ainda não capazes de serem compreendidos por meio das teorias científicas vigentes. Em resumo, estudamos alegações paranormais - ou experiências aparentemente anômalas (sem interpretação científica) por meio de metodologia científica;
2. Estudar alegações paranormais não significa assumir a existência de processos paranormais;
3. Afirmar ou negar qualquer alegação de paranormalidade antes de estudar caso a caso não é científico;
4. No processo de pesquisa, antes de levantar hipóteses "paranormais" para qualquer alegação, deve-se primeiramente avaliar hipóteses já amplamente consagradas pela ciência. Dentre tais hipóteses, estão a fraude, falhas de testemunho, erros de percepção, coincidência (ou acaso), psicopatologia... Assim, o ceticismo é compreendido como uma ferramenta básica das pesquisas que realizamos.
5. Pesquisas de casos espontâneos e pesquisas experimentais são igualmente importantes para a compreensão científica de alegações paranormais;
6. É fundamental que os estudos sejam, preferencialmente, realizados por equipes multi-profissionais, de modo a capturar ao máximo diferentes aspectos da realidade das experiências que estudamos.
7. O que se tem apresentado popularmente como Parapsicologia no Brasil não representa o que, de fato, temos como objetivos e conhecimentos. Assim, preferimos o uso de termos mais neutros, como "Pesquisa Psi" e "Psicologia Anomalística", para evitar equívocos de identidade. Consideramos, ainda, que o termo "Parapsicologia", em si mesmo, afastaria o campo que estudamos da Psicologia, o que não concordamos. Se nosso objeto de estudo são experiências, relatos, vivências... humanas, então estamos dentro do campo da Psicologia;
8. As experiências que estudamos apresentam potencial complexidade, de modo que são experiências que necessitam uma avaliação multi-disciplinar;

9. A existência de processos paranormais ainda é uma questão aberta e que apenas mais estudos empíricos poderão aportar maiores informações a esse respeito;

10. Não há uma teoria única, suficientemente ampla e aceita em consenso entre os pesquisadores de psi, para explicar as evidências de anomalias (estatísticas) até agora encontradas nas pesquisas empíricas realizadas.

Há alguns pontos importantes nesse e-mail. Em primeiro lugar, cabe notar mais uma referência à mudança de nome. É preciso ter em conta que Zangari está escrevendo para um grupo que se vê como grupo de parapsicologia. Nesse contexto, coloca o Inter Psi como um grupo de parapsicologia que defende nomes menos carregados, como pesquisa psi ou psicologia anomalística. Também chama a atenção para o fato de que o Inter Psi buscará, seguindo essas bases epistemológicas, ver as experiências como foco e, por isso, coloca-se dentro dos limites da psicologia.

Apesar do foco nas experiências, o que torna a existência do grupo – e da área – independente da existência ou não dos fenômenos, o Inter Psi demonstra interesse nas hipóteses paranormais para os fenômenos. Entretanto, qualquer consideração de hipóteses não convencionais deve se seguir à arguição primeira de hipóteses “já amplamente consagradas pela ciência”, demonstrando o apego à navalha de Occam.

A ocupação mista com a ontologia e com a fenomenologia garantiria a existência da área mesmo no caso dos fenômenos serem comprovados inexistentes, já que as experiências são reais. Indo além, ao mesmo tempo em que defende que a área se ocupa das experiências, independentemente da existência dos fenômenos, Zangari disse torcer para que o campo (de psicologia anomalística) deixe de existir<sup>116</sup>. Isso porque, argumenta, “teremos compreensão da natureza dessas coisas, mesmo que a conclusão seja que elas não existem objetivamente”.

Tal fala sua vai no sentido de enfatizar a importância da psicologia anomalística na busca pelo aumento do conhecimento científico sobre o mundo que nos rodeia, independente das consequências que podem se originar desse conhecimento. Foram também presenciados diversos comentários do grupo sobre a dificuldade de outras áreas aceitarem as consequências do avanço do conhecimento científico. Em discussão de sala, Vanessa Corredato, por exemplo,<sup>117</sup> disse crer que a hipótese psi não causa interesse porque promete gerar mais polêmicas do que ajudar, desorganiza e traz dúvidas: “Um artigo que traga a promessa de aplicação causa muito mais

---

<sup>116</sup> Na aula de 01 de abril de 2011.

<sup>117</sup> Aula do dia 06 de maio de 2011.

interesse do que um milhão que gerem mais polêmica.” No mesmo sentido, e na mesma aula, Zangari afirmou que há uma tendência na ciência de manter o *status quo* através das publicações.

A facilidade com que as discussões sobre psicologia anomalística se desenvolvem para discussões sobre a própria ciência pôde ser constatada, por exemplo, nas aulas da disciplina de pós que foram observadas.

O grupo também mostrou como estratégia o reconhecimento de tópicos importantes do momento, de forma a recortar os estudos do grupo, adequando-os ao que entendem que o “mercado” acadêmico quer. Na reunião do dia 20 de abril de 2012, Everton Maraldi e Leonardo Martins, ambos doutorandos, apresentaram uma proposta que Zangari tinha deixado sob a responsabilidade deles: iniciar a escrita de um projeto temático de larga escala (e cinco anos de duração) a ser submetido para a Fapesp. O projeto teria como núcleo de pesquisa: personalidade, transtornos mentais e crenças paranormais. A adequação do projeto à psicologia vai mais além da obviedade do tema (personalidade e transtornos mentais são conceitos comuns da área). Maraldi sugeriu que o foco do projeto fosse em saúde mental, acreditando que o tema seria caro à Fapesp pela facilidade de aplicação clínica. Martins chamou atenção para o fato de que instrumentos importantes para a área clínica, o CID-11 e o DSM-5, estavam sendo preparados nesse mesmo instante: tratava-se de um ótimo momento para pensar em transtornos mentais.<sup>118</sup>

Os planos para o projeto que mostraram ao grupo envolvia método quali-quantitativo (aplicação de instrumentos e escalas psicológicas favorecendo o lado quantitativo e entrevistas e possíveis observações etnográficas do lado da análise qualitativa) e experimentos como “nota de rodapé” (segundo Maraldi) – o que Fabio Silva disse ser “politicamente mais agradável”. Isso nos faz voltar brevemente à distinção entre abordagens mais psicológicas/fenomenológicas e abordagens mais parapsicológicas/ontológicas. O mestrado de Vanessa Corredato é especialmente interessante para isso.

Na reunião do dia 22 de junho de 2012, Zangari sugeriu a Corredato que voltasse ao plano original de fazer experimentação durante o mestrado. Vanessa planejava ter feito um projeto de mestrado que previsse testes experimentais com crianças para avaliar diretamente hipóteses psi. Achando que o projeto corria o risco de não ser aceito, Zangari aconselhou-a a modificar os

---

<sup>118</sup> Sobre a importância da aplicação clínica, é interessante que a 55ª. Convenção da PA, que ocorreu em 2012 em Durham, Carolina do Norte, focou-se no aspecto terapêutico, em como lidar com experiências anômalas em contexto clínico. Maraldi foi o único membro do Inter Psi a participar da Convenção, e trouxe notícias (fez uma apresentação de slides sobre o evento) na reunião do dia 31 de agosto de 2012.

planos e propor uma pesquisa mais centrada em análise de bibliografia para justificar um experimento posterior. Segundo Corredato, contudo, na própria banca de avaliação para entrada no instituto, um dos professores disse que esperava algo mais empírico, pois parecia que seu projeto ia nessa direção. De qualquer forma, o motivo de Zangari falar em voltar aos planos originais é que parecia a ele, agora, que havia gente aberta e interessada o suficiente para poderem se arriscar a submeter um estudo do tipo. O que parece é que a pesquisa experimental funciona quando o grupo pensa em um público parapsicológico. Quando se reporta a psicólogos, a falta de experimentos é “politicamente mais agradável”. Entretanto, há uma análise contínua do contexto em que o grupo se insere, de modo a aproximar, o mais possível, as análises fenomenológicas e ontológicas no interior do grupo.

A respeito dos estudos experimentais de parapsicologia, Zangari é categórico. Na aula do dia 01 de abril de 2011, por exemplo, afirmou que a parapsicologia não encontrou nada além de controvérsia. Não há evidências da ontologia dos fenômenos observados, apenas resultados anômalos à espera de explicação. Na mesma aula, defendeu que o bom estudo para um parapsicólogo é um estudo experimental – “o resto não conta, não podemos nos afiançar nos relatos. Os relatos podem oferecer padrões, que podem gerar hipóteses, que devem ser testadas experimentalmente”. Contrastando com essa fala, na aula do dia 06 de maio de 2011, contou sobre a entrevista para professor na USP. Falou sobre pesquisa de doutorado em que aumentou o número de sujeitos (médiums de umbanda) para 50 para ter maior peso estatístico (desconheço o número inicial proposto). Segundo ele, um professor da banca inquiriu: “não bastaria um?”.

De forma geral, pode-se argumentar que o apreço de Zangari varia em relação à experimentação. Às vezes defende, às vezes critica a experimentação demais. Seu ponto parece ser que a experimentação é necessária em vários momentos, mas tem que se tomar cuidado com ela, pois é traiçoeira. A falta de experimentação gera resultados anedóticos, a dependência extrema da experimentação gera resultados que não significam nada, pois são descontextualizados. Essa visão reflete um embate comum entre diferentes abordagens psicológicas, algumas mais outras menos dependentes da experimentação. Pode-se argumentar que a psicologia anomalística que o Inter Psi propõe busca encontrar um equilíbrio entre fenomenologia e ontologia, e entre métodos qualitativos e quantitativos para encontrar e avaliar os dados, que é difícil de se alcançar para a psicologia em geral.

Desenvolver ou expressar a epistemologia da área passa por um entendimento específico do que é ciência, de quais suas fronteiras e de como a área defendida se encontra inserida dentro desses limites. Podemos identificar uma visão de ciência que emerge dos textos e falas dos membros do Inter Psi. Para eles, a ciência deve ser, ou buscar ao máximo ser, neutra. Isso significa uma abertura para qualquer resultado que se possa encontrar, e não uma defesa cega de uma opinião anterior. Como o e-mail de Zangari sugeriu, uma crença na existência ou não existência dos fenômenos antes dos estudos não é científica.<sup>119</sup>

A característica principal dessa ciência neutra seria o método rigoroso. A preocupação com o método científico se faz presente em inúmeras interações do grupo. Na reunião do dia 27 de maio de 2011, por exemplo, o grupo debateu a pesquisa de uma participante (mestranda, que não continuou estudo de pós no Inter Psi após a defesa), questionando e debatendo especificamente sobre seus valores estatísticos e sobre como havia sido feita a composição do grupo controle. A respeito da pesquisa do Fabio Silva, discutiram seus resultados estatísticos, a diferença entre um ensaio de pesquisa e um estudo exploratório, sobre que tipo de estudo pode ou não ser apresentado em um congresso científico. Na reunião do dia 31 de agosto de 2012, Zangari discutiu a importância de uma metodologia rigorosa citando dois estudos sobre cura à distância. O primeiro deles foi uma tese da Unifesp a respeito de reiki (muito mal escrita e péssima em método, segundo Zangari e Leonardo Martins). O autor fez experimentos com ratos, mas teria falhado em controlar diversos aspectos. Segundo Zangari, os ratos foram cuidados por pessoas diferentes (não houve controle bem feito de quantidade de água e comida, por exemplo), e houve um viés claro na revisão bibliográfica (com a utilização somente de textos que favoreciam a hipótese preferida), o que Zangari considera perigoso. Depois, ele citou um estudo feito em Harvard a respeito de cura à distância e em que as pessoas que receberam tentativas de cura à distância morreram mais. Como não há qualquer base para concluir que cura à distância mata, o estudo é um bom exemplo de que os resultados podem não ter qualquer relação com o que se quer ver, mas podem se dever à falta de aleatoriedade, por exemplo.

---

<sup>119</sup> A discussão sobre as evidências da existência dos fenômenos paranormais deu pano para muita manga no grupo de e-mails. O mês mais cheio na lista de e-mails foi maio de 2005. O grupo trocou 145 mensagens (nos dois primeiros anos, a média de quase todos os meses foi em torno de 10 mensagens), a sua maioria envolvendo um participante específico. Furioso com Zangari porque ele havia dito que a ciência não tem provas da existência dos fenômenos, apenas resultados anômalos à busca de interpretação, o participante enviou inúmeros e-mails agressivos, até ser desligado do grupo no dia 24 de maio de 2005.

O professor Altay de Souza<sup>120</sup>, da Unifesp, participou da qualificação de doutorado de Fábio Silva (22 de junho de 2012) e teve especial atenção para com os detalhes do método. “Como é uma área que está crescendo – graças principalmente aos esforços do Wellington – se esforce para melhorar o método.” Indicando que talvez uma pesquisa não tão controlada possa ser aceita em um periódico da área de parapsicologia, Zangari objetou que não. Ele sempre enfatiza o rigor da área, que tem que ser mais cuidadosa que o normal para escapar aos críticos.

Na reunião do dia 29 de abril de 2011, Zangari comentou a respeito da dificuldade (e fracasso) de Fábio Silva em abrir um grupo de estudos de psicologia anomalística dentro do Conselho Regional de Psicologia do Paraná (a ser exposto mais adiante), dizendo que o importante é seguir fazendo um trabalho muito bem feito, com rigor metodológico. “As pessoas estão nos olhando”. Leonardo comentou esperançosamente que o caso todo não se tratava de um caos total, já que se eles fizessem de fato um trabalho bem-feito, haveria alguma transformação, haveria geração de conhecimento. Zangari foi um pouco mais realista e normativo: “não necessariamente, mas isso é a obrigação. Se não fizer certo, você está fora.” E é necessário publicar, claro, já que pesquisa científica que não é publicada não serve para nada”.<sup>121</sup>

Momentos anedóticos como esses demonstram uma preocupação com método que faz parte do cotidiano do grupo. A maior parte do tempo das reuniões é gasto com exposições e debates a respeito das pesquisas que estão sendo feitas e com sugestões de como melhorá-las. A preocupação com o método está presente também em uma série de alistamentos do grupo: diversos testes psicológicos e discussão sobre eles, diversas abordagens da psicologia e discussão sobre elas, diversos testes estatísticos e discussão sobre eles. O Inter Psi se mostra sempre disposto a rever suas alternativas e escolhas metodológicas.

Na reunião do dia 22 de junho de 2012, o professor Altay de Souza foi convidado a participar e passou um bom tempo explicando ao grupo conteúdo de estatística (falou, por exemplo, sobre a diferença entre variáveis categóricas e contínuas, sobre diferença entre relações e correlações e sobre relações espúrias). Zangari referiu-se a um namoro antigo entre Souza e o grupo, por causa da importância da estatística para o Inter Psi, mas também pelo gosto do primeiro pela área. Comentou ainda que teriam uma demanda de estatística para o projeto

---

<sup>120</sup> Formado no IP-USP, o professor Altay Souza é psicólogo experimental (dá aulas de estatística para psicólogos) e trabalha no departamento de psicobiofísica da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

<sup>121</sup> Reunião do dia 29 de abril de 2011.



temático. Além disso, Zangari citou em algumas reuniões a possibilidade de fazerem experimentos em conjunto utilizando eletroencefalograma.

Para Zangari, além do método, toda ciência precisa de uma teoria, que seria a interpretação dos dados. Por exemplo, na aula do dia 04 de janeiro de 2011, ele retomou sua ideia de que o que se tem em parapsicologia são evidências de desvios significantes, que nada provam em relação à ontologia dos fenômenos estudados. Além do desvio, ele argumentou, é preciso a interpretação: “sem interpretação, não há ciência”. A parapsicologia tem o método científico, mas lhe faltaria uma coisa fundamental: a teoria. Por isso, Zangari a chama de protociência.

A ciência como vista pelo Inter Psi é caracterizada por clivagens, tornando-se ela própria negociável. Primeiro, há a diferenciação entre abordagens, que definem a boa e a má ciência de formas diferentes. Por exemplo, a unidade epistemológica da psicologia foi colocada em cheque na história de Fábio Silva sobre sua tentativa de abrir um grupo de estudos de psicologia anomalística no Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Segundo Zangari, os critérios de existência de um grupo, e de uma boa pesquisa, variam conforme a orientação metodológica das pessoas que avaliam. Se o grupo for composto de clínicos, estudos de caso são suficientes. Sobre os membros do Conselho que acabaram por não autorizar a criação do grupo de estudos, Silva falou que só havia uma psicóloga experimental. Quanto aos outros, não apenas não viam os experimentos como importantes, como teriam achado estranha sua menção a experimentos duplo-cego.

Na aula do dia 06 de maio de 2011, Zangari comentou sobre a estatística e a implicação de uma discussão da parapsicologia para todas as outras ciências que se utilizam de métodos estatísticos: “Há duas estatísticas que rivalizam. Se a boyseniana, que é muito mais rigorosa, começar a ser usada, tudo o que conhecemos de psicologia experimental está sob suspeita.” Isso também traria problemas para estudos de outras áreas, como da biologia e da física. “Nós podemos estar vivendo uma mentira até agora?” indaga o professor, à sala e a ele mesmo.

Além das diferentes abordagens, a ciência seria marcada pela diferença entre cientistas e gestores. Na aula do dia 01 de abril de 2011, Zangari afirmou sua crença de que os cientistas têm sim interesse em experiências anômalas, mas os gestores buscam se afastar delas por causa da relação entre parapsicologia e áreas não científicas e por causa de controvérsias passadas.

As negociações do que conta como boa ciência em um determinado momento dotam o conhecimento científico de uma historicidade particular: na aula do dia 06 de maio de 2011,



Zangari nota as várias mudanças através do tempo do que é um ser humano e do que é psi. A palavra que ele usa vem direto da teoria kuhniana: paradigma. Por exemplo: na época da SPR, acreditava-se que poucos indivíduos tinham muita capacidade psi. Para Rhine, todo mundo tinha um pouco. De algo controlável, as habilidades paranormais passaram para algo incontrolável. Havia uma teoria específica no século XIX que acreditava que os fenômenos paranormais seriam fruto da ação de espíritos. Agora não há. Com o tempo, muda a pesquisa e o que se entende como boa pesquisa. “O que contava como bom dado para a metapsíquica não conta como bom dado hoje. O paradigma define o que conta como bom ou mau dado.”

O uso da palavra paradigma não é incomum nas falas de Zangari. Mais do que o uso genérico do termo, entretanto, ele cita, em aula, Kuhn e outros nomes conhecidos nos ESCT (como Collins e Pinch) para justificar sua visão de ciência negociável, por mais que ela se caracterize essencialmente pelo método. Sua visão é de que a ciência é construída, mas o método científico garante que essa construção seja mais objetiva, que se chegue o mais próximo possível de uma verdade, em última instância, inalcançável.

Como ilustração dos pontos já discutidos, o professor disse o seguinte durante a aula do dia 06 de maio de 2011: “espera-se que quando se faz uma alegação em ciência, que se tente provar. De novo, isso é construído. Se daqui a pouco o critério for experiência pessoal, aí tudo muda. A ciência faz uma grande criação. A teoria é uma criação que tem algo a ver com os dados. Os dados por si só não dizem nada.” E ainda que “a ciência é um conjunto de crenças. Supõe-se ter certa relação racional e base empírica. As teorias são uma adequação de um discurso ao empírico.” “A gente enxerga o que pode. O que temos de interessante na ciência é a capacidade de pensar sobre o que fazemos e de mudar.” A utilização de conceitos de estudos sobre a ciência ainda pode ser vista na fala da mesma aula: “Quando a gente enxerga, a gente põe nossa subjetividade. A ciência não é um espelho que reflete a realidade. Ainda mais para um psicólogo. Isso não faz o menor sentido. Segundo Kuhn, não dá pra enxergar o que está fora do paradigma. É por isso que os artigos muitas vezes não são aceitos para publicação. É por isso que a PA tem feito um esforço enorme para que as publicações de parapsicologia publiquem resultados negativos”. Zangari terminou a aula citando Mousseau – autora de tese sobre a parapsicologia a partir de um enfoque sociológico –, que concluiu que a parapsicologia publica mais resultados negativos do que a psicologia em geral e que isso reflete o uso de ferramentas que a área criou para tornar-se mais rígida e conquistar aceitação.

No entanto, Zangari deixou claro em diversos momentos que a ciência é construída, mas não vale tudo. Na aula do dia 13 de maio 2011, por exemplo, ele mencionou Charles Sanders Peirce, diferenciando entre nominalistas e realistas e afirmando que são dois exageros: “Talvez a gente consiga apreender parte da realidade, mas não tem como pegar tudo: podemos nos aproximar da realidade.” E ainda: “[eu] queria fazer uma pesquisa exploratória e tinha que escrever as hipóteses no projeto. Quando eu penso em respostas provisórias, sou obrigado a antecipar os resultados. Acabo restringindo a minha observação ao que eu quero. O que a parapsicologia oferece nesse panorama é uma contracorrente. Ela se propõe a estudar algo que, por hipótese, não pode ser compreendido pela ciência normal.” A visão de Zangari é, resumidamente, de que construtivismo e realismo não vivem um sem o outro.

A construção da epistemologia da psicologia anomalística passa, assim, por um entendimento específico do que é a ciência, assim como um entendimento específico do campo onde se insere a nova área. É preciso marcar o mapa mais geral que engloba a psicologia anomalística. Para isso, é preciso também definir os limites da área, as fronteiras em relação a outras áreas. Embora se tenha discutido sobre essas fronteiras nessa seção, cumpre dar um enfoque maior à relação estabelecida entre psicologia anomalística e a psicologia em geral, a psicologia da religião e a parapsicologia em específico, já que são as áreas mais próximas.

#### **4.2.1.2 Relação com psicologia da religião**

A psicologia da religião apareceu de forma bastante proeminente na disciplina PST-5842. Na aula de 25 de março de 2011, Zangari afirmou sua tese de que a psicologia da religião teria se distinguido da metapsíquica/parapsicologia na década de 1910. Segundo o professor (aula do dia 01 de abril de 2011), a separação se deu por questões políticas (para marcar a diferença com a parapsicologia por causa de sua relação com áreas não científicas, como o espiritismo e a religião). A separação seria uma marca do afastamento que a psicologia deliberadamente queria promover em relação à parapsicologia.

Não se pode dizer que Zangari é moderado a respeito da relação entre psicologia da religião e parapsicologia: “religião e experiências anômalas são indissociáveis”<sup>122</sup>, e, de forma ainda mais efusiva, “devemos estudar essas duas coisas [parapsicologia e psicologia da religião]

---

<sup>122</sup> Fala de Zangari durante a aula do dia 20 de maio de 2011.

sem medo de reações políticas, mesmo que elas aconteçam. A psicologia anomalística pode estudar as duas coisas pois elas são a mesma coisa”.<sup>123</sup>

Um caminho fácil, e, portanto, sedutor, de interpretação é ver a escolha de Zangari em relacionar parapsicologia e psicologia da religião dentro da psicologia anomalística como forma de aumentar os horizontes de pesquisa da nova área e assegurar-lhe um nicho acadêmico. Contanto, deve-se notar que ele tem não apenas um conhecimento de *insider* da área da psicologia da religião (tem produzido e orientado na área, foi orientando do professor Geraldo José de Paiva, que ele entende ser o precursor de psicologia da religião no Brasil), como seu próprio caminho dentro da psicologia se fez unindo a religião e os fenômenos paranormais (entre os objetivos do grupo na Anhembi Morumbi estava a criação de um grupo de pesquisas de simbolismo religioso e psicologia, como já foi mencionado). Segundo o que disse na aula de 20 de maio de 2011, Zangari começou a estudar experiências anômalas academicamente dentro da psicologia da religião. Nisso, ele enfatiza o papel importante do professor Geraldo em reconhecer as experiências anômalas como temas recorrentes da psicologia da religião europeia. O fato de ele ter orientado a tese de Zangari que trata de aspectos religiosos (umbanda) e paranormais (incorporação) é sinal de sua abertura para a relação entre esses elementos.

Vale notar, contudo, que o próprio status da psicologia da religião não está assegurado dentro da psicologia. Não são todas as universidades que contam com disciplinas de psicologia da religião. Além da dificuldade de estabelecer uma nova subdisciplina psicológica sem aparente aplicação clínica imediata, há um temor de que a psicologia da religião – principalmente se relacionada a ensino religioso – signifique uma forma de doutrinação. Segundo Zangari,<sup>124</sup> contudo, a demanda para psicologia da religião entre os alunos de psicologia do IP-USP é muito grande. Ele e o professor Geraldo recebem muitos e-mails perguntando sobre a área e há grande presença de alunos nas disciplinas (sendo que não há disciplina obrigatória, apenas eletiva). A psicologia da religião acaba sendo uma espécie de chamariz e triagem para o interesse em psicologia anomalística. Na USP, a regra tem sido os alunos terem contato com psicologia anomalística por meio da disciplina de graduação sobre psicologia da religião ministrada por Zangari (que conta com um módulo sobre anomalística). Demonstrando ainda mais a relação íntima entre as áreas, Zangari estabeleceu a participação na disciplina de psicologia da religião

---

<sup>123</sup> Fala de WZ durante a aula do dia 01 de abril de 2011.

<sup>124</sup> Reunião do dia 29 de abril de 2011.

como pré-requisito para cursar a disciplina de introdução à psicologia anomalística para a graduação (da qual falarei na seção sobre estratégias para a legitimação da área).

#### **4.2.1.3 Relação com parapsicologia**

Segundo Fátima Machado (2010, p. 265):

A Parapsicologia, enquanto ciência, ocupa-se principalmente da realidade ontológica de psi, diferentemente do estudo aqui apresentado que se enquadra numa nova área da Psicologia, nomeada Psicologia Anomalística. A Psicologia Anomalística engloba os estudos da pesquisa psi e das outras experiências anômalas com enfoque privilegiado no sujeito dessas experiências, ou seja, nos aspectos psicológicos envolvidos nessas vivências e/ou resultantes delas.

A relação entre o Inter Psi e a parapsicologia é íntima, mas durante toda a observação de campo Zangari se esforçou para enxergar a área com olhos de crítico – embora sempre buscando uma crítica construtiva. Sua escolha do termo protociência para se referir à área certamente não angariaria olhares satisfeitos de muitos estudiosos que se definem como parapsicólogos. Não se pode dizer, contudo, que as críticas à parapsicologia vieram tardiamente, no momento em que a psicologia anomalística passou a ser defendida pelo grupo como uma disciplina científica. Por exemplo, em Zangari; Machado (1997), os autores defendem a ideia de que a parapsicologia brasileira não tinha identidade e buscava desesperadamente a aceitação acadêmica.

Na aula de 01 de abril de 2011, Zangari falou sobre a relação entre os parapsicólogos e os críticos: “os dois lados são ótimos para fazer ataques”, afirmou, “mas não são tão bons para assumir a irracionalidade dos seus próprios argumentos”. Em diversos momentos, Zangari falou com simpatia dos céticos da parapsicologia. O problema, segundo ele, é que os céticos criticam sem buscar provar a possibilidade das alternativas que pregam (que os resultados positivos poderiam se dever a fraudes de tal ou qual tipo, por exemplo). Na aula do dia 24 de abril de 2011, afirmou que os céticos deveriam fazer mais experimentos, buscando encontrar resultados iguais por outros meios, e disse ainda que “grupos como o nosso [Inter Psi] deveriam ter um número parecido de céticos e proponentes de psi”. A ideia é que eles ajudam a área a se manter mais rigorosa, contanto que sejam céticos que não se neguem a participar ativamente da área. Na reunião do dia 29 de abril de 2011, por exemplo, Fátima Machado contou que um colega cético dela e de Zangari foi chamado para participar de um experimento ganzfeld e recusou, perguntando o que faria caso os resultados fossem positivos.

Das duas faces da psicologia anomalística (a união entre psicologia e parapsicologia), a parapsicologia está presente na abertura à arguição da realidade ontológica dos fenômenos. A própria realidade ontológica, entretanto, está conectada à psicologia, na medida em que Zangari crê que são aspectos psicológicos que dão a maior base para que se acredite que os fenômenos são reais, para além da realidade das experiências. Na aula do dia 01 de abril de 2011, o professor afirmou que o problema da parapsicologia atual é que o sujeito ficou distante. Falando a respeito da falta de evidências ontológicas, Zangari disse que o que mais lhe chama a atenção, talvez fazendo pender levemente a sua balança de crenças para a possibilidade de realidade dos fenômenos paranormais, é a relação entre elementos psicológicos e os resultados anômalos em testes.<sup>125</sup> Para ele, é preciso ter uma perspectiva psicológica que permita um maior entendimento do contexto dos experimentos. “O psicólogo anomalístico”, arrebatou, “se preocupa com a ontologia e também com o significado para o sujeito”, o que lhe permitiu colocar-se dentro de uma área ligada a, mas diferente da, parapsicologia: “parapsicologia não é o que eu faço. Tenho interesse nisso, mas também no significado para o sujeito”.

Na aula seguinte, do dia 08 de abril de 2011, ele explicou melhor porque sua balança é ligeiramente favorável à existência ontológica dos fenômenos pesquisados. Para ele, os efeitos paralelos observados em décadas de estudos experimentais são mais significativos do que os desvios significantes encontrados nos resultados estatísticos desses mesmos testes. Como exemplo, citou o “efeito em u” que foi encontrado em diversos experimentos (sujeitos acertam mais do que o previsto pelo acaso durante o tempo, os resultados tornam-se normais durante um período e voltam a tornar-se desviantes em relação ao acaso) e uma lista de elementos de fundo psicológico que tornam os experimentos e seus resultados mais complexos (há padrões de sujeitos que tendem a acertar mais ou menos em experimentos parapsicológicos: diferença de acertos segundo a familiaridade com os experimentos, tipos psicológicos dos sujeitos, estado alterado de consciência ou não, crenças individuais em relação à existência ontológica ou não dos fenômenos paranormais, personalidade, histórico de experiências anômalas e uso prévio de técnicas mentais, por exemplo). Embora nada disso seja suficiente para comprovar a existência dos fenômenos – e não apenas das experiências –, Zangari diz que “existe evidência suficiente para não deixar o campo descoberto”.

---

<sup>125</sup> Por exemplo, nos experimentos reportados em Bem (2011), há diferença entre os resultados encontrados nos testes de sujeitos extrovertidos em relação aos introvertidos.

O que fazer com toda essa evidência, ele diz, é seguir a navalha de Occam. Primeiro, deve-se buscar as explicações mais simples e, se elas falharem, aventurar-se em busca de explicações mais arrojadas. Isso implica que não é preciso tomar lados. Não é preciso crer que os fenômenos existam de fato ou concluir que são apenas erros experimentais e confabulações mentais falando. Na aula seguinte, no dia 15 de abril de 2011, ele adicionaria: “A opção melhor é a da não conversão. Não é preciso se converter, mas estudar – ver o que os dois lados dizem”.

Entre os dias 17 e 18 de agosto de 2011 ocorreu um evento que demonstra como as relações entre parapsicologia e psicologia anomalística são próximas. O VII Encontro Psi – provavelmente o evento acadêmico de parapsicologia mais tradicional do país (se não o único) – tomou como tema “Pesquisa Psi e Psicologia Anomalística”. O evento é sempre organizado pela FIES – Faculdades Integradas Espíritas, sediada em Curitiba. A FIES tem curso de parapsicologia, do qual Fabio Eduardo da Silva, orientando de doutorado de Zangari, era professor. O evento, que contou com cerca de 50 pessoas em sua abertura, marcou-se pela presença dos membros do Inter Psi<sup>126</sup> e de alguns membros da PA (David Luke, então presidente da PA, entre eles). A presença de membros da PA foi facilitada pela quase concomitância entre o VII Encontro Psi e a 54ª. Convenção da PA, que ocorreu no mesmo prédio – tendo ajuda na organização do Fabio da Silva – entre os dias 19 e 21 de agosto.

Em conversa informal após a reunião do dia 29 de abril de 2011, Silva havia me falado sobre o desafio em se fazer pesquisa psi. Para ele, era diferente de fazer pesquisa normal porque há duas frentes de luta: a pesquisa (que tem que ser feita com mais cuidado do que em áreas mais estruturadas, porque um erro de alguém pode comprometer a pesquisa séria de anos de outras pessoas devido à descrença em relação a toda a área) e a briga por legitimação, por divulgação. Segundo ele, a luta dupla era muito cansativa, mas criativa e desafiante. Ele falou ainda que eu estava fazendo meu trabalho em um momento histórico: eu podia acompanhar uma onda se formando. Havia mais espaço do que antes em universidades europeias e eu podia acompanhar um movimento específico de mudança de nome: “a psicologia anomalística é mudança de nome estratégica”, disse ele. Ele já havia ido há uns sete encontros da PA, segundo me disse, e sempre

---

<sup>126</sup> Além da presença do Fabio, organizador o evento, foram para Curitiba WZ, Fátima, Everton, Alessandro, Leonardo, Vanessa, Suely e Lívea (com a exceção de Monica, todos os orientandos formais de mestrado e doutorado do WZ – e todos apresentando trabalhos o encontro). Além dos orientandos formais, Vera e Maciel, então participantes das reuniões (vez em quando) participaram do evento (sem apresentar trabalhos). Em Curitiba, o grupo teve contato com Gabriel, um aluno recém-admitido no mestrado em 2011 que acabou por tornar-se membro do Inter Psi no primeiro semestre de 2012.

viu ser discutida a questão do nome, com alternativas sendo pensadas. Em alguns anos não haveria mais o termo parapsicologia, ele arriscou (o que creditava ser ótima estratégia, vendo o último nome como muito carregado). Despedimo-nos com um último comentário extremamente interessante dele, o de que o movimento do Inter Psi era o movimento de toda a área.

A fala de abertura de Silva no VII Encontro Psi foi exemplar ao direcionar a forma como a psicologia anomalística seria encarada pelo evento. Ele chamou atenção para o fato de que psicologia e *psychical research* eram indistinguíveis no início, mas houve uma separação histórica com o desenvolvimento em separado das duas áreas. A psicologia anomalística teria vindo para integrar os fenômenos psi à psicologia. Enquanto a área tem se desenvolvido principalmente no Reino Unido, ele destacou a USP como casa da psicologia anomalística brasileira.

Zangari participou de uma mesa (intitulada “Pesquisa Psi e Psicologia Anomalística”) e fez uma comunicação – escrita em conjunto com Machado – denominada “Por uma Psicologia Anomalística Inclusiva”. Em suas falas, ele identificou os três campos da parapsicologia, da psicologia da religião e da psicologia anomalística, defendendo um retorno a uma disciplina que integre as áreas que foram historicamente desmembradas. Ele alegou que o termo parapsicologia não era adequado no Brasil e propôs que se passasse a utilizar o termo psicologia anomalística para essa integração, mas uma psicologia anomalística inclusiva: uma que adote também a hipótese psi. Propôs, ainda, que haja discussão a respeito dessa nomeação, pois isso deve ser um processo coletivo; “os pesquisadores têm que pensar na utilidade do termo”, concluiu.

Na convenção da PA que se seguiu, Zangari voltou a defender o uso do termo psicologia anomalística (citando os mesmos motivos: inclusão da experiência humana, termo neutro para um campo unificado, razões históricas que o tornam mais adequado do que parapsicologia no Brasil, e maior possibilidade de não ser tomado por charlatões). Na reunião do dia 30 de setembro de 2011, Zangari disse que a convenção deste ano havia sido a melhor que ele tinha visto da PA. Isso porque, em anos anteriores, a abordagem experimental havia sido muito mais dominante. Ele disse que tal abordagem é essencial, mas que não pode haver exclusividade. Esse 2011, com mais trabalhos qualitativos e vários de cunho mais psicológico, ele chegou a afirmar que “a perspectiva da psicologia anomalística invadiu a *Parapsychological Association*”. Silva acrescentou uma fala em *off* de Annalisa Ventola, secretária da PA, de que o Brasil é o segundo país do mundo em desenvolvimento de pesquisa psi, e adicionou que ela estava falando do grupo de São Paulo.



Entretanto, minha percepção da Convenção levou-me a crer que não há possibilidades muito claras ou próximas de o termo psicologia anomalística substituir parapsicologia. Um comentário nesse sentido foi de John Palmer, um membro antigo da PA, que disse que gostaria de ver o novo nome substituindo o antigo termo. Ele adicionou, contudo, que não vê essa possibilidade como real para um futuro visível porque não vê um consenso entre os parapsicólogos. No dia 29/04/2011, Zangari abriu a reunião do grupo com informações sobre Carlos Alvarado e Nancy Zingrone. Os dois estavam trabalhando na Atlantic University e planejavam abrir um programa de parapsicologia. Silva questionou: “com esse nome mesmo?” Estavam pegando cartas de apoio de acadêmicos ao redor do mundo, o que Zangari disse ter sido ideia sua. Mas o nome seria, de fato, e para surpresa de Silva, parapsicologia. Posteriormente, Zangari informou que o curso não foi aprovado. O motivo dado pelo órgão responsável pela abertura de cursos do Estado de Virginia foi que não havia pessoas qualificadas em parapsicologia para que houvesse emissão de parecer sobre o caso. O que evidencia um aspecto fundamental da diferença entre a parapsicologia e a psicologia anomalística: por tratar-se de uma subdisciplina, a última se coloca no campo da psicologia e dialoga mais proximamente com outros psicólogos, em uma área caracterizada por uma miríade de subdisciplinas.

#### **4.2.1.4 Relação com psicologia**

Na abertura para perguntas da plateia, após a fala de Zangari no Encontro Psi clamando pela adoção do termo psicologia anomalística, um parapsicólogo da velha guarda espírita, muito conhecido no meio no Brasil (Carlos Tinoco, que tem vários estudos principalmente sobre casos *poltergeist*) levantou uma ressalva à adoção do novo termo. Para ele, psicologia anomalística soava como uma psychologização da parapsicologia. Além disso, buscou deixar claro que experiências religiosas não são psi. Zangari não foi direto ao responder a Tinoco, mas é claro – por suas falas ao longo de todo o meu estudo e até mesmo pelas falas durante a comunicação que fez surgiu a pergunta de Tinoco<sup>127</sup> – que essa psychologização é exatamente o ponto. Fechando sua resposta, ele foi enfático quanto ao compromisso em assegurar espaço acadêmico para as pesquisas: “Se você fala em parapsicologia dentro da USP, você não é ouvido. Se você fala em

---

<sup>127</sup> Nessa comunicação ele afirmou que se a parapsicologia estuda experiências humanas, não há porque se colocar à margem da psicologia. Ele também deixou claro muitas vezes sua tentativa de ligar experiências religiosas com experiências anômalas em geral, incluindo o que Tinoco vê como fenômenos psi (*poltergeists*, telepatia, etc.).



psicologia anomalística, eles fazem aquela cara de ‘o quê?’ e você tem a possibilidade de explicar o que você faz.” Isso torna possível que existam cursos dentro da Universidade de São Paulo.

As tentativas do grupo de unir psicologia à parapsicologia não são sempre bem-vindas. Quando o são, não são sempre acatadas. O caso citado anteriormente do programa de parapsicologia da Atlantic University é emblemático. Carlos Alvarado e Nancy Zingrone respeitam a psicologia anomalística, mas preferem chamar seu curso de parapsicologia. No minicurso que fizeram em São Paulo, em outubro de 2011, Zingrone expressou o problema maior que vê no nome psicologia anomalística: para ela, a questão é que o campo [parapsicologia] tem que ser, ou procurar ao máximo ser, interdisciplinar. Psicologia anomalística seria “psicológico demais”, mantendo longe alguns profissionais de outros campos que poderiam se juntar à área.

De fato, o Inter Psi sempre defendeu uma postura interdisciplinar para a área. No e-mail do dia 15 de maio de 2005, já citado e transcrito, Zangari aponta a importância da interdisciplinaridade:

4. definimo-nos como um ramo da Psicologia geral e interdisciplinar (dada a complexidade potencialmente envolvida no estudo dessas alegações e das próprias experiências).

O terceiro aspecto de maior interesse foi a necessidade do uso de múltiplos métodos de pesquisa em nosso campo, permitindo, inclusive, que pesquisadores com ênfases teóricas e especialidades distintas. Tal abordagem possibilita que as experiências sejam estudadas tanto em sua importância para o sujeito (sua significação e impacto pessoal / abordagem fenomenológica) quanto em sua faceta "ontológica", ou seja, a busca de evidências de processos psi e, principalmente, dos processos ou variáveis envolvidas nas experiências (process oriented research).

Apesar da busca por interdisciplinaridade da parapsicologia, a PA é composta por sua maioria por psicólogos. O Inter Psi, mais ainda. De todos os membros correntes do Inter Psi, apenas Fátima Machado e Vanessa Corredato, recém-mestre orientanda de Zangari, não são graduadas em psicologia. As duas são, porém, ligadas à área de parapsicologia (Corredato é, aparte Zangari e Machado, a mais antiga participante do Inter Psi: fazia parte do grupo quando ele ainda estava na PUC-SP). Machado tem, entretanto, doutorado em psicologia social e está fazendo graduação em psicologia no momento. Corredato, por sua vez, discutiu algumas dificuldades de sua pesquisa na reunião do dia 22 de junho de 2012: segundo ela, não há nada de psicologia no seu trabalho, toda a teoria e material vinham da pesquisa psi. Embora isso não seja visto como problema para Zangari, mostra que até mesmo a parapsicologia pode ficar um pouco deslocada no novo Inter Psi. Por mais que o grupo seja aberto às outras disciplinas, uma das

consequências da institucionalização acadêmica é a adequação ao campo maior: os orientandos de Zangari terão título de mestres e doutores de psicologia social, afinal.

Um exemplo da orientação do grupo é a qualificação de mestrado de Leonardo Martins, no dia 23 de março de 2011. Apresentando sua dissertação a respeito de indivíduos que alegam terem sido contatados por seres extraterrestres, ele deixou claro, no início de sua apresentação, que estava lá como psicólogo. O que significaria isso para ele? Que, apesar de haver um interesse ontológico em atestar a realidade ou não dos alienígenas, o que importa em sua pesquisa são as experiências que os indivíduos certamente têm, independente da comprovação ontológica dos fenômenos.

O rumo seguido pelo grupo, marcado pela união com a psicologia social, trouxe frutos vários e importantes, mas dificuldades específicas, ou perdas, apareceram também. É possível argumentar que há hoje uma maior separação em relação à parapsicologia. Uma episódio anedótico serve como ilustração: na reunião do dia 22 de junho de 2012, em um momento mais jocoso, o grupo brincou com Everton Maraldi a respeito dos vários trabalhos apresentados por ele no VI Encontro Psi. Zangari comentou que Everton é mais psicossocial – bastante dentro dos limites da psicologia – “e o pessoal lá queria parapsicologia. Pensavam ‘lá vem esse cara falar nos aspectos psicológicos’”.

#### **4.2.1.5 Do Reino Unido ao Brasil**

A respeito do nome da área, muitas vezes Zangari retornou a um mesmo comentário. A primeira vez que o ouvi foi na aula do dia 25 de março de 2011: “o termo psicologia anomalística é uma excrescência gramatical, um nome horrível” disse. Por isso mesmo, argumentou em seguida, é que é tão bom. “Os charlatães dificilmente gostariam de se colocar dentro dele.” Além disso, a escolha pelo nome tem o papel, como já foi dito, de colocar uma pergunta para quem o escuta pela primeira vez. Assim, o pesquisador tem a chance de explicar do que se trata. Algo que não existe no caso da parapsicologia, em geral já acompanhada de pressuposições.

A psicologia anomalística foi apresentada ao fim da primeira aula da PST-5842 como nascendo do desconforto de alguns parapsicólogos ao verem alternativas psicológicas tradicionais não sendo consideradas em primeiro lugar como explicações possíveis dos fenômenos paranormais. Com o tempo, Zangari afirmou, o “primeiro lugar” se converteu em “exclusivamente”, tendo a psicologia anomalística assumido uma característica mais cética.

Como já explicitado no capítulo anterior, isso se deu no Reino Unido, onde Chris French é o pioneiro e mais famoso psicólogo anomalístico.<sup>128</sup>

Durante a última aula da disciplina PST-5842, ao final do primeiro semestre de 2011, Zangari comentou sobre a tentativa de escrever um livro de introdução à psicologia anomalística (a sugestão era de Carlos Alvarado e já haviam pensado em um nome: *Princípios de psicologia anomalística* para parafrasear William James e seu *Principles of psychology*). Em 2012, contudo, foi lançado o primeiro livro a respeito da psicologia anomalística (HOLT et. al, 2012), que foi recebido com entusiasmo pelo Inter Psi e objeto de estudo durante as reuniões em 2013.

Antes desse livro, ZANGARI (2007) se referiu à publicação do livro *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence* como “talvez a principal conquista editorial da assim chamada ‘Psicologia Anomalística’”. Embora não se filiasse especificamente à nova área de psicologia anomalística criada por French, e tendo sido escrito por psicólogos ligados à PA, o livro – lançado originalmente em 2000 pela American Psychological Association – procura estabelecer uma conexão mais forte entre a psicologia e as experiências, não só fenômenos, anômalos. Leonardo Martins se referiu ao *Varieties* como “nossa bíblia” na aula de 27 de maio de 2011. Durante toda a primeira metade do ano de 2011, Fátima Machado esteve ocupada com a tradução do livro para o português que, esperava-se, seria lançado durante os eventos em Curitiba no mês de agosto – o VII Encontro Psi e, principalmente, a 54ª. Convenção da PA. O lançamento foi adiado pela editora, a Ateneu, e acabou acontecendo somente no segundo semestre de 2013, porém com muitos problemas. Houve erros de edição e o livro foi retirado do mercado, para ser oficialmente relançado no primeiro semestre de 2014. É, contudo, representação do papel central do Inter Psi na área no Brasil, já que a tradução ficou a cargo de Fátima Machado e Zangari foi responsável pela revisão científica.

#### **4.2.2 Defesa da importância da área**

As tentativas de legitimar a área de psicologia anomalística passam por defender a importância dos estudos feitos, assinalando sua indispensabilidade e raridade na pesquisa científica corrente. Assim, defende-se um nicho específico para a psicologia anomalística dentro da academia.

---

<sup>128</sup> Zangari admira muito French, especialmente por ele ser cético, mas aberto para a parapsicologia. Zangari comentou algumas vezes que French vê a parapsicologia como ciência devido ao método utilizado, independentemente da realidade ontológica dos fenômenos estudados.

Na aula do dia 01 de abril de 2011, o professor comparou a pequena incidência de esquizofrenia na população em geral à porcentagem de pessoas que dizem ter tido experiências paranormais. Segundo ele, estuda-se esquizofrenia a despeito de ela acometer somente 1% a 2% da população, enquanto mais de 80% de brasileiros dizem ter tido experiências anômalas, sem que isso seja levado muito a sério pela academia.

Este argumento é bem direto e sempre retomado por Zangari. Se uma parte tão grande da população passa pelas experiências, é essencial que tais experiências sejam objeto de estudo sério. O próprio livro *Anomalistic psychology* passa por esse ponto. Na introdução, os autores citam diversos estudos que mostraram que experiências anômalas são relativamente comuns, concluindo que “crenças e experiências ‘anômalas’ são (...) altamente prevalentes. Isso por si só as torna fomento digno para a pesquisa psicológica. Como psicólogos, nós podemos buscar entender melhor por que e como elas acontecem e que função servem.” (HOLT et al, 2012, p. 3)<sup>129</sup>

Assim, não apenas é apontado que a incidência de experiências e crenças anômalas justifica os estudos, mas também se busca identificar uma lacuna no conhecimento psicológico. Os estudos servem para iluminar as experiências ao mesmo passo em que também complementam a psicologia. Para o Inter Psi, é importante também identificar uma lacuna no conhecimento parapsicológico. Sem uma abordagem que dê a atenção devida aos aspectos psicológicos e sociais envolvidos em casos de fenômenos psi, não se atinge uma desejada compreensão mais ampla de tais fenômenos. A identificação dessas lacunas está bem presente em textos acadêmicos produzidos pelo grupo. A seção específica sobre as publicações do Inter Psi iluminará melhor este ponto.

#### **4.2.3 Afastamento da parapsicologia tradicional brasileira**

Na aula de 01 de abril de 2011, Zangari afirmou que, no Brasil, a parapsicologia é uma serva de objetivos não científicos, referindo-se principalmente à “parapsicologia clínica” presente, sobretudo, no sul do país. Explicando melhor o estado da parapsicologia brasileira, o professor identificou três grupos principais: os religiosos (sobretudo espíritas e católicos), os esotéricos (“escolas de tradição, cujas práticas têm algo ligado ao parapsicológico: sustentam

---

<sup>129</sup> “‘anomalistic’ beliefs and experiences then are highly prevalent. This alone makes them worthy fodder for psychological research. As psychologists, we can seek to better understand why and how they occur and what function they serve.”

necessidade de experimentar, pois isso está ligado ao desenvolvimento da consciência”; um exemplo seria o budismo), e os pragmáticos, da parapsicologia clínica (que se caracterizam pelo “uso de terapias alternativas sob outro nome”, voltam-se para o mercado, com envolvimento de políticos, oferecem cursos de parapsicologia, e normalmente ligam-se aos outros dois grupos).

Como foi expresso no capítulo passado, o Inter Psi, ao se colocar como grupo de parapsicologia, buscou se afastar da parapsicologia tradicional brasileira – marcada por embates entre espíritas e católicos – pondo-se como alternativa a ela (a aliança com a PA contribuiu fortemente para isso). Como um grupo de psicologia anomalística, essa tendência permanece.

Acompanhar um pouco da organização do VII Encontro Psi (por meio do contato com o principal organizador, Fábio da Silva) foi interessante para identificar as diferentes estratégias de segurar público para os estudos sobre experiências anômalas. De início, é interesse perceber a separação que houve entre dois eventos quase concomitantes (e que dividiram boa parte do seu público): o Encontro Psi e as Jornadas de Estados Alterados de Consciência. Segundo Silva (na reunião do dia 30 de setembro de 2011, após o encontro), politicamente era bom manter os dois eventos separados, porque o Encontro Psi estava mais ligado à psicologia anomalística, enquanto as Jornadas estavam mais relacionadas à parapsicologia espírita (os eventos eram organizados por grupos diferentes).

A própria situação de Silva como professor das Faculdades Integradas Espíritas é interessante. Na aula de 01 de abril de 2011, Zangari mostrou à sala vídeos de um experimento *ganzfeld* feitos por Silva e sua equipe da FIES como exemplo de um experimento de parapsicologia. Segundo o professor, Silva não é espírita e travava uma briga constante com os gestores da faculdade, que gostariam que ele derivasse mais seus resultados para o espiritismo. Na reunião posterior à aula, o próprio Silva especificou melhor os problemas que vivia no momento em sua faculdade. Por problemas pessoais dos donos da instituição, a direção havia mudado e os estudos científicos de parapsicologia, antes promovidos, não estavam mais sendo tão bem-vindos. Silva temia que talvez não houvesse mais Encontros Psi (depois daquele que aconteceria em agosto seguinte), por falta de apoio institucional. Na reunião do dia 27 de setembro de 2013, Silva disse que havia incerteza quanto ao Encontro Psi para 2014 e sequer sabia se a instituição continuaria a existir ou fecharia as portas. Mesmo que o curso de parapsicologia continuasse, Silva disse não ter certeza se ele permaneceria como professor. Segundo ele, disciplinas de pesquisa haviam sido cortadas e o curso estava se aproximando cada

vez mais de um viés alternativo (mais próximo da parapsicologia clínica). Ele considerava que a ligação com a FIES estava se tornando fonte de desconforto, tanto porque ele acreditar numa abordagem mais científica, quanto por fazer parte do Conselho Regional de Psicologia do Paraná.

O Inter Psi discutiu a divulgação do VII Encontro Psi na reunião do dia 30 de setembro de 2011, a primeira após a ida para Curitiba. Enquanto Vanessa Corredato clamou por uma divulgação maior para os próximos (segundo ela, quem assiste é quem apresenta), Fábio Silva e Leonardo Martins comentaram sobre a pouca divulgação que foi feita nos Conselhos Regionais de Psicologia. De vinte CRs que tinham recebido a divulgação para encaminhamento, apenas quatro haviam respondido à solicitação. Os CRs de São Paulo e Brasília divulgaram o evento, Minas respondeu que iria analisar, mas terminaram por não dar *feedback* algum. Santa Catarina, Silva informou, ameaçou processo. Ele e Machado discutiram a respeito e concluíram que isso se deve em muito ao grande número de parapsicólogos clínicos no estado catarinense. O CR de lá provavelmente se esforçaria para manter a psicologia longe desses grupos e, por tabela, acabaria identificando a psicologia anomalística e a pesquisa psi com essas abordagens.

Sobre o público participante no encontro e sobre a divulgação em anos anteriores, Silva assumiu que o evento acaba fazendo divulgação em grupos espiritualistas e espiritistas para poder ter público e pagar o encontro. O problema é que mesmo esses grupos acabam aparecendo pouco porque, segundo ele, não parecem ter interesse em pesquisa. Zangari foi contundente: perguntou-se se valeria sequer a pena para o Inter Psi se apresentar no evento, pois parece que todos os anos são eles que formam a base das apresentações. Qual o ponto de ir até Curitiba para um evento que acaba sendo quase interno? “É muito esforço pra gente ficar só se ouvindo. Pra ficar só se ouvindo, a gente pode fazer aqui.” Segundo ele, valeria a pena continuar a dar base para o Encontro Psi se a estratégia mudar. Isso significaria, ele argumentou, ir atrás somente do público que possa contribuir para o campo. Poder-se-ia buscar grupos em áreas próximas (como um pessoal que estuda consciência e percepção extrassensorial em Goiás, e grupo que estuda experiências fora do corpo na Unifesp). O objetivo seria convidar gente da academia.

Esta afirmação de Zangari mostra claramente os desígnios do Inter Psi de fortalecer seu espaço dentro da academia, buscando novas alianças nesse meio e deixando de lado um outro público que poderia ouvi-lo. Isso indica uma escolha que, se representa perda por um lado, aponta ganho de outro. Para aumentar o público acadêmico da psicologia anomalística, cumpre

diminuir o acesso a grupos interessados mas que representam uma abordagem que marca clivagem com a academia.

#### **4.2.4 Contra os charlatões: divulgação de ciência anomalística**

Segundo Zangari (aula do dia 20 de maio de 2011), charlatão é aquele que engana deliberadamente, o que ele rechaça pelo engano em busca de dinheiro. Por sua vez, Zangari se define como um mentalista, alguém que tenta reproduzir o que os outros fazem e alegam ser de natureza paranormal. Ser mágico não é, para ele, algo desconectado de seu ofício como pesquisador. Ter conhecimento de mágica lhe permite ir além em sua criticidade: significa olhar os fenômenos tentando imaginar e comprovar possibilidades de farsa, antes de levá-los a sério como objeto de estudo científico.

Nesse sentido, mandou um e-mail para o grupo em 18 de abril de 2005, pouco tempo após o grupo de e-mails ter se formado, sugerindo a criação de um núcleo de mentalismo no Inter Psi:

Somos vários mágicos no Inter Psi. (...) Somos 5, pelo menos. Porque não criamos um pequeno núcleo de estudos de mentalismo no grupo? Acho que a Arte Mágica é fundamental como ferramenta anti-charlatanismo, uma das áreas de atuação que creio ser importante do ponto de vista social, de ampliação do senso crítico da população. Podemos organizar, no futuro, um Seminário-Workshop interativo na PUC-S (sic) sobre o tema, com direito a muita mágica e bons ensinamentos céticos.

O tal núcleo nunca chegou a ser criado, mas Zangari continuou a utilizar a mágica como “ferramenta anti-charlatanismo”. Por exemplo, ele faz truques em sala de aula, para demonstrar aos alunos como é fácil nossa percepção ser enganada, como é difícil ter controle do que estamos vendo, e como é necessário buscar controlar todas as variáveis possíveis em qualquer experimento. Também apresentou um truque, com o mesmo intuito, quando foi entrevistado para o programa da Rede Bandeirantes de Televisão *A Liga*, em um episódio – exibido em 21 de agosto de 2012 – sobre fenômenos paranormais (principalmente contato com espíritos) em que figurou como a autoridade científica.

Na aula do dia 20 de maio de 2011, citou casos de charlatões como Uri Geller, Thomas Green Morton, Urandir Fernandes de Oliveira e o caso do ET Bilu, e um padre jesuíta que alegadamente curava por meio de técnicas esdrúxulas enquanto obrigava as pessoas a pararem com seus tratamentos médicos. Em uma aula anterior, no dia 15 de abril de 2011, havia falado mais a respeito de Urandir. Segundo Zangari, ele e colegas do grupo de mágicas do qual fazia



parte haviam descoberto os padrões utilizados pelo alegado “psíquico”. Havia conversas para uma participação no programa Fantástico, da TV Globo, em que eles buscariam desmascarar Urandir, mas, segundo Zangari, o Fantástico havia desistido. Ele disse que ainda faria estudos controlados com Urandir na USP.

Da mesma forma como utiliza a mágica para tornar-se menos sujeito a ser enganado, Zangari enfatiza a importância de outros conhecimentos para mesma empresa. Quando Gabriel Medeiros se juntou ao grupo, o professor elencou-o como a mediação entre o grupo e a área da física. Isso era importante, principalmente, para dotar o Inter Psi de argumentos técnicos que eles não possuíam: “a gente vê que tem alguma coisa de pseudociência no que algumas pessoas dizem, mas não temos argumentos técnicos. Por exemplo, quando as pessoas falam de aura quântica”. Fátima Machado adicionou como exemplo a Rádio Mundial e o próprio Medeiros citou o livro *O segredo* como exemplos de mau uso da física.

A utilização da mágica por Zangari não é muito diferente do desmascaramento de fenômenos espiritualistas que mágicos faziam no século XIX. Em ambos os casos, há uma clara consequência visada, que é a educação da sociedade, a contribuição pública de expor indivíduos que tentam explorar financeiramente a fé alheia. Além disso, contudo, ambos os desmascaramentos contribuem para a causa pessoal de quem desmascara: no caso dos mágicos, ajuda a lhes assegurar seu nicho de mercado, que estava sendo comprometido pelo interesse do público em fenômenos “realmente” fantásticos. No caso de Zangari, contribui para marcar a diferença entre ele e os charlatões. Tendo que se haver com denúncias de charlatanismo por parte de quem vê a parapsicologia ou a psicologia anomalística como pseudociências, desmascarar charlatões é uma forma de estabelecer quem é quem, de construir fronteiras.

Colocar-se contra os charlatões significa um passo a mais para estabelecer-se como a voz da ciência. Em um processo dialético, buscando-se estabelecer como a voz da ciência contribui também para afastar-se de uma possível ligação com o charlatanismo. Esse é o momento em que o grupo lida de forma mais próxima com o público não acadêmico. E nesse aspecto, contribui para o grupo o fato de haver pouco estudo sobre experiências e fenômenos anômalos na academia. É mais fácil o grupo ser identificado como o representante da ciência. Zangari foi entrevistado como tal representante no programa A Liga, da Rede de Televisão Bandeirante, exibido no dia 21 de agosto de 2012. O objetivo do episódio foi discutir supostos “fenômenos



inexplicáveis”, principalmente a ação de espíritos, e discutir o que consegue ser explicado pela ciência.

Zangari teve a oportunidade de expor sua forma de enxergar a paranormalidade e o estudo da paranormalidade para o público não acadêmico. Ele deixou claro que explicações paranormais surgem “quando as pessoas não sabem as interpretações científicas” e que a ciência tem que estudar fenômenos supostamente inexplicáveis, mas primeiramente tem “que eliminar as hipóteses mais simples”. Para encontrar um equilíbrio entre o ceticismo e uma necessária abertura às novidades, Zangari apregoeou a necessidade de se utilizar o método científico para estudar as alegações. Em um esforço de utilidade pública, ele descreveu a postura adequada frente a situações inexplicadas para os indivíduos que a experienciam:

Primeiro você tem que descartar a coincidência, o acaso. Coincidências acontecem todo dia. Não se lembre apenas daquilo em que houve coincidência. Lembre-se de todas as outras vezes em que você pensou em alguém e ela não telefonou pra você. Segundo, fraude. Nós demonstramos uma série de problemas para a percepção que eu induzo o sujeito a ver aquilo que eu quero ver. Isso é charlatanismo. Terceira coisa, cuidado com a sua própria incapacidade de interpretar um determinado fenômeno. Não é porque você não sabe interpretar alguma coisa que já não exista uma interpretação praquilo. Procure informação, busque conhecimento.

Zangari é colega de Kentaro Mori, criador de um website brasileiro devotado a discussões e divulgação de ceticismo, além de desmascaramento de lendas urbanas e casos específicos de alegações de paranormalidade (chamado “Ceticismo Aberto”). Mori havia sido contatado pela produção do programa Super Pop da Rede TV a respeito de um debate sobre possessão e exorcismo. Ele indicou Zangari que, por não poder estar presente, indicou Everton Maraldi. Maraldi participou do programa ao vivo no dia 25 de setembro de 2013. Ele foi chamado para ser o cético, mas disse, em reunião do dia 27 de setembro de 2013, que queria se colocar como psicólogo, como pesquisador, não como cético ou crente. É interessante pensar em como é difícil fazer a divulgação para o público não acadêmico. No caso do Super Pop, Maraldi disse durante a reunião que sempre que ele falava os números do IBOPE caíam, por exemplo. A postura de pesquisador, de autoridade científica, tem um apelo limitado junto ao público em geral.

E às vezes pode ser difícil estabelecer um debate entre posturas acadêmicas e não acadêmicas. Leonardo Martins tem buscado servir como interlocutor entre a academia e grupos de contatados (que alegam terem tido contato, de maior ou menor grau, com seres extraterrenos)

e grupos de ufólogos. Em 23 de maio de 2013, por exemplo, ocorreu na USP um evento por ele organizado e intitulado “Alienígenas na Academia: perspectivas acadêmicas sobre busca de vida fora da Terra, discos voadores e cultura contemporânea.” O evento contou com falas de um astrobiólogo da USP, de um historiador da UNICAMP que estudou aparições de discos voadores durante o século XX, de um antropólogo da UFSCAR que estudou ufologia, de um antropólogo da UNB que estudou contatados, e do próprio Martins. As falas foram de alto nível, assim como o debate entre os expositores. Entretanto, a participação de vários ufólogos na plateia demonstrou a dificuldade de estabelecer um diálogo profícuo entre visões mais crentes e mais críticas dos fenômenos, já que eles buscaram utilizar o tempo para perguntas para expor supostas evidências da existência ontológica de alienígenas e não para conversarem com as abordagens expostas e propostas. A dificuldade, contudo, não significa impossibilidade para Martins. Ele tem se esforçado, por meio de outras iniciativas, para estabelecer diálogos profícuos. Foi o representante da ciência no Fórum Mundial de Contatados em 2013 e, em 2014, lançou um livro mais voltado para divulgação científica que apresenta os resultados da dissertação de mestrado: *Procurado: descobertas recentes da psicologia sobre experiências alienígenas e sobrenaturais*.

Zangari sempre afirma a importância de iniciativas como essas para o grupo. Elas são a chance de apresentar o Inter Psi e a área como um todo a pessoas de fora, contribuindo para tornar o campo mais conhecido.

#### **4.2.5 Política institucional, vida de academia**

Na reunião do dia 29 de abril de 2011, Zangari disse que todos vivemos em dois mundos: o mundo da pesquisa e o mundo institucional. A produção de conhecimento do grupo, assim como seu engajamento epistemológico, já foram discutidos. Além dessa atuação, o Inter Psi tem estabelecido metas institucionais e estratégias para alcançá-las.

Quando ainda estava na PUC, os objetivos de curto, médio e longo prazo do Inter Psi foram especificados na primeira reunião de 2006 (um e-mail circulou sobre tal reunião no dia 18 de fevereiro de 2006):

Curto prazo (1º semestre/2006):

v Desenvolvimento das propostas de pesquisa dos participantes ao longo deste semestre.

v Cada reunião de pesquisa terá seu tempo dividido entre dois participantes para que apresentem suas propostas, o andamento destas e para receberem ajuda dos

colegas. Cada participante terá 1 hora e 30 minutos para a apresentação e discussão da proposta e caberá a ele(a) organizar seu tempo. A lista privativa de participantes/Membros (foruminterpsi) deverá ser usada para o acompanhamento/discussão da proposta.

v Cada participante preparará uma mini-biografia (até dia 25/06) e um resumo de sua proposta para ser colocada no site [www.pesquisapsi.com](http://www.pesquisapsi.com), devendo enviá-la para a o foruminterpsi.

v Cada participante terá um espaço na WikiPsi para apresentar os desenvolvimentos de suas propostas.

v Elaboração de um "artigo-resumo" para o final do semestre por parte de cada participante para ser publicado no Boletim Virtual de Pesquisa Psi.

Médio prazo:

2º semestre/2006:

v Manutenção das reuniões de pesquisa e da lista privativa.

v Realização do "V Seminário Inter Psi: Work in Progress", apenas para os participantes das reuniões e conselho diretivo do Inter Psi.

1º semestre/2007:

v Manutenção das reuniões de pesquisa e da lista privativa.

v Planejamento de um curso de Introdução à Psicologia Anomalística com realização prevista para o 2º semestre de 2007: estruturação do conteúdo e definição das responsabilidades de cada participante. Assim, paralelamente ao desenvolvimento das propostas, cada participante preparará a parte que lhe coube no curso.

Longo prazo:

v Inter Psi como grupo independente no CNPq, de base inter-institucional.

v Abertura da linha de pesquisa (Psicologia Anomalística) em programa de pós-graduação, com o Inter Psi tornando-se o Laboratório de Psicologia Anomalística.

Para mais além da presença em meio acadêmico, o objetivo de se fortalecer como grupo institucional e criar um laboratório de psicologia anomalística estavam postos já em 2006, portanto.

Na reunião do dia 29 de abril de 2011, Fátima Machado contou sobre o grupo na PUC, dizendo que foram aceitos, mas não havia quem orientasse os estudos. Como consequência, ficaram completamente isolados do resto da universidade. Lúcia Santaella estava por trás do grupo na universidade. Segundo Zangari, ela é uma pessoa que só se preocupa com o método, por isso aceitou o Inter Psi. Na mesma reunião, Machado comentou sobre a passagem do grupo da PUC para a USP. Ela teria conversado com Lúcia Santaella a respeito dos objetivos maiores do grupo de buscar outros interesses que não apenas focar no trabalho de Peirce. De fato, ela comentou, fazia tempo que não tocavam no nome do Peirce nas reuniões ainda na PUC; ele havia saído da abordagem do grupo. Nesse momento, segundo Zangari, o corte institucional já havia

sido completado, embora o grupo constasse no diretório de grupos do CNPq ainda como parte da PUC. Em 2011 mesmo o grupo se organizou para identificar o Inter Psi como grupo de pesquisa da USP na Capes.

Uma questão que é tanto institucional quanto epistemológica é a relação dos estudos dos membros do grupo com áreas maiores do conhecimento. Na PUC, estava vinculado à semiótica. Na USP, a direção do grupo foi se aproximando mais e mais da psicologia, e levando os trabalhos individuais a uma preocupação maior em se inserir na área. Uma agenda comum nas reuniões do grupo sempre foi a atualização do status das pesquisas frente aos outros membros do grupo. Na reunião do dia 29 de abril de 2011, Fabio apresentou o andamento de sua tese de doutorado, que seria sobre os aspectos neurológicos da tomada de decisões. Zangari comentou que como ele estava fazendo doutorado em psicologia social, teria que fazer a ponte entre psi e psicologia social. Uma possibilidade seria discutir como há pressão social para a tomada de decisões, seja ela mediada ou não por psi.

Apesar dessas adequações de conteúdo, na reunião do dia 29 de abril de 2011, Fátima Machado disse: “não fazemos nada de diferente do que fazíamos em outros lugares”. Se o grupo permanecia fazendo a mesma coisa que fazia nas outras universidades, algo de fato havia mudado: a universidade em si. Agora na USP, o grupo podia contar com um aliado diferente que, se não é seguido em todas as ocasiões, garante mais respeitabilidade.

Na mesma reunião, Machado e Zangari falaram sobre a dificuldade da psicologia em aceitar a psicologia da religião. Fátima afirmou que “a USP pode porque é a USP. Em outras universidades, não há espaço para colocar como obrigação curricular”. Eles ressaltaram o compromisso da USP com a produção de conhecimento. Enquanto Machado afirmou que “a USP se preocupa com o conteúdo e não com o que vão pensar dela”, Zangari disse que ela se preocupa “com o método e não com o objeto”. Entretanto, ele ressaltou que “o que se faz na USP não necessariamente é exportado”.

Tanto a posição da USP como alistamento do Inter Psi quanto os limites desse alistamento podem ser observados na história de Fábio da Silva sobre sua tentativa de criar um grupo de estudos de psicologia anomalística no Conselho Regional de Psicologia do Paraná, inicialmente contado por ele na reunião do dia 29 de abril de 2011. No mais, a história é interessante por demonstrar mais uma tentativa de enraizar a psicologia anomalística em contextos institucionais.

Segundo Silva, No dia 28 de abril de 2011, ele havia participado de uma reunião no Conselho Regional de Psicologia do Paraná a respeito da criação de um grupo de estudos de psicologia anomalística. O conselho vetou a proposta (das sete pessoas votantes, duas foram a favor, uma absteve-se e quatro foram contra) com membros argumentando que o grupo seria perigoso porque poderia levar psicólogos a “fazerem coisas malucas”. Concluindo seus comentários a respeito, Fábio disse que o que está em jogo “não é ciência, mas questões políticas” (nas palavras de Zangari, “questão de poder”). Ainda segundo Silva, os membros perguntaram o que ele estudava na USP, o que o levou a crer que havia um respaldo por parte da sua ligação com a universidade, mas não o suficiente para fazer com que as pessoas vencessem o medo da área. Zangari comentou sobre o grande número de parapsicólogos clínicos existentes no sul do país, inclusive entrando em contato com universidades, e que a falta de conhecimento sobre a área permitia isso. Além disso, uma entre os membros votantes era da PUC do Paraná, onde Quevedo é sempre bem recebido. Zangari comentou que os alunos não têm contraponto a essa visão religiosa da parapsicologia. Ele ressaltou que é preciso conhecer melhor algumas resistências.

Discutindo mais a questão, Zangari disse que há um medo irracional também em aceitar a psicologia da religião, um “medo de se desproteger de alguma coisa desconhecida”. Machado completou com um comentário que poderia ter saído de um texto de ESCT: “medo porque a psicologia também demorou para se separar da filosofia”, completando que há um temor pela sobrevivência da área se ela for descaracterizada. Silva arrematou: “a sensação que eu tenho é que é medo mesmo, porque uma pergunta pode suscitar outras. Parece que é um caldeirão fechado de onde só sai fumaça. E se abrir, vai ter que perguntar-se o que é válido e o que não é, o que é baseado em pesquisa e o que não é.”, referindo-se à implicação da área para toda a psicologia.

A discussão prosseguiu para uma avaliação de como se define o que é ser psicólogo, com Machado e Zangari apontando para os problemas causados por psicólogos espirituais, por exemplo, que se intitulam como psicólogos e buscam ser líderes espirituais ao mesmo tempo. Para Zangari, a profissão de psicólogo exige que se faça uso de práticas aceitas. O abuso por parte de algumas pessoas, que se utilizam da área para perseguir outras agendas, acaba prejudicando quem quer fazer estudos sérios. Segundo Silva, um problema é que não há definição nacional a respeito do que são práticas aceitas, a respeito de quais são os limites da profissão. Ele

afirmou que se tentou estabelecer os limites, mas houve tanta confusão que o conselho nacional deixou as definições para os conselhos regionais. Para ele, isso mostra uma falta de estrutura nacional e falta de consenso sobre o que é ciência e o que não é. O grupo de estudos de psicologia anomalística, assim, revelava muito mais: era melhor deixar o caso todo, a psicologia anomalística em geral, como uma “caixa preta”, segundo suas próprias palavras. “Se aberta”, continuou, “vai fazer pensar sobre a cientificidade de diferentes linhas.” Algo similar ao que ocorreu, pode-se argumentar, quando o Inter Psi foi objeto de discussão na Congregação.

Silva fechou o caso expondo suas táticas no dia anterior: havia apresentado o Inter Psi como grupo da USP, levado o livro *Varieties of anomalous experiences* e livros de psicologia que citavam a psicologia anomalística.

Na reunião do dia 30 de setembro de 2011, Silva falou com satisfação que um dos psicólogos do CRP que foi mais contra a criação do grupo de estudos havia mudado de ideia. Ele havia pedido a Silva que apenas adicionasse ao projeto uma ressalva de que o Conselho não se filia a nenhuma abordagem por causa dos grupos de estudo. Segundo Silva, havia agora grande chance de o grupo ser aceito e criado no ano de 2012, o que não ocorreu. No ano seguinte, ele disse ter esperanças de que mudanças futuras na composição dos membros do CRP pudessem levar à aceitação do grupo de estudos.

Zangari comentou que é muito triste que coisas desse tipo fiquem sujeitas a opiniões pessoais. Na USP, ele alegou, foi diferente. Ele fez o projeto de abertura do laboratório, foi convidado a conversar com a congregação e, após dois pareceres, o laboratório foi aceito.

A busca por estreitar e fortalecer laços institucionais do Inter Psi se dá ainda por meio da intensificação do contato com outros acadêmicos (como já foi mencionado, o grupo busca formas de atingir mais gente do meio científico para seus eventos e formar redes de discussão e pesquisa), e por meio de eventos que divulguem a psicologia anomalística.

Quanto às relações com outros pesquisadores, a qualificação de doutorado de Silva foi interessante. Na reunião do dia 20 de abril de 2012, ele havia comentado sobre sua qualificação próxima. Na banca, esperava contar com Fernando Capovilla e estava ainda em dúvida se ele aceitaria. Capovilla, professor da USP e livre-docente em neuropsicologia, podia contribuir para a análise de Silva dos processos neurológicos e psicológicos da tomada de decisões. O problema é que ele é um professor de currículo enorme, bastante conceituado dentro e fora da USP, o que já fazia com que Silva descreditasse no interesse que ele pudesse ter em um estudo mais

“anomalístico”. Como ele próprio falou: “pessoas abertas para essa área que nós estudamos não é muito comum.” Acrescentou sorrindo, irônico: “tô ensinando algo novo pra vocês”.

Capovilla de fato participou da banca de qualificação do Fábio (no dia 22 de junho de 2012), e pareceu bastante interessado no estudo.<sup>130</sup> Ele teceu alguns comentários em relação aos estudos de experiências anômalas. Falou, por exemplo, que “as maiores e melhores mentes da psicologia têm interesse em percepção extrassensorial”, que “nessa área ou o sujeito é muito picareta ou ele é muito bom. Porque se ele for mediano ele é queimado”, que “se a gente é bom e gosta dessa área, tem que ser muito melhor porque gosta dessa área” e congratulou o laboratório de psicologia social por adotar o método experimental para estudar o tema.

Everton Maraldi não havia tido tanta sorte em seu mestrado. Ele comentou que o autor que utilizou como base teórica em sua pesquisa de mestrado não queria qualquer associação entre a pesquisa dele e crenças paranormais. Quando abordado para participar da banca, ele teria dado a entender que Maraldi só estava utilizando sua teoria para “normalizar” o estudo.

Outra estratégia importante para a maior institucionalização futura da área é a organização de eventos que divulguem a psicologia anomalística. Na reunião do dia 27 de maio de 2011, Zangari deu uma notícia que disse para não espalharmos, já que não havia certeza de que iria se concretizar. A ideia era ter um evento internacional de psicologia anomalística na USP em 2012, inicialmente pensado para contar com Chris French, Etzel Cardeña e Carlos Alvarado. Segundo Zangari, as perspectivas dos três pesquisadores são bastante diferentes, mas complementares. Enquanto French se destaca por ser muito cético, Cardeña tem vários estudos sobre estados alterados de consciência e Alvarado sobre experiências fora do corpo (os dois últimos são filiados à PA). O que é mais importante, ele assinalou, é que os três têm cargos em universidades e poderiam receber membros do Inter Psi futuramente (além de possibilitar a vinda de pesquisadores de fora).

Os planos de fazer um evento internacional de Psicologia Anomalística continuaram presentes no grupo até o fim do trabalho de campo. A maior dificuldade para fazê-lo é coordenar e conseguir a vinda de pesquisadores de fora. Não há outra opção, contudo, já que um evento regional ou mesmo nacional teria uma demanda que não seria atendida por pesquisadores locais. As tentativas do grupo de marcar o Inter Psi como um nodo na rede internacional de psicologia

---

<sup>130</sup> Entusiasmado com participação bastante interessada dos membros da banca e com o caráter informal do ritual, Capovilla afirmou: “que banca deliciosa! Que celebração do conhecimento!”.



anomalística é parte desejada, pois cria e fortalece relações de pesquisa que se tornam ferramentas a mais para o grupo, e também necessária na medida que há poucos pesquisadores nacionais cujos interesses de pesquisa se interseccionem aos do Inter Psi.

Avanços foram conseguidos nesse quesito também. Em outubro de 2011, Nancy Zingrone, parapsicóloga filiada à PA, deu um mini curso sobre parapsicologia e psicologia anomalística na USP. Sua vinda foi subsidiada pelo Instituto e o curso foi gratuito e aberto à comunidade acadêmica.

Em maio de 2014, Chris Roe e Elizabeth Roxburgh, ambos professores do departamento de psicologia da Universidade de Northampton e também filiados à PA, fizeram uma visita à USP.

Em entrevista para esta tese, Chris Roe disse que contatos como esse são muito bons para eles, pesquisadores de fora, também. Constituem uma oportunidade de ligação que, além de ser benéfica para a pesquisa, contribui para conseguirem financiamentos; colaborações internacionais são altamente encorajadas no atual cenário acadêmico europeu, assim como no brasileiro. É importante lembrar, também, que os pesquisadores ligados à psicologia anomalística britânica, como Chris French, Chris Roe e David Luke, se encontram em universidades pequenas (Universidade de Londres-Goldsmiths, Universidade de Northampton e Universidade Greenwich). As possibilidades de financiamento não são generalizadas e há muita competitividade entre as diferentes áreas do conhecimento. Para conseguirem se manter, os pesquisadores precisam atrair alunos, de graduação e de pós, pois são eles as maiores fontes de recursos para as instituições.

No Brasil, a intenção futura é estreitar relações com o grupo de Alexander Moreira Almeida, da Federal de Juiz de Fora (apresentado na introdução). Segundo Zangari, há muitos interesses de pesquisa em comum, mas os membros dos respectivos grupos pouco se conhecem.

Outros eventos foram sendo colocados em prática ou tiveram a participação de membros do Inter Psi, configurando-se como oportunidades para o grupo disseminar a psicologia anomalística. Na reunião do dia 30 de março de 2012, Fabio da Silva falou sobre um curso de extensão de psicologia anomalística junto à Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) em Torres, Rio Grande do Sul. Ele teria sido convidado por uma psicóloga que descobriu sobre a área por meio do Encontro Psi. Zangari disse que um dos objetivos seria montar, por intermédio do Fábio, um centro de pesquisas na Ulbra, ao qual o Inter Psi pudesse dar assistência. O grupo ouviu, pelo



menos formalmente, sobre o curso na reunião do dia 25 de maio 2012. Segundo Zangari, havia uma presença de 25 a 30 pessoas no curso de extensão. Na mesma reunião, Zangari deu notícias de um outro curso com envolvimento do Inter Psi, em Belo Horizonte e sob responsabilidade de Leonardo Martins, com participação de Zangari. “Isso significa que os ‘tentáculos’ no Inter Psi estão em atividade”, disse o último.

Na reunião do dia 31 de agosto de 2012, Camila Torres e Leonardo Martins comentaram sobre sua participação na semana de psicologia da Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban)/Anhanguera. Torres havia sido convidada por um colega de graduação seu da Mackenzie para falar sobre psicologia da religião. Ela resolveu adicionar psicologia anomalística e pediu ao Leonardo que apresentasse o tema. Segundo ela, o mais interessante foram as perguntas dos alunos presentes (por exemplo: “por que isso não é abordado na academia?”), e muitos disseram que escreveriam e-mails para perguntar mais sobre o tema ou pedir informações sobre o Inter Psi.

Na reunião do dia 31 de agosto de 2012, Torres informou que seria professora convidada da Universidade de Santo Amaro para ministrar um curso à distância de especialização sobre psicologia social. Ela tinha autonomia em relação ao conteúdo do curso e adicionaria uma aula (em vídeo) sobre psicologia da religião e anomalística. Zangari disse ser “muito importante isso – aceitar os convites para apresentar o campo”.

Aos poucos, o grupo viu como nunca antes um interesse mais amplo no que eles estudavam. E de gente de fora do mundo da parapsicologia, o que era mais surpreendente. Na reunião do dia 30 de março de 2012, Zangari comentou sobre a repercussão da dissertação do Leonardo na USP. Havia saído uma matéria da Agência USP sobre a sua defesa e a Radio USP havia entrado em contato com ele para que ele falasse sobre e indicasse algumas pesquisas de fronteira, como eles chamaram. Fátima Machado deu sugestão aos membros do grupo que atualizassem as pesquisas de cada um no site do laboratório, para que não constasse apenas o título (que as pessoas podiam não entender bem).

Buscando capitalizar e aumentar esse interesse da comunidade uspiana, bem como estender-se para a comunidade em geral, o Inter Psi criou, em 2014, grupos de estudo vinculados ao Inter Psi, abertos, mas sob inscrição. Segundo o website:

Os Grupos de Estudo mantidos pelo Inter Psi são atividades de extensão, gratuitas, organizadas tanto pelo Coordenador do Inter Psi quanto pelos membros do laboratório. Seu objetivo é o de difundir os temas da Psicologia Anomalística para a comunidade em geral, não apenas para a comunidade uspiana, contribuindo com democratização do conhecimento científico produzido na universidade. Podem participar deles todos(as) os interessados(as), sem restrição de formação ou profissão.

Atualmente são oferecidos três Grupos de Estudo: um introdutório à Psicologia Anomalística e dois de temas específicos dessa disciplina. Essa oferta visa, assim, garantir que os interessados(as) possam tanto ter um conhecimento panorâmico da temática que envolve a Psicologia Anomalística, quanto possamos e aprofundar em alguns de seus temas de modo mais especializado. Sugere-se, portanto, que os(as) interessados(as) iniciem sua participação pelo Grupo de Estudos de Introdução à Psicologia Anomalística caso nunca tenham tido contato com essa disciplina.<sup>131</sup>

#### 4.2.5.1 Disciplinas de pós-graduação e graduação.

Nenhum evento para divulgar o grupo foi mais celebrado do que a existência da primeira disciplina de graduação na USP de introdução à psicologia anomalística. Assim que Zangari entrou na USP, propôs o laboratório e uma disciplina de pós, que foi aceita. Entretanto, uma disciplina de pós tem um limite muito mais estreito na sua possibilidade de angariar possíveis recrutas para a área. Não só há menos participantes, como tende-se a ministrar para quem já conhece a área e já está envolvido nela.

A graduação, entretanto, é outra história. Há a possibilidade de espalhar a psicologia anomalística mesmo para quem não pretende pesquisar algo correlato ou sequer prosseguir em estudos de pós-graduação.

Na qualificação do Leonardo Martins, conversei com ele e Zangari, informalmente. Zangari afirmou estar preparando uma matéria de graduação para o semestre seguinte sobre ciência, pseudociência e pensamento crítico, explicando para os alunos conceitos como “explicações *ad hoc*”, para que entendam melhor como se faz ciência no cotidiano. Na reunião do dia 29 de abril de 2011, Zangari informou ao grupo que havia de fato uma disciplina de graduação tramitando nos processos institucionais da USP, só que seria uma disciplina

---

<sup>131</sup> [http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2540%3Ainter-psi-laboratorio-de-psicologia-anomalistica-e-processos-psicossociais-eventos&catid=384&Itemid=211&lang=pt](http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2540%3Ainter-psi-laboratorio-de-psicologia-anomalistica-e-processos-psicossociais-eventos&catid=384&Itemid=211&lang=pt). Último acesso; 30 de junho de 2014.

especificamente de psicologia anomalística, de caráter introdutório. Ela já havia sido aprovada no instituto e o projeto estava na pró-reitoria de graduação. Quase um mês depois, na reunião de 27 de maio de 2011, foi informado que a matéria havia sido aceita, mas a congregação havia pedido para que fosse retirado o termo paranormal do título (para evitar ambiguidade). A disciplina seria optativa, sendo que Zangari colocou como pré-requisito o aluno já ter cursado a disciplina de Psicologia da Religião.<sup>132</sup> Na aula do dia 10 de junho 2011, a derradeira da disciplina PST-5842, ele deu com satisfação a notícia para os alunos em geral. Na reunião do dia 30 de março de 2012, Zangari falou que a disciplina estava indo muito bem e que diversos membros do grupo se ocupariam de apresentações em diferentes aulas. Durante a segunda turma da matéria, no primeiro semestre de 2013, fui inclusive convidada a apresentar sobre a especificidade da ciência segundo os ESCT.

Seguindo a ideia de angariar recrutas mais novos, na reunião de 30 de setembro de 2011, Zangari compartilhou sua ideia de montar um outro grupo de psicologia anomalística para a graduação. O grupo de agora ficaria como um grupo de orientação. Na reunião do dia 30 de março de 2012, falou sobre Leonardo Stein, um antigo membro do Inter Psi que era o homem por trás do portal [pesquisapsi.com](http://pesquisapsi.com). Quando perguntei o que havia acontecido com o site, Zangari esclareceu que ele havia saído do ar porque havia sido alvo de hackers. Perderam uma biblioteca virtual com mais de 5000 resumos com o portal. A ideia agora era recomeçar o site, mas sob uma nova forma. Enquanto o portal antigo se caracterizava fortemente pela divulgação científica, o novo site deveria ser acadêmico. Para divulgação serviria um blog, mais voltado, inclusive, para alunos de graduação.<sup>133</sup> A ideia do blog era ter bom conteúdo científico com uma linguagem simplificada, mais voltado para o público jovem.<sup>134</sup> Embora muitas dessas ideias não tenham tomado forma ou tenham sido deixadas de lado, o grupo continua sempre pensando em como manter um esforço de divulgação da área. Atualmente, além do website, contam com uma página do grupo no *Facebook*.

---

<sup>132</sup> Na matéria que Zangari dá de psicologia da religião, também optativa, para graduação, há um módulo de psicologia anomalística que, segundo ele, atrai o interesse de muitos alunos.

<sup>133</sup> O blog <http://psicologiaanomalistica.blogspot.com.br/> foi criado e era para ser mantido pelos alunos da matéria de graduação, mas ele não passou de uma postagem.

<sup>134</sup> Sobre o porque de fazer divulgação científica, WZ colocou dois pontos: pelo grupo estar em uma universidade pública, deve pensar em formas de devolver algo para a sociedade em forma de conhecimento, e para divulgar o campo.

#### 4.2.6 Estendendo redes: “Bob Morris brasileiro”

No VII Encontro Psi, Chris Roe falou sobre as tentativas em andamento de introduzir a psicologia anomalística no sistema educacional britânico e falou sobre a importância de Bob Morris que, conforme mencionado no capítulo dois, buscou normalizar a prática da parapsicologia e estendeu seu trabalho por meio de muitos orientandos (segundo Roe, vinte e sete PhDs, dezoito dos quais assumiram posições acadêmicas).

No fechamento do VII Encontro Psi, o então presidente da PA, David Luke, disse que Wellington Zangari era o Bob Morris brasileiro. Segundo Zangari, Carlos Alvarado e Nancy Zingrone viviam lhe dizendo o mesmo. Sua posição para a psicologia anomalística brasileira não é muito diferente da de Stanley Krippner para a parapsicologia, que, segundo Fabio Silva, no mesmo fechamento, é conhecido como um homem-rede na área.

A psicologia anomalística brasileira tem um ponto de passagem obrigatório: Wellington Zangari. Entretanto, como um Bob Morris, seu trabalho tem se desenvolvido no sentido de propagar a área, espalhando-a para orientandos que, se ocorrer o mesmo que ocorreu na Inglaterra de Morris, irão levar a psicologia anomalística consigo para outras universidades. Cabe chamá-lo de “herói fluido”, seguindo terminologia que Mol e Laet utilizam para se referir ao criador da bomba d’água que elas estudam em *“The Zimbabwe Bush Pump”* (DE LAET; MOL, 2000). Zangari é um herói que busca tornar-se um não-herói, busca reduzir sua ação para aumentar o papel da sua obra – e espera que ela prossiga sozinha seu caminho um dia. Um aspecto interessante do “herói fluido” é que é possível aliar esse conceito à ideia de mecanismo primário e mecanismo secundário que Latour utiliza para explicar como a tradução de vários alistamentos pode produzir a ideia de que um homem age sozinho:

O que eu chamo de mecanismo primário mostra como a bacteriologia chegou ao fim da cadeia parasítica e tornou-se capaz de expressar todo um período. Mas o mecanismo secundário atribui toda a revolução sanitária do período ao gênio de Pasteur. O primeiro descreve as alianças e composição das forças, enquanto o segundo explica porque as forças estão misturadas sob um nome que as representa. O primeiro define os “julgamentos de força”; o segundo nos habilita a explicando que é feita a potência. (LATOUR, 1988, p. 42)<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> *“What I call the primary mechanism shows how bacteriology got into the end of the parasitical chain and found itself able to express a whole period. But the secondary mechanism attributes the whole of the sanitational revolution of the period to Pasteur's genius. The primary mechanism describes the alliances and make-up of the forces, whereas the second explains why the forces are mixed together under a name that represents them. The first defines the “trials of strength”; the second enables us to explain what “po-tency” is made up of.”*

É possível argumentar que Zangari leva uma nova disciplina quase que toda nas costas, mas esse é o resultado de uma longa série de traduções de muitos elementos alistados; como outras áreas – psicologia, psicologia da religião, parapsicologia, estatística, ESCT... –, instituições – a Anhembi-Morumbi, a PUC, a USP, a PA, a Fapesp..., pesquisadores – da PA, o professor Geraldo Paiva, o professor Altay Souza, o professor Fernando Capovilla, os orientandos... – de instrumentos – os testes psicológicos, os testes estatísticos, diversos artigos, o papel crucial de Fátima Machado... Ao mesmo tempo, ele próprio se esforça para diminuir seu peso e fazer a área caminhar por conta própria.

No intervalo da aula do dia 15 de abril de 2011, houve bolos, salgados e refrigerantes (levados por orientandos de Zangari) para comemorar o aniversário de 46 anos do professor – que havia acontecido na terça-feira anterior. Esperançoso de que as pessoas se sentissem animadas para seguir nos estudos de experiências anômalas, disse: “somos todos pioneiros nessa área”.

Esse pioneirismo se mostra pela falta de uma comunidade coesa (reunião do dia 30 de setembro de 2011: “Falta uma comunidade de pesquisadores dessa área, que possam se encontrar, discutir os problemas e possibilidades de pesquisa, de ampliar a área”). Para que essa comunidade seja formada, é necessário que se aumente o número de pesquisadores. Por isso, cada orientando, como foi o caso dos orientandos de Morris, carrega o futuro da área em si.

Na reunião do dia 30 de setembro de 2011, o grupo debateu a PA e o Encontro Psi. Mais que um encontro de pesquisadores da área, a convenção da PA tinha servido também para mostrar a força interna do Inter Psi. “Não existem 8, 9 alunos de mestrado ou doutorado em nenhuma das universidades da galera da PA”, falou Zangari. E adicionou que isso foi o que conseguiram em três anos de USP. E décadas de trabalho antes da USP, assumiu. “O que a gente tem que fazer é nossas pesquisas. Continuar publicando (em português e inglês) e apresentando (em português e inglês)”.<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup>A despeito de dizer que o grupo deve se concentrar mais no Brasil, o Inter Psi tem pretensões de seguir sua busca por espaço institucional também na PA. Em 2011, FRM ficou a um voto de entrar no conselho da associação. Alexander Almeida entrou com esse voto a mais. Segundo WZ, ele e Fátima não conseguiram votar por motivos pessoais, que não me lembro. Se eles tivessem votado, ela provavelmente teria entrado no conselho. Na reunião de 22/06/2012, WZ anunciou que Fátima estava concorrendo à vice-presidência da PA. Segundo ela, há uma pré-eleição em que cada membro nomeia quem ele ou ela gostaria de ver como candidato ou candidata. O vice-presidente é sempre o presidente do ano seguinte. As pessoas que são nomeadas podem aceitar concorrer ou não. Ela aceitou. WZ apoia Fátima, mas disse que se recusa a se candidatar, porque tomaria muito tempo e ele prefere fazer mais coisas por aqui.

Na mesa sobre Psicologia Anomalística do VII Encontro Psi, Zangari comentou um pouco sobre a incursão dos trabalhos na USP e sobre o laboratório. Disse que o laboratório é o centro nervoso de todo o trabalho de psicologia anomalística e que há menos vagas do que interessados. Ao caracterizar o laboratório como centro nervoso, ele enfatizou a importância dos membros do Inter Psi para a existência e continuidade da área.

A reunião do dia 20 de abril de 2012 foi singular na história do Inter Psi. Ela ocorreu em seguida à defesa de uma mestranda que hoje não faz mais pesquisa na área. Zangari e Machado estavam presentes (ambos na banca). Entretanto, os dois tiveram que ir embora devido a problemas pessoais. Pela primeira vez (desde os tempos do ECLIPSY, Zangari disse), uma reunião aconteceu sem a presença dele ou de Machado. Por si só esse fato já pode ser utilizado para argumentar que o grupo tem se tornado mais coeso e menos dependente (embora essa dependência seja ainda clara) de indivíduos específicos. Na reunião seguinte, no dia 25 de maio de 2012, este foi o primeiro ponto coberto por Zangari. Ele disse que era muito importante o grupo prescindir de uma figura: “a pretensão é que o grupo exista para além da nossa existência.”

Nessa mesma linha, a reunião foi importante por uma outra notícia: Zangari havia deixado Everton Maraldi e Leonardo Martins como responsáveis por iniciar a escrita do projeto temático, para a FAPESP, já citado, demonstrando a confiança no trabalho dos dois. Na mesma reunião, Vanessa Corredato comentou com o grupo que Etzel Cardeña teria entrado em contato com Zangari para pedir um pequeno artigo a respeito do andamento do Inter Psi, sobre as pesquisas correntes, para publicar no Boletim *Mindfield*. Ela analisou a importância do pedido: “quase um ano depois da reunião da PA, o interesse [no Inter Psi] perdura”.

Na reunião do dia 25 de maio de 2012, Zangari disse estar muito contente com o curso de graduação, principalmente pelo empenho dos seus orientandos (que foram convidados a dar algumas aulas): disse não ver isso nos outros laboratórios da USP. Na reunião do dia 31 de agosto de 2012, foi a vez de Maraldi ser elogiado. Ele trouxe notícias da 55ª Convenção da PA (em que foi o único membro do Inter Psi, chamado de representante do grupo por Zangari). Segundo o professor, sua participação (ele apresentou trabalhos lá) foi elogiada por Carlos Alvarado (o *chairman* do ano), entre outros.

Na reunião do dia 25 de maio de 2012, Zangari falou sobre as conversas em curso para convênios com a Universidade de Londres, Goldsmiths (onde está Chris French) e a Universidade de Northampton (onde está Chris Roe). Tal convênio facilitaria o trânsito para

professores e para os alunos. Sobre trânsito de alunos, adicionou que estavam em curso também conversas para levar Fábio para um estágio sanduíche nos EUA, onde estudaria com Dean Radin (Silva foi, de fato, em 2013). Falando sobre esses possíveis convênios, e também sobre os eventos do grupo apresentando a área, sobre “os tentáculos do Inter Psi”, Zangari cravou: “há dois anos atrás, nada disso estava acontecendo”.

Se o grupo ainda depende da figura de Zangari, não há como negar que se torna cada vez mais um espaço de propagação da psicologia anomalística por meio de seus membros. É claro que essa extensão implica um risco específico: o de se perder o controle sobre a área que hoje existe, sobre o que significa psicologia anomalística e sobre quais as bases epistemológicas de uma boa ciência. Assim como French o fez desde o início do seu departamento na Inglaterra.

#### **4.2.7 Discursos diversos**

Como um grupo tradicionalmente ligado à parapsicologia, mas recentemente definido como um grupo de psicologia, o Inter Psi precisa defender os limites de sua área para audiências tanto de psicólogos quanto de parapsicólogos. Esta seção busca analisar como os membros do Inter Psi se utilizam de recursos discursivos para defender a importância dos seus estudos frente a essas duas audiências, respondendo de certa forma à pergunta “por que deve existir uma área chamada psicologia anomalística?” tanto para psicólogos quanto para parapsicólogos.

##### **4.2.7.1 Frente aos psicólogos**

A partir de 2008, foram encontrados cinco artigos (MACHADO, 2010; MARALDI; ZANGARI, 2012; MARALDI; ZANGARI; MACHADO, 2011; MARTINS, 2011; MARTINS; ZANGARI, 2012) publicados em periódicos de circulação em psicologia, ambos indexados. Quatro artigos foram publicados no Boletim da Academia Paulista de Psicologia, com classificação Qualis B2 para psicologia, e um artigo saiu na Revista de Psiquiatria Clínica, publicada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, também classificada B2 para psicologia.

Por meio da leitura dos artigos, constata-se que o discurso da importância da área frente a psicólogos se foca em três elementos. Em primeiro lugar, os textos afirmam que é necessário estudar experiências anômalas devido à sua alta incidência na população, tanto no Brasil quanto em outros países. Machado (2010, p. 463), Maraldi, Zangari e Machado (2011, p. 394), Martins

(2011, pp. 448-9) e Martins e Zangari (2012, p. 198) se utilizam desse recurso. A tese de doutoramento de Machado (2009), por exemplo, apresenta a pesquisa feita pela autora com 306 respondentes, estudantes universitários, dos quais 82,7% disse ter tido pelo menos uma experiência anômala na vida. Os resultados da tese foram apresentados também em Machado (2010). Dos cinco artigos aqui analisados, Martins e Zangari (2012), Maraldi, Zangari e Machado (2011) e Maraldi e Zangari (2012) fizeram referência à tese de Machado.

Em segundo lugar, os textos apontam a importância de estudar experiências anômalas para melhor compreender o funcionamento psicológico humano, observando a incompletude das teorias científicas vigentes (ou seja, apontam lacunas na produção de conhecimento da psicologia). Machado (2010, p. 463), Martins (2011, pp. 448-9) e Martins e Zangari (2012, p. 198) chamam a atenção explicitamente para a corrente limitação da psicologia ao não levar em conta as experiências anômalas, enquanto Maraldi, Zangari e Machado (2011) afirmam que “o estudo das funções psicológicas e sociais das crenças e experiências relacionadas a fenômenos supostamente paranormais representa, em si mesmo, um esforço legítimo por parte de qualquer estudioso da Psicologia ou das demais ciências sociais” (MARALDI; ZANGARI; MACHADO, 2011, p. 395) ressaltando sua importância para o conhecimento mais pleno da condição humana.

Em terceiro lugar, os textos apontam a demanda clínica por conhecimento a respeito de experiências anômalas (observando uma lacuna na formação profissional, já que os psicólogos clínicos em geral não estão preparados para lidar com as experiências anômalas dos pacientes pela falta de discussões sobre o tópico nas universidades). Neste contexto, a discussão mais importante é a relação entre experiências anômalas e psicopatologias, acentuando-se a necessidade de se estudar os tópicos da psicologia anomalística para ajudar no caso de diagnósticos diferenciais. Machado (2010, p. 464), Martins (2011, pp. 449), Martins e Zangari (2012, p. 198) e Maraldi e Zangari (2012, p. 449) fazem referência à importância de estudos sobre experiências anômalas para a prática clínica.

Martins e Zangari (2012, p. 198) oferecem uma síntese dos pontos presentes nos textos:

Quanto à sua relevância científica, as experiências anômalas são pessoal e culturalmente impactantes, além de altamente prevalentes. Em um estudo com voluntários brasileiros, por exemplo, encontrou-se que 82,7% dos 306 respondentes afirmaram ter vivenciado ao menos uma experiência anômala das investigadas na pesquisa (experiências de tipo extrassensório-motoras: experiências telepáticas, precognitivas e psicocinéticas). Por sua vez, as teorias científicas permanecem bastante incompletas ao desconsiderar tais experiências, dado que podem sinalizar lacunas de conhecimento sobre o funcionamento



psicológico humano (e.g., sobre alucinações em populações não clínicas). Finalmente, desenha-se uma relevância clínica, pois muitos protagonistas recebem diagnósticos equivocados de profissionais de saúde despreparados para lidar com as experiências. Adicionalmente, alguns tipos de experiências anômalas podem promover bem-estar psicológico de modo especial, como uma radical, acelerada, positiva e estável reestruturação da vida do protagonista. Desse modo, experiências anômalas e temas associados têm sido objeto de crescente interesse científico, inclusive no Brasil, com pesquisas em diversos domínios, incluindo diagnóstico diferencial e adaptação de instrumentos relacionados.

#### 4.2.7.2 Frente aos parapsicólogos

Maraldi; Machado; Zangari (2010), Martins (2013) e Zangari; Machado (2012) foram publicados em periódicos de circulação entre parapsicólogos, nenhum deles indexado. Trata-se, respectivamente, do *Journal of Scientific Exploration* (da *Society for Scientific Exploration*), do *Paranthropology* e do *Journal of Parapsychology* (publicado pela PA). Embora apenas o último se trate de um periódico de parapsicologia especificamente, os outros dois são destinados à publicação de estudos sobre fenômenos e experiências paranormais. Ou seja, os três são de circulação entre grupos que se ocupam do estudo do paranormal.

Os artigos de Maraldi, Machado e Zangari (2010) e Martins (2013) se caracterizam pela proximidade aos textos dos autores que foram publicados em periódicos de circulação entre psicólogos. O que pode ser observado e que faz referência aos estudos prévios em parapsicologia é a referência à importância de se estudar o paranormal a partir da psicologia – mais especificamente a partir da psicologia social – para que se compreenda melhor os fenômenos em geral (observando uma lacuna na produção de conhecimento da parapsicologia). Maraldi, Machado e Zangari (2010, p. 184) comentam a respeito do estudo dos pesquisadores da chamada *psychical research* (origem da parapsicologia) a respeito da mediunidade:

um problema evidente (...) era a ênfase em aspectos individuais da mediunidade, isto é, no estudo de processos intrapsíquicos e inconscientes em médiuns. Essa abordagem negligenciava o poder da cultura e da sociedade de moldar crenças e experiências associadas a fenômenos mediumísticos.<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> “One evident problem (...) was the emphasis on individual aspects of mediumship, that is on the study of intrapsychic and unconscious processes in mediums. This approach neglected the power of culture and society in modeling beliefs and experiences associated with mediumistic phenomena”

Depois, afirmam que a ótica exclusivamente psicopatológica (lacuna da psicologia) e a exclusivamente intrapsíquica (lacuna da parapsicologia) ainda predominam nos estudos sobre o tema, e é necessário abrir caminho para uma ótica psicossocial (MARALDI; MACHADO; ZANGARI, 2010, pp. 193-4).

No mesmo sentido, Martins (2013, pp. 16-7) identifica duas dimensões no estudo científico de experiências anômalas: a fenomenológica e a ontológica, salientando que são dois modelos epistemológicos distintos e não é possível tomar apenas um deles como válido. Não é viável, segundo ele, adotar um enfoque puramente intrapsíquico para as experiências, ignorando uma abordagem psicossocial. Assim, os textos atuam contra a resistência à psicologização do estudo do paranormal, advogando em favor do valor de um enfoque psicossocial.

O texto de Zangari e Machado (2012), entretanto, dialoga mais proximamente com os parapsicólogos, já que se trata de uma avaliação dos autores a respeito do campo da parapsicologia no Brasil em uma edição especial do *Journal of Parapsychology*, comemorando o septuagésimo quinto aniversário do periódico (contendo textos curtos de parapsicólogos ao redor do mundo respondendo à questão: onde estará a parapsicologia daqui a 25 anos?). No texto, os autores afirmam crer que a parapsicologia brasileira irá desaparecer em 25 anos. Entretanto, caracterizam esse desaparecimento como paradoxal, pois significaria exatamente o renascimento da pesquisa psi na academia brasileira (ZANGARI; MACHADO, 2012, p. 67). Para os autores, é impossível eliminar a conotação negativa do termo “parapsicologia” no Brasil devido ao histórico da área no país e ao uso contínuo do termo por pessoas que oferecem trabalho clínico sem terem qualquer formação universitária em saúde mental. A saída foi adotar um outro termo:

Assim, a solução encontrada por muitos entre aqueles que são interessados no estudo de psi foi afastar-se de tudo o que é normalmente associado à parapsicologia no Brasil. E alguns pesquisadores perceberam que, para estudar alegações paranormais e assuntos correlatos, eles deveriam assumir uma atitude francamente cética. Por essa razão, o termo “psicologia anomalística” foi recentemente introduzido e tem sido propagado no Brasil, especialmente na academia, para denotar uma área de estudos de alegações paranormais a partir de uma perspectiva cética. Entretanto, pesquisadores de psicologia anomalística não são fechados ao estudo de hipóteses psi, embora enfatizem os processos psicológicos que estão na base das alegações paranormais. (...) Assim, pelo menos no Brasil, o campo da psicologia anomalística tem representado não apenas a abertura para o estudo acadêmico de experiências psicológicas, crenças

e/ou alegações paranormais, mas também a normalização do estudo científico da hipótese psi.<sup>138</sup> (ZANGARI; MACHADO, 2012, p. 66)

Assim, os autores apresentam a existência da psicologia anomalística brasileira como uma resposta ao fechamento da academia em relação à parapsicologia. A psicologia anomalística se apresenta como uma normalização do estudo do paranormal.

#### **4.2.7.3 Um nicho acadêmico que explora lacunas**

Em primeiro lugar, cumpre notar que o Inter Psi tem publicado mais em revistas com audiência de psicólogos do que de parapsicólogos. Isso é também um reflexo da busca por institucionalização, já que os membros são levados a publicar em revistas indexadas, o que não é o caso do *Journal of Parapsychology* e do *Journal of Scientific Exploration*. A permanência de publicação na área de parapsicologia, contudo, reflete a vontade do grupo em manter vias de diálogo em diferentes frentes.

Para manter essas diferentes frentes, o grupo mostra análise dos campos: identifica lacunas e busca colocar a psicologia anomalística como a provedora de respostas para essas questões. Assim, demonstra um trabalho de fronteiras ao estilo dos casos estudados por Gieryn. Se o discurso do Inter Psi se modifica frente a audiências de psicólogos e parapsicólogos, isso se deve não apenas ao fato de que a ciência apresenta fronteiras geralmente fluidas, mas também à característica peculiar da psicologia anomalística que é encontrar-se em um ambiente cinzento entre a psicologia e a parapsicologia, buscando manter diálogos com as duas áreas. A psicologia anomalística é construída como uma área promissora exatamente porque pode contribuir para solucionar lacunas no conhecimento psicológico e parapsicológico, tornando-se ocupante de um nicho acadêmico específico.

---

<sup>138</sup> “Thus, the solution found by many of those who are interested in the scientific study of psi was to move away from everything that is commonly associated with parapsychology in Brazil. And some researchers realized that, to study paranormal claims and correlated subjects, they should assume a frankly skeptical attitude. For this reason, the term “anomalistic psychology” was recently introduced and has been propulgated in Brazil, especially in the academy, to denote an area of study of paranormal claims from a skeptical perspective. However, researchers in anomalistic psychology are not closed to the study of the psi hypothesis, although they emphasize the psychological processes underlying paranormal claims. (...) Thus, at least in Brazil, the field of anomalistic psychology has represented not only the opening for the academic study of psychological experiences, beliefs, and/or paranormal claims, but also the normalization of the scientific study of the psi hypothesis.”

No entanto, as diferenças entre os discursos – notadamente a forte correlação entre psicologia anomalística e parapsicologia presente em Zangari e Machado (2012), mas não presente nos textos de periódicos da área de psicologia, não se caracteriza apenas como marca do caráter múltiplo da ciência e da dificuldade em demarcar fronteiras. Conforme Mellon (2004) sugere, o trabalho de demarcação de fronteiras se caracteriza também como um espaço de negociação de contradições. Em um esforço performativo, a demarcação rotineira de fronteiras contribui para que os pesquisadores organizem o mundo científico do qual falam, negociem suas bases epistemológicas e avaliem cotidianamente a produção das suas áreas de pesquisa.

No caso do Inter Psi, o grupo define uma psicologia anomalística que significa a entrada da parapsicologia na academia brasileira, mas uma entrada feita sob condições específicas, que são o foco em processos psicológicos e uma postura cética (o que tem sido feito, tomando por base os textos aqui analisados e que se concentram no estudo psicossocial de experiências anômalas). Ao preencher esses pré-requisitos, o grupo mantém a abertura para o estudo ontológico de fenômenos paranormais (a hipótese psi de que falam Zangari e Machado, 2012, p. 16).

Em todo o caso, é importante notar que estamos tratando de textos de publicação recente. Será interessante observar as publicações posteriores de membros do Inter Psi, buscando avaliar se eles publicarão também pesquisas a respeito da ontologia de fenômenos paranormais, e se essas pesquisas encontrarão abertura em periódicos de circulação entre psicólogos.

## 5. CONCLUSÕES

Como explicitado no capítulo introdutório, esta tese tem por meta participar do debate a respeito da questão da demarcação científica e o objetivo principal proposto foi discutir a demarcação científica por meio do Inter Psi e de sua defesa da parapsicologia e da psicologia anomalística no Brasil enquanto um campo de atividade científica. Os dados obtidos através do trabalho de campo expuseram estratégias específicas do Inter Psi para encontrar um espaço para o estudo do paranormal dentro da academia brasileira.

No segundo capítulo, argumentou-se que abordagens construtivistas dentro dos ESCT, em especial a NSS, foram muito bem sucedidas em argumentar que a ciência é múltipla, negociada, contingente, e que não há como separar ciência de não ciência por critérios epistemológicos apriorísticos. Particularmente, a obra de Thomas Gieryn a respeito do trabalho constante de edificação de fronteiras e de remodelamento de mapas culturais contribui para uma visão complexa de situações práticas em que o status de ciência é alocado ou não. Entretanto, o capítulo defendeu também o ponto de vista de que uma descrição de caso que identifique o trabalho de agenciamento de redes, de fortalecimento de uma alegação por meio do alistamento de elementos variados, pode contribuir para enxergar com mais complexidade e profundidade a dinâmica de demarcação científica. Tal ponto de vista parte da premissa de que a assimetria entre ciência e não ciência se constitui como questão de poder, mas é exatamente essa assimetria que precisa ser explicada, não utilizada como modelo explicativo. Esse tipo de descrição proposto inspira-se principalmente no trabalho de Bruno Latour, como apontado no segundo capítulo.

A partir do ponto de vista adotado, a demarcação científica foi explicitada como um processo performativo, por meio do qual o trabalho constante de ordenação de ciência (o que conta ou não como ciência) por parte de grupos interessados (compostos por cientistas, juristas, administradores, etc.) é posto em xeque em situações de julgamento (que Gieryn chama de concursos de credibilidade).

No caso do Inter Psi, identificou-se uma série de estratégias específicas para tornar o estudo do paranormal legítimo enquanto atividade científica. Essas estratégias apontam para o fato de que a cientificidade da área depende de sua institucionalização, não o contrário (o que vai ao encontro da literatura dos ESCT). No caso do Inter Psi, sua principal estratégia para legitimar o estudo do paranormal tem sido, nos últimos anos, a defesa de uma subdisciplina específica da

psicologia: a psicologia anomalística. Por sua vez, essa defesa também compreende uma miríade de estratégias: a composição de uma epistemologia específica para a área, a mudança de nome que permite explorar uma possibilidade de interessar e engajar os pares (diferente da parapsicologia, que era a área a que o grupo se afiliava antes da psicologia anomalística), tentativas de assumir o papel de representante da ciência em relação a casos de paranormalidade e tentativas de diferenciar-se da parapsicologia tradicional brasileira, marcada pela aura religiosa e pela cisão entre católicos e espíritas.

Em especial, a estratégia do grupo de defesa da psicologia anomalística passa por um ponto crítico: entrar e estabelecer-se na academia por dentro da psicologia. Tal estratégia se mostra eficaz por alguns motivos: a) há mais institucionalização na psicologia (em relação à parapsicologia); b) há também uma profusão de subdisciplinas e qualquer discussão sobre a cientificidade delas abre precedentes para que se discuta a cientificidade de todas elas; c) a psicologia brasileira está bem adaptada à academia e funciona com base em financiamento por agências de fomento, garantindo um recurso à possibilidade de encontrar tanto novos ingressantes à área quanto suporte financeiro para pesquisa.

A defesa da relevância da área passa principalmente pela identificação de lacunas no conhecimento corrente (tanto da psicologia quanto da parapsicologia), configurando um nicho específico para a psicologia anomalística dentro da academia. Essas lacunas dizem respeito a uma potencial contribuição de estudos sobre experiências anômalas para a compreensão da psique humana (mesmo que os fenômenos anômalos não sejam comprovados empiricamente), além da necessidade de se levar em consideração aspectos psicossociais para melhor compreender as experiências anômalas mesmo no caso da existência ontológica dos fenômenos ser comprovada.

Tais estratégias são postas em prática por meio do alistamento de inúmeros elementos, como outros pesquisadores e grupos de pesquisa, tradições intelectuais específicas (como William James, a *psychical research*, a psicologia da religião, a parapsicologia científica americana, a psicologia anomalística britânica, etc.), programas televisivos, grupos céticos, periódicos *mainstream*, periódicos ligados à parapsicologia, contexto institucional (no momento atual, o IP-USP como espaço, a congregação do IP-USP como centro de decisão, o Departamento de Psicologia Social e do Trabalho), grupos no *Facebook*, grupos de interessados em experiências anômalas leigos ou não acadêmicos (como grupos de contatados e ufólogos), websites, alunos de graduação e de pós-graduação, Conselhos Regionais de Psicologia...

As formas com que o Inter Psi trava relação com esses inúmeros elementos são distintas, mas todas essas ligações procuram tornar mais forte a alegação de que a psicologia anomalística é uma área científica, acadêmica, que tem uma relevância específica para a produção de conhecimento a respeito do mundo. Também, cumpre notar que é difícil separar essas relações em momentos *upstream* e *downtream*, de produção e consumo do conhecimento. Embora seja possível fazer o exercício de purificar esses dois momentos no instante de análise, em geral as estratégias envolvem uma amálgama entre produção e consumo de conhecimento. A necessidade de comunicar resultados de pesquisa, por exemplo, principia escolhas específicas e estratégicas que informam que tipos de pesquisa serão levados a diante. Uma análise constante do consumo de conhecimento é o que faz, por exemplo, com que a aplicabilidade clínica de estudos de psicologia anomalística se torne um aspecto mais interessante de pesquisa do que a comprovação experimental da precognição ou da psicocinese, por exemplo.

A mudança de parapsicologia para psicologia anomalística não se trata de um processo inevitável. O Inter Psi poderia se identificar como um grupo de parapsicologia que defende uma maior relação com a psicologia, por exemplo, e uma inserção acadêmica. Entretanto, a adoção do termo psicologia anomalística se configura como uma oportunidade mais aparente de negociar o significado de distintas áreas, inclusive estabelecendo a parapsicologia como parte da psicologia anomalística. Pode-se argumentar que a passagem de parapsicologia para psicologia anomalística dentro do Inter Psi assemelha-se muito à adoção do termo parapsicologia por Rhine, em detrimento de *psychical research*. Pode-se dizer que é uma revolução, mas pode-se focar as continuidades. Provavelmente, a psicologia anomalística será vista como revolução se for vitoriosa, como continuidade em relação à parapsicologia se não conseguir sedimentar seu lugar na academia.

O papel de indivíduos para a estabilização de uma área também é aparente pela história do Inter Psi. No caso da parapsicologia, é tradicional a ênfase dada ao papel essencial de indivíduos (como Rhine e Morris, por exemplo). Isso faz sentido, pois se trata de área pequena, que não conseguiu se legitimar e propagar-se como queriam e querem seus proponentes. Para que uma área se fortaleça, se estenda, é necessário que deixe de depender de pessoas específicas e se configure como uma rede que pode sobreviver por conta própria. Isso significa, também, uma certa perda de controle por parte dos iniciadores das áreas. No caso da psicologia anomalística, isso pode ser visto em um processo ainda inicial. Marca da propagação da área é a variação de

ênfase que ocorre no Reino Unido, onde o termo nasceu com uma característica crítica, descrente em relação à existência ontológica dos fenômenos paranormais, e foi propagado a ponto de ser utilizado por parapsicólogos. No Brasil, Zangari e Machado configuram-se como baluartes da área, que buscam servir também como catalisadores de uma ação distribuída, pela qual a área possa se estender por redes que assegurem sua existência para além de indivíduos específicos.

Em última instância, conclui-se que a busca de um grupo por ser científico contribui para estabilizar o que se entende a respeito da área, mas também o que se entende por cientificidade, na medida em que o grupo consegue interessar pessoas o suficiente para que exista um julgamento. Tudo, é claro, dentro das devidas proporções. Julgamentos localizados significam a possibilidade de vitórias também localizadas. Como é o caso da abertura ou não de um grupo de estudos em um Conselho Regional de Psicologia. Julgamentos mais generalizados, como o caso da corte americana que arguiu que design inteligente não é ciência, também apresentam resultados de maior impacto. Mas são essas atividades rotineiras de produzir fronteiras que vão conformando o que se entende por ciência e por áreas científicas específicas. Isso é aparente no Inter Psi porque eles tentam defender uma nova área. Mas seu cotidiano é igual ao de um grupo habitual de estudos dentro da academia: eles buscam assegurar espaço acadêmico através de constantes avaliações do contexto em que se encontram (quem são possíveis pares, quais os caminhos de pesquisa que prometem gerar mais frutos), de tentativas de assegurar financiamento para pesquisa (através de projetos para agências de fomento) e futuros ingressantes ao campo (divulgando a psicologia anomalística dentro da academia – através de disciplinas de graduação e pós e eventos acadêmicos – e fora dela – através de aparições na mídia e escrevendo textos mais voltados para divulgação científica). Tais preocupações são inerentes a um grupo de pesquisa acadêmica e representam o comprometimento do Inter Psi com a ideia de desenvolver o estudo do paranormal em ambiente acadêmico.

Analisar se o estudo feito foi bem-sucedido ou não na análise do Inter Psi e sua busca por espaço acadêmico para o estudo do paranormal é, em última instância, trabalho do leitor. Cabe ressaltar que esta tese poderia ter sido escrita utilizando somente os conceitos das abordagens construtivistas dos ESCT. Nesse caso, poderiam ser focados elementos distintos (como o aspecto institucional da emergência de uma nova subdisciplina ou uma análise específica dos discursos do Inter Psi). Independente do enfoque, a tese seria marcada por uma preocupação em identificar os elementos sociais que influenciam na determinação do que conta como ciência em geral a



partir do movimento de um grupo específico. Como resultado, seriam ressaltados a necessidade de convencer os pares e a importância de conseguir institucionalização de forma a tornar-se científico, não o contrário.

Essas conclusões foram conquistadas por meio da análise aqui proposta, que se ocupou com aspectos institucionais e discursos também. Mas ao mudar o enfoque para os diferentes elementos que o grupo alista, sem preocupar-se se são sociais, cognitivos, de natureza institucional ou linguística, e ao furtar-se de usar diferentes enfoques analíticos para cada um desses temas, a escolha foi por analisar as ligações do grupo a diferentes elementos como o mesmo tipo de busca por estabilizar alegações através da conquista de aliados (que podem ser outras pessoas, outros grupos, textos, páginas da internet, etc). Em nenhum momento a análise buscou diferenciar aspectos sociais de aspectos cognitivos, ou momentos de produção de conhecimento dos de consumo. Esse tipo de análise colocou o Inter Psi como um centro em um campo amplo de ação, buscando se conectar a outros elementos que possam oferecer apoio em julgamentos específicos a respeito da legitimidade do grupo e da área que defende.

A defesa aqui proposta é que essa análise voltada para os elementos alistados, se por um lado torna-se bastante descritiva e difícil de resumir e simplificar, oferece uma visão da demarcação científica como uma tarefa complexa e performativa. E talvez o maior benefício desse tipo de análise é que, ao focar na importância de cada pequena associação para o resultado final de um julgamento, ganha-se uma concepção de ciência não apenas negociada, mas que funciona exatamente porque é negociada e é preciso cuidar para que nosso papel dentro dela não seja automático, mas condizente com a função ativa que temos, sejamos nós cientistas, público consumidor, administradores ou mesmo analistas. Há uma abertura para a normatividade, pois a análise não termina no momento em que conclui que há elementos sociais que influenciam a determinação do que é ciência. Se a definição de ciência é performativa, somos obrigados a pensar sobre qual papel desempenhamos na configuração do mapa cultural de ciência que, longe de ser responsabilidade única da epistemologia, é tarefa constante desempenhada coletivamente.

### **5.1 Entre fronteiras múltiplas: Inter Psi como objeto fluido**

Em “The Zimbabwe Bush Pump”, Marianne de Laet e Annemarie Mol se referem à bomba hidráulica Bush tipo B (que foi criada e disponibilizada no Zimbábue na década de 1980) como um exemplo de tecnologia fluida. Para as autoras, um objeto fluido é um que não tem

fronteiras definidas, que não se impõe, mas busca servir, que é adaptável, flexível e responsivo. E essa diversidade não se daria somente por uma multiplicidade de possíveis interpretações, mas seria uma característica inerente ao objeto (de LAET & MOL, 2000).

O conceito de fluidez adotado por elas é interessante quando aplicado ao Inter Psi. É preciso, contudo, fazer uma ressalva importante. Para as autoras, a fluidez contribui para pensar a agência de não-humanos (como no caso da bomba hidráulica), ao assinalar que atores não-humanos e não-rationais podem ter agência (de LAET & MOL, 2000, p. 227). No caso do Inter Psi, estamos trabalhando com um grupo de humanos, racionais, aos quais não se pensaria em negar a agência independente da abordagem de análise escolhida. No entanto, o Inter Psi é mais do que um união de pessoas. Ao configurar-se como resultado dessa união, qualidades diferentes são assumidas pelo Inter Psi, agora novo objeto de fronteiras não rigidamente definidas, qualidades essas que passam a influenciar a trajetória futura do grupo e de seus membros enquanto participantes desse grupo.

Enxergar o Inter Psi enquanto objeto fluido faz saltar aos olhos as diferentes formas com que o grupo pode, e pôde, ser definido (já que é flexível ao longo do tempo): um laboratório de psicologia anomalística, um grupo de estudos de parapsicologia, um centro de divulgação da parapsicologia científica ligada à Parapsychological Association, um grupo de amigos e colegas, um grupo de estudos do CNPq, uma linha de pesquisa da USP, um grupo de estudos de semiótica, um grupo de estudos da PUC-SP, um grupo de estudos da Anhembí Morumbi, um laboratório do Instituto de Psicologia da USP, um recurso a quem tem casos de experiência anômala para reportar, um grupo de representantes do ceticismo crítico dentro da sociedade brasileira, um grupo de pesquisas atuante em psicologia da religião, um grupo de pesquisas atuante em hipnose, um dos representantes da ciência frente à mídia no tocante à paranormalidade, um grupo de pesquisa atuante em casos de desmascaramento de charlatões... E assim como no caso da bomba hidráulica, o Inter Psi conta com uma espécie de “herói fluido”, como comentado no capítulo anterior: um ator que é promotor de ação distribuída, também como estratégia específica de fortalecimento do grupo.

Uma característica fundamental da fluidez é que é impossível dizer se um objeto fluido funciona ou não. Não há um sim ou não prontos. Como o objeto é múltiplo, há formas também múltiplas em que pode vingar ou falhar (de LAET; MOL, 2000). Cumpre analisar aspectos distintos dentro de seu contexto para poder avaliar se o grupo tem conseguido conquistar seus

objetivos. De uma forma bem resumida, pode-se dizer que as estratégias de legitimação do estudo do paranormal para o Inter Psi passam primeiramente por buscar a institucionalização de uma nova subdisciplina da psicologia, a psicologia anomalística. Em seu trajeto, o grupo sofreu perdas e ganhos. Ao passo em que o Inter Psi enquanto laboratório de psicologia anomalística da USP tem se fortalecido desde sua criação, pode-se argumentar que o Inter Psi como grupo de parapsicologia tem se tornado mais fraco. O Inter Psi tem se tornado um grupo muito mais acadêmico, o que faz parte da estratégia de institucionalização, e novos membros passaram a fazer parte do grupo. Se de um lado o grupo ganhou em status acadêmico, e ganhou novos membros, perdeu participantes antigos devido à maior rigidez das regras de participação. Também, como já discutido nos dois capítulos anteriores, o sucesso do grupo significa, em grande medida, uma perda de controle a respeito da definição de psicologia anomalística – como é claramente observado no caso de Chris French. Sempre há preços a se pagar por cada conquista.

Iniciativas específicas deram certo ao longo da existência do grupo (como a mudança de casa institucional por duas vezes, a criação de websites, revista, criação de disciplina de graduação e pós-graduação, criação de grupos de estudo, etc), mas também é incontável o número de iniciativas frustradas ou ainda não postas em prática (como ter um laboratório físico na USP, escrever um livro de introdução da psicologia anomalística, fazer um evento internacional de psicologia anomalística, enviar um projeto temático para a FAPESP, etc.). É claro que isso tem que ser visto em perspectiva: a existência de um grupo acadêmico em geral é marcada por tentativas de assegurar espaço na academia para o grupo e conseguir financiamento para pesquisas. Todo grupo de pesquisa na academia tem certamente um cemitério próprio de planos acadêmicos frustrados.

Em última instância, a semelhança do Inter Psi com qualquer grupo de estudos habitual é representativa de quanto suas estratégias para estabilizar a psicologia anomalística têm dado certo em muitos aspectos. O Inter Psi trocou a defesa de uma disciplina, a parapsicologia (como era o caso do ECLIPSY, pelo qual se iniciou a existência do grupo), por uma subdisciplina, a psicologia anomalística. A concentração de esforços em desenvolver uma subdisciplina significou uma mudança nos julgamentos de cientificidade. É como se o grupo estivesse trocando uma batalha em campo mais aberto por controvérsias menores e mais localizadas. Para garantir espaço acadêmico, o grupo teve que convencer pessoas em ambientes locais, como a congregação

da USP (no caso de criar o laboratório de psicologia anomalística e processos psicossociais e as disciplinas de graduação e pós-graduação) e pares da psicologia (como no caso de assegurar financiamento para pesquisas por meio de projetos de pesquisa individuais). Mesmo nesses casos locais, há perdas (como no caso do Conselho Regional do Paraná). Mas o público da psicologia anomalística tem sido um público formado por psicólogos. Há um afastamento da história da parapsicologia e suas controvérsias mais generalizadas com a ciência *mainstream*. O caminho de institucionalização da psicologia anomalística brasileira têm sido traçado por meio de diálogos entre psicólogos.

A semelhança do grupo com um grupo habitual de pesquisas acadêmico pode ser atestada também em relação à área de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Quando aspectos desta tese foram apresentados, em congressos ou debates dentro do programa de pós-graduação da UNICAMP ou da Universidade de Edimburgo, diversas vezes foi levantada uma comparação entre a psicologia anomalística e os ESCT. A comparação comumente parte do ponto de que as estratégias do Inter Psi para legitimar sua área não são muito diferentes das estratégias seguidas pelos ESCT para conformar a academia como contendo um nicho para a área. Ao concentrar-se como um representante de uma nova sub-área, o Inter Psi se assemelha a inúmeros grupos que pretendem fortalecer estudos não hegemônicos na academia, como a psicologia da religião (com a qual o grupo conta tantos laços de ligação), mas também como a psicologia da arte, a psicologia da ciência, a história da ciência, entre tantas outras.

O conceito de fluidez é também interessante para referir-se às próprias áreas de conhecimento, além do grupo. A história e observação do Inter Psi oferecem elementos para discutir, com base na bibliografia de décadas dos ESCT, a respeito da dificultosa elaboração de fronteiras entre áreas e entre ciência e não-ciência. Pode-se pensar em ciência como um conceito fluido: quanto mais nos aproximamos de situações práticas, quanto mais aumentamos o *zoom* de nossa observação, mais percebemos o quanto é difícil elaborar as fronteiras e mantê-las. Pois as fronteiras entre áreas, e entre a ciência e a não-ciência, a exemplo das fronteiras geográficas entre países, necessitam de constante vigilância e manutenção. Há os grupos que buscam infiltrar-se em uma área (como os proponentes do design inteligente que defendem que são ciência e não pseudociência), há os grupos de justiceiros que tomam sob sua responsabilidade a expulsão dos que julgam ilegítimos pretendentes a tais áreas ou ao status de científico (críticos ativos da

parapsicologia como James Alcock são exemplo). Fluidez é um conceito adequado pois enfatiza exatamente a falta de fronteiras bem definidas, apriorísticas.

Entretanto, é importante que não se entenda com isso que qualquer coisa valha na definição de áreas e de ciência. Dizer que uma fronteira é construída não quer dizer que é construída com base em qualquer coisa. Ao contrário, a história própria do Inter Psi mostra como o trabalho de fronteiras é moroso e exigente. É preciso passar por inúmeros julgamentos, alguns mais locais, outros mais gerais, para encontrar um lugar na academia. Da mesma forma, dizer que a epistemologia aparece como elemento ad hoc não significa que ela não tenha um papel fundamental no estabelecimento de grupos, subdisciplinas e campos de conhecimento. O que se buscou argumentar é que a epistemologia como campo de conhecimento, subdisciplina da filosofia, não dá conta de eleger elementos que possam separar ciência de não-ciência de forma apriorística. Por outro lado, a epistemologia é constantemente definida por grupos de pesquisa, conformando os limites de sua atuação e, por meio de negociações e situações de julgamentos variados, o que se entende por ciência. Em outras palavras, não há como uma nova área ser identificada como ciência ou não ciência por meio da análise de uma pessoa que estude a epistemologia, enquanto subdisciplina da filosofia. Essa definição ocorre na prática, conforme essa nova área é formatada por indivíduos e situações de negociações, controvérsias, traduções.

Por fim, um outro aspecto de fluidez no grupo, a variação ao longo do tempo, reflete a fluidez em geral da demarcação científica como atividade rotineira e inerente às ciências. O estudo de caso aqui descrito tem um recorte específico. Mas a história do Inter Psi continua sendo feita. Depois do fim do período de observações aqui proposto, por exemplo (maio de 2014), Fabio da Silva deixou de ser professor nas FIES e, em julho de 2014, o tão procurado grupo de estudos em psicologia anomalística foi enfim aberto no Conselho Regional de Psicologia do Paraná (após mudança de direção do Conselho). Esses elementos não foram analisados aqui, mas constituem ilustração de como as fronteiras vão sendo renegociadas a todo instante. Embora grandes mudanças sejam feitas gradualmente, é possível enxergar pequenas reconstruções de limites em momentos específicos. O estudo termina, mas a história continua.

## 5.2 Objeto fluido, estudo fluido

Se o Inter Psi é um objeto fluido, cumpre também enfatizar a fluidez do próprio trabalho aqui exposto. Como um exercício da área de humanidades, é comum que se busque enfatizar a cientificidade da pesquisa a despeito de sua subjetividade. Pode-se argumentar, com retidão, que não há como um trabalho de campo de observação participativa ser objetivo<sup>139</sup>. E há como se argumentar, com retidão também, que subjetividade não significa falta de cientificidade. É importante, entretanto, que os elementos de fluidez sejam expostos, para que se possa entender melhor os pontos de vista que, indiscutivelmente, informam toda pesquisa. Em alguns casos, como se sucede com esta tese, esses elementos de fluidez podem se tornar mais um subsídio para a análise, contribuindo, por sua vez, para uma compreensão ainda mais profunda do objeto de estudo.

Além de qualquer subjetividade inerente à observação participativa, a pesquisa aqui exposta envolveu uma certa apropriação do grupo do meu próprio trabalho. Além de terem concordado com a pesquisa de campo, de terem deixado claro que eu poderia escrever as conclusões que eu tivesse a respeito do trabalho do grupo, quaisquer fossem elas, o grupo se apropriou do trabalho porque o tema, como já assinalado no segundo capítulo, se encontra dentro dos interesses de pesquisa do próprio Inter Psi. O projeto de doutorado foi lido e aceito por Zangari e Machado como um projeto de entrada no próprio grupo, assumindo para o Inter Psi, de certa forma, tanto um papel de objeto de estudo quanto de par interessado nos resultados de pesquisa enquanto produtor de conhecimento.

Esta tese tem uma dimensão, assim, autoreflexiva.<sup>140</sup> E como essa dimensão não estava presente no início do trabalho, mas foi construída no decorrer das observações de campo, trata-se de elemento que informa tanto a respeito do Inter Psi quanto os outros dados da observação.

A acolhida desta pesquisa pelo Inter Psi pode ser vista como coerente em relação às estratégias aqui identificadas e descritas. Por se tratar de um trabalho de doutoramento, está dentro dos objetivos do grupo quanto à filtragem de membros seguindo a necessidade de pesquisa

---

<sup>139</sup> Latour (2005, pp. 124-5) define objetividade como duas possibilidades: a primeira seria uma tentativa de copiar a natureza (aqui objetivo se contrapõe a subjetivo); segunda a outra definição, objetivo é o texto que fala de objetos que tem a chance de oferecer objeção ao que se diz a respeito deles. Se essa segunda definição for sustentada, então há possibilidade de um trabalho de observação participativa ser objetivo. E tal objetividade seria não apenas possível, mas objetivo primordial dos estudos, tanto das áreas de exatas, hard sciences, quanto para as humanidades.

<sup>140</sup> Essa dimensão está além da reflexividade usual dos ESCT, que se caracteriza por ser um campo do conhecimento que estuda campos do conhecimento.

científica. Além disso, pelo fato de ser um trabalho de fora da psicologia, contribui para o caráter multidisciplinar que Zangari diz que o grupo deve ter. Aumentando o caráter de fluidez do grupo, sua aprovação e busca por multidisciplinaridade dota o Inter Psi de mais um elemento de diversidade: ao passo em que tenta institucionalizar o estudo do paranormal de dentro da psicologia, mantém uma abertura para fora da área. Por mais que esta tese não seja institucionalmente ligada ao Inter Psi ou sequer à USP, a filiação a grupos de pesquisa é mais ampla. Meu nome consta, por exemplo, no site do grupo como membro participante.

O papel estratégico voltado para o aspecto institucional do grupo, contudo, é apenas uma parte da história. Desde o início da minha observação participativa, houve troca de conhecimento e um interesse ativo dos membros do grupo em compreender tanto a minha pesquisa quanto a área de estudos sociais da ciência em geral. A minha participação na aula de graduação, citada no capítulo anterior, é exemplo disso. O interesse do grupo pela área também tem um aspecto estratégico interessante, pois a literatura dos ESCT funciona como ferramenta para discutir a ciência e dotá-la de uma aura de abertura, negociação, construção. A leitura de autores como Kuhn, Popper, Collins e Pinch, McClenon, entre outros, é utilizada por Zangari para legitimar a briga da parapsicologia, e da psicologia anomalística, pelo status de ciência.

### **5.3 Implicações políticas e para políticas públicas**

Por fim, vale enfatizar que esta tese faz parte de programa de pós-graduação em política científica e tecnológica. Assim, é coerente que se busque avaliar de que forma o caso aqui exposto pode contribuir para uma discussão a respeito da política de ciência do Brasil. Por mais que o trabalho seja mais descritivo, concentrando-se em discutir questões teóricas que estão no seio dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, é importante não perder de vista a relevância prática dos estudos teóricos. É claro que o foco desta tese, como foi especificado até agora, não é discutir política pública. Mas a observação do Inter Psi e da psicologia anomalística que eles propõem nos coloca frente ao trabalho de estabelecimento de fronteiras e cabe a pergunta de como fazer política em um contexto tal e sobre que o papel dos ESCT como ferramenta para pensar a política científica e, nesse caso em específico, as políticas institucionais acadêmicas.

Essa dimensão de análise é normativa, como compete a quem se propõe a pensar mais detidamente sobre política pública.<sup>141</sup>

Velho (2011, pp. 132-3) afirma que a evolução histórica da política de ciência, tecnologia e inovação (CTI) está fortemente correlacionada com a evolução do conceito dominante de ciência. Em outras palavras, o foco, os instrumentos e as formas de gestão que definem a Política de CTI num determinado momento são estreitamente relacionados com o conceito dominante de ciência. A concepção de ciência e tecnologia que informa a política brasileira, apesar de largamente criticada entre os estudiosos da área, é marcada por duas características: ciência é geralmente vista como neutra e a relação entre ciência e sociedade é geralmente vista como linear, inclusive por cientistas.

A origem da concepção de relação linear entre ciência e sociedade como base para a formulação da política se encontra no famoso documento de Vannevar Bush, *Science the Endless Frontier* (1945), produzido como organizador da ciência americana no pós-guerra. Para Bush, a ciência básica automaticamente gerava aplicações tecnológicas que, por sua vez, eram introduzidas na sociedade e levavam a um aumento do bem-estar da população e ao desenvolvimento social. Implicações dessa visão na prática da política de CTI são o apoio incondicional à pesquisa básica e a preponderância da matriz ofertista, que ainda é forte no Brasil.

É imprescindível notar que o crescente foco em inovação (vide a mudança de nome do Ministério de Ciência e Tecnologia para Ciência, Tecnologia e Inovação em 2011) não significa uma quebra total com a concepção linear. Embora a inovação pressuponha a importância da demanda para o desenvolvimento tecnológico (já que não enxerga a pesquisa básica como automaticamente levando ao desenvolvimento tecnológico), a economia da inovação pressupõe que a inovação é o motor do desenvolvimento econômico e, linearmente, do desenvolvimento social. Essa concepção está na base legitimadora dos gastos governamentais que visam apoiar a inovação em empresas privadas. A suposição é que esses gastos se reverterão em desenvolvimento social de forma linear.

---

<sup>141</sup> Cumpre ressaltar que política pública é entendida aqui como equivalente ao termo em inglês *policy*, conectado com, mas não equiparado a, o termo *politics*, ambos traduzidos para o português como “política”.



Para Sarewitz (1996, pp.10-12), há mitos que pavimentam a crença na linearidade da relação ciência-sociedade: o mito do benefício infinito (mais ciência leva a mais tecnologia, que leva a mais bem-estar social), o da liberdade de pesquisa (possibilidade de seguir qualquer linha de investigação para gerar benefícios sociais), o da prestação de contas por parte dos cientistas (a prática de revisão por pares pode solucionar os conflitos éticos das pesquisas individuais), o da autoridade (a ciência pode ser utilizada como legitimação na resolução de conflitos políticos), e o das fronteiras sem limites (o conhecimento científico é autônomo em relação às suas consequências sociais – morais e práticas). Para ele, esses mitos são aceitos porque são defendidos por uma comunidade de pesquisa que desfruta de legitimação política e prestígio social, porque os interesses da comunidade de pesquisa são em parte compartilhados por outros grupos que também têm legitimação (como o setor industrial e as forças armadas) e porque os avanços tecnológicos nas sociedades industriais parcialmente corroboram a visão de que o avanço tecnológico leva a melhorias sociais.

Há ainda a noção de que a ciência é essencialmente uma atividade neutra. Dagnino (2008) apresenta uma análise abrangente da visão de autores ligados aos estudos de ciência, tecnologia e sociedade sobre a questão da neutralidade da ciência. Argumenta que, de forma geral, pode-se dividir as visões em duas grandes abordagens: a focada em C&T (que vê a ciência como uma atividade isolada da sociedade, que pode ou não influenciá-la) e a focada na sociedade (que vê a ciência como uma atividade social que carrega em si as relações sociais dominantes). Embora diferentes abordagens dos ESCT tragam visões de ciência um pouco diferentes, o ponto semelhante entre elas é que a ciência é vista como construída, resultado de negociações entre grupos diferentes, com objetivos e interesses diversos, e carregando as assimetrias que a sociedade em geral (da qual a ciência é inseparável) também traz. Embora isso seja ponto pacífico entre estudiosos dos ESCT, a possibilidade de neutralidade da ciência se mantém forte na visão mais presente de ciência entre os cientistas e a população em geral.

A presença dessas duas concepções pode ser observada por meio da história do Inter Psi. Por um lado, é importante notar que a ênfase em não discutir a importância da pesquisa básica contribui para a estratégia do grupo de encontrar espaço acadêmico a partir do interior da psicologia. Ao produzir conhecimento teórico ligado às áreas já mais legitimadas, o grupo consegue galgar espaços institucionais. A fonte de financiamento do grupo – agências de fomento como Fapesp, Capes e CNPq – são tradicionalmente agência de financiamento de pesquisa

básica. Por outro lado, a concepção tradicional e largamente adotada da ciência como neutra a dota de uma aura de estabilidade, determinação, irrevogabilidade. A ciência neutra é uma ciência que está além de negociações. Pode-se mexer em características externas a ela, melhorar aspectos específicos, mas o que conta como ciência e o que não, por exemplo, está além da prática cotidiana, mas trata-se de algo apriorístico e deixado à epistemologia. Daí vem a dificuldade de grupos conseguirem chamar a atenção para novas áreas e proporem diálogos, discussões, a respeito da validade dessas áreas. Assim compreende-se a fala de Isabelle Stengers de que a parapsicologia falhou em interessar os cientistas-interlocutores (STENGERS, 2002, p. 111).

A concepção de ciência como neutra torna difícil interessar cientistas-interlocutores, já que eles partem do pressuposto que não é tarefa deles estabelecer e policiar as fronteiras da ciência. O caso da tentativa falhada de criar um grupo de estudos de psicologia anomalística no Conselho Regional de Psicologia do Paraná é representativo disso. A questão é que exatamente ao negarem-se a tarefa de estabelecer as fronteiras da ciência, os cientistas ativamente contribuem para esse estabelecimento: ajudando a manter novos ingressantes – que falham em interessar – para fora dos limites do campo científico.

Esta tese corrobora a visão hegemônica nos ESCT de que a epistemologia como disciplina filosófica não dá conta de explicar como a ciência se constitui, mas funciona mais como uma ferramenta *ad hoc* que justifica o status de ciência de áreas já legitimadas. As estratégias do Inter Psi para conquistar legitimação científica para a psicologia anomalística são exemplos desse processo. Ao passo em que o grupo continua fazendo basicamente o que fazia desde sua entrada na Anhembi Morumbi, não é sua epistemologia – que seria coerente – a razão por trás de sua entrada em uma grande universidade. A carreira *mainstream* de Zangari e Machado e sua entrada na universidade é que propiciaram uma maior força às alegações do Inter Psi enquanto grupo proponente a um status de grupo que estuda o paranormal de forma científica.

Isso não quer dizer que a epistemologia não possa indicar boas e más práticas, ou analisar o funcionamento das ciências específicas. Se a epistemologia é uma ferramenta *ad hoc*, pode e deve ser abraçada como tal e utilizada como meio de avaliar as práticas científicas e decidir se elas ocorrem de uma forma socialmente aceitável ou não. Assim, é aceito seu papel performativo, como contribuição ativa, prática, para a conformação do que é ciência. Para isso, devemos ter objetivos socialmente designados para a política de CTI e, com ela, para a política acadêmica. Isso, por sua vez, depende de processos demorados e difíceis, que passam por uma educação

científica mais plena em todos os níveis, por uma divulgação científica mais responsável, e pelo conhecimento e reconhecimento dos cientistas de que a ciência é múltipla e negociável.

Não há problema quando a psicologia anomalística, ou a parapsicologia, são avaliadas em julgamentos específicos (como por meio de revisões por pares, da avaliação a respeito da criação do grupo pela congregação da USP, pelo CRP-PR, entre outros). Os julgamentos a respeito da cientificidade de distintas áreas fazem parte da regulação da ciência, parte de sua constituição performativa. Existe um problema quando o debate é evitado ou abandonado precocemente devido a uma concepção de ciência como neutra. Essa concepção evita com que se debata aspectos fundamentais a respeito do funcionamento das áreas (como discutir se a epistemologia proposta é coerente ou não, discutir como são feitas as pesquisas, como são publicados os resultados, como se dá a apropriação do conhecimento pela sociedade...).

Essa constatação não deixa de ser uma defesa dos ESCT e, de forma mais geral, da necessidade de uma política pública de CTI bem informada. O ponto é que mesmo as bases filosóficas do conhecimento, já que não são apriorísticas, podem ser discutidas e modificadas. Para aumentar a fluidez desta tese, ela termina como um estudo de *boundary work* de um grupo específico, o Inter Psi, fazendo um esforço de *boundary work* da área de estudos sociais da ciência e da tecnologia.



## BIBLIOGRAFIA

- ALLISON, Paul D. "Experimental Parapsychology as a Rejected Science". In WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 271-92.
- ALVARADO, Carlos S. "Distortions of the past". *Journal of Scientific Exploration*, vol. 26, no. 3, pp. 611-33, 2012.
- BARNES, Barry. "On the Conventional Character of Knowledge and Cognition". In: KNORR-CETINA, K. D.; MULKAY, M. (eds). *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres / Beverly Hills / Nova Delhi: SAGE Publications, 1983, pp. 19-51.
- BARNES, Barry; MacKENZIE, Donald. "On the Role of Interests in Scientific Change". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, p. 49-66.
- BAUER, Eberhard. "Parapsychology: quo vadis?" *The Journal of Parapsychology*. Special Issue Celebrating the 75th Anniversary of the Journal of Parapsychology: Where Will Parapsychology Be in the Next 25 Years? Predictions and Prescriptions by 32 Leading Parapsychologists. Vol. 76, Dezembro de 2012, pp. 7-8.
- BELOFF, John. *Parapsychology: a concise history*. Londres, Athlone Press, 1993.
- BEM, Daryl. "Feeling the future: experimental evidence for anomalous retroactive influences on cognition and affect". *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 100, Março de 2011, pp. 407-25.
- BOURDIEU, Pierre. "O Campo Científico". In ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Editora Ática, pp. 122-55.
- BUSH, Vannevar. "Science: the endless frontier." A Report to the President by Vannevar Bush, Director of the Office of Scientific Research and Development, 1945.
- CALLON, Michel. "Society in the Making: The Study of Technology as a Tool for Sociological Analysis". In: BIJKER, Wiebe et al. (eds) *The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology*. Londres: MIT Press, 1987, pp. 83-103.
- CALLON, Michel. "What Does it Mean to Say that Economics is Performative?". In: MacKENZIE, D.; MUNIESA, F.; SIU, L. *Do economists make markets?* Princeton: Princeton University Press, 2006, pp. 311-57.
- CARDEÑA, Etzel. "Psi is here to stay". *The Journal of Parapsychology*. Special Issue Celebrating the 75th Anniversary of the Journal of Parapsychology: Where Will Parapsychology Be in the Next 25 Years? Predictions and Prescriptions by 32 Leading Parapsychologists. Vol. 76, Dezembro de 2012, pp. 17-8.

COLLINS, H. M. "An Empirical Relativist Programme in the Sociology of Scientific Knowledge". In: KNORR-CETINA, K. D.; MULKAY, M. (eds). *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres / Beverly Hills / Nova Delhi: SAGE Publications, 1983, pp. 85-114.

COLLINS, H. M. *Changing Order: Replication and Induction in Scientific Practice*. Beverley Hills/Londres: Sage, 1985.

COLLINS, H. M., PINCH, T. J. "The Construction of the Paranormal: Nothing Unscientific is Happening". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 237-70.

Collins, H. M.; Pinch, T. J. *Frames of Meaning: The Social Construction of Extraordinary Science*. Henley-on-Thames: Routledge and Kegan Paul, 1982.

DARNTON, Robert. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

DE LAET, Marianne; MOL, Annemarie. "The Zimbabwe Bush Pump: Mechanics of a Fluid Technology". *Social Studies of Science*. Vol. 30, no. 2, 2000, pp. 225-63.

DOLBY, R.G.A. "Reflections on Deviant Science". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 9-47.

FRENCH, Chris. "Spoon-bending for beginners: Teaching anomalistic psychology to teenagers". *The Guardian*. 11/08/2009.

FRENCH, Christopher C. "Why I study anomalistic psychology?" *The psychologist*, vol. 14, parte 7, Julho de 2011, pp. 356-7.

FRENCH, Christopher C.; STONE, Anna. *Anomalistic psychology: exploring paranormal belief & experience*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

GALISON, Peter. "Introduction: the context of disunity". In: GALISON, Peter; STUMP, David J (ed.). *The disunity of science: boundaries, contexts, and power*. Stanford: Stanford University Press, 1996, pp. 1-36.

GALISON, Peter. "Computer simulations and the trading zone". In: GALISON, Peter; STUMP, David J (ed.). *The disunity of science: boundaries, contexts, and power*. Stanford: Stanford University Press, 1996, pp. 118-157.

GIERYN, Thomas F. "Relativist/Constructivist Programmes in the Sociology of Science: Redundance and Retreat". *Social Studies of Science*, vol. 12, 1982, pp. 279-97.

GIERYN, Thomas F. "Boundary-work and the Demarcation of Science from Non-science: Strains and Interests in Professional Ideologies of Scientists". *American Sociological Review*, vol. 48, 1983, pp. 181-195.

GIERYN, Thomas F. *Cultural boundaries of science: credibility on the line*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1999.

GORDON, Michael D. "How Socially Distinctive Is Cognitive Deviance in an Emergent Science? The Case of Parapsychology". *Social Studies of Science*, vol. 12, 1982 p. 151-165.

HACKING, Ian. *The social construction of what?* Cambridge: Harvard University Press, 1999.

HESS, David. *Spirits and scientists: ideology, spiritism and Brazilian culture*. University Park: The Pennsylvania State University, 1991.

HESS, David. "Parapsychology in Brazil: Relations with non-Brazilian Researchers and the Context of Brazilian Culture." *European Journal of Parapsychology*, vol. 8, 1990-1991, pp.51-6.

HOLT, Nicola et al. *Anomalistic Psychology*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

JASANOFF, Sheila. "Contested Boundaries in Policy-Relevant Science". *Social Studies of Science*, vol. 17, no. 2, Maio de 1987, pp. 195-230.

KNORR-CETINA, Karin D. Scientific Communities or Transepistemic Arenas of Research? A Critique of Quasi-Economic Models of Science". *Social Studies of Science*, Vol. 12, No. 1, Fevereiro de 1982, pp. 101-30.

KNORR-CETINA, Karin D. *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

KNORR-CETINA, Karin D.; MULKAY, Michael. "Emerging Principles in Social Studies of Science". In KNORR-CETINA, K. D.; MULKAY, M. (eds). *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres / Beverly Hills / Nova Delhi: SAGE Publications, 1983, pp. 1-17.

LAMONT, Peter. "Spiritualism and a mid-victorian crisis of evidence". *The Historical Journal*, vol. 47, no. 4, 2004, pp. 897-920.

LATOUR, Bruno. "Give Me a Laboratory and I Will Raise the World". In KNORR-CETINA, Karin D; MULKAY, Michael. *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres / Beverly Hills / Nova Delhi: SAGE Publications, 1983, p. 141-70.

LATOUR, Bruno. *The pasteurization of France*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1988.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.

LATOUR, Bruno. "The promises of constructivism". In: IDHE, Don (ed.). *Chasing technology: matrix of materiality*. Indiana University Press, 2003, pp. 27-46.

LATOUR, Bruno. *Politics of nature: how to bring the sciences into democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2005.

LAUDAN, L. "The demise of the demarcation problem". In: COHEN, R. S.; LAUDAN, L. (eds.). *Physics, philosophy, and psychoanalysis*, 1983, pp. 111-127.

LAW, John. *Organising modernity*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LAW, John. "Power, Discretion and Strategy". In: LAW, John (ed.). *A sociology of monsters: essays on power, technology and domination*. Sociological Review Monograph 38. Londres/Nova York: Routledge, 1991, pp. 165-91.

LAW, John; URRY, John. "Enacting the Social". *Economy and Society*, vol. 33, no. 3, Agosto de 2004, pp. 390-410.

LEMAINE, Gerald et al. (orgs.) 1978. *Perspectives on the emergence of scientific disciplines*. The Hague, Chicago, Mouton: Aldine, 1978.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, vol. 17, no. 49, Setembro/Dezembro de 2003, pp. 271-284.

MACHADO, Fátima Regina. "Parapsicologia no Brasil: Entre a Cruz e a Mesa Branca". *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, site [www.pesquisapsi.com](http://www.pesquisapsi.com), v. 02, n. 02, p. 02.

MACHADO, F. R. "Experiências anômalas (extra-sensório-motoras) na vida cotidiana e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo". *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 30, 2010, pp. 462-483.

MACHADO, Fátima Regina; ZANGARI, Wellington. "The Poltergeist in Brazil: A Review of the Literature in context". *International Journal of Parapsychology*, vol. 11, no. 1, 2000, pp. 113-142, 2000.

MARALDI, E. O.; MACHADO, Fátima Regina ; ZANGARI, W. "Importance of Psychosocial Approach for a Comprehensive Understanding of Mediumship". *Journal of Scientific Exploration*, v. 24, 2010, pp. 181-196.

MARALDI, E. O.; ZANGARI, W. "Funções projetivas e terapêuticas das práticas dissociativas em contexto religioso." *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 32, 2012, pp. 424-452.

MARALDI, E. O.; ZANGARI, W.; MACHADO, Fátima Regina . "A Psicologia das Crenças Paranormais: Uma Revisão Crítica". *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 31, 2011, pp. 394-421.

MARTINS, L. B. "Ainda um mito moderno? A compreensão junguiana de experiências anômalas contemporâneas revisitada". *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 31, 2011, pp. 447-464.



MARTINS, L. B. "Epistemological, methodological and ethical aspects of conducting interviews about anomalous experiences". *Paranthropology*, v. 4, 2013, pp. 15-24, 2013.

MARTINS, L.B. *Contatos Imediatos : Investigando Personalidade, Transtornos Mentais e Atribuição de Causalidade em Experiências Subjetivas com Óvnis e Alienígenas*. Dissertação (mestrado em psicologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

MAUSKOPF, Seymour H. e McVAUGH, Michael R. *The elusive science: origins of experimental psychical research*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1980.

McCLENON, James. *Deviant science: the case of parapsychology*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1984.

MOUSSEAU, Marie-Catherine. "Parapsychology: Science or Pseudo-Science?". *Journal of Scientific Exploration*, vol. 17, no. 2, 2003, pp. 271-282.

MULKAY, Michael; POTTER, Jonathan; YEARLEY, Steven. "Why an Analysis of Scientific Discourse is Needed". In KNORR-CETINA, Karin D.; MULKAY, Michael. (eds). *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres / Beverly Hills / Nova Delhi: SAGE Publications, 1983, pp. 171-204.

NOONAN, Molly Helen. *Science and the Psychical Research Movement*. Dissertação (History and Sociology of Science). University of Pennsylvania, 1977.

OPPENHEIM, Janet. *The other world: spiritualism and psychical research in England, 1850-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PALFREMAN, John. "Between scepticism and credulity: a study of victorian scientific attitudes to modern spiritualism". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 201-236.

PARKER, Adrian. "The Nearer Your Destination, the More You Are Slip Slidin' Away". *The Journal of Parapsychology*. Special Issue Celebrating the 75th Anniversary of the Journal of Parapsychology: Where Will Parapsychology Be in the Next 25 Years? Predictions and Prescriptions by 32 Leading Parapsychologists. Vol. 76, Dezembro de 2012, pp. 40-42.

PARSSINEN, Terry M. "Professional Deviants and the History of Medicine: Medical Mesmerists in Victorian Britain". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 103-120.

PENNOCK, Robert T. "Can't philosophers tell the difference between science and religion?: Demarcation revisited". *Synthese* January 2011, Vol. 178, no. 2, 2011, pp 177-206.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2000.

SAREWITZ, D. *Frontiers of illusion: science, technology and the politics of progress*. Filadélfia: Temple University Press, 1996.

SHAPIN, Steven. "The Politics of Observation: Cerebral Anatomy and Social Interests in the Edinburgh Phrenology Disputes". In: WALLIS, Roy (ed.). *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979, pp. 139-178.

SOMMER, Andreas. "Psychical research and the origins of American psychology: Hugo Münsterberg, William James and Eusapia Palladino". *History of the Human Sciences*, vol. 25, no. 23, 2012, pp. 23-44.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

TURNER, Frank. "The Victorian Conflict between Science and Religion: A Professional Dimension". *Isis*, Vol. 69, No. 3, 1978, pp. 356-376.

VELHO, L. "Conceitos de ciência e a política científica e tecnológica e de inovação." *Sociologias*, 2011, pp. 128-153.

VELHO, Léa; LÉON, Elena. "A construção social da produção científica por mulheres." *Cadernos Pagu*, vol. 10, 1998, pp.309-344.

VIANA, Rosa Maria. *Paradigmas de luz: a parapsicologia no redimensionamento científico do ser humano*. Tese (doutorado em ciências sociais). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

WALLIS, Roy (ed.) *On the margins of science: the social construction of rejected knowledge*. Sociological Review monograph. Keele: University of Keele Press, 1979.

WATT, Caroline. "Integration or independence?" *The Journal of Parapsychology*. Special Issue Celebrating the 75th Anniversary of the Journal of Parapsychology: Where Will Parapsychology Be in the Next 25 Years? Predictions and Prescriptions by 32 Leading Parapsychologists. Vol. 76, Dezembro de 2012, pp. 63-4.

WESCOTT, R. "Paranthropology: A Nativity Celebration and a Communion Commentary." In: LONG, J.K. (ed). (1977). *Extrasensory Ecology: Parapsychology and Anthropology*. Londres: The Scarecrow Press, 1977, pp. 331-346.

ZANGARI, Wellington. "O Estatuto Científico da Parapsicologia". *Revista Virtual de Pesquisa Psi*. São Paulo: Inter Psi, 2001.

ZANGARI, Wellington. "Experiências anômalas em médiuns de Umbanda: uma avaliação fenomenológica e ontológica". *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, vol. XXVII, no. 02, Julho-Dezembro, 2007, pp. 67-86.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina. "The Adolescent Science: Parapsychology in Brazil". *The Journal of the American Society for Psychical Research*, vol. 91, Abril de 1997, pp. 110-121.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina. "Parapsychology in Brazil: a Science Entering Young Adulthood". *The Journal of Parapsychology*, vol. 65, Dezembro de 2001, pp. 351-356.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. "The Paradoxal Disappearance of Parapsychology in Brazil". *The Journal of Parapsychology*. Special Issue Celebrating the 75th Anniversary of the Journal of Parapsychology: Where Will Parapsychology Be in the Next 25 Years? Predictions and Prescriptions by 32 Leading Parapsychologists. Vol. 76, Dezembro de 2012, pp. 66-67.

ZUSNE, Leonard; JONES, Warren H. *Anomalistic psychology: a study of magical thinking*. Hillsdale, New Jersey, Hove e Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.



## ANEXO

### **Exemplo de entrada no diário de campo e perguntas feitas a partir dos dados coletados.**

A transcrição abaixo é um exemplo de entrada no diário de campo, que foi escrito à mão. Uma entrada semelhante foi feita para cada reunião observada e também para as aulas e eventos assistidos. Manteve-se, na transcrição, a mesma ortografia do diário de campo, com abreviações (dentre as quais,  $\Psi$  para psicologia e  $\tau$  para trabalho). Os participantes A, B e C são ex-membros do Inter Psi, que não foram consultados a respeito da utilização de seus nomes na tese. A transcrição tem somente o intuito de informar o leitor a respeito de como foram registrados os dados observados pr meio das observações.

-----

27/05/2011

#### Reunião do Inter Psi

Sala de reuniões do PST: sala preferencial para futuras reuniões. Ficou pronta hoje (1ª vez que está sendo usada).

Participantes: WZ, Fábio, Leo, A, Vanessa, Lívea, B, C, Alessandro, Mônica, Everton.

Fátima faltou por causa do livro. Ela está fazendo a última leitura do livro pra entregar na segunda-feira.

(grupo como grupo de amigos)

(bolo, doritos, refrigerantes)

Notícia do WZ: disciplina

Processo: CG (comissão do Instituto, cada departamento). A CG fez algumas observações:

- A gente aceita, mas tire o paranormal do título para não ter ambiguidade na leitura. WZ brinca: “‘experiências anômalas’ não tem ambiguidade nenhuma...”

Depois, congregação: ainda está ambíguo, porque está diferente do que o laboratório apresenta. Adaptar para uma forma mais próxima do que foi aceito no laboratório.

WZ: “Agora temos uma disciplina de introdução à psicologia anomalística na graduação”.  
E diz que é mais importante do que pós.

B: “USP abre campo!”

Disciplina será optativa livre, assim como a de psicologia da religião.

WZ: “Há uma facilidade maior na USP dada a variedade de interesse dos professores”.

O WZ colocou como pré-requisito ter cursado a matéria de psicologia da religião. Ele sabe que há interesse em psicologia da religião nesse grupo.

Ψ da religião: 2º semestre

Ψ anomalística: 1º semestre

Curso de graduação baseado em pesquisa. Vão usar instrumentos – como escala de crenças paranormais em grupos religiosos e não-religiosos. Os melhores ts serão convidados a apresentar em seminários abertos do Inter Psi – “bom para eles, bom para nós, melhor ainda pro campo”. Pesquisa simples, de forte impacto pedagógico.

→ usar escala

→ fazer tabulação

→ tratamento estatístico

O grupo deverá fazer parte do processo, dar suporte. “Com certeza aprenderemos muito com eles. Não somos diferentes dos que estão começando.”

WZ criou grupo ligado ao lab de Ψ da religião para fazer pesquisas (alunos de graduação): pesquisas com médiuns de umbanda, padres e freiras. 20% dos alunos de psicologia da religião entraram no grupo. No lab, só podem participar doutores.

Na matéria de ψ da religião, há um módulo de Ψ anomalística.

Em off: deve ter um evento internacional de  $\psi$  anomalística na USP em 2012. Chris French, Etzel Cardeña, Carlos Alvarado. Vai bater um papo com eles em agosto.

Perspectivas diferentes, mas complementares. CF: mais cético, que WZ gosta muito. EC: psi e estados alterados de consciência. CA: experiências fora do corpo.

Os 3 podem receber membros do nosso lab futuramente, e vinda de lá pra cá.

Os 3 têm cargos em universidades.

CF: Universidade de Londres. EC: Suécia (psicologia anômala e consciousness). CA: Atlantic University, na Virginia.

Chris French fez reprodução dos experimentos do Bem – estudo engavetado (não aceito).

Fábio: não seria interessante pensar no nome do Stanley Krippner? – 4ª pessoa

WZ: 5ª pessoa: Deborah Delanoy? Chris Roe?

#### Discussões sobre as apresentações na aula passada:

Fábio pergunta para B sobre um dos valores estatísticos. Ela se desculpa e diz que não teve tempo de fazer os cálculos. Ele diz que ela não selecionou as pessoas que tinham dependências.

Ela tem que passar pro Excel e depois pro SPSS. Como fazer isso? Um outro cara lhe mostrou como tabular. Só então ela percebeu que dava uma pesquisa dentro de uma pesquisa.

Fábio pergunta como é a composição do grupo controle. Ela diz que qualquer pessoa não participante de Daime ou Umbanda. Fábio pergunta se praticantes de outras religiões podiam. Ela disse que sim e ele indagou qual a influência disso. WZ diz que mais ou menos representa o país. O efeito dessas variedades nesse grupo seria mínimo.

Fábio não entende o controle se puder ter médiuns ali, por exemplo. WZ: variáveis estão presentes nessas 2 religiões. Quanto maior a heterogeneidade, melhor a comparação. O grupo controle, idealmente, teria que ser representativo da média das pessoas fora o grupo em questão.

WZ para Fábio: como é que a gente vai saber o que está dando o resultado?

Pq são muitas práticas. E grupo de afinidades. São muitas variáveis e nenhum contraste. Não há grupo controle.

Fábio diz que não é pesquisa, mas WZ diz que há um objetivo claro de treinar psi. Há uma ambiguidade na apresentação. Talvez exista uma tensão entre a vontade de fazer uma pesquisa e a vontade de fazer uma experiência livre. Já há variáveis e hipóteses ali, implícitas nas práticas.

WZ: “por que você não apresenta como um ensaio de pesquisa?”

Fábio não sabe a diferença.

WZ: uma pesquisa piloto.

Fábio acha que está um passo aquém disso. Ele quer fazer em seguida, tentando verificar pelo menos uma das variáveis que ele influi (*sic*). Não houve planejamento sistemático, Fábio diz.

WZ diz: “mas se você não assume que isso é um estudo empírico inicial, você não pode apresentar num congresso científico.”

Fábio: “Eu posso fazer um artigo científico sobre uma experiência. Meu tratamento estatístico pode ser avaliado, minha escrita pode ser avaliada.”

WZ: “O que vc está dizendo é que você quer fazer uma descrição científica de uma experiência?”

F: “Sim, é o que eu espero.”

WZ: “Por que você quer apresentar isso agora?”

F: “Pq eu acho interessante.” Ele cita um cara.

WZ: “Mas ele tinha um controle de variável.”

Fábio não quer apresentar como pesquisa porque não passou pelo conselho de ética, as pessoas pagam para estar lá.

Fábio: pode ser que seja negado, mas só ter o parecer seria ótimo. “A última vez que eu tive um resumo negado, um dos pareceristas escreveu mais do que eu. Foi fantástico. Uma super aula de graça.”

Fábio pergunta à Lívea sobre Rorschach e sobre CDCL. Por que escolheu cada um. (Rorschach: dá percentuais – criatividade, abstração, narcisismo, etc. CDCL: tipo BFP)

Lívea faz parte da Sociedade Rorschach de São Paulo.



WZ: Ineditismo é a marca do  $\tau$  do Everton. Léo tb. Não há estudos de escrita automática nos últimos 100 anos. É uma pesquisa multidisciplinar. Exigiria mais do que 1 pesquisador. Poderia ser um  $\tau$  coletivo. Quem sabe depois do doutorado dele, outras pessoas possam se somar. É o que WZ queria fazer em relação à mediunidade. Olhar o  $\tau$  do Stephen LaBerge (sonhos lúcidos) (capítulo do Varieties).

$\tau$  do Léo: “a gente sabe muito menos sobre essas experiências.” WZ diz que é mesmo o patinho feio. Reforçou isso para WZ, a apresentação.

Fábio espera psicólogos no VII Encontro Psi. P/ WZ, só os experimentais saberão ler tabelas.

Fábio: “Já tem 16 trabalhos p/ o VII Encontro Psi.” Grupo de Fábio e mais três trabalhos. Normalmente são aprovados com correções.